t•n•b••ks
O pop que fez história por estas bandas
Arranjos para orquestra de violões
Org. Eduardo Lucas da Silva
Música na rede

t•n•b••ks

O Pop que fez história por estas bandas

Bandas que marcaram época

Org. Eduardo Lucas da Silva

Ficha Técnica

Coordenação editorial · *Eduardo Lucas da Silva*
Arranjos · *Bruno Soares*
Textos · *José Roberto Santos Neves*
Projeto gráfico, diagramação e capa · *Paulo Prot*

Editora Tonobooks, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Silva, Eduardo lucas da

Dez bandas capixabas [livro eletrônico] : arranjos para a formação "orquestra de violões" / Eduardo Lucas da Silva, José Roberto Santos Neves, Bruno Onofre Soares ; ilustração Paulo Prot. -- 1. ed. -- Vitória, ES : Eduardo Lucas da Silva, 2020.
PDF

ISBN 978-65-00-12701-0

1. Bandas (Música) 2. Música 3. Orquestras 4. Violão - Música I. Neves, José Roberto Santos. II. Soares, Bruno Onofre. III. Prot, Paulo. IV. Título.

20-49654 CDD-780

Índices para catálogo sistemático:

1. Música 780

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Índice

O pop que fez história por essas bandas	*7*
Casaca	*9*
Dead Fish	*33*
Herança Negra	*57*
Java Roots	*69*
Lordose pra Leão	*87*
Macucos	*103*
Mahnimal	*117*
Mais Astral	*133*
Pele Morena	*149*
Rastaclone	*169*
Glossário	*189*
Sobre o Arranjador	*193*

O pop que fez história por essas bandas

José Roberto Santos Neves

Se Vitória já foi considerada a capital secreta do rock, do heavy metal, do grunge, do reggae e de tantos estilos musicais que agradam ao público jovem, ainda há muitas melodias escondidas produzidas por essas bandas a serem descobertas pelo público de outros Estados e, por que não, pelos próprios capixabas.

Como se sabe, o Espírito Santo é um dos Estados da federação no qual o desenvolvimento econômico se deu mais tardiamente, a princípio, com a cultura do café, no final do século XIX, e de forma mais consistente com o processo de industrialização iniciado na década de 1960. O isolamento econômico dificultou a criação de um mercado consumidor para as artes, mas nunca foi fator de impedimento para a consagração de talentos musicais capixabas em nível nacional, a exemplo de Roberto Carlos, Nara Leão, Roberto Menescal, Raul Sampaio e Sérgio Sampaio.

A conclusão é óbvia: o Espírito Santo é um celeiro de talentos. Nomes como Maurício de Oliveira, Hélio Mendes, Carlos Cruz, Maria Cibele, João Virgílio, Gilberto Garcia, Afonso Abreu, Aprígio Lyrio, Ester Mazzi, Sérgio Benevenuto, Chico Lessa, Carlos Bona, João Pimenta, Lula D'Vitória, Carlos Papel e Guto Neves, entre tantos outros que optaram por construir suas carreiras neste pedaço de chão, estão aí para provar com suas melodias e composições.

Fazendo um corte histórico para a década de 1990, com a perspectiva do tempo se percebe que aquele período foi marcado pela profissionalização do segmento musical no Estado, com a ampliação dos estúdios de gravação, o advento do CD (e, mais tarde, a distribuição de arquivos musicais pela internet), a formação de técnicos de áudio e – importante – a criação de um público numeroso que passou a consumir os sons produzidos pelas bandas capixabas, tanto nos shows quanto nos discos.

A produção autoral se intensificou, e as rádios passaram a veicular as gravações de bandas locais em sua programação diária, independente de espaços específicos destinados à "música capixaba" – rótulo que até hoje divide os apreciadores de música, com uma parcela considerável preferindo a percepção de que, aqui, o que se faz é MPB produzida no Espírito Santo. A cereja do bolo veio na virada da década por meio de festivais como o Dia D, cuja escalação era formada exclusivamente por bandas capixabas que compunham material próprio.

Os anos 1990 foram os anos do ecletismo, da mistura de ritmos e da afirmação de identidades culturais. Com a explosão do Mangue Beat pernambucano, a bordo do maracatu atômico de Chico Science & Nação Zumbi e do Mundo Livre S/A, roqueiros de diferentes regiões do país passaram a olhar com mais atenção para as raízes folclóricas de seus Estados. No Espírito Santo não foi diferente. Coube ao Manimal proporcionar o encontro entre regionalismo e contemporaneidade por meio do "rockongo", a fusão de rock com o congo, criada pela banda a partir de 1995, tendo como base a junção de guitarras viscerais com os tambores ancestrais que simbolizam a filiação do Brasil à África.

Seguindo linha semelhante, porém calcada na união de reggae e congo, surge no início dos anos 2000 a banda Casaca, cujas melodias arredondadas e batidas vibrantes proporcionaram ao grupo o status de fenômeno do pop produzido no Espírito Santo. Quem viveu a época irá lembrar que o Casaca conseguia arrebanhar plateias de até 20 mil pessoas em seus shows, sob os olhares atentos de executivos de gravadoras e de artistas globais que se deslocavam para Vitória curiosos para saber o que é que o capixaba tem.

Antes desse movimento parafolclórico, há de se destacar o rock *nonsense* do Lordose Pra Leão. Formado no curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no início da década de 1990, o Lordose emplacou o hit "Jullyetzsch" nas FMs locais e chamou a atenção pelo estilo anárquico e pela irreverência de suas letras, características presentes em seu álbum de estreia, o hoje clássico "Os Pássaros não Calçam Rua" (1996).

Na seara do hardcore, o Dead Fish foi, de fato, a banda que desbravou as fronteiras da Vitória natal para construir uma bem-sucedida carreira nacional, tornando-se referência em seu segmento. O grupo de skatistas que começou a tocar despretensiosamente na Praia do Canto, em 1991, com o nome de Stage Dive, lançou discos por grandes gravadoras, teve clipes em alta execução na MTV e conta na bagagem com mais de 20 álbuns lançados, incluindo coletâneas e DVDs.

Na praia do reggae, uma geração fértil produziu intensamente no Estado a partir da segunda metade dos anos 1990. O clima tropical, a cadência do ritmo jamaicano e uma manemolência regueira de sotaque capixaba gerou nomes como Java Roots, Macucos, Herança Negra e Rastaclone. Cada qual no seu estilo e com personalidade própria: o Java Roots segue uma vertente do reggae MPBista e de tintas pós-tropicalistas; o Macucos, mais próximo do roots reggae, aposta no aspecto espiritual do gênero musical jamaicano e na harmonia com a natureza; o Herança Negra se inspira na defesa da cultura afro-brasileira e no flerte com a black music, o samba e o hip hop; e o Rastaclone mantém a célula rítmica do reggae em suas composições, porém cada vez mais turbinada pelo peso das guitarras e da bateria, resultando em uma potente fusão com o rock'n'roll.

Completando o caldeirão sonoro desse livro a que o leitor tem em mãos, destacamos o samba e o pagode feitos em terras capixabas pelos grupos Pele Morena e Mais Astral. Natural de Cariacica, Pele Morena é presença constante em shows e casas noturnas da Grande Vitória, sempre levando seu samba repleto de influências as mais diversas, como o sertanejo, o reggae e o gospel. Um marco na carreira do grupo foi a gravação de um DVD ao vivo, em 2008, no Ginásio do Álvares Cabral, com a participação de Leandro Lehart, do grupo Art Popular (SP). Por sua vez, o Mais Astral é de Vila Velha e durante anos fez a trilha sonora das domingueiras da Blow-Up, tendo gravado quatro álbuns e alcançado projeção nacional em programas de TV como o "Big Brother" e o "Domingão do Faustão".

Como se vê, a música pop fez história por essas bandas nos anos 1990 e 2000. Nesta obra temos um recorte dessa rica produção por meio de textos, fotos e partituras.

Boa leitura! Ou melhor: leiam em volume máximo!

Casaca

Casaca

José Roberto Santos Neves

Formado em janeiro de 2000, na Barra do Jucu, por ex-integrantes do grupo Kalangocongo, o Casaca consolidou-se como um dos grupos musicais mais populares do Espírito Santo.

O nome do grupo é uma referência à casaca, instrumento idiófono utilizado nas bandas de congos e que se configura como um dos símbolos da identidade cultural capixaba. De origem indígena, conforme nos ensina o pesquisador da cultura popular do Espírito Santo, Guilherme Santos Neves, a casaca tem como característica principal – "que a torna sem símile no Brasil – a cabeça esculpida a canivete ou facão, à semelhança de ex-votos."

A formação original da banda contava com Renato Casanova (vocal), Márcio Xavier (baixo), Jura Fernandes (guitarra), Piriquito (caixa e casaca), Flavinho (tambor de repique), Vinícius Gáudio (tambor de repique e casaca), Jean (tambor de condução), Thiago Grilo (caixa e tambor de repique) e Augusto Magrizan (teclados). Antes de chegar ao grupo, seus percussionistas calejaram as mãos batendo os tambores na Banda de Congo Mirim da Barra do Jucu.

Seu prato sonoro é temperado por uma bem-azeitada mistura de congo e reggae, dois ritmos musicais que fizeram a cabeça da juventude local e transformaram o álbum de estreia, "No Tambor na Casaca Na Guitarra", lançado em 2001, no maior sucesso de vendas do pop produzido em terras capixabas. Estima-se que este álbum tenha vendido 55 mil cópias, somando-se a pirataria física que turbinou a procura pelo disco naquele começo de década.

No primeiro semestre de 2001, durante o show de lançamento de "No Tambor Na Casaca Na Guitarra", jogando em casa, nas areias da Praia do Barrão, diante de cerca de 10 mil pessoas, o Casaca teve de interromper a apresentação devido a um tiro que interrompeu bruscamente a alegria. No dia seguinte, o Caderno Dois de A Gazeta estampou a manchete "Casaca pede paz", com a versão da banda sobre o incidente e a sua mensagem para os fãs.

A partir daquele momento, com um CD debaixo do braço e o pulsar dos tambores no coração, o Casaca passou a se profissionalizar e a construir uma vitoriosa carreira que chegou até em Marte, quando a música "Da Da Da" foi usada em 2004 para despertar o robô sonda Spirit da Agência Espacial Americana (NASA), durante sua missão no Planeta Vermelho.

Embalados por sucessos como "Da Da Da", "Sereia" e "Anjo Samile", e por uma gostosa fusão de reggae, congo e melodias arredondadas, os shows do grupo viraram verdadeiras liturgias juvenis. O público crescia a olhos vistos, a ponto de o Casaca levar, sozinho, 20 mil pessoas à Praia de Camburi.

Essa efervescência chamou a atenção da Sony Music, que se interessou em lançar a banda no resto do país. No entanto a gravadora resolveu "adulterar" o som do grupo: colocou programações eletrônicas onde não devia, diminuiu o som dos tambores, eliminou as letras sobre a Barra do Jucu.

A estratégia não colou e o projeto em nível nacional não funcionou conforme o planejado. O que fez o Casaca? Voltou ao Espírito Santo, onde superou toda a sorte de adversidades para seguir seu destino com uma discografia que inclui os álbuns "Casaca" (Sony Music, 2002), "Ilha" (Extended Play - 2003), "Na Estrada" (2004), "Casaca" (EP-2007), "Tempo" (2010), "Casaca ao Vivo" (2014) e "Chega" (EP - 2017).

Em 2012, a banda foi lembrada como a mais popular do Espírito Santo por 27,8% dos entrevistados em uma pesquisa realizada pelo Instituto Futura. Em 2014, lançou seu primeiro DVD, gravado no Ilha Shows, na Praia de Camburi, com produção musical de Guto Graça Mello (que tem no currículo nomes como Roberto Carlos, Xuxa, Padre Marcelo Rossi e Padre Fábio de Melo). Na faixa "Sereia", a banda contou com a participação do cantor Saulo Fernandes.

Além dos shows em todo o Estado do Espírito Santo e em diversas regiões do país, a banda realizou turnês na Europa, passando pela Inglaterra, França, Holanda e Suécia, onde foi uma das atrações do Brazilian Day em 2009 e 2010.

A febre do congopop passou, mas esses rapazes alcançaram uma façanha da qual muita gente duvidava: conseguem viver de música - e das suas músicas - no Espírito Santo. E o Casaca segue em frente, sob o rufar dos tambores!

Integrantes:
Renato Casanova (vocal e violão)
Guilherme Sadala (guitarra)
Chapecó (baixo)
Carlos Magno (teclados)
Flavio Salvador (bateria)
Flavinho (tambor)
Luan Silva (tambor)
Jeyffer Silva (casaca e percussão)

Ex-integrantes:
Márcio Xavier (2000-2017) – baixo
Leo Norbim (2017-2018) – baixo
Alessandro Erdmann (2018-2018) - baixo
Jean (2000-2013) - tambor de condução
Thiago Grilo (2000-2011) - caixa e percussões
Vinícius Gaudio (2000-2005) - tambor de repique e casaca
Jura Fernandes (2000-2005) – guitarra
Augusto Galvêas (2001-2005) – teclados
Fernando Farinha (2005-2008) – percussões
Perez Lisboa (2005-2011) – guitarra
Alexandre Lima (2011-2012) – guitarra
Walton Jacaré (2017-2018) - guitarra
Nego Léo – (2005 -2018) - bateria
Jeremy Naud (2013-2018) - teclados

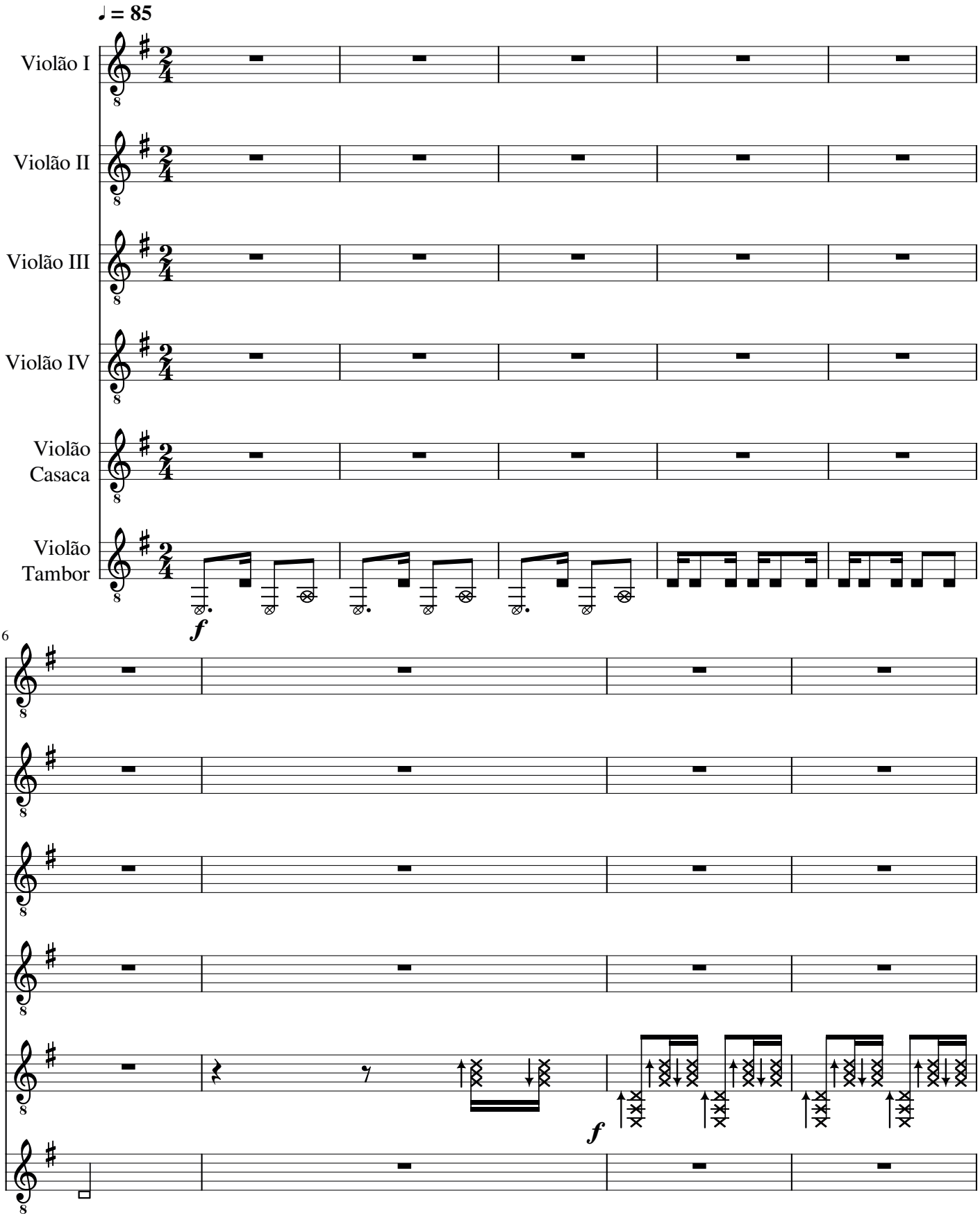
Discografia:
No Tambor Na Casaca Na Guitarra (2001)
Casaca (2002)
Ilha (EP – 2003)
Na Estrada (2004)
Casaca (EP – 2007)
Tempo (2010)
Casaca Ao Vivo (2014)
Chega! (EP – 2017)

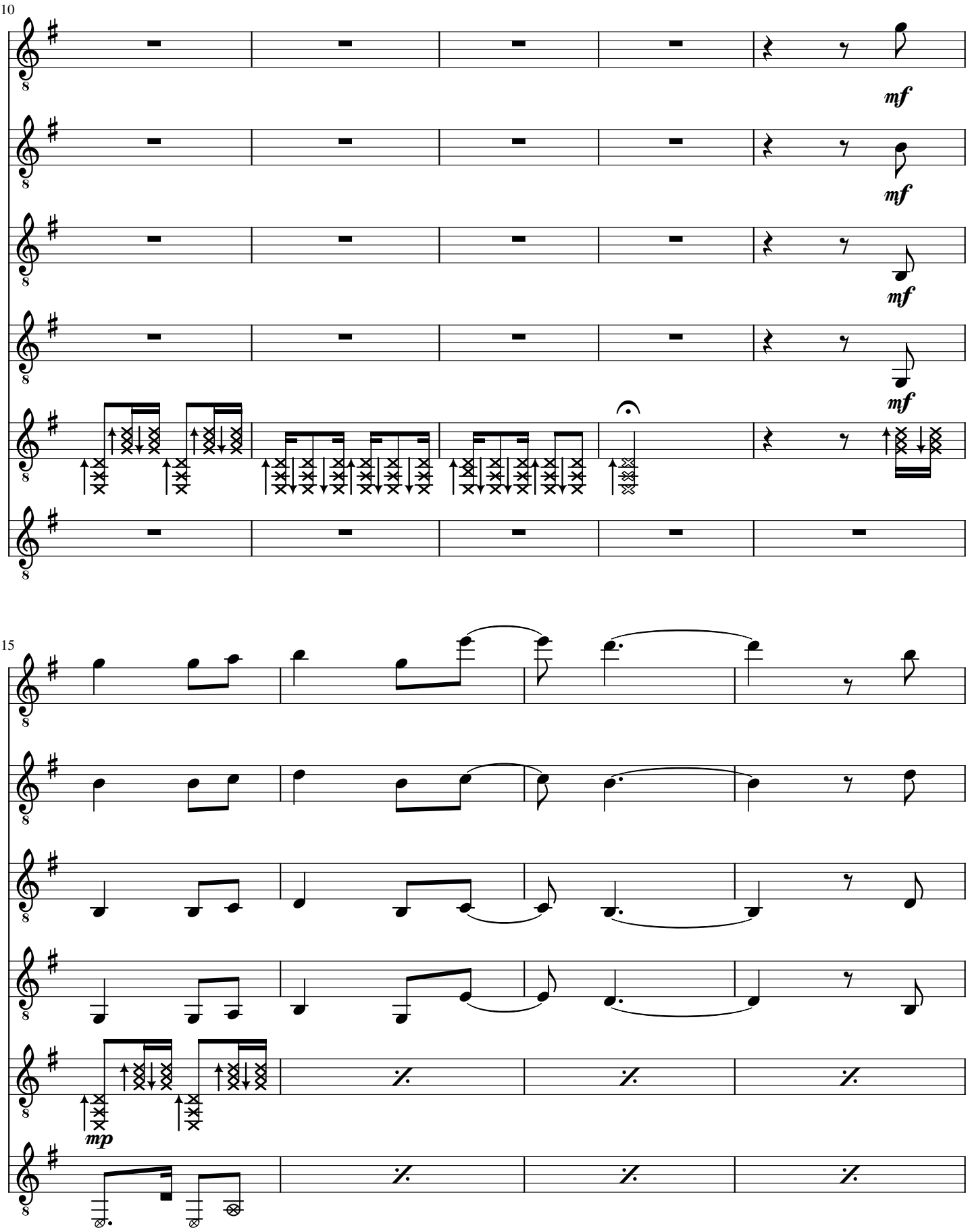
Anjo Samile

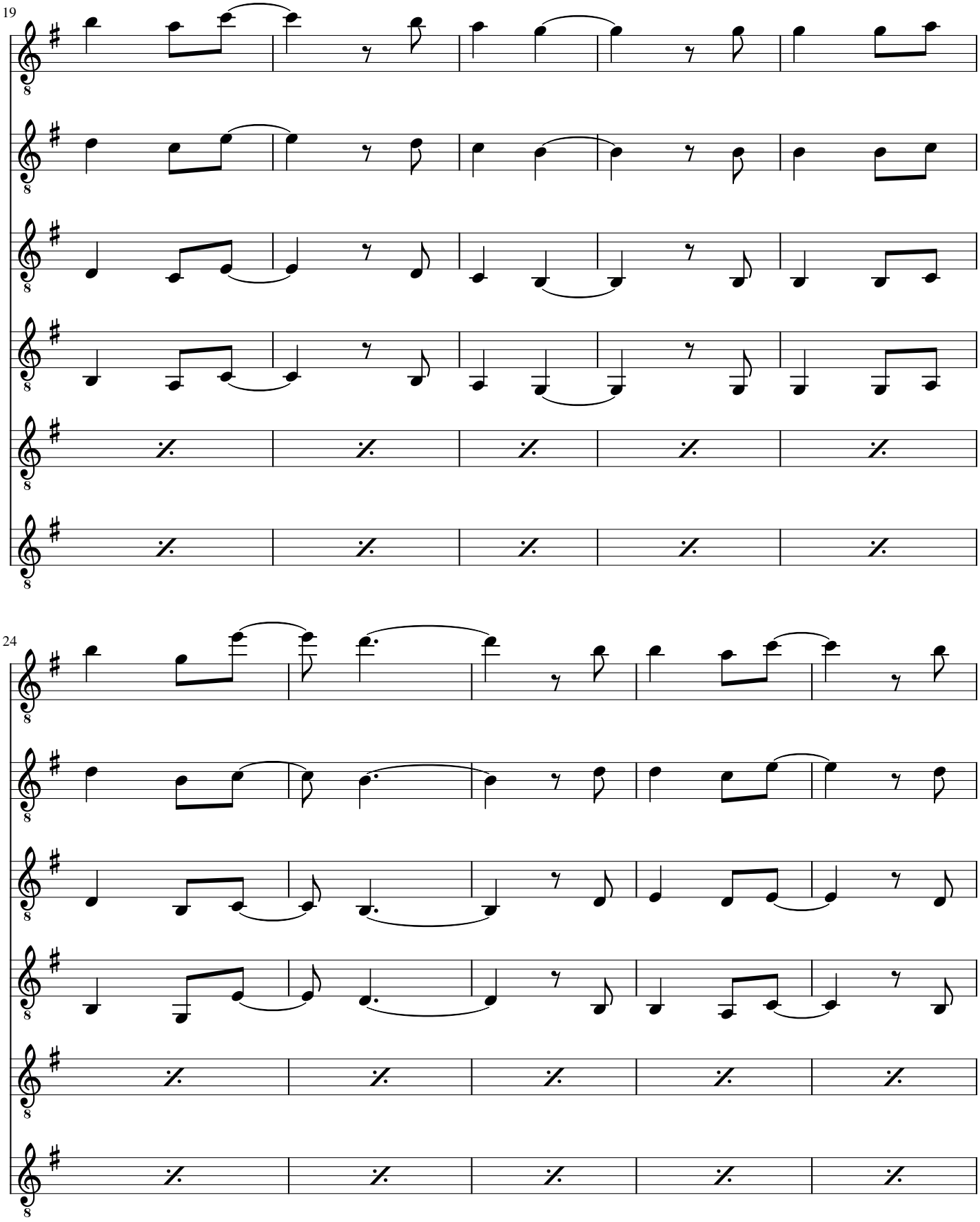
Arranjo Bruno Soares

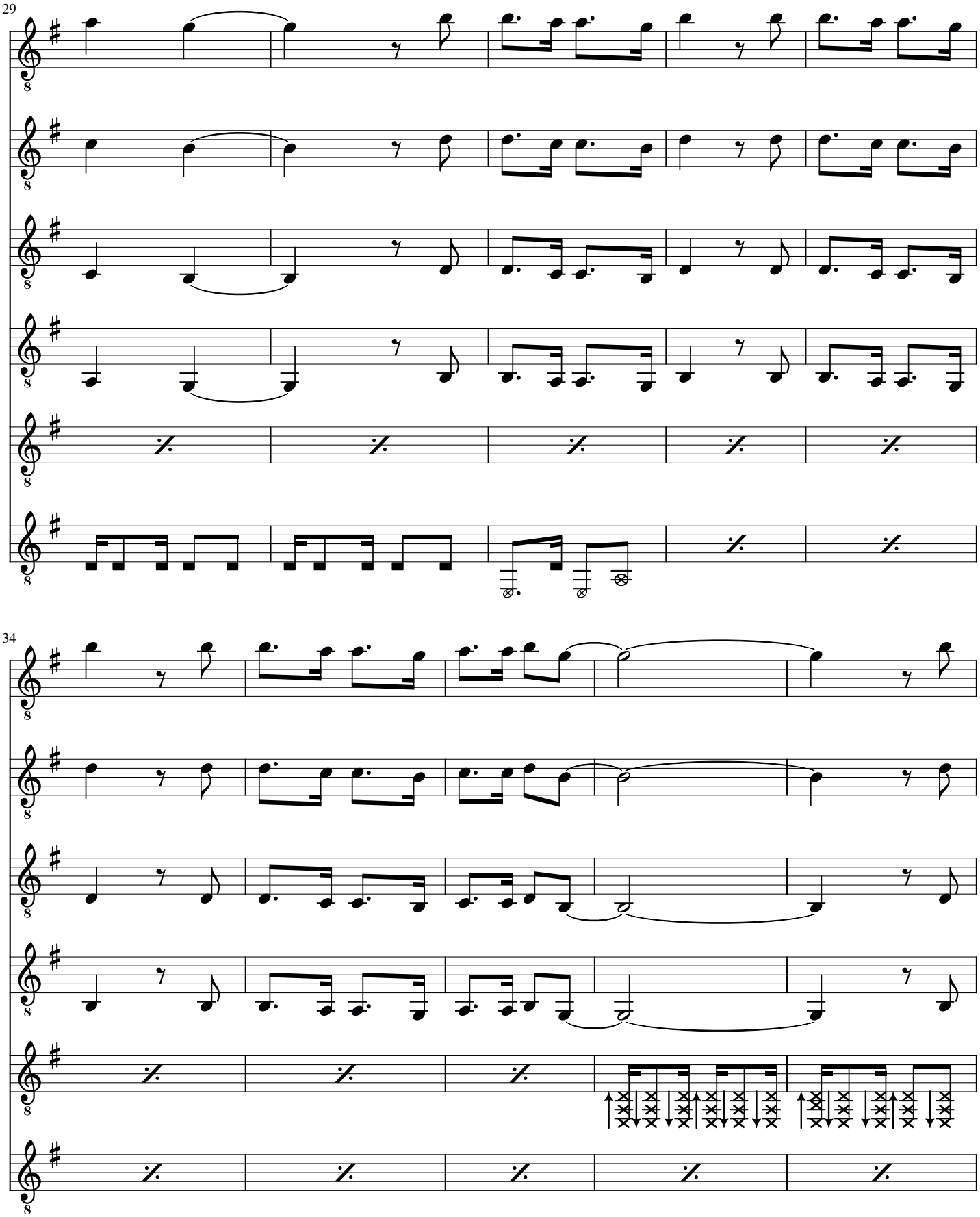
Rítmica da percussão extraída da pesquisa dos violonistas Washington Vieira e Luís Ranna

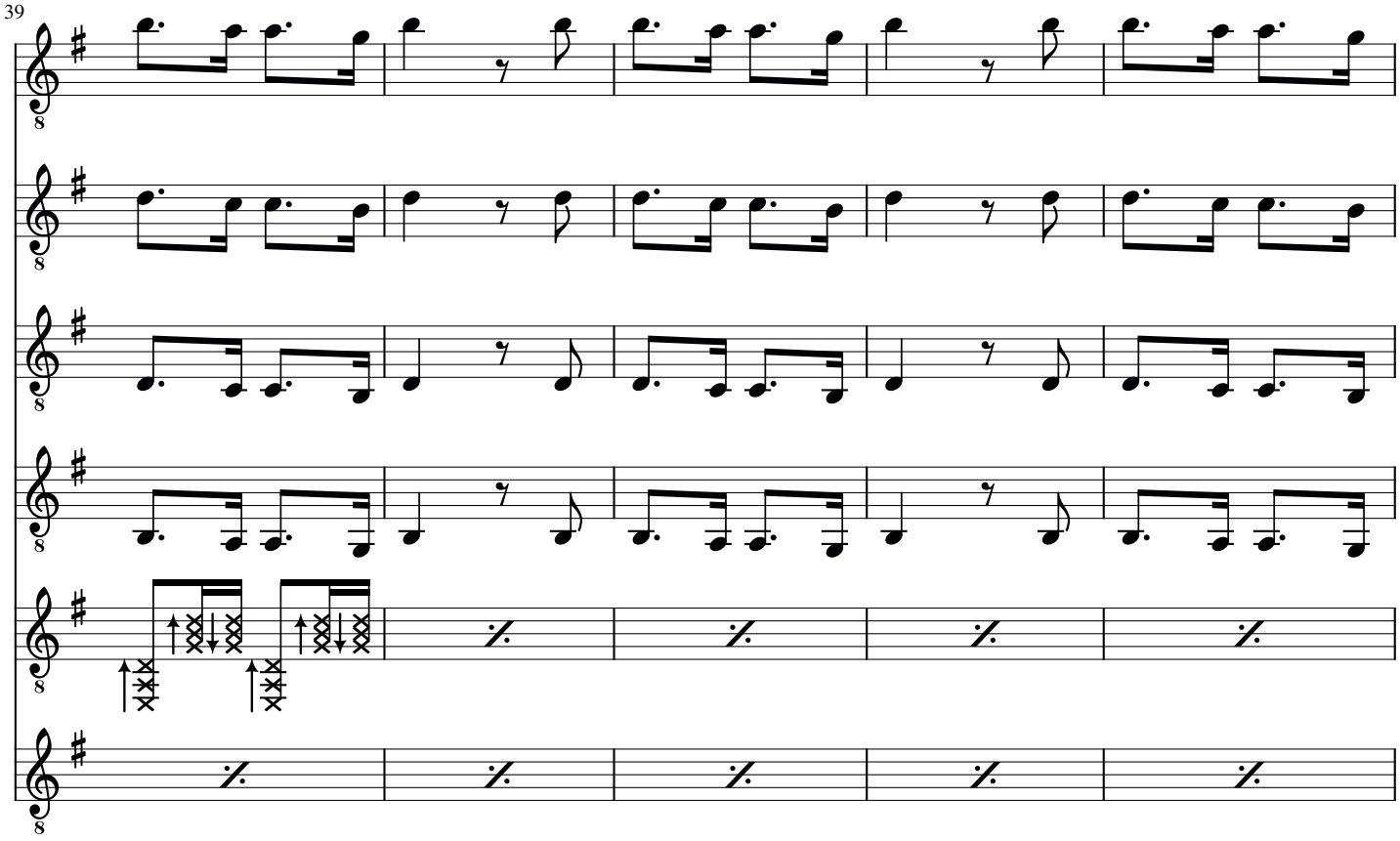
Casaca

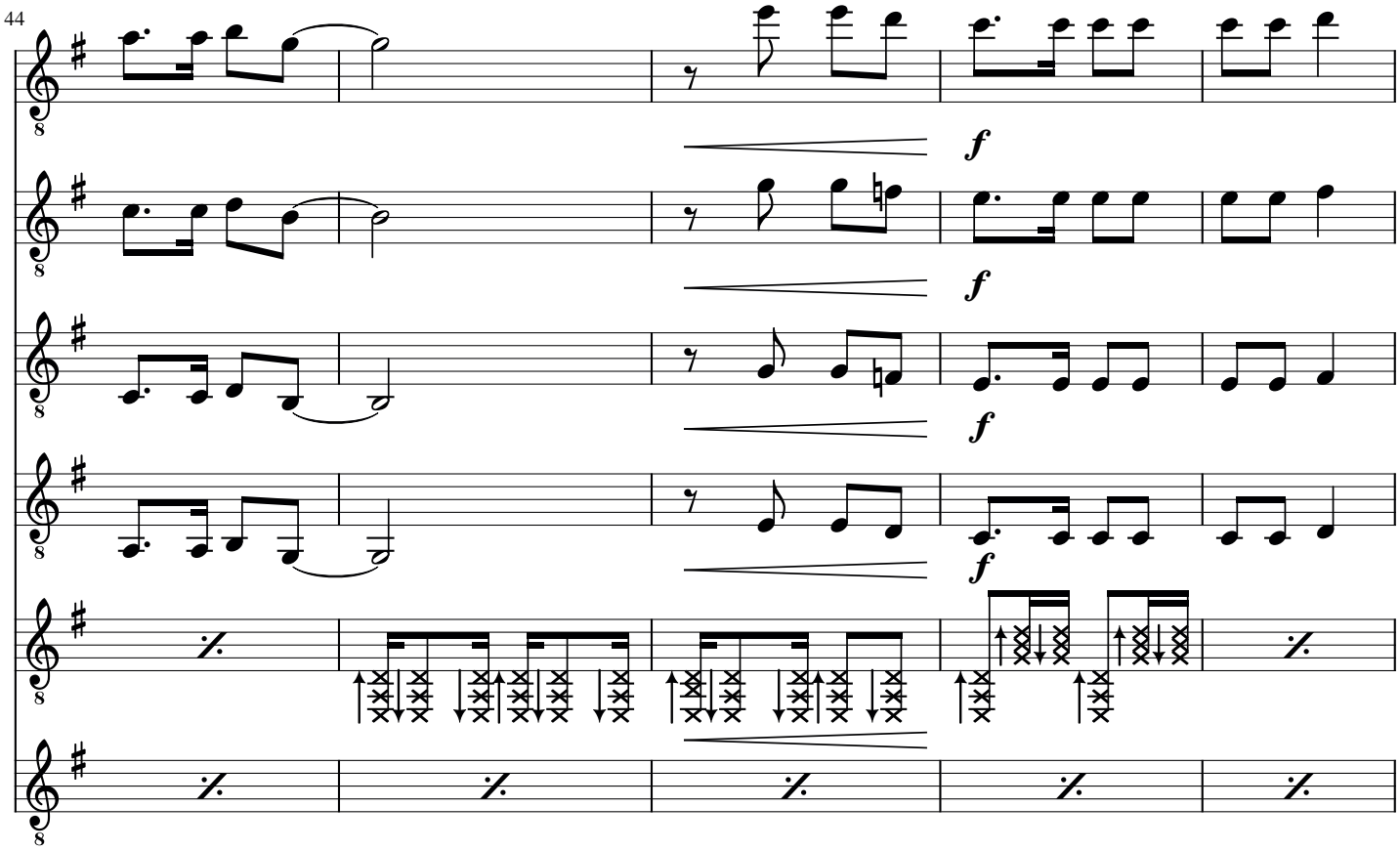


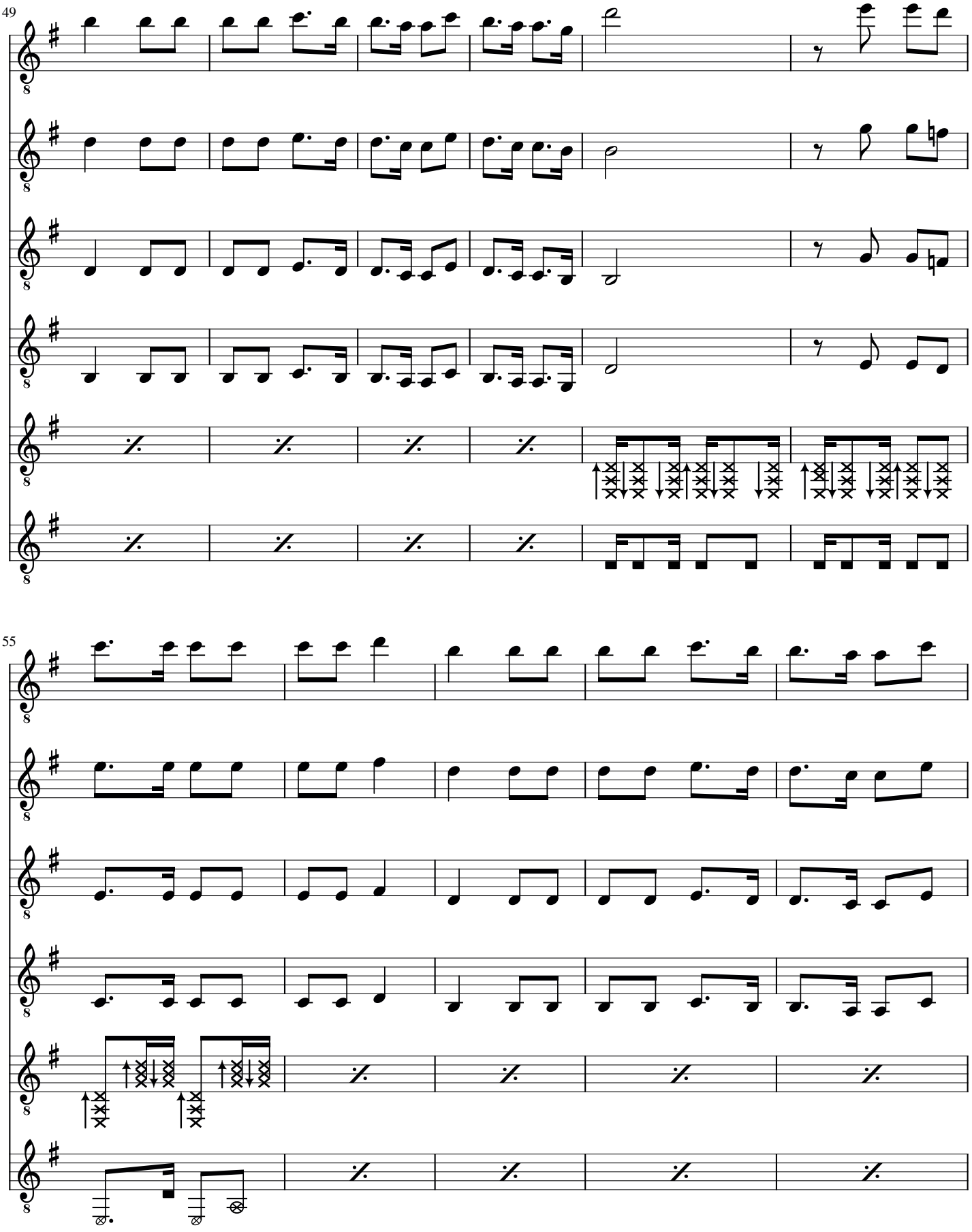

10
mf
mf
mf
mf
15
mp

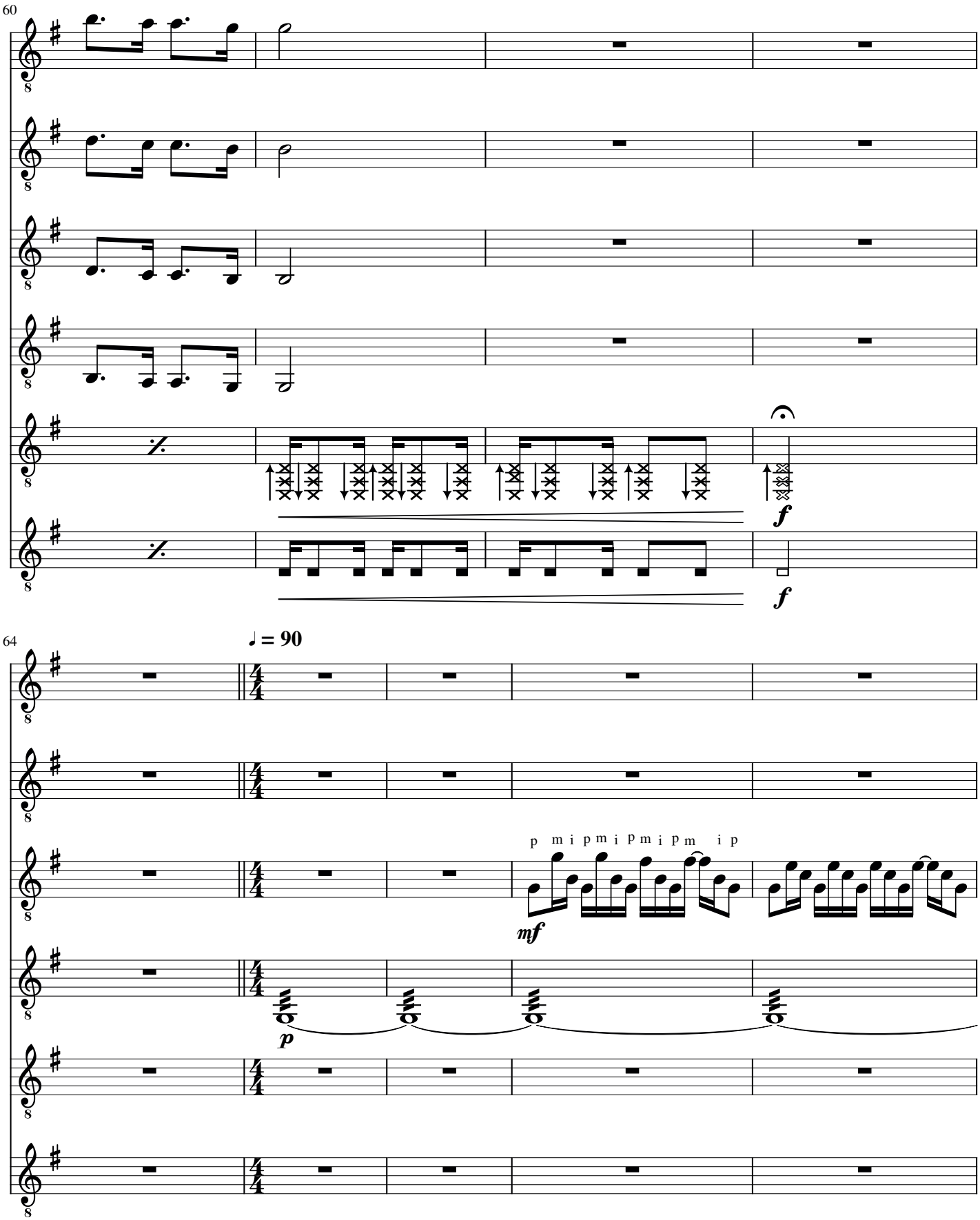

19
24

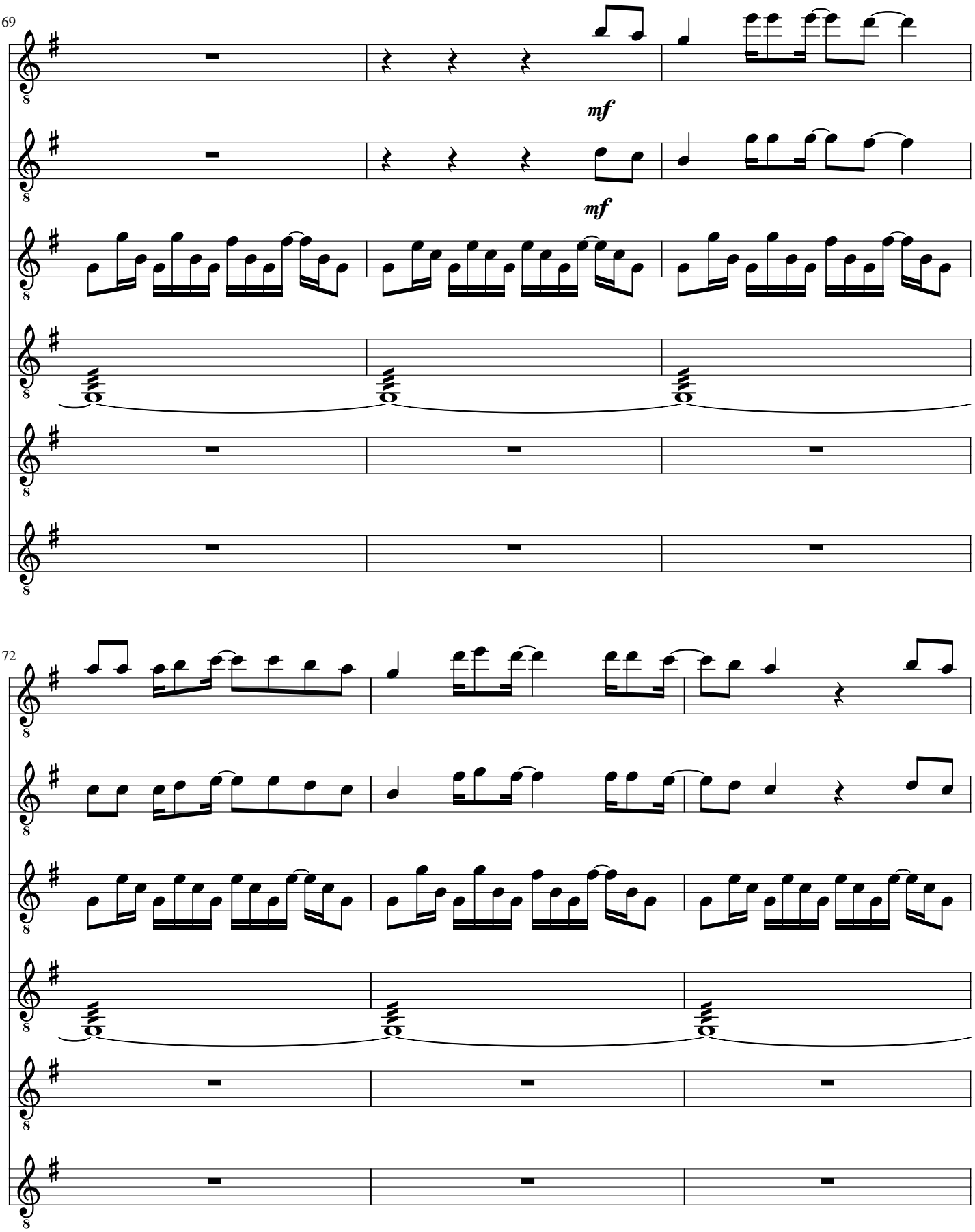

29
34

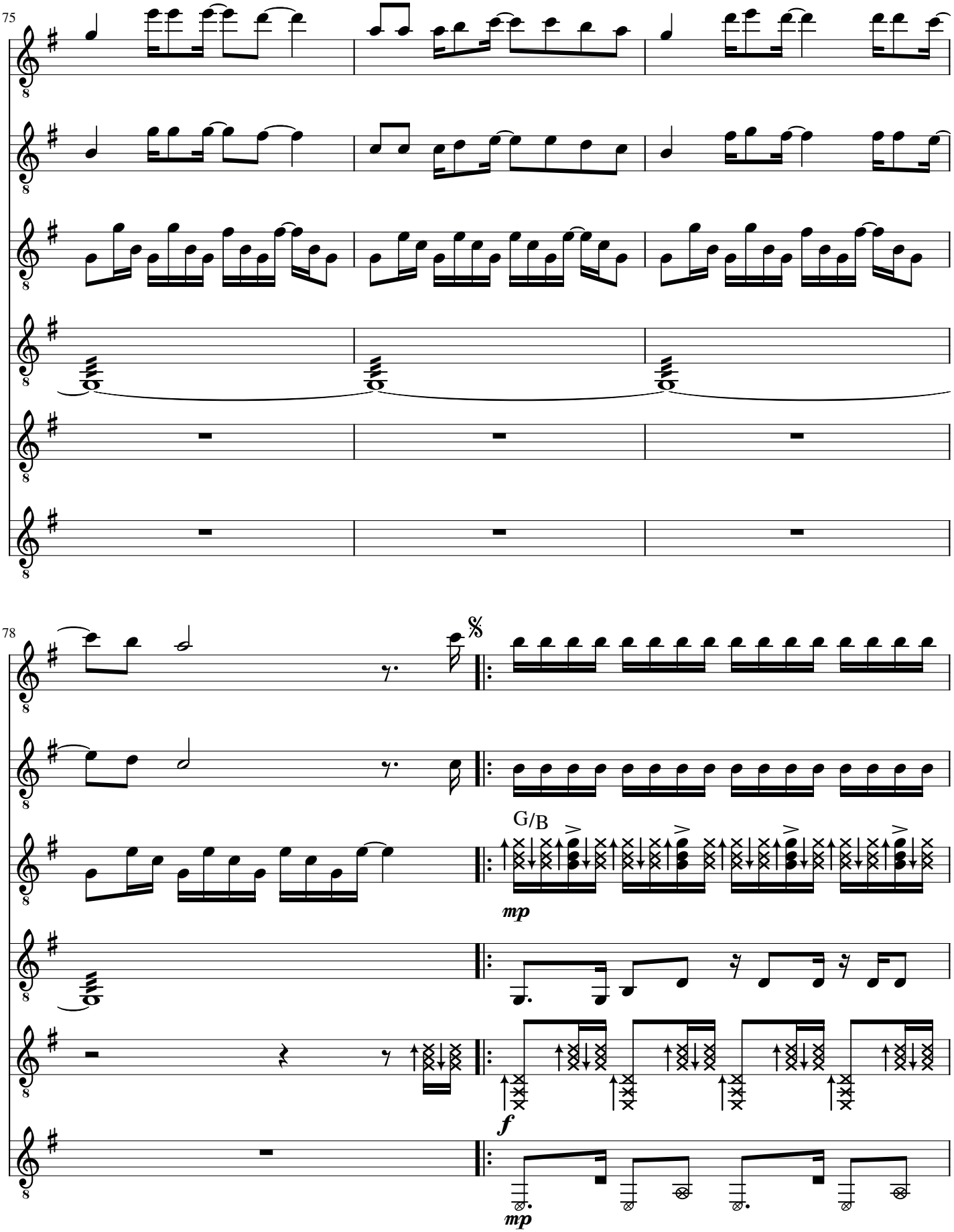

39

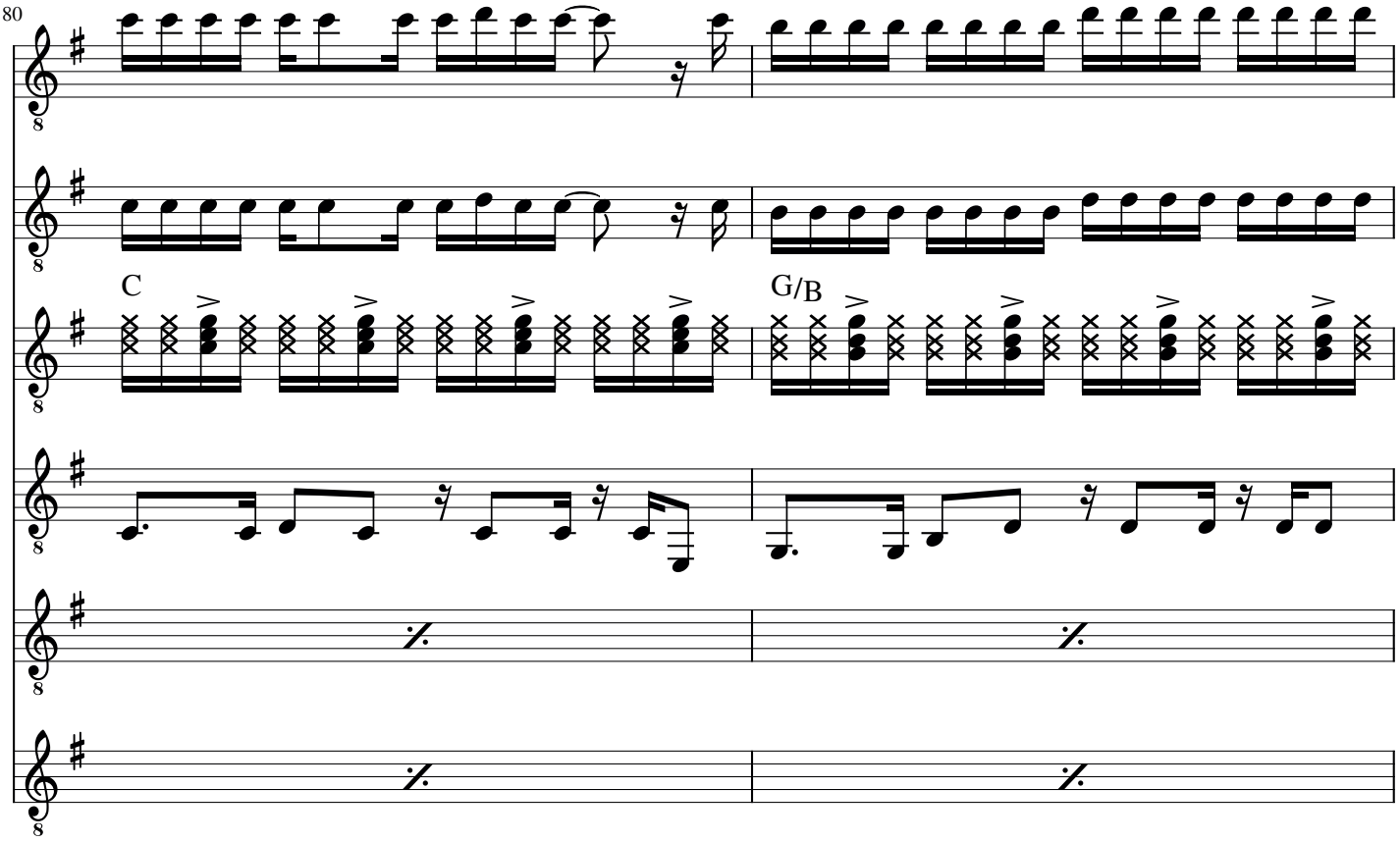

44
f
f
f
f

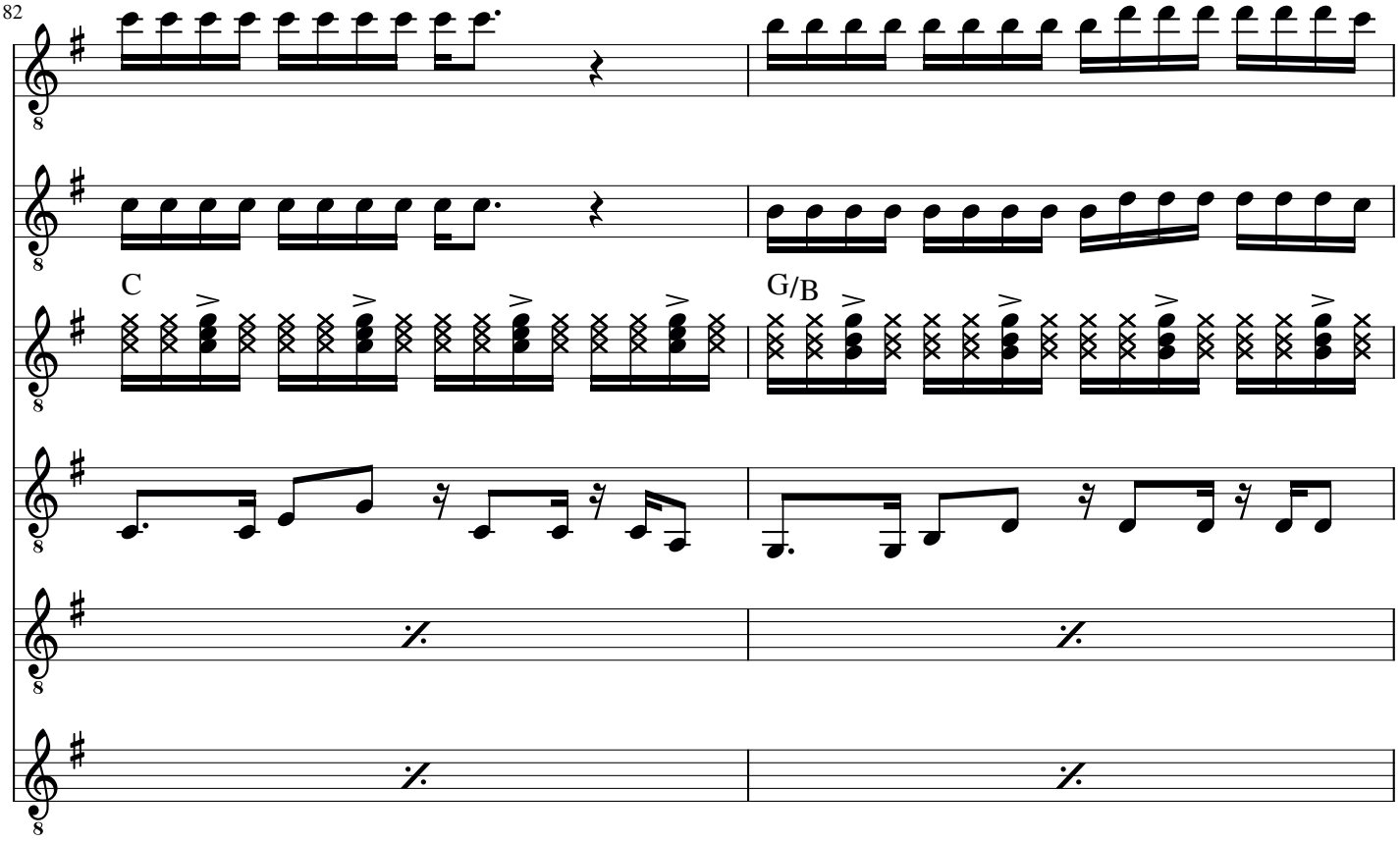

49
55

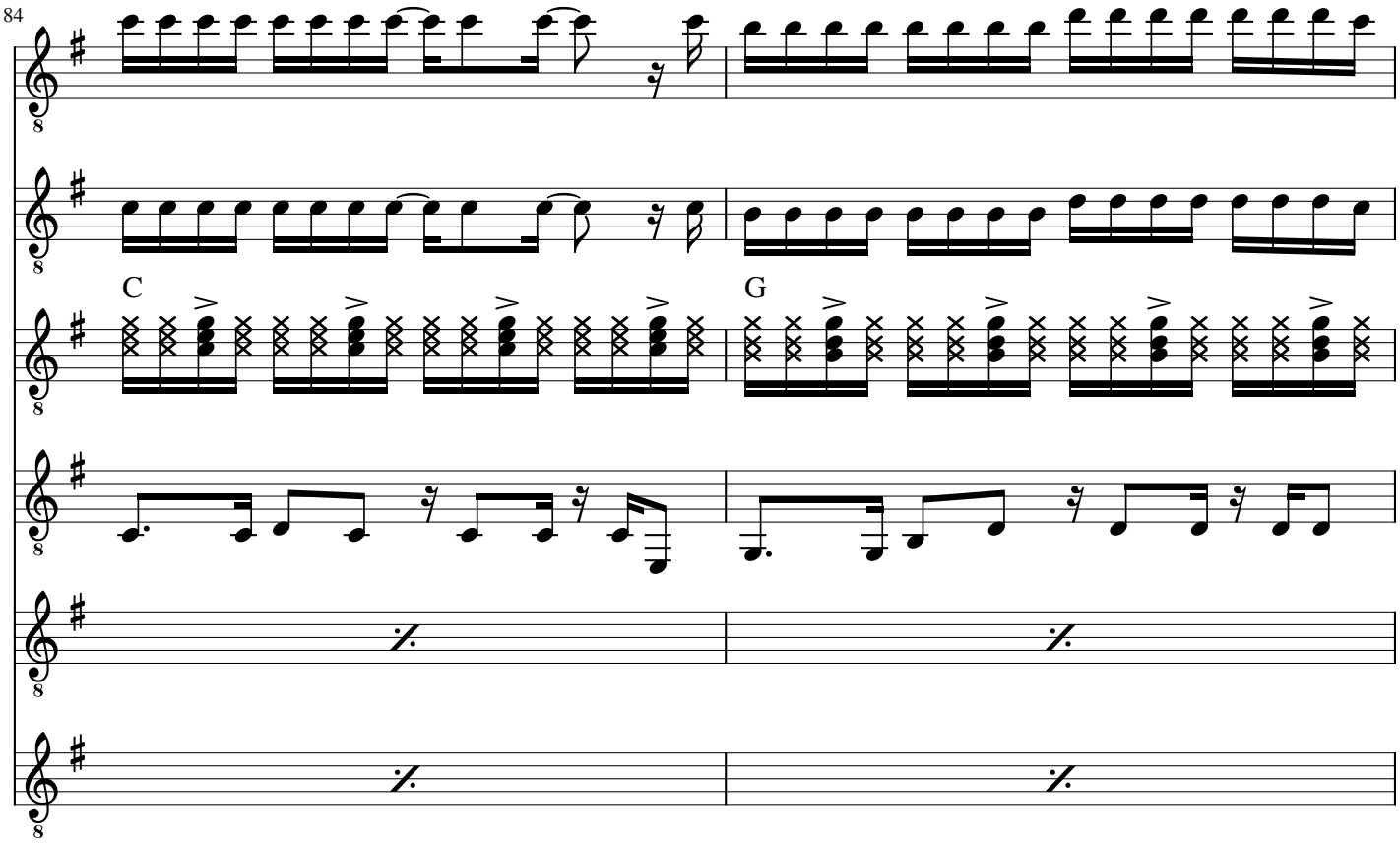

60
64
♩ = 90
f
f
p m i p m i p m i p m i p
mf
p

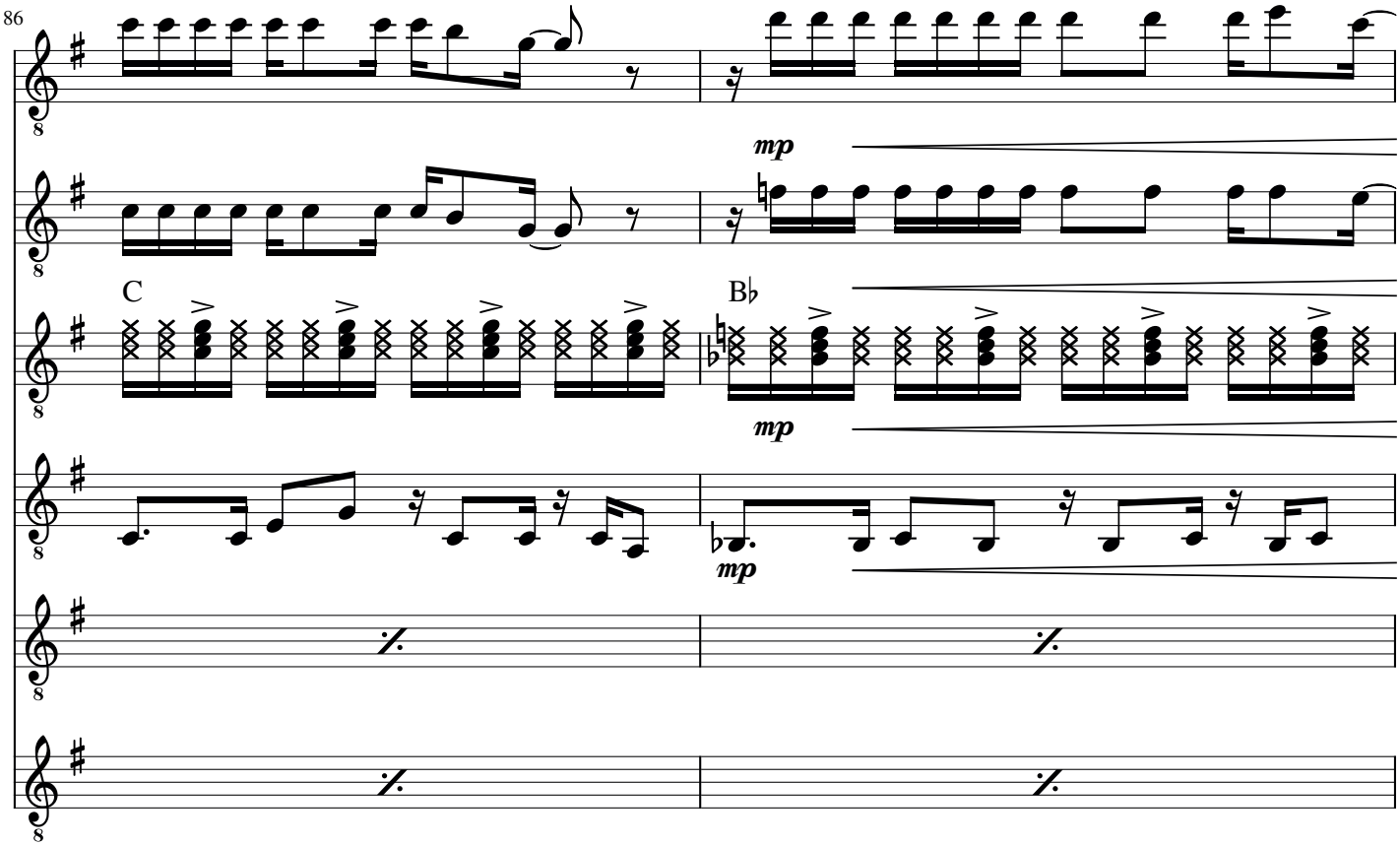

69
mf
mf
72

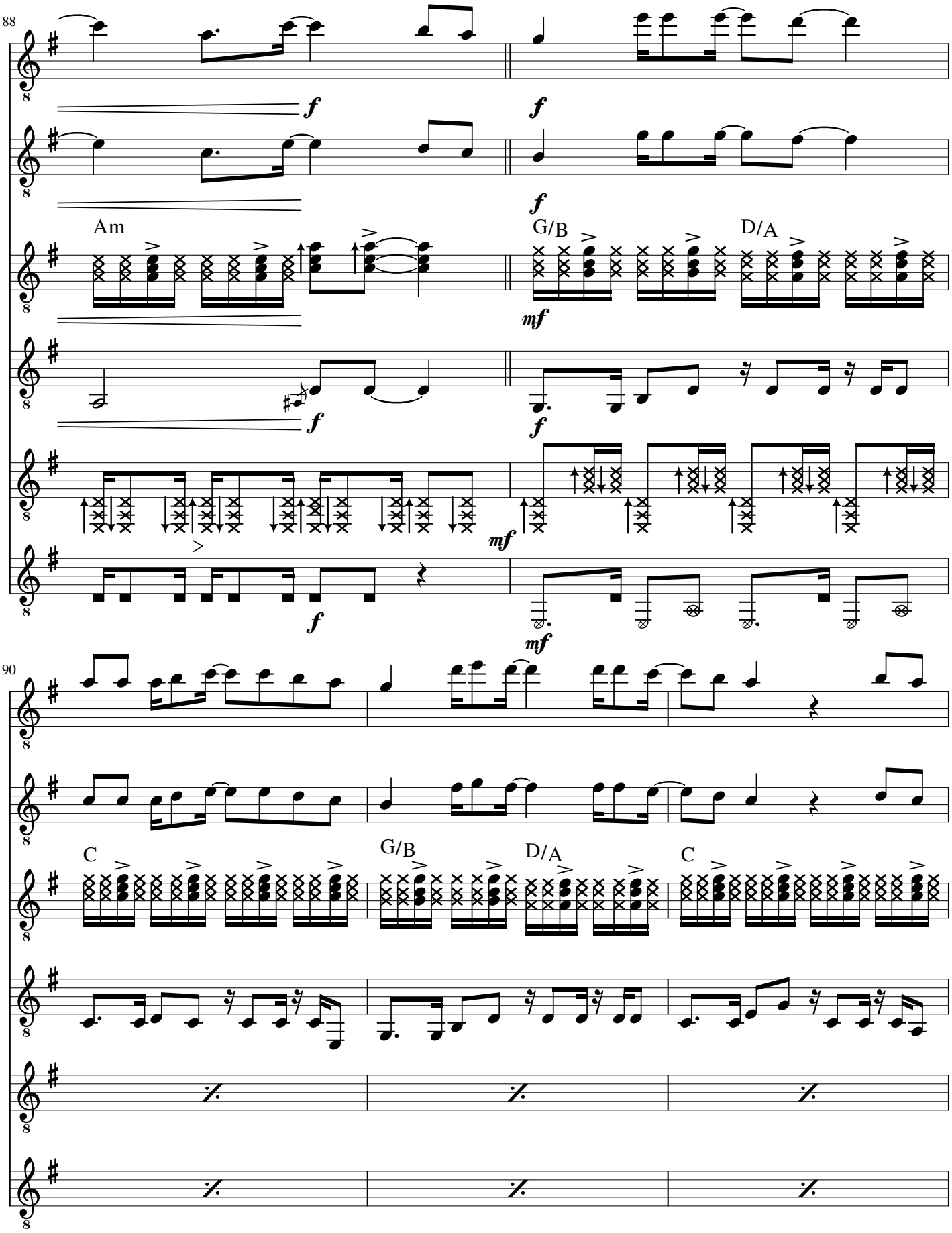

75
78
G/B
mp
f
mp

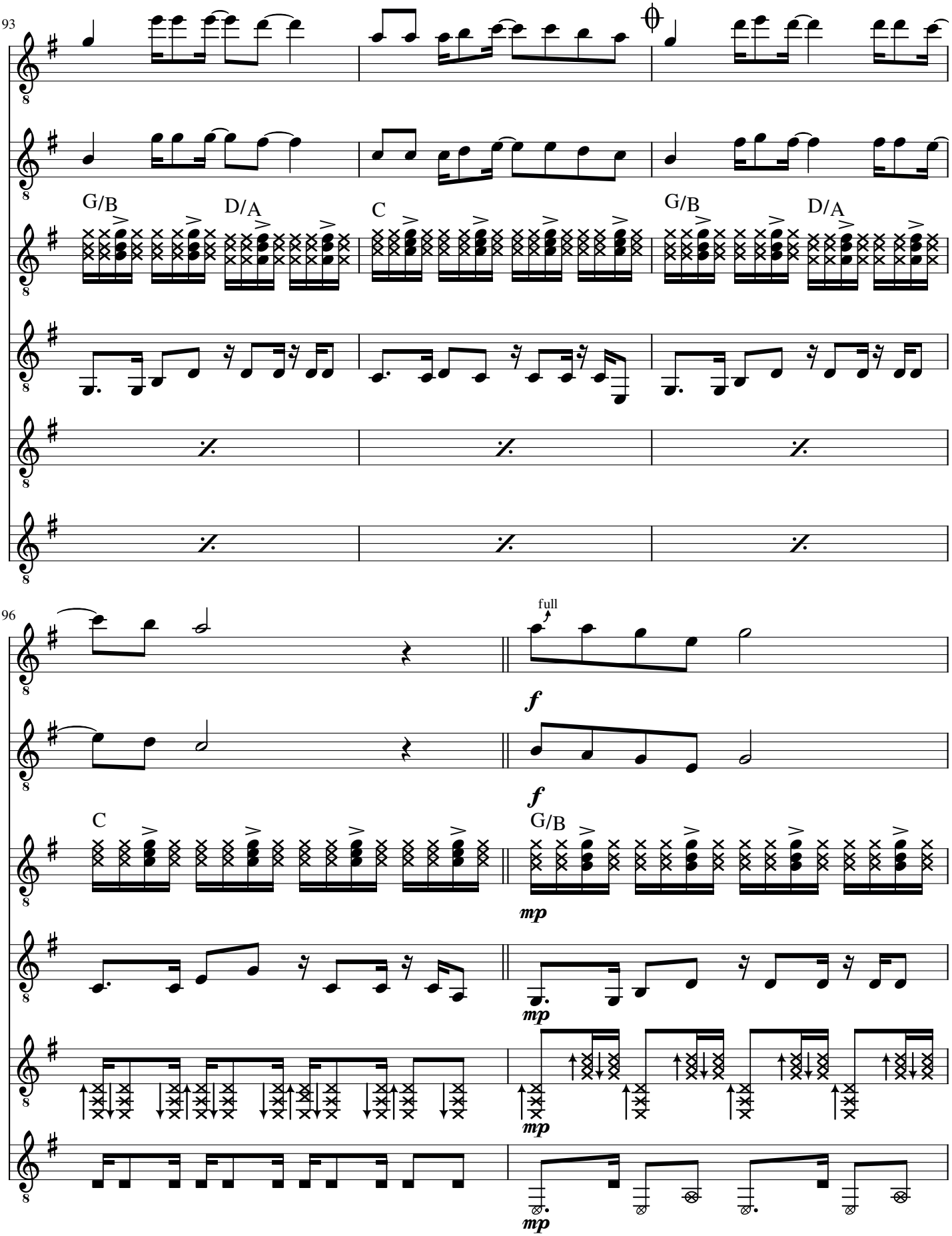

80
C
G/B

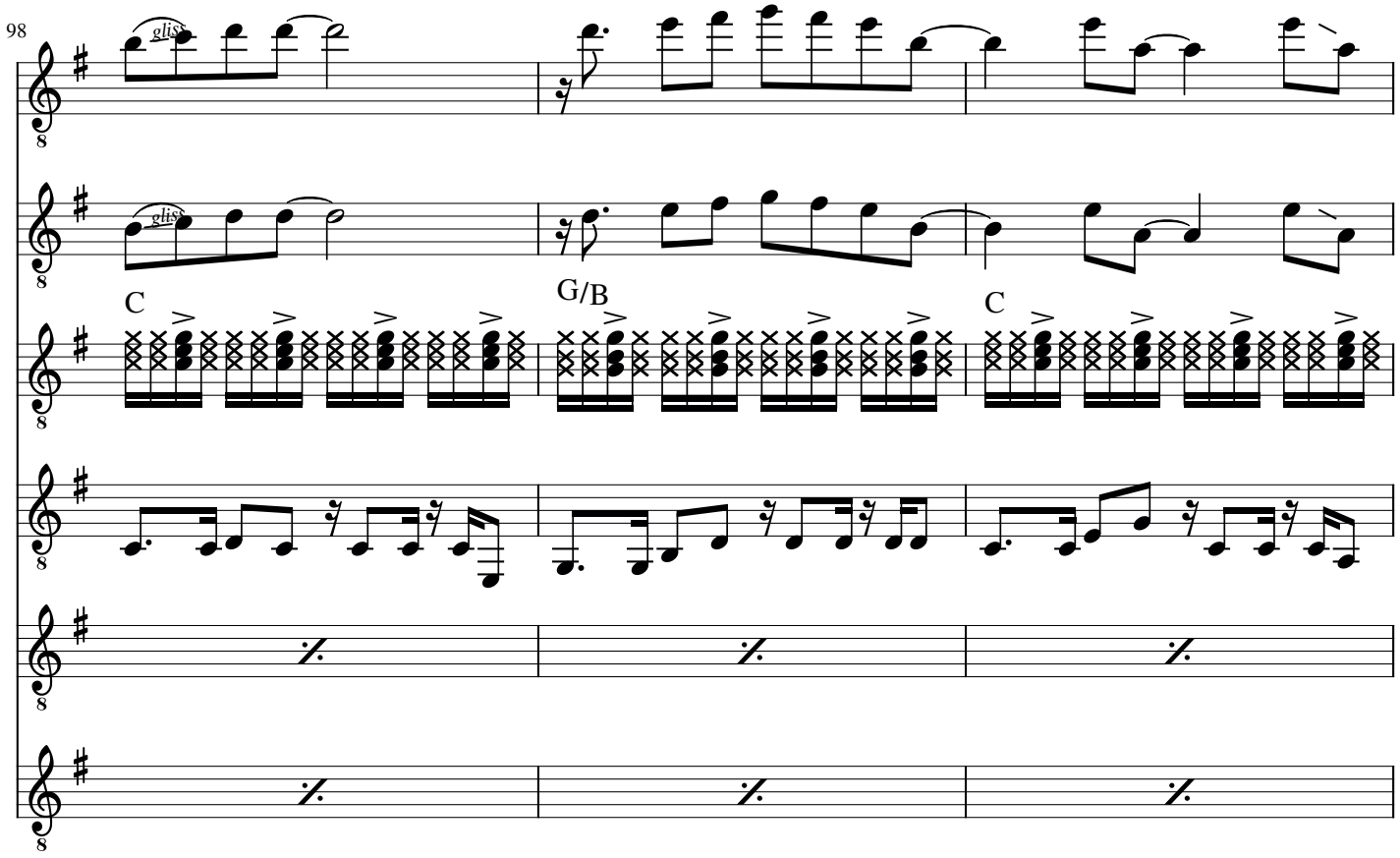

82
C
G/B

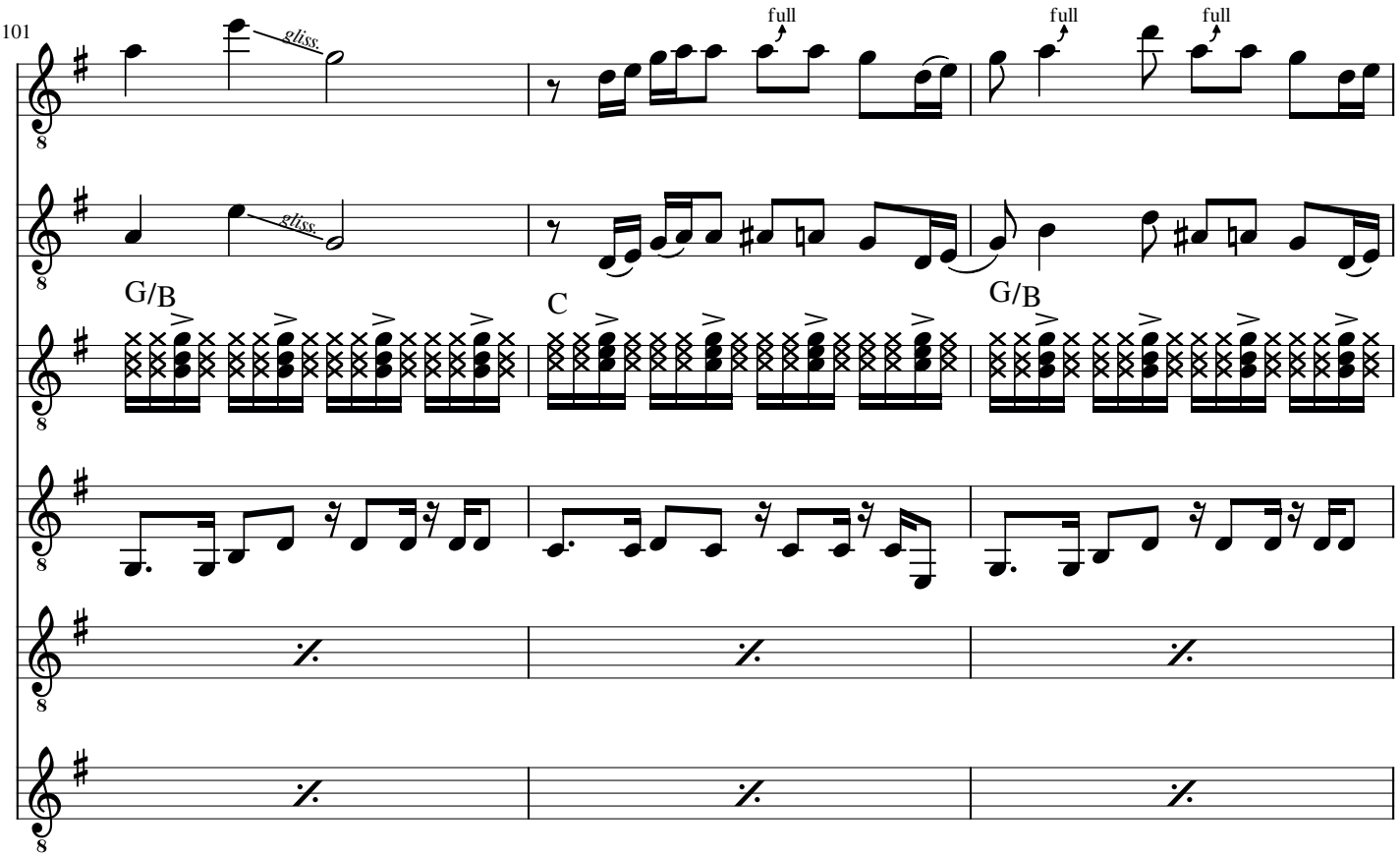

84
C
G

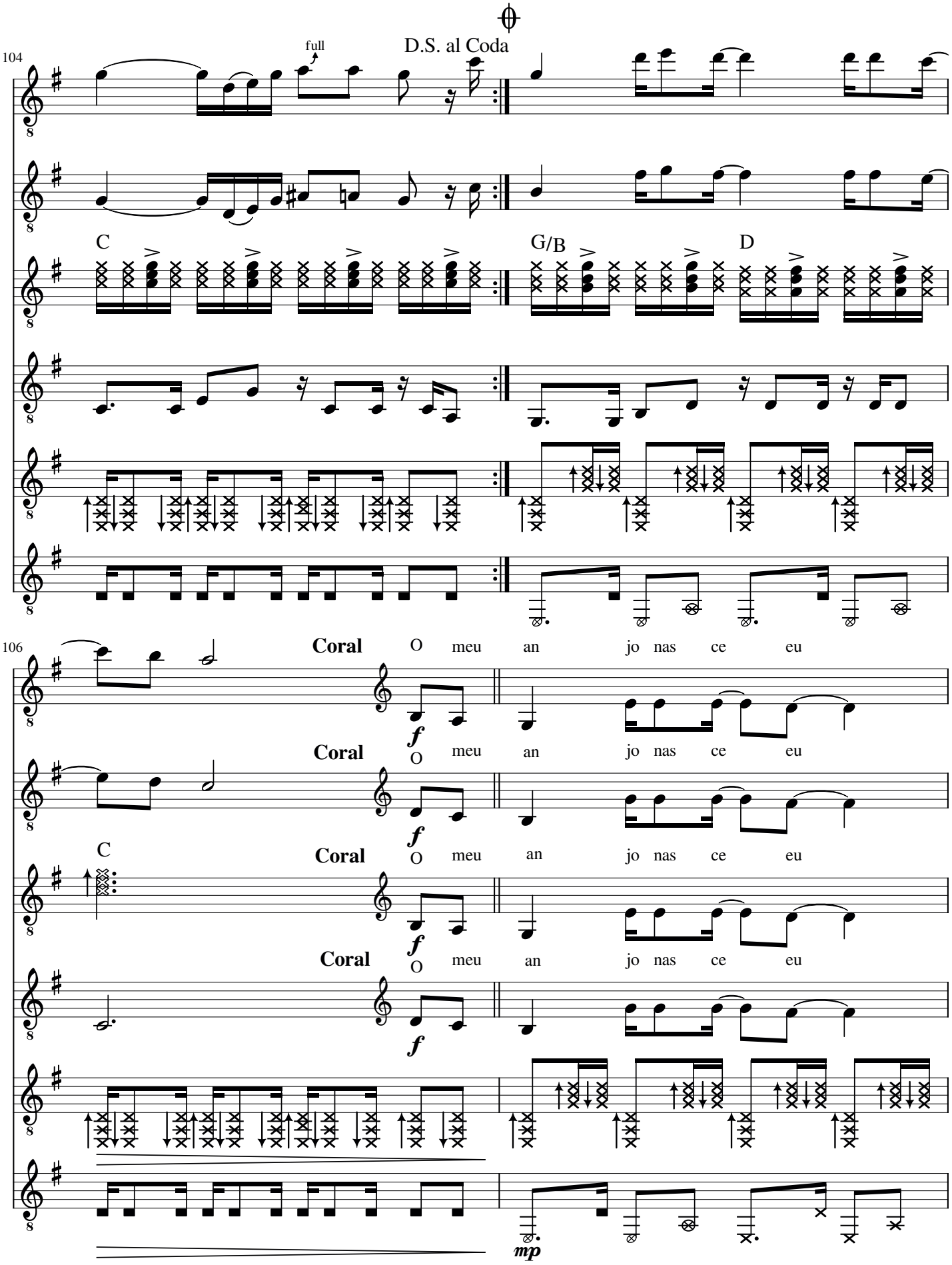

86
mp
C
B♭
mp
mp

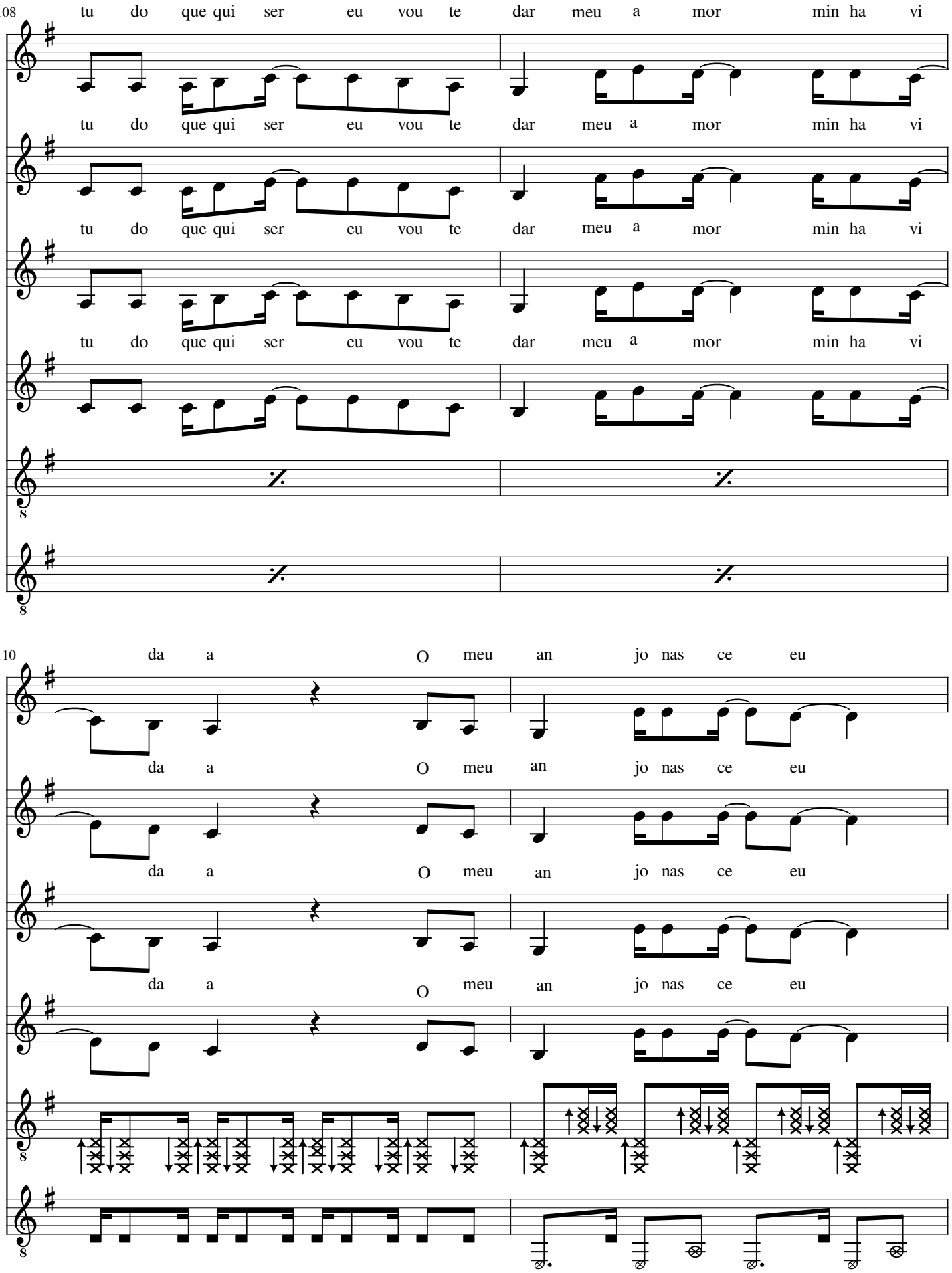

88
Am
G/B
D/A
90
C
G/B
D/A
C

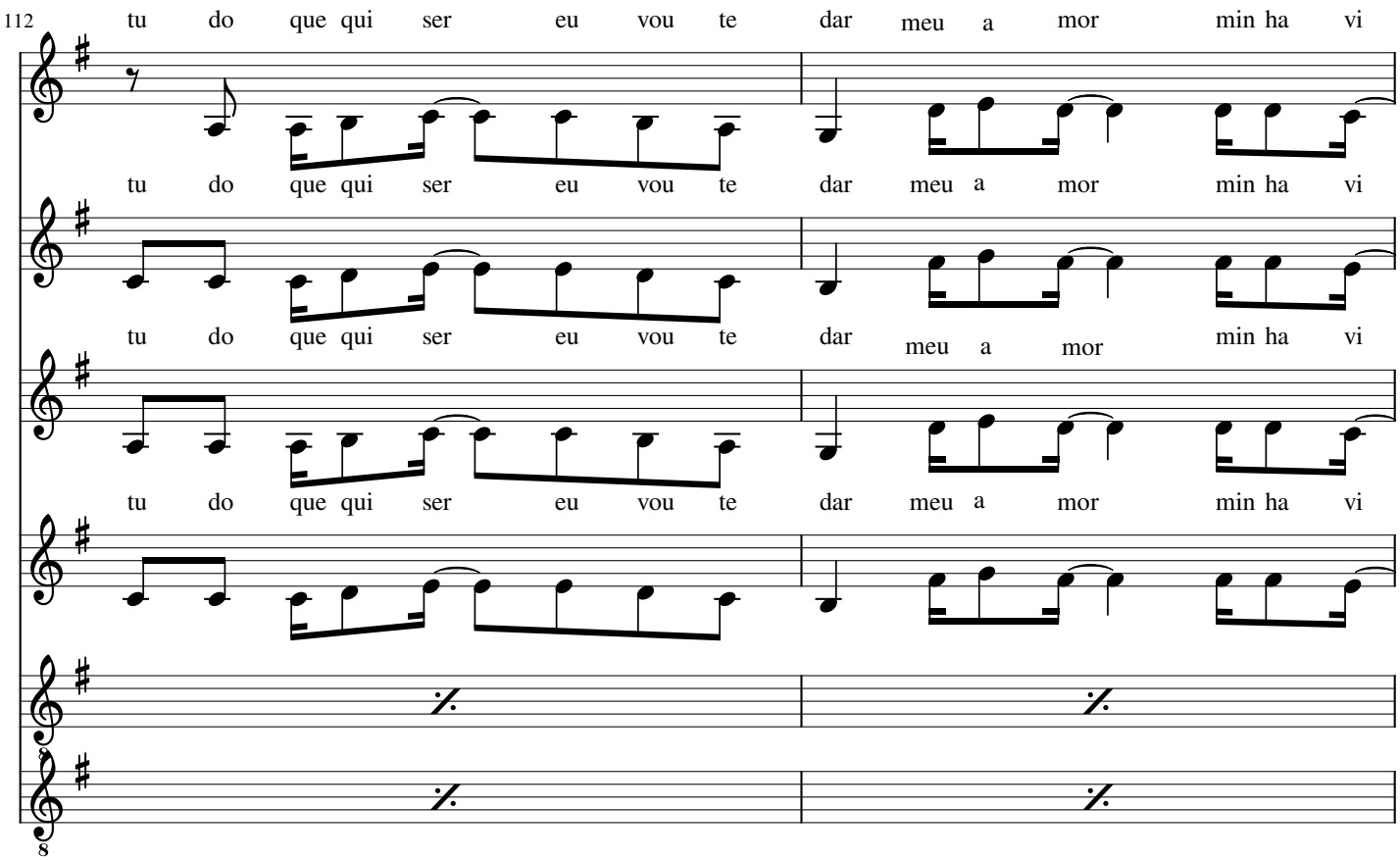

93
G/B
D/A
C
G/B
D/A
96
full
f
f
C
G/B
mp
mp
mp
mp

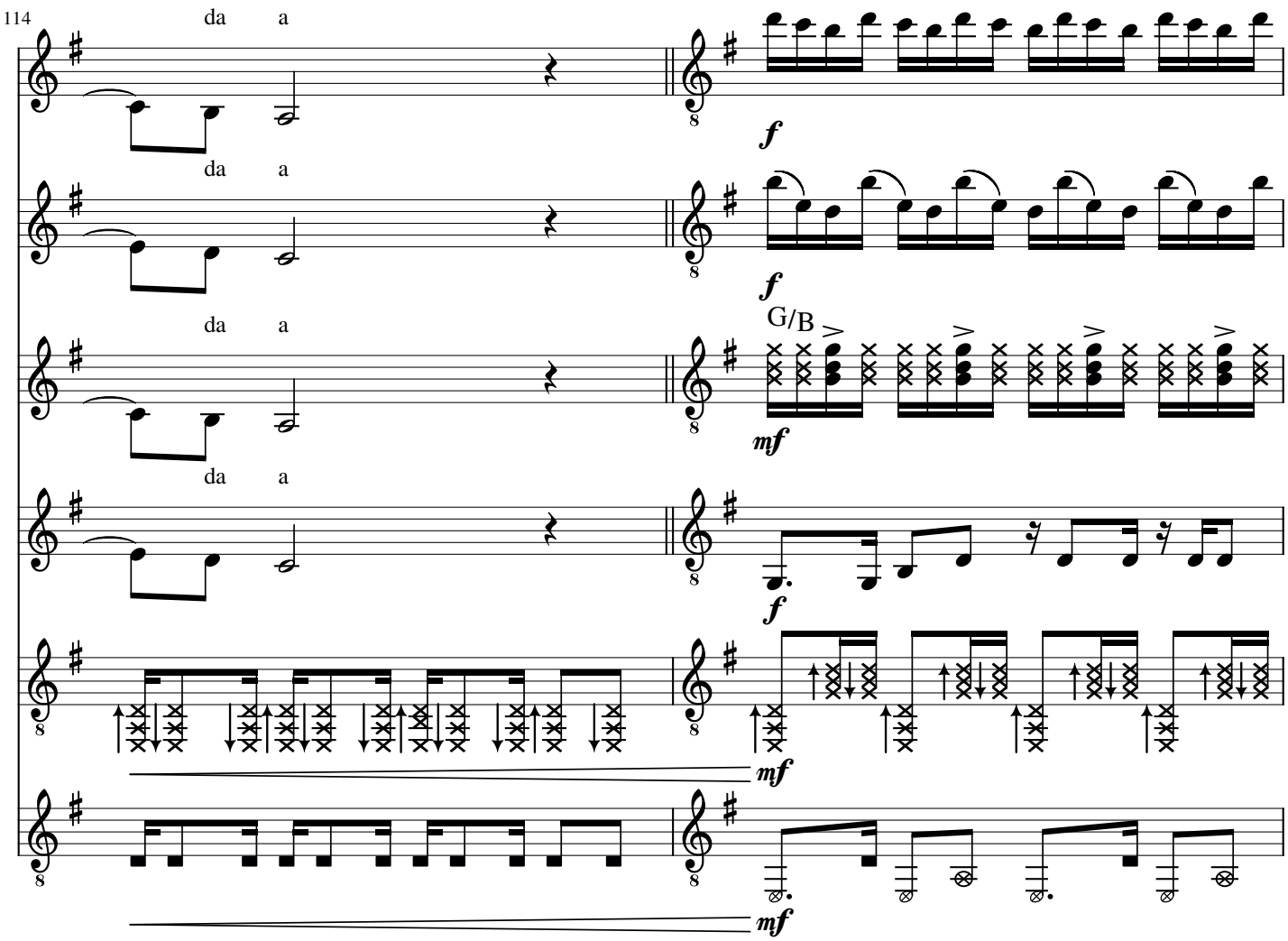

98
gliss.
gliss.
C
G/B
C

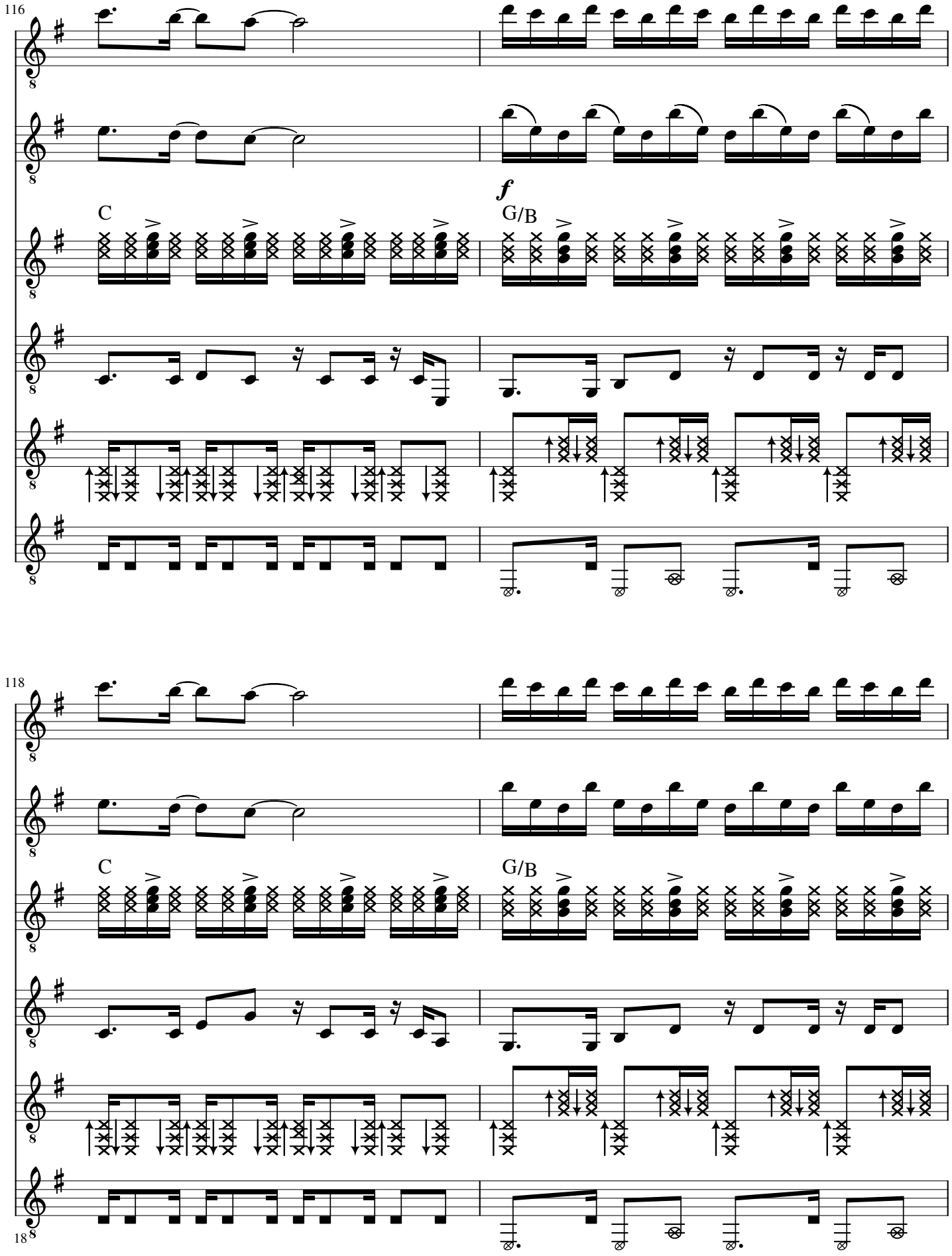

101
gliss.
gliss.
full
full
full
G/B
C
G/B

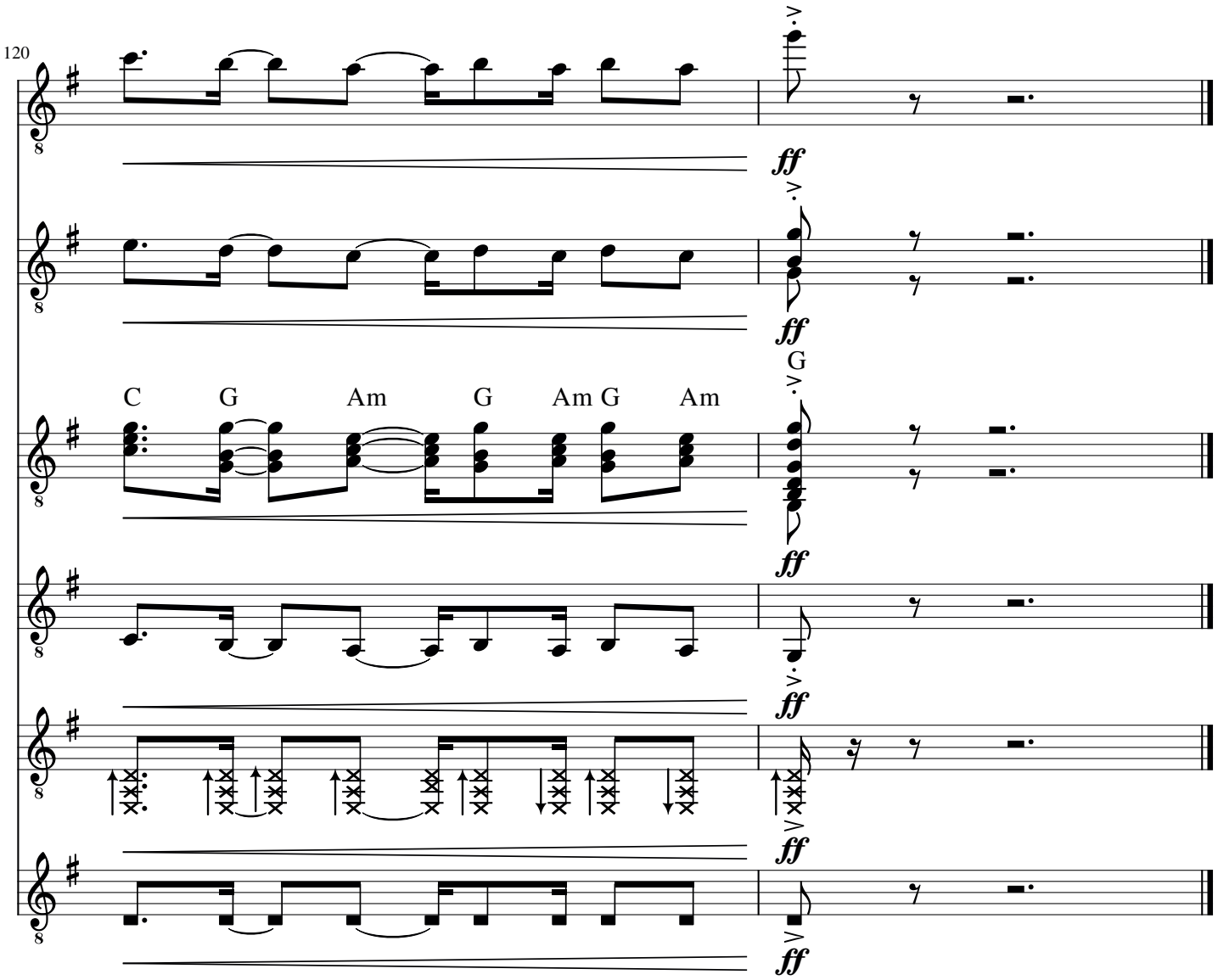

104
full
D.S. al Coda
C
G/B
D
106
Coral
O meu an jo nas ce eu
f
C
mp


108
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi
110
da a O meu an jo nas ce eu
da a O meu an jo nas ce eu
da a O meu an jo nas ce eu
da a O meu an jo nas ce eu


112
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi
tu do que qui ser eu vou te dar meu a mor min ha vi


114
da a
da a
da a
da a
G/B
f
f
mf
f
mf
mf


116
C
f
G/B
118
C
G/B
18


120
C G Am G Am G Am
G
ff

Dead Fish

Dead Fish

José Roberto Santos Neves

O Dead Fish surgiu em Vitória, em 1991, a partir da banda Stage Dive, cujos integrantes tinham como passatempo andar de skate pelas ruas da Praia do Canto e ouvir discos de Bad Brains, Bad Religion, Dead Kennedys, Suicidal Tendencies, The Clash, Ramones, Gorila Biscuits e Faith no More, na casa do vocalista Rodrigo Lima. Três décadas depois, Rodrigo é o único remanescente da formação original, que contava com Marcel Dadalto (guitarra), Gustavo Buteri (guitarra), Leonardo Mozachi (baixo) e Nô Mozachi (bateria).

Naquele momento os então adolescentes provavelmente não imaginavam que fariam história como a banda de rock capixaba mais conhecida do país, com prêmios conquistados na MTV, turnês no exterior e discos lançados por gravadoras de distribuição nacional.

O grupo rapidamente obteve projeção na cena hardcore local, por meio de shows e da participação em coletâneas como a "Noise Core", ainda com o nome Dead Fresh Fish. Em 1995, oficializada como Dead Fish, lançou sua primeira demo tape, "Re-Progresso". O primeiro CD, "Sirva-se", saiu em 1997 pela Lona Records, vendendo mais de 10 mil cópias em um ano.

Logo se notou a diferença do Dead Fish para as demais bandas do gênero, marca que passa principalmente pelas letras do vocalista Rodrigo Lima, um dos poucos no segmento hardcore a falar com propriedade sobre política, esquerda, desigualdade social, ditadura, alienação e sobre o conformismo da classe média sem cair no panfletarismo ou no lugar-comum.

Em 1999, a banda montou a Terceiro Mundo Produções Fonográficas, por meio da qual produziu seus três trabalhos seguintes: "Sonho médio" (1999), "Afasia" (2001) e "Ao vivo" (2002), uma compilação dos dois discos anteriores, gravado no Hangar 110, o berço do hardcore no Estado de São Paulo.

Em 2002, a banda lançou o "EP 2002", reunindo seis faixas, três delas inéditas. Em 2004, lançou o CD "Zero e Um" pela DeckDisc, seu maior êxito comercial, com mais de 30 mil cópias vendidas. No mesmo ano, recebeu o prêmio de Banda Revelação no Video Music Brasil, da MTV Brasil, iniciando uma parceria que resultou no DVD "MTV apresenta Dead Fish".

Em 2006, ainda pela DeckDisc, surgiu um novo disco, intitulado "Um Homem Só". No ano seguinte, a banda fez sua primeira turnê fora do Brasil, com cerca de vinte shows entre Alemanha e República Tcheca.

Em 2009 foi lançado o sétimo álbum, "Contra Todos", que rendeu ao Dead Fish mais um VMB, desta vez, na categoria de Melhor Banda de Hardcore.

Em 2011, em comemoração aos vinte anos de estrada, foi lançado o segundo DVD, "Dead Fish 20 anos", gravado ao vivo no Circo Voador, no Rio de Janeiro, com músicas das diferentes fases da banda e participações especiais.

Em 2014 a banda voltou às origens independentes e arrecadou mais de R$ 250 mil junto aos fãs, por meio de financiamento coletivo, para viabilizar a produção do álbum "Vitória" (2015). O projeto foi lançado em três formatos: CD, vinil de 12 polegadas e, também, com faixa bônus no vinil de 07 polegadas. Em 2019, além do vocalista Rodrigo Lima, a banda contava em sua formação com Marcos Melloni (bateria), Ric Mastria (guitarra) e o baixista Igor Moderno (músico convidado de apoio).

Integrantes:
Rodrigo Lima - Vocal (desde 1991)
Marcos Melloni – Bateria (desde 2009)
Ric Mastria – Guitarra (desde 2013)
Igor Moderno - Baixo (músico de apoio desde 2019)

Ex-integrantes:
Arroz - guitarra (de 1991 até 1997)
Leonardo "Formiguinha" - baixo (de 1991 até 1996)
Murilo Queiroz - guitarra (de 1997 até 2003)
Hóspede - guitarra (de 2003 até 2007)
Giuliano - guitarra (de 1997 até 2001)
Marcel - guitarra
Leandro Pretti (Nô) - bateria (de 1991 até 2009)
Marcelo Buteri - guitarra
Capilé - guitarra
Bambo - guitarra
Vitor Zorzal - guitarra
Xande - guitarra
Rafael - guitarra
Philippe Fargnoli guitarra (de 2003 até 2013)
Rato Maldonado - Bateria (1991, de janeiro a abril)
Alyand Mielle – Baixo, backing vocals (de 1996 até 2018)

Discografia:
Sirva-Se (1998, Lona! Records)
Sonho Médio (1999, Terceiro Mundo Produções Fonográficas)
Afasia (2001, Terceiro Mundo Produções Fonográficas)
Metrofire (Sob o nome de Projeto Peixe Morto. A banda não considera este disco como parte da discografia oficial e sim como um projeto paralelo). (2002, Terceiro Mundo Produções Fonográficas)
Zero e Um (2004, Deckdisc)
Um Homem Só (2006, Deckdisc)
Contra Todos (2009, Deckdisc)
Vitória (2015, Independente)
Ponto Cego (2019, Deckdisc)

EPs:
EP 2002 (2002)

Demos:
Demo #1 (1993)
(Re)Progresso...? (1995)

Ao vivo:
Ao Vivo (2003)
MTV Apresenta Dead Fish (2004)
Dead Fish 20 Anos – Ao Vivo no Circo Voador (2012)
XXV Ao Vivo Em SP (2017)

Splits:
Faces Do Terceiro Mundo (Terceiro Mundo, 2002)
Dead Fish/Mukeka Di Rato (Split) (2010) (Compacto 7» em Disco de Vinil 9"
Dead Fish/Zander (2013) (Compacto 7" em Disco de Vinil)

Compilações:
Demo Tapes (2006)

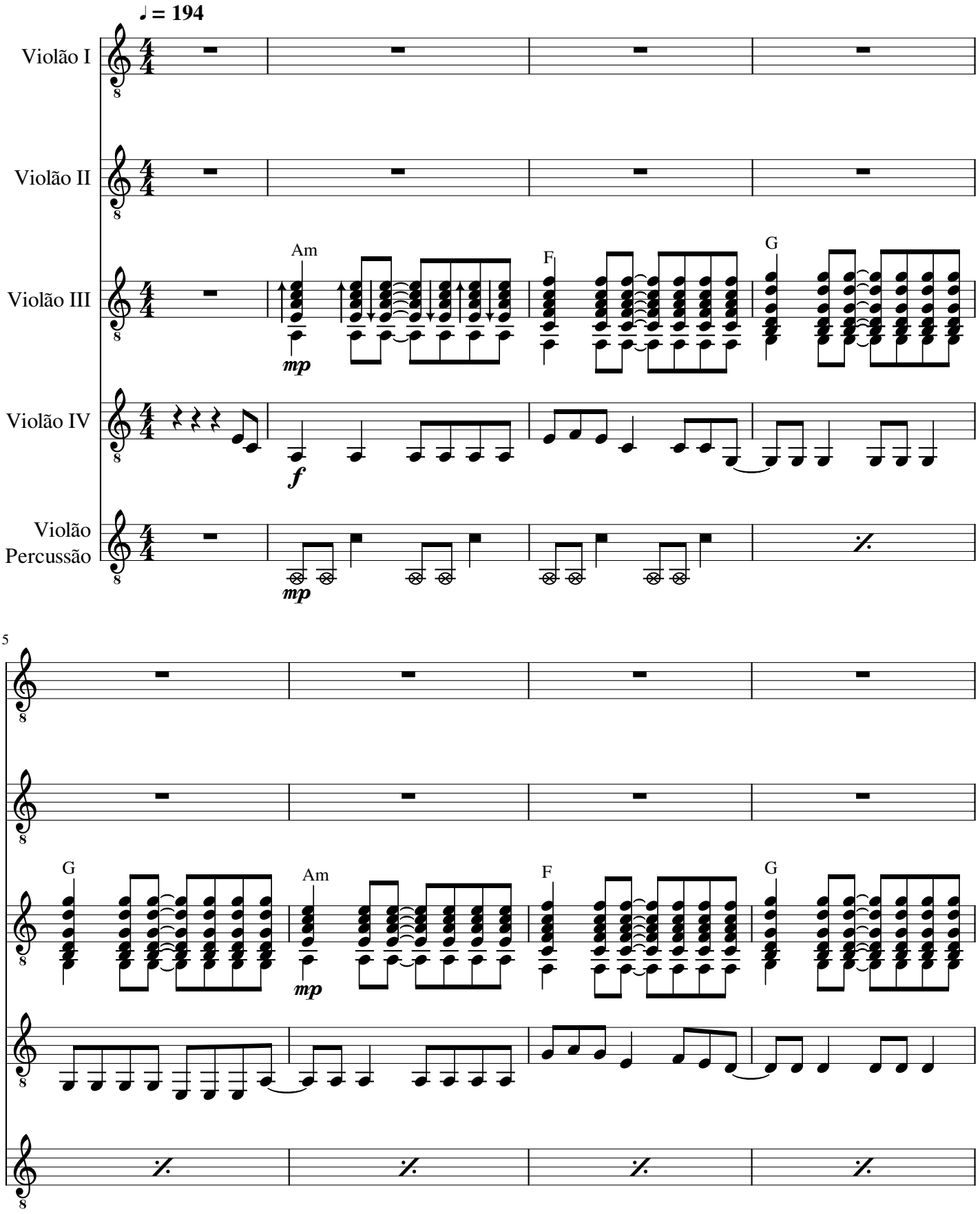
Clipes:
Sonho Médio (1999)
Proprietários Do 3º Mundo (2001?)
Noite (2001)
Tango (2002)
Zero E Um (2004)
Você (2004)
Bem-Vindo Ao Clube (2005)
Obrigação (2006)
Autonomia (2009)
Vitória (2015)
Selfegofactóide (2015)
Sausalito (2017)
Cara Violência (2017)

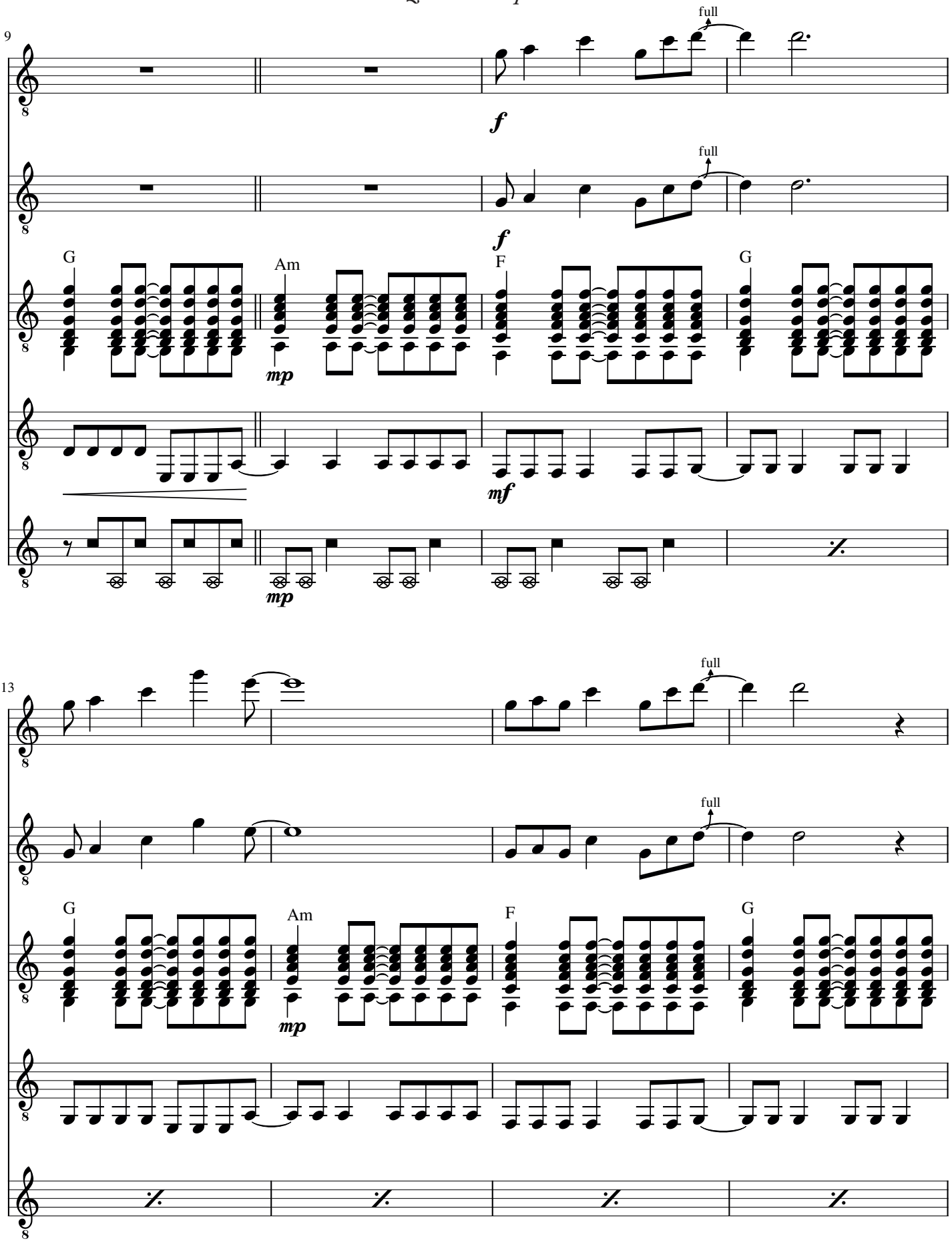
DVD:
MTV Apresenta Dead Fish (2004)
Dead Fish 20 Anos – Ao Vivo no Circo Voador (2012)
XXV Ao Vivo em SP (2017)

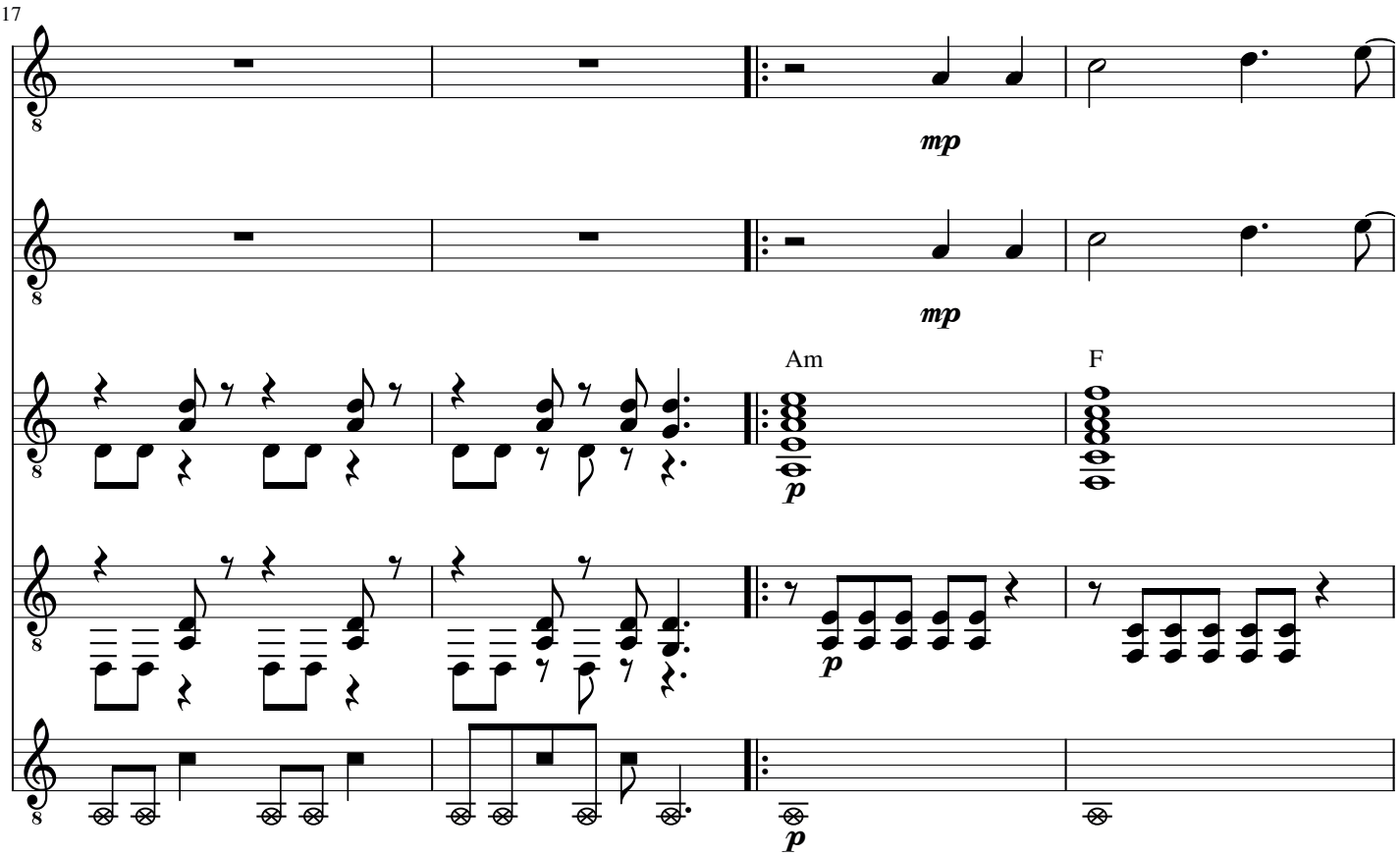
Queda Livre

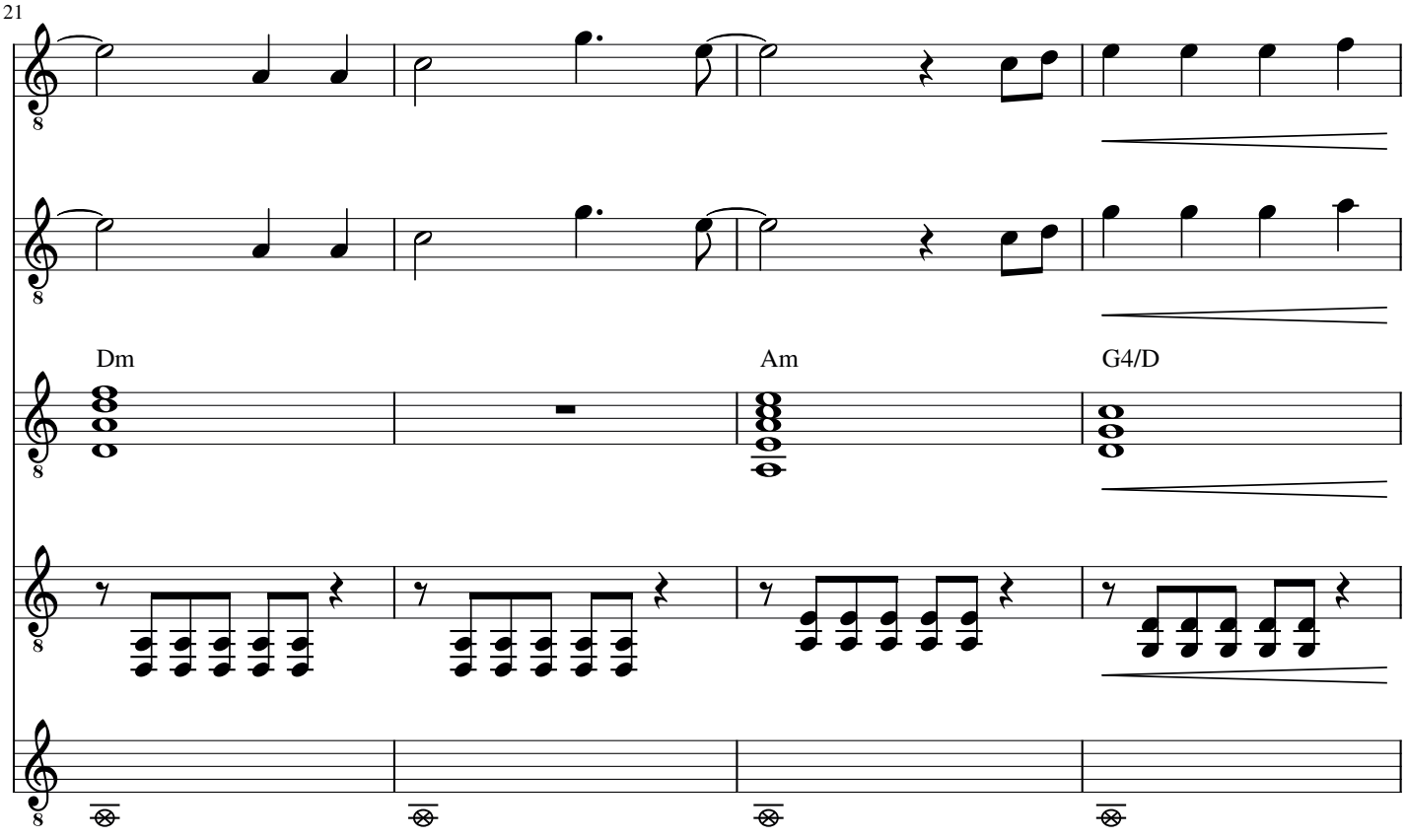
Arranjo Bruno Soares

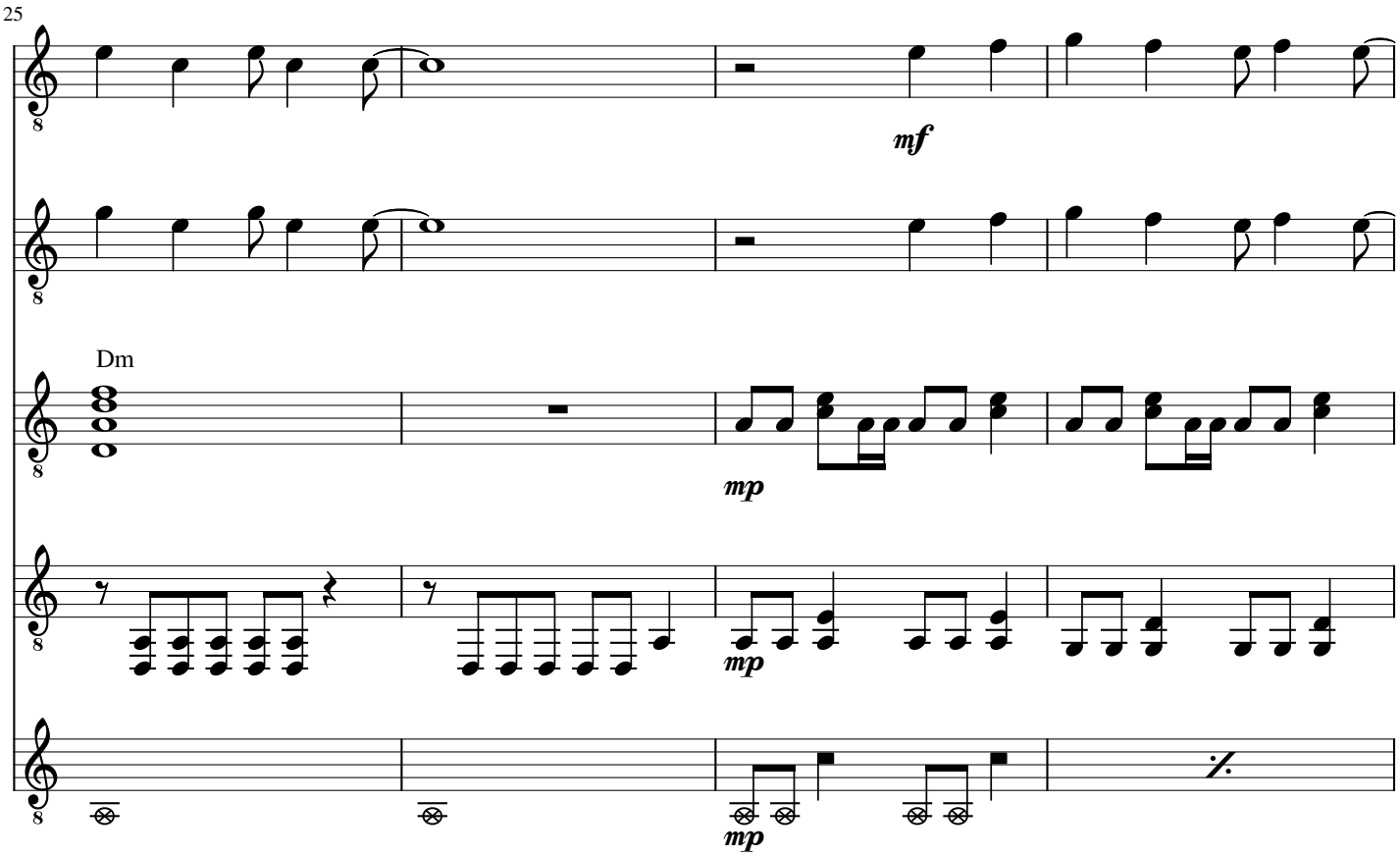
Dead Fish

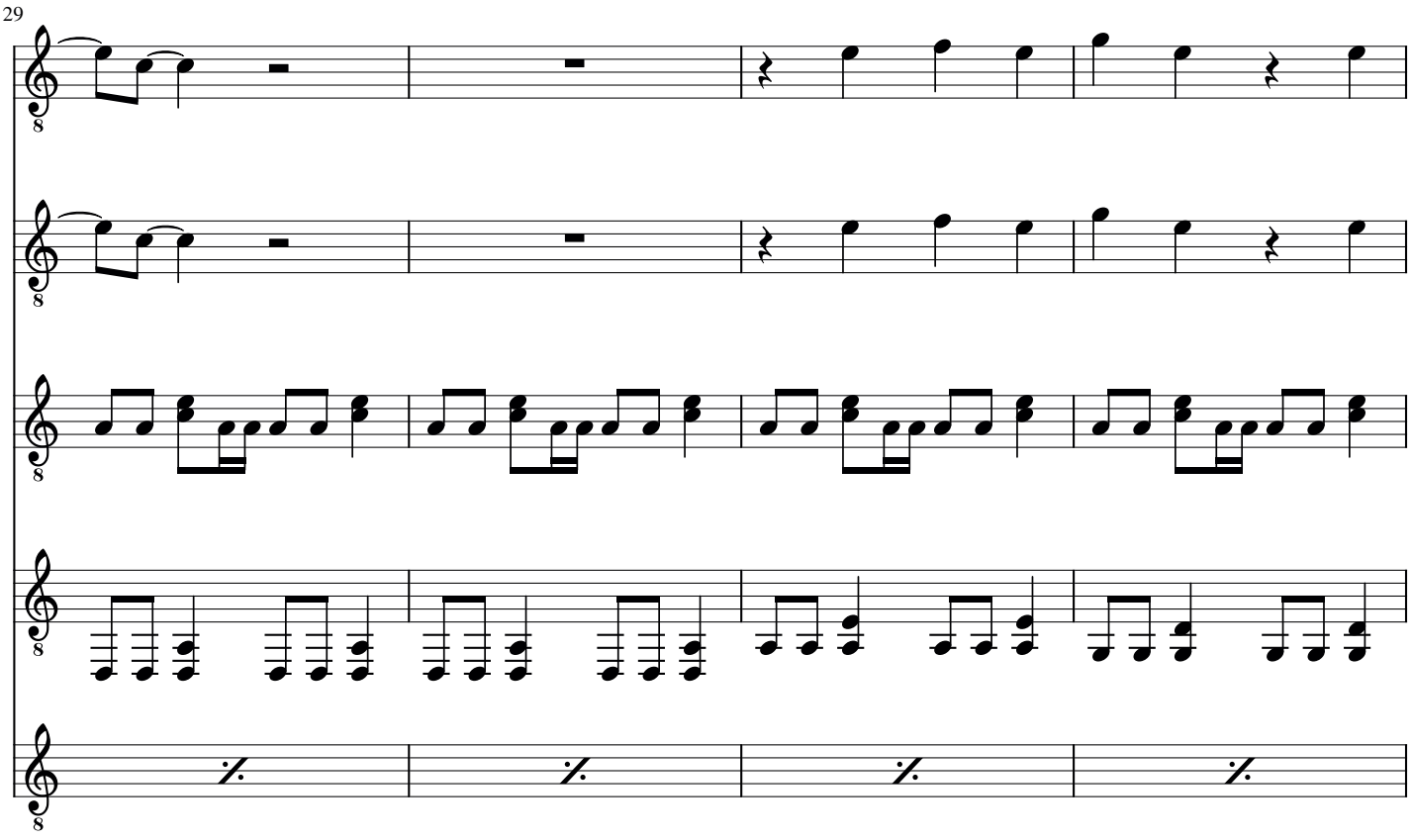


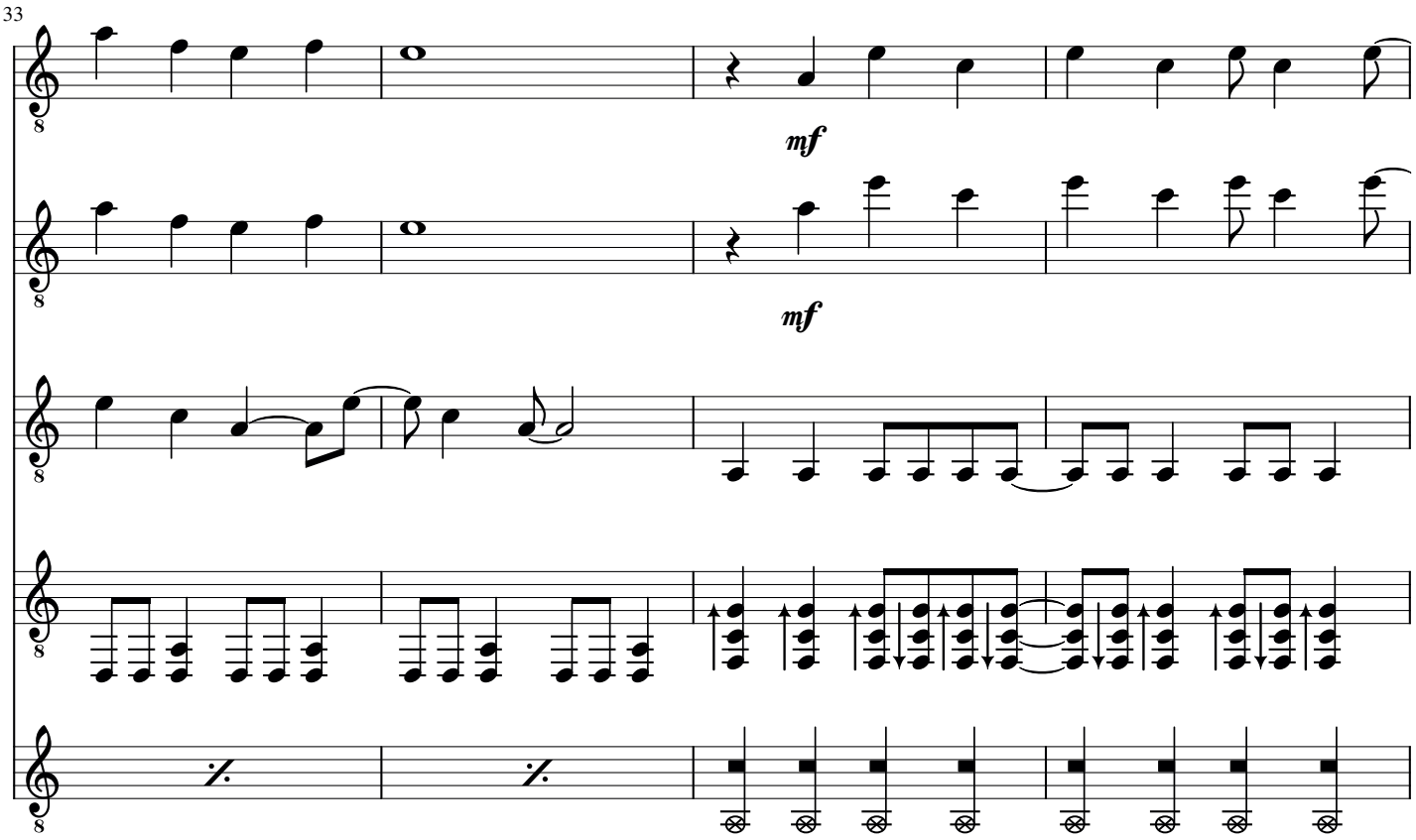

9
full
f
full
f
G
Am
F
G
mp
mf
mp
13
full
full
G
Am
F
G
mp

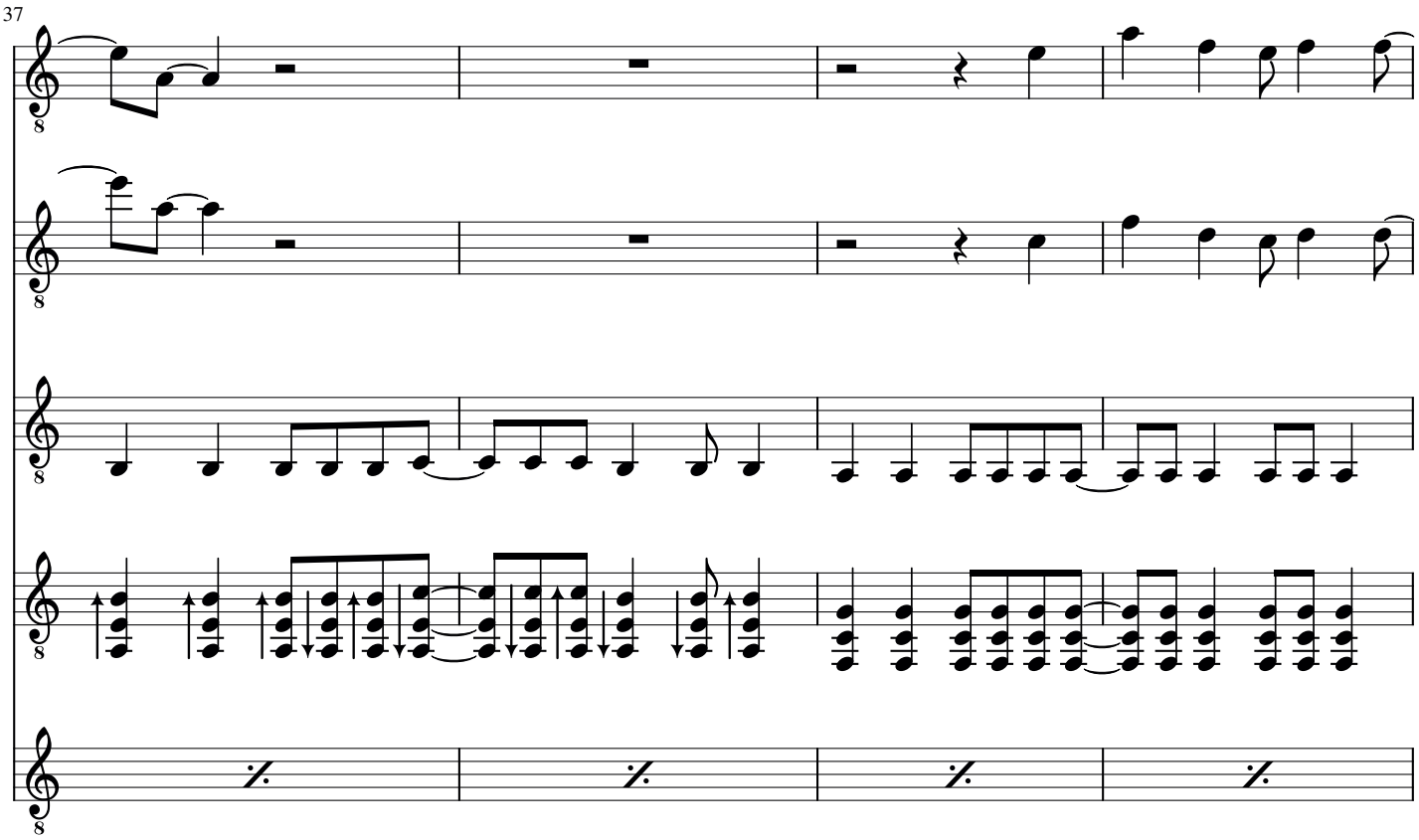

17
mp
mp
Am
F
p
p
p

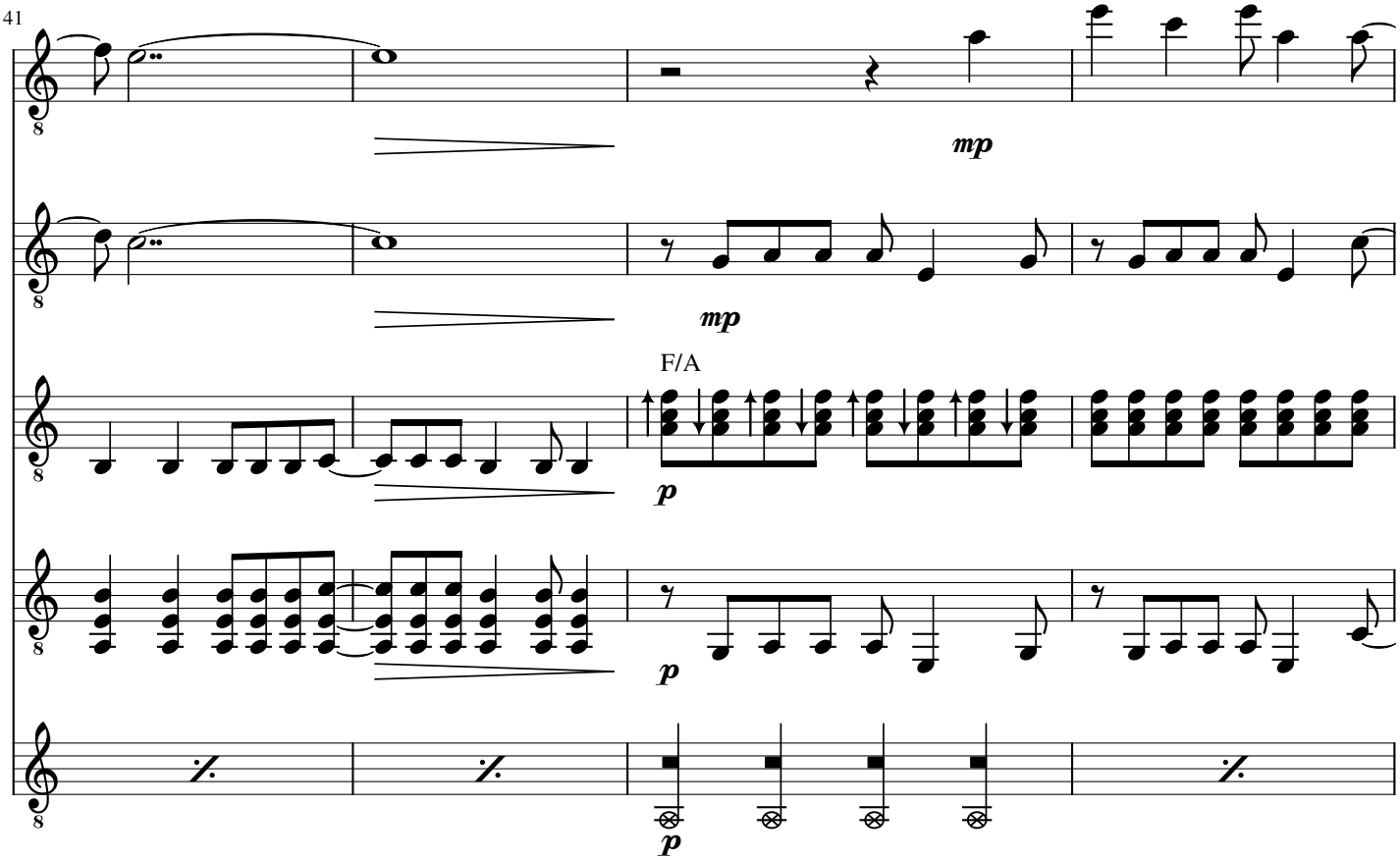

21
Dm
Am
G4/D

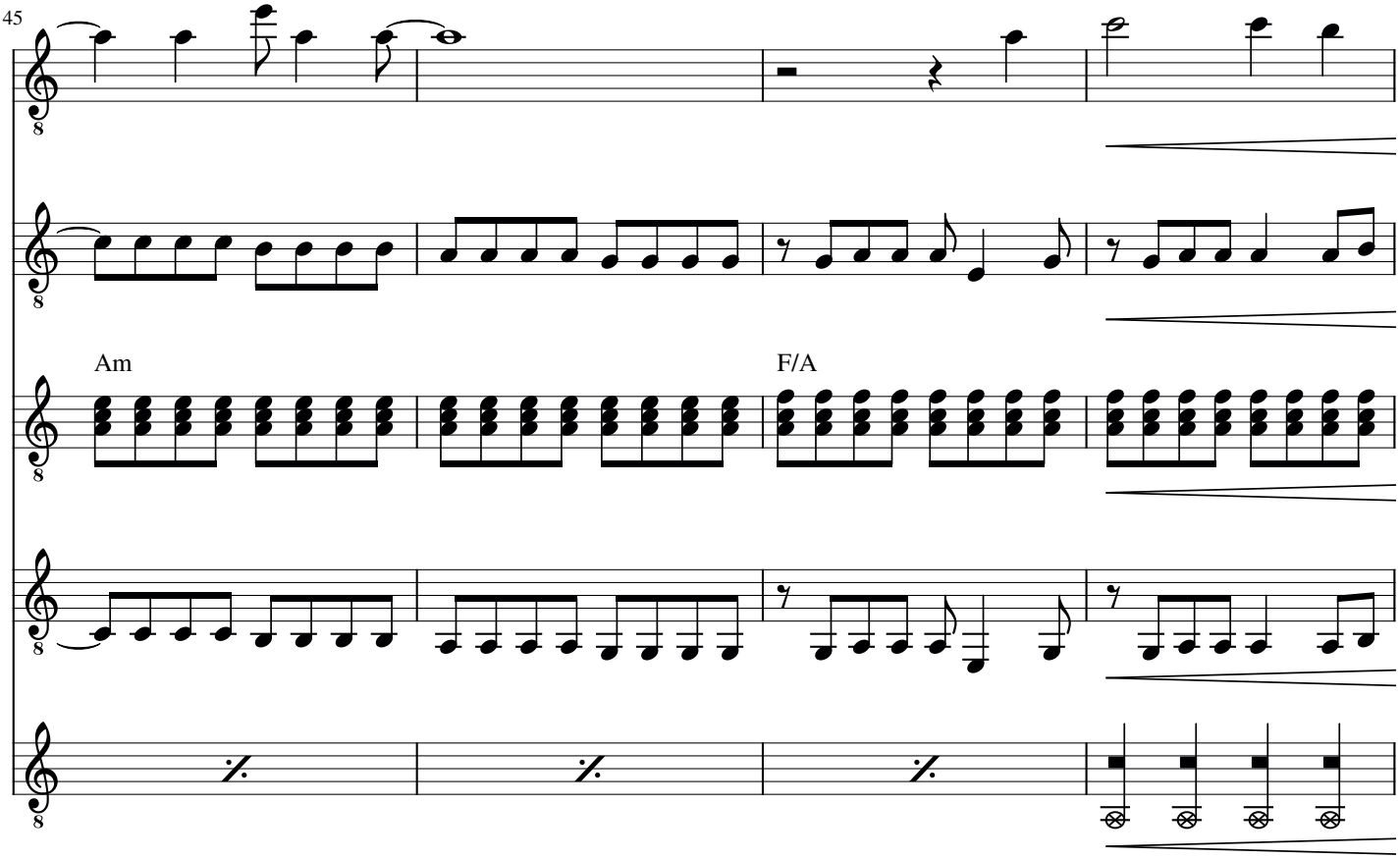

25
mf
Dm
mp
mp
mp

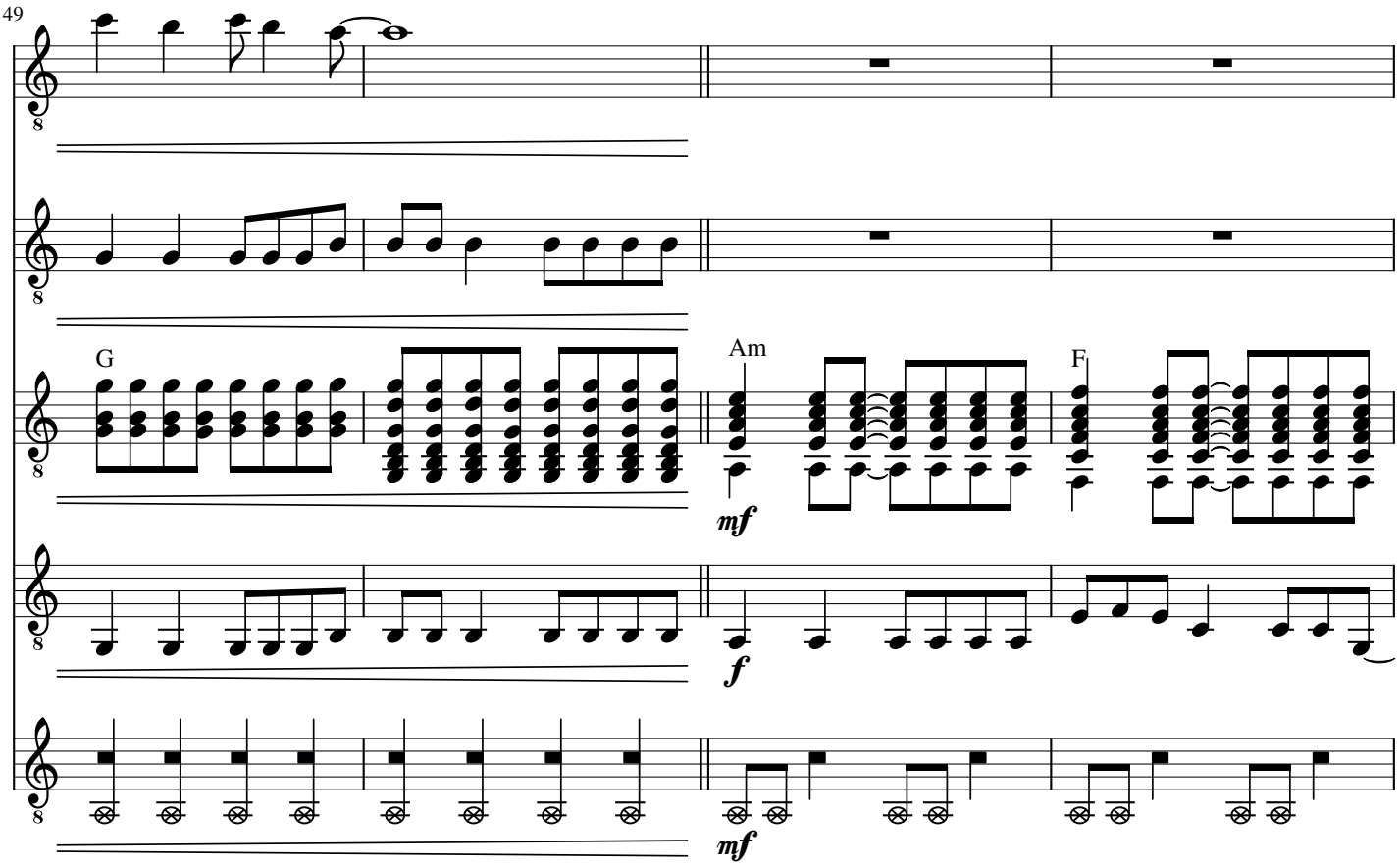

29

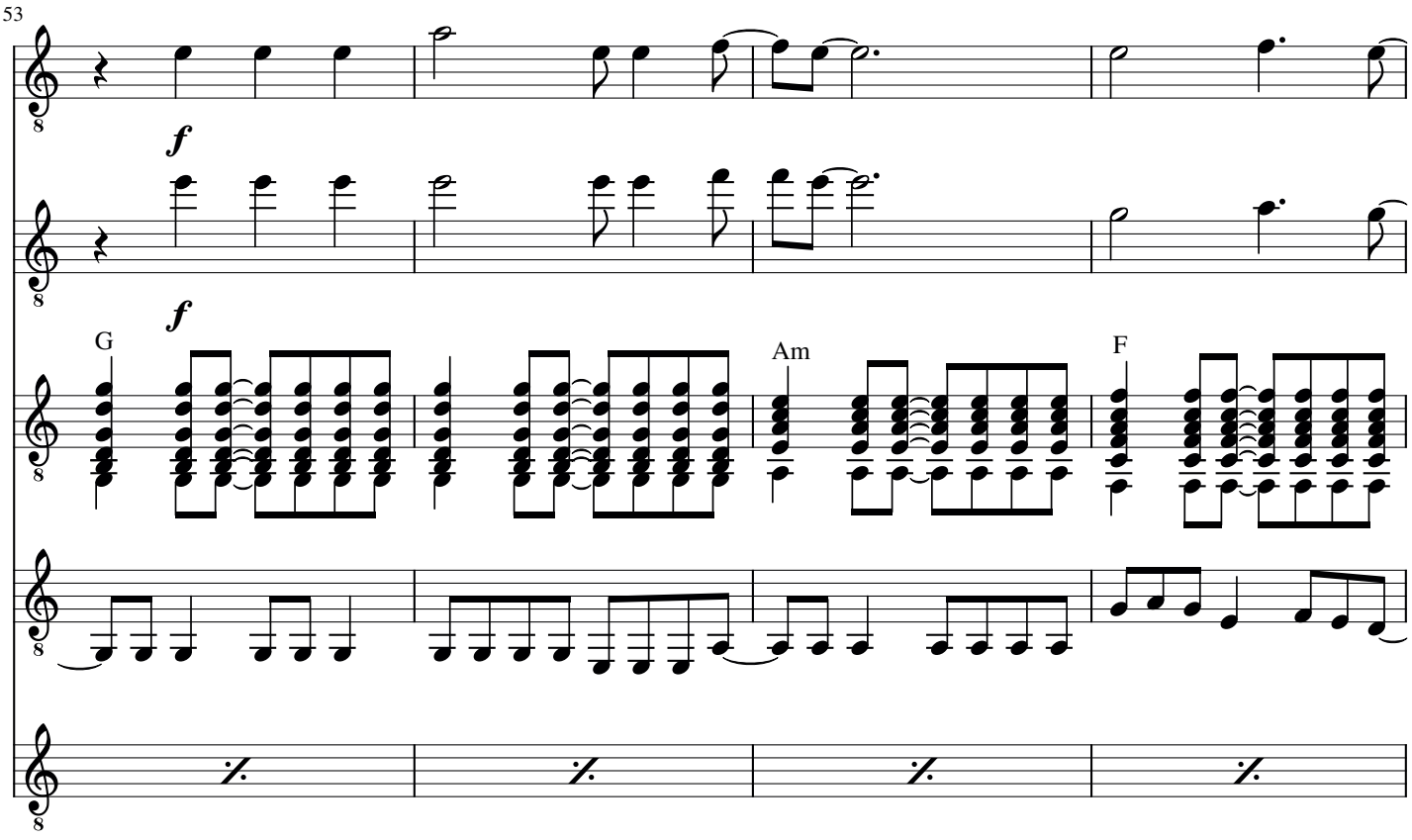

33
mf
mf

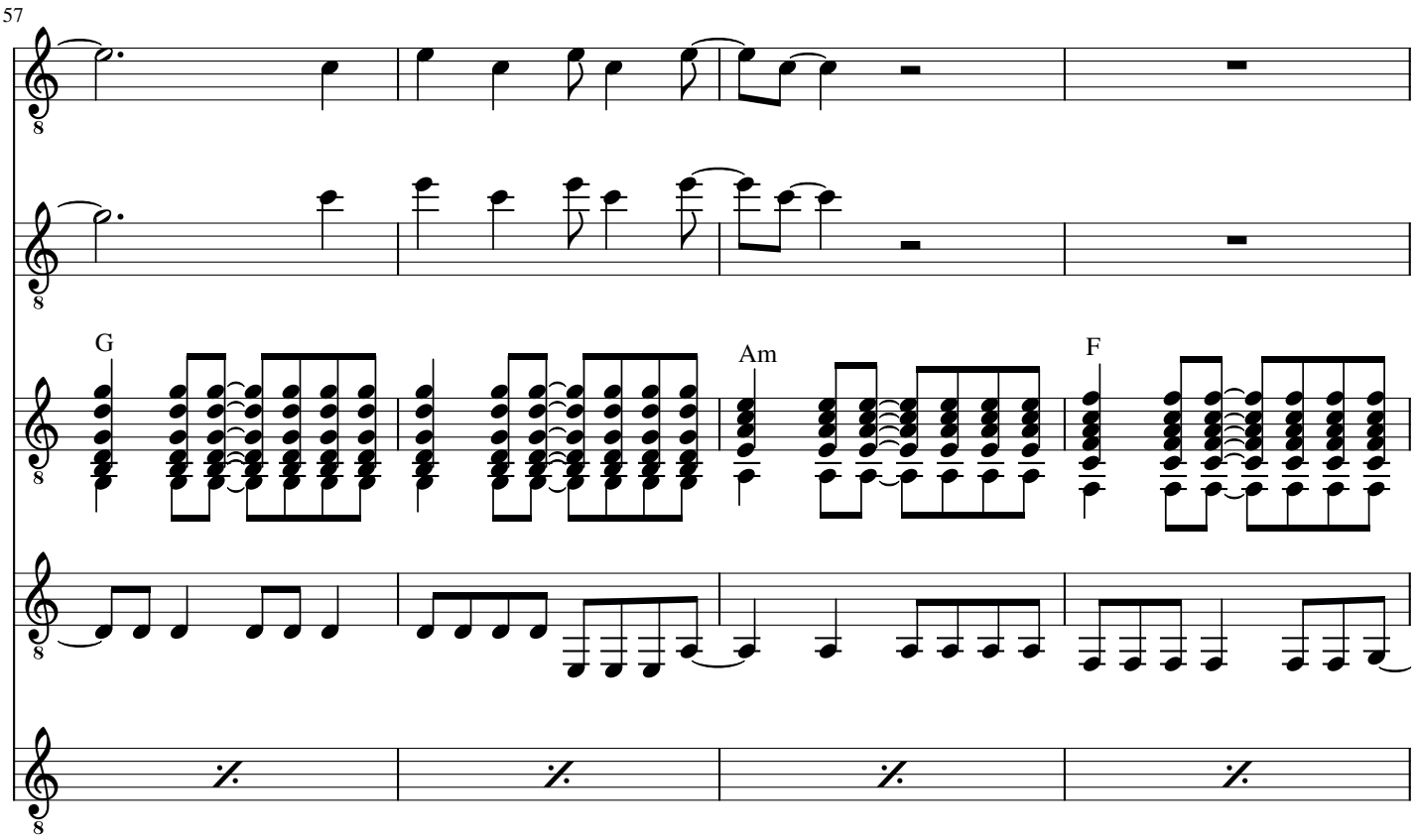

37

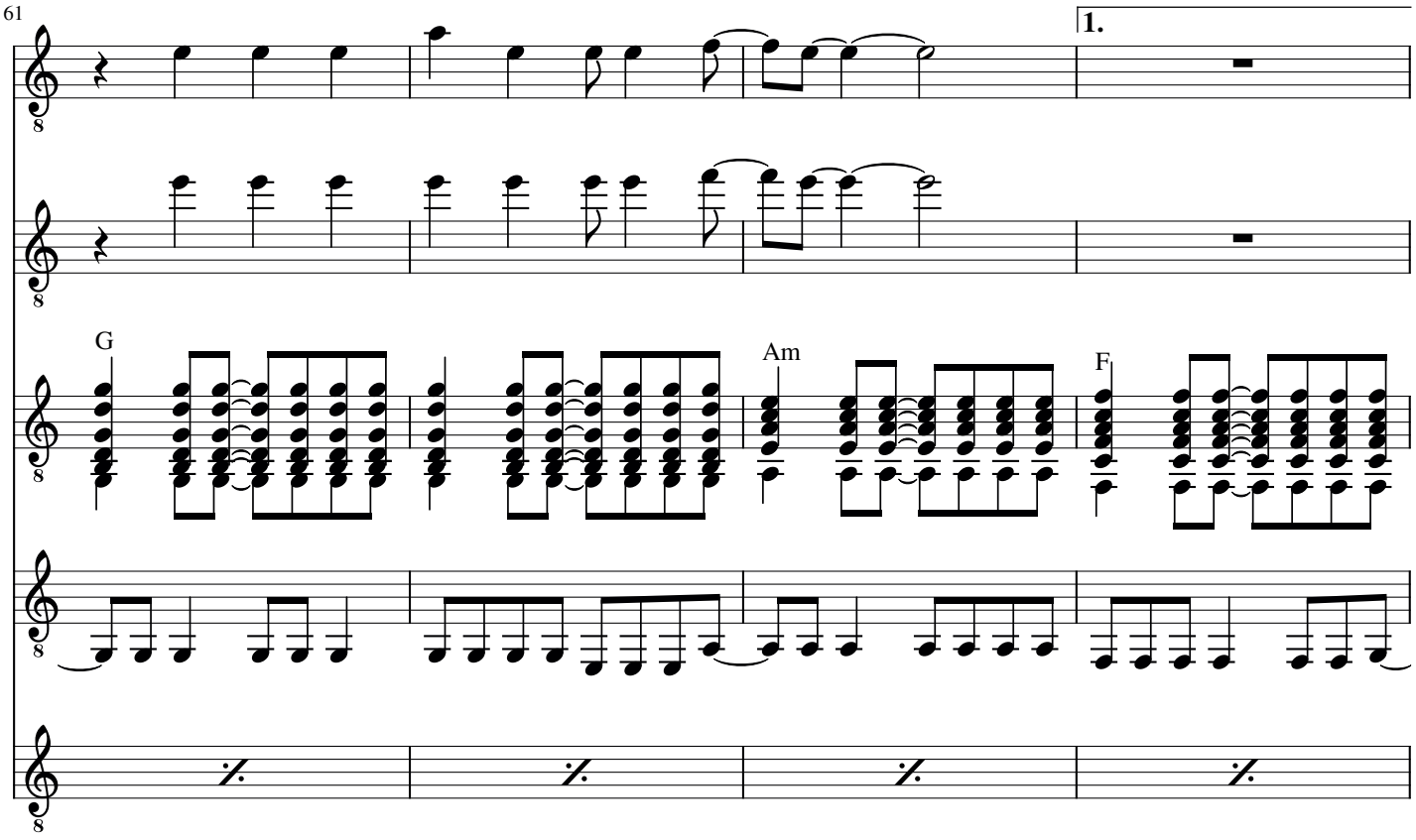

41
mp
mp
F/A
p
p
p

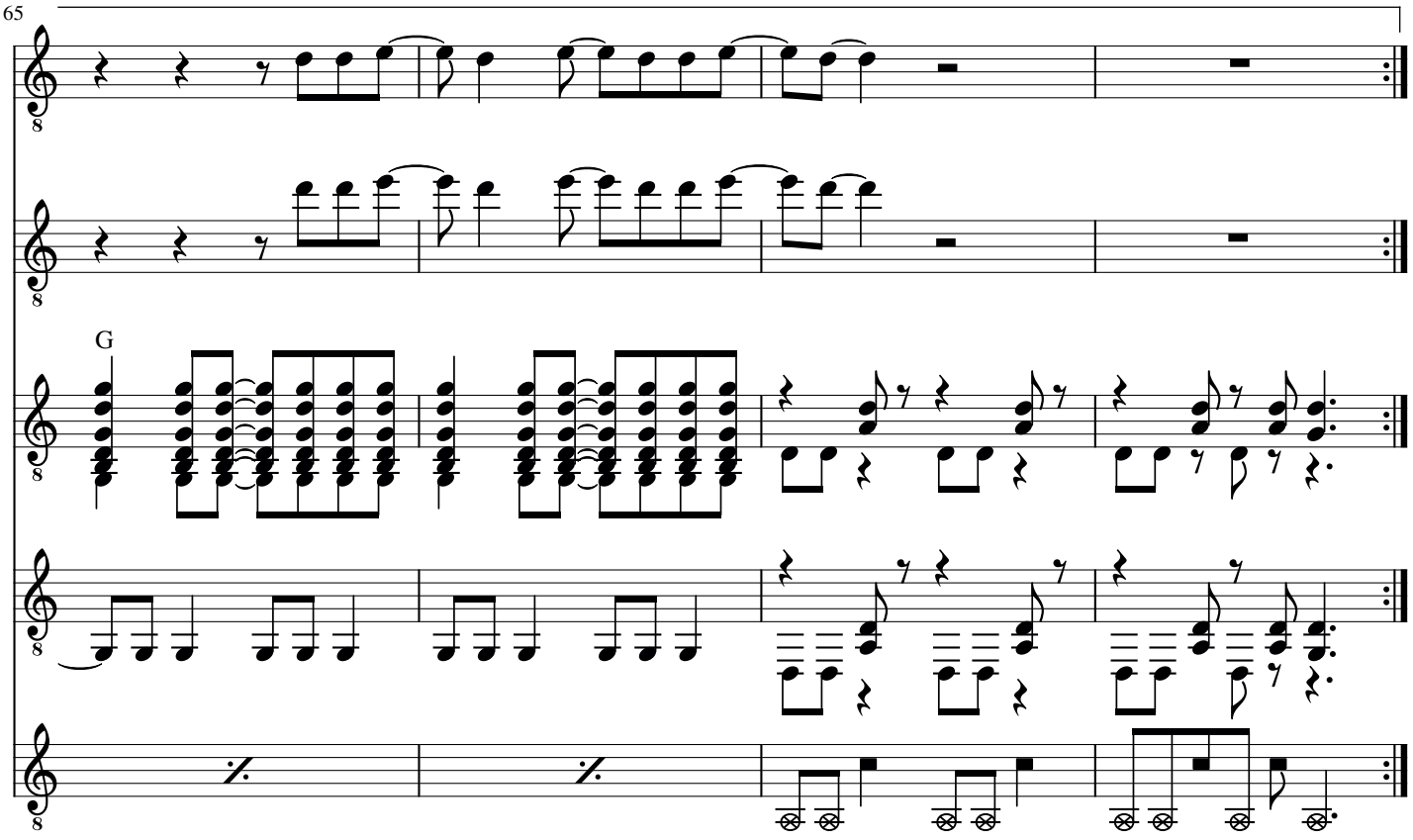

45
Am
F/A

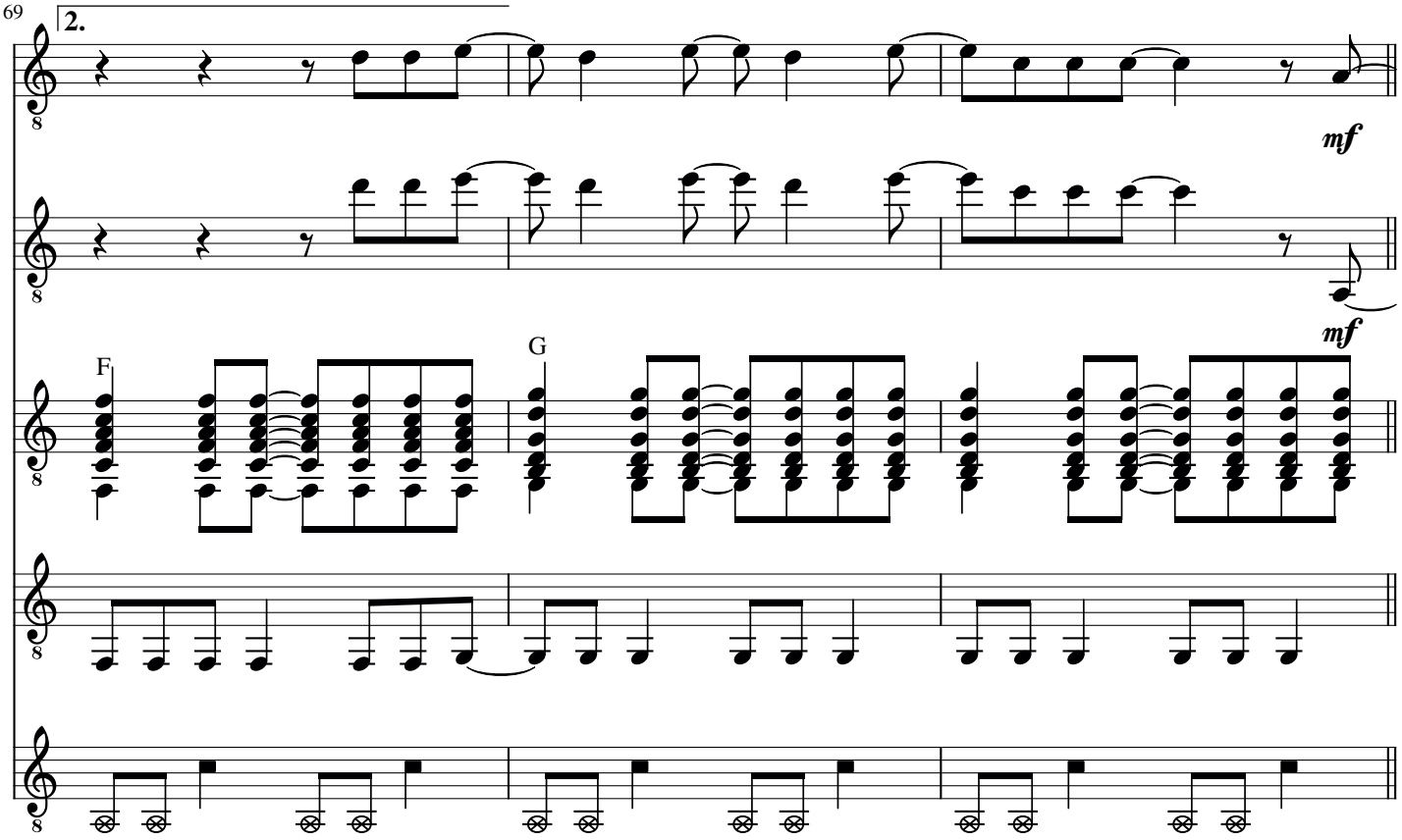

49
G
Am
F
mf
f
mf

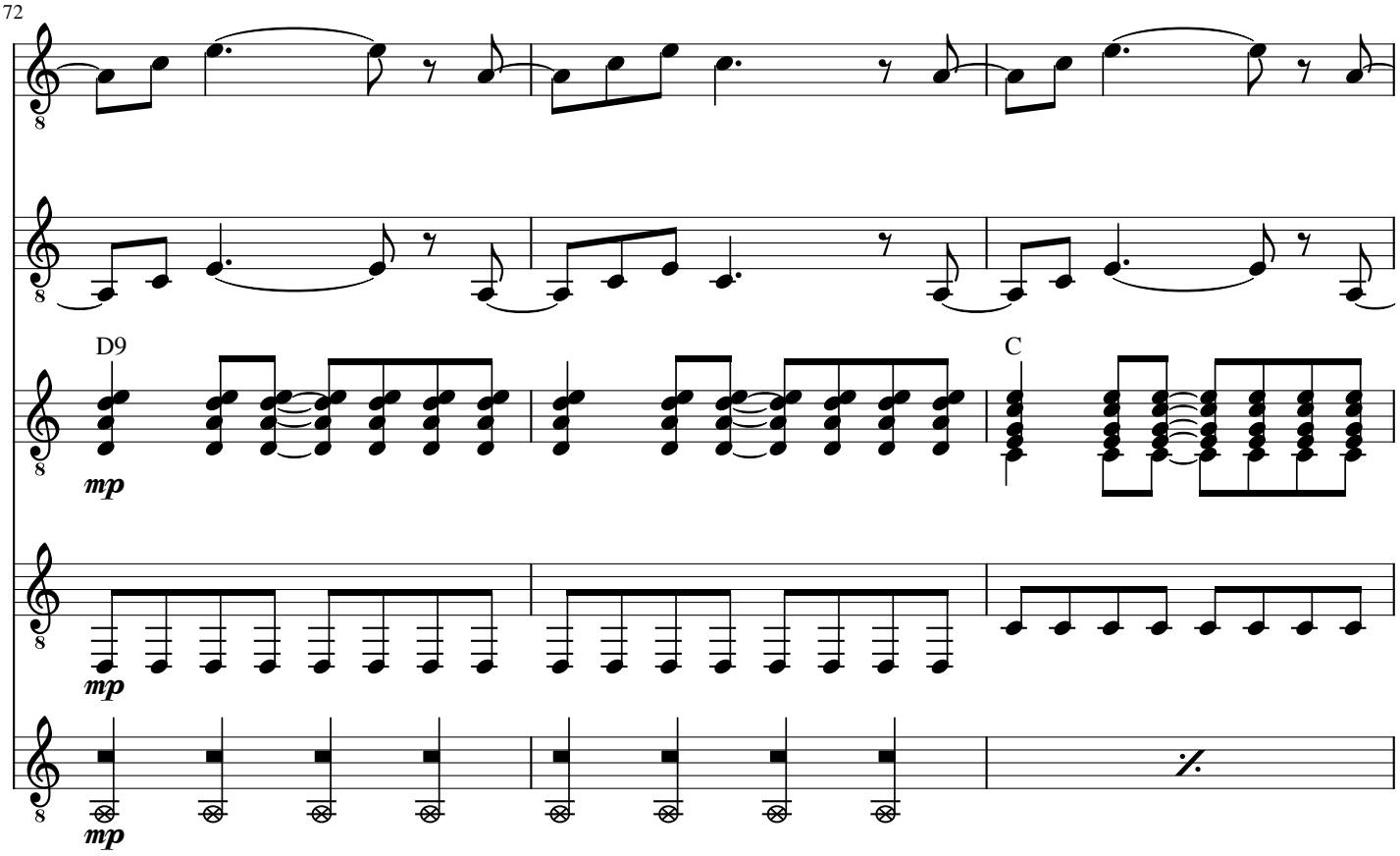

53
f
f
G
Am
F

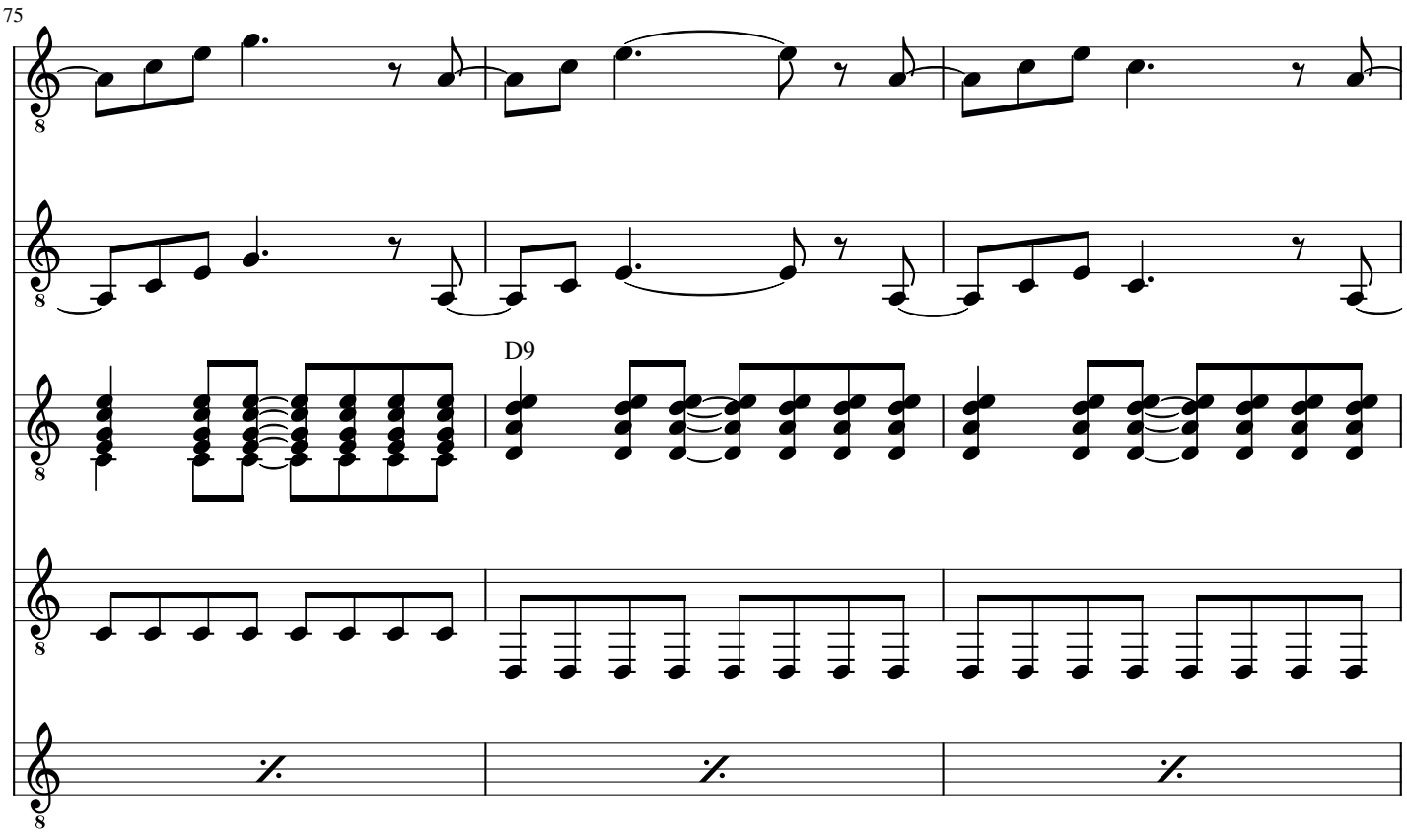

57
G
Am
F

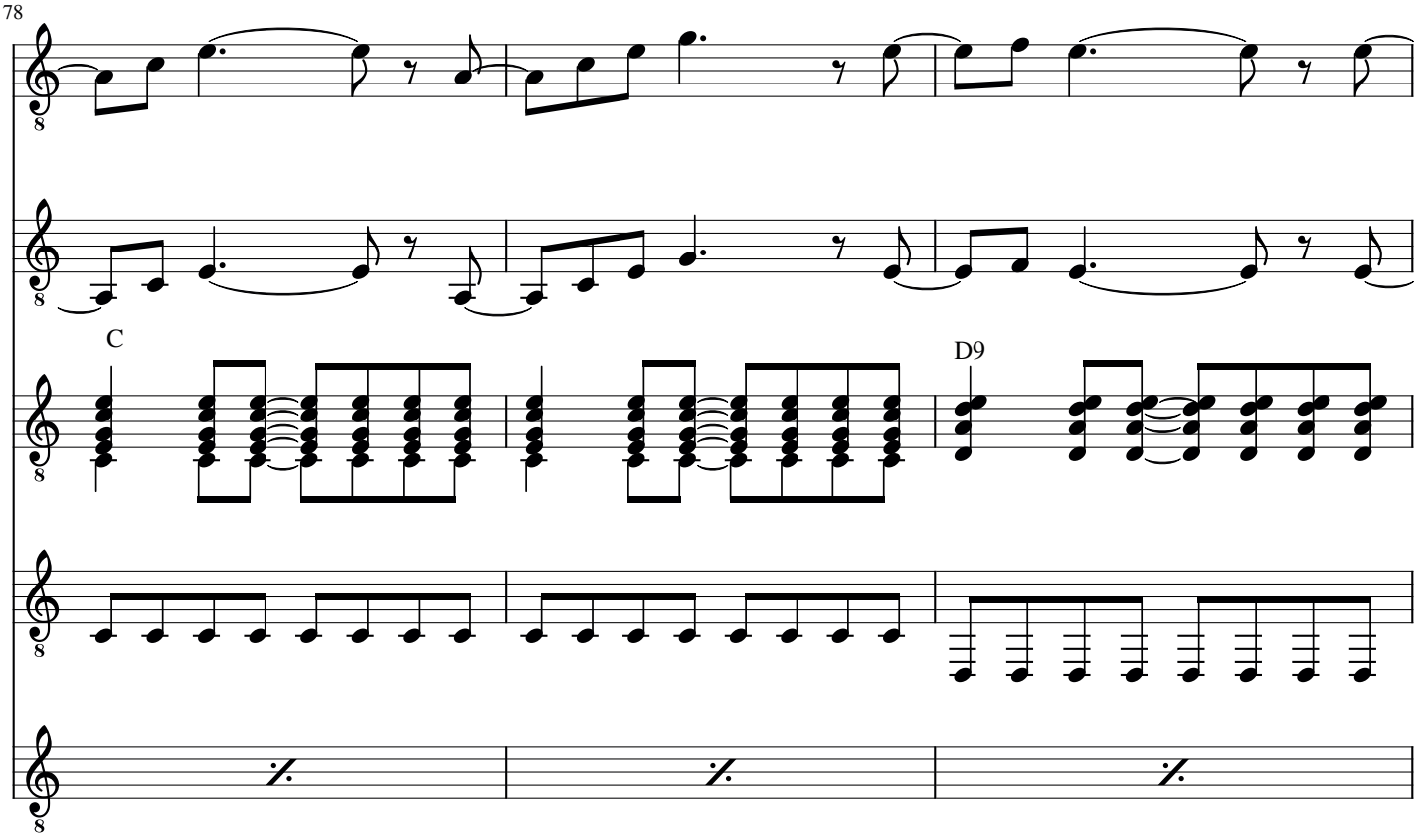

61
1.
G
Am
F

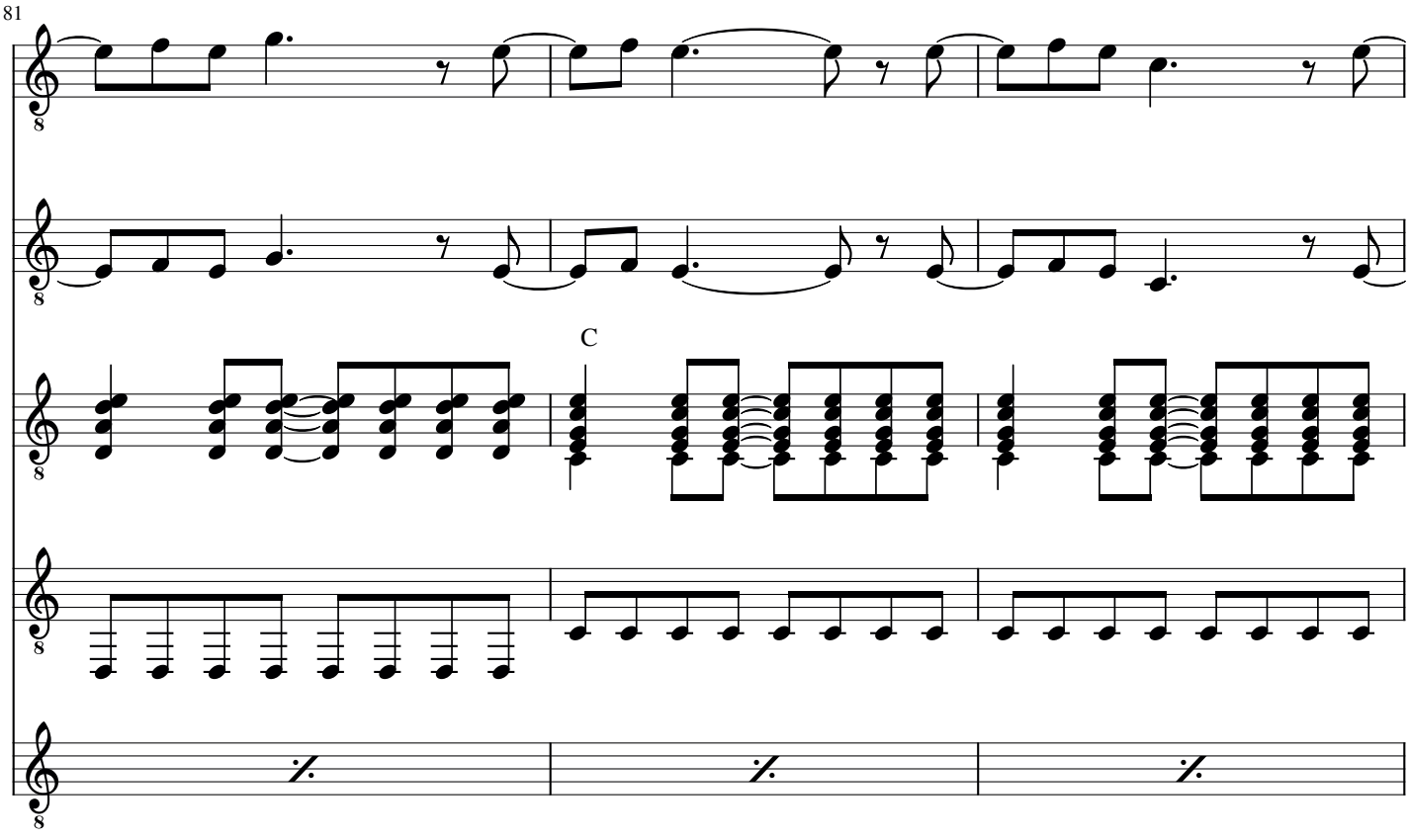

65
G

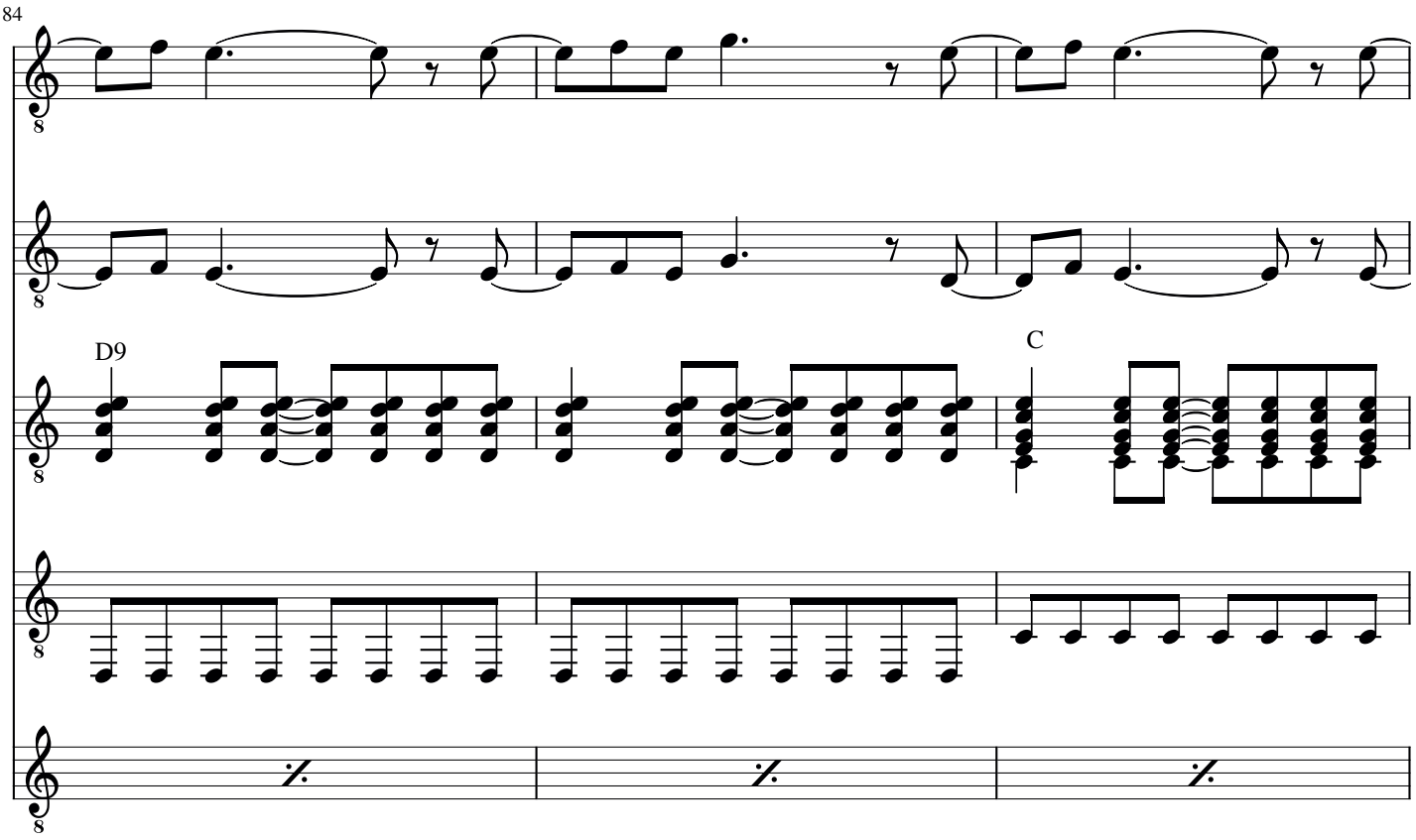

69
2.
mf
mf
F
G

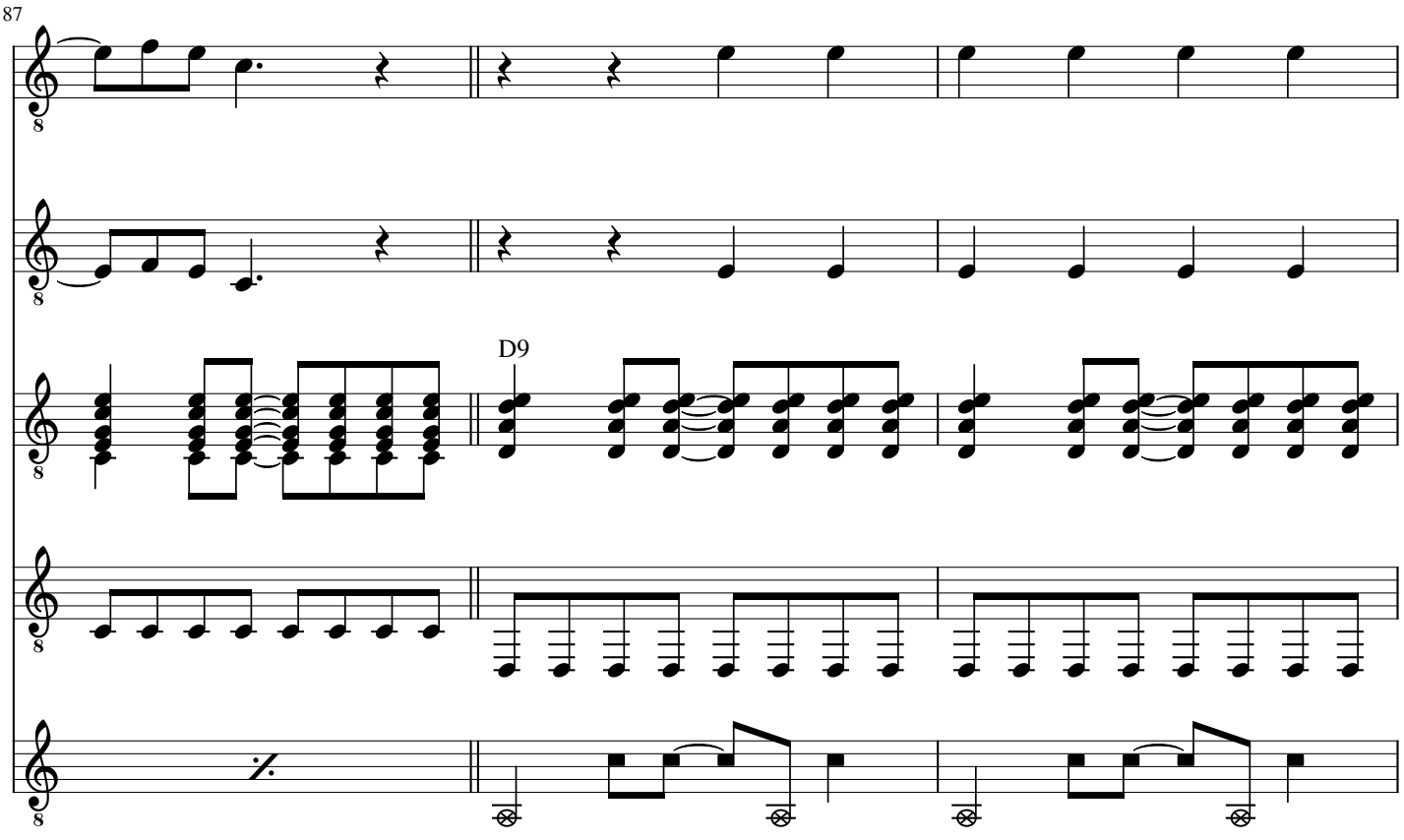

72
D9
C
mp
mp
mp

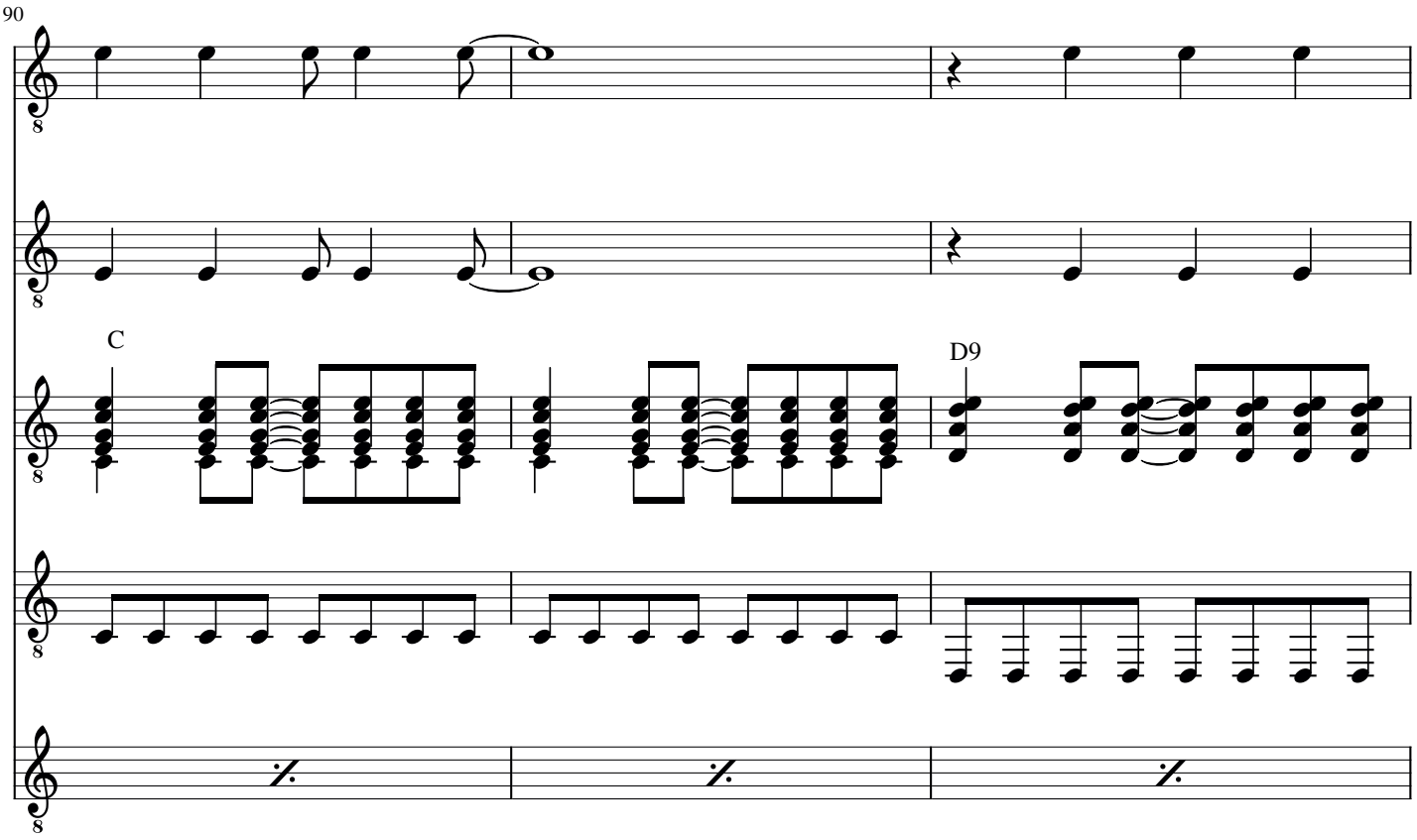

75
D9

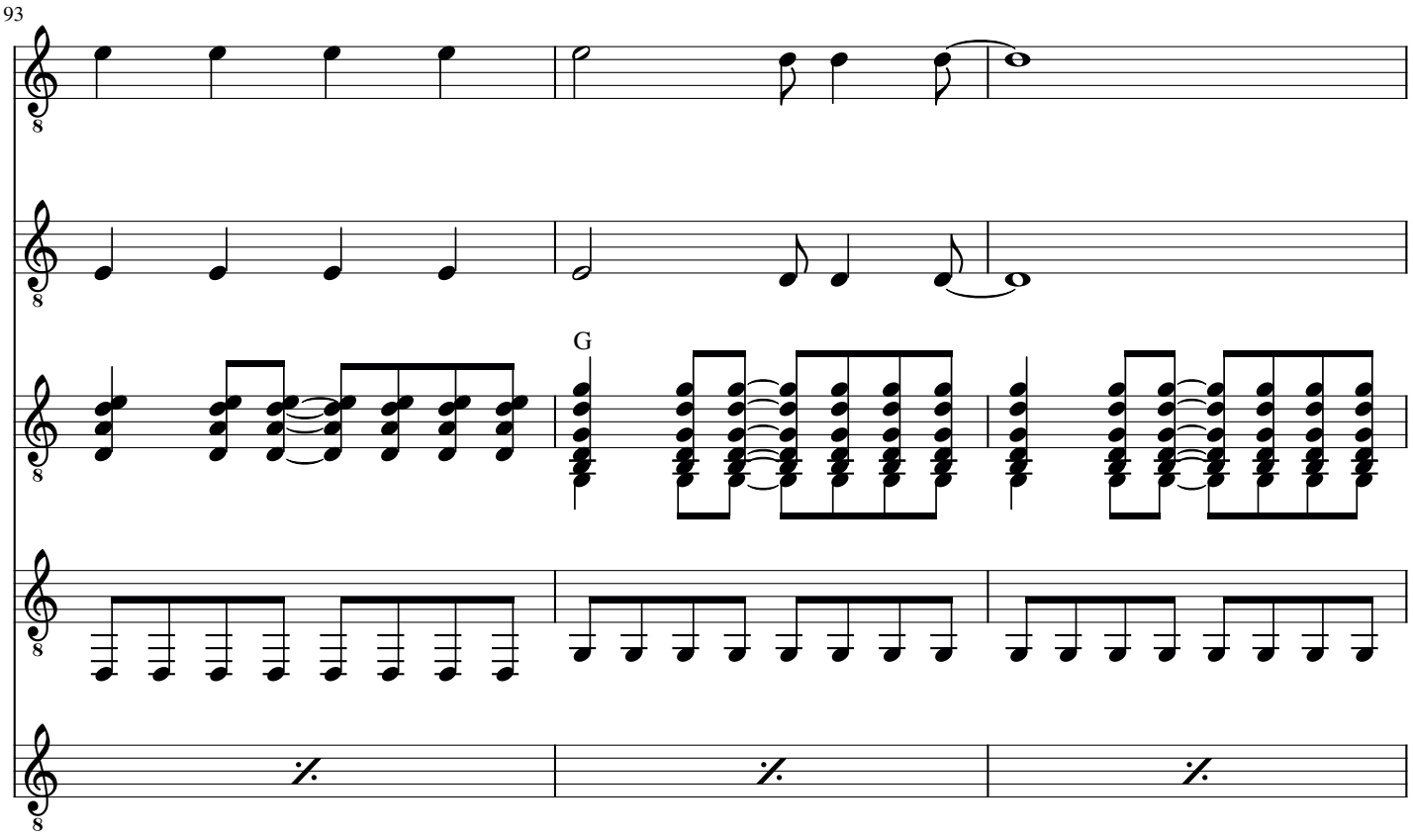

78
C
D9

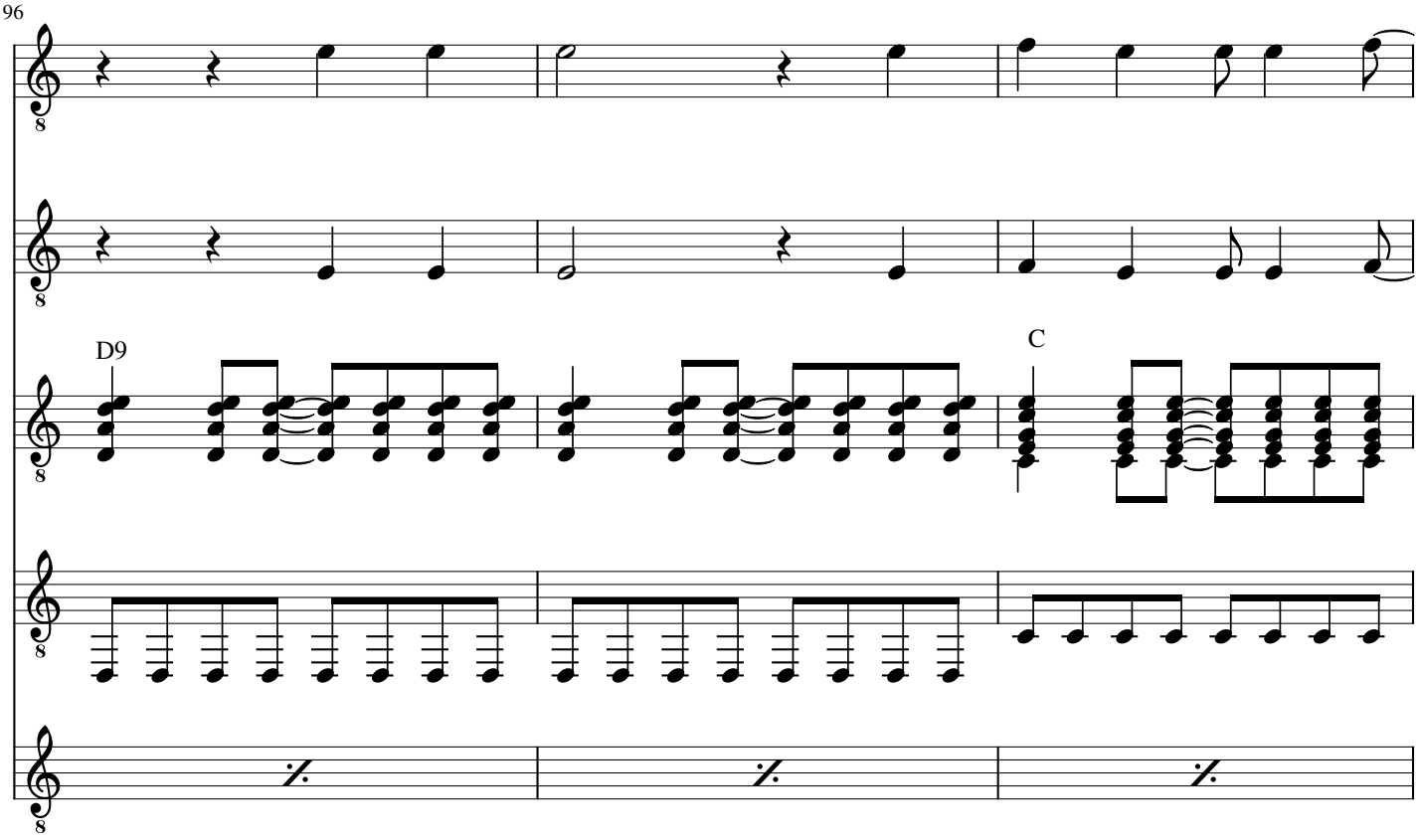

81
C

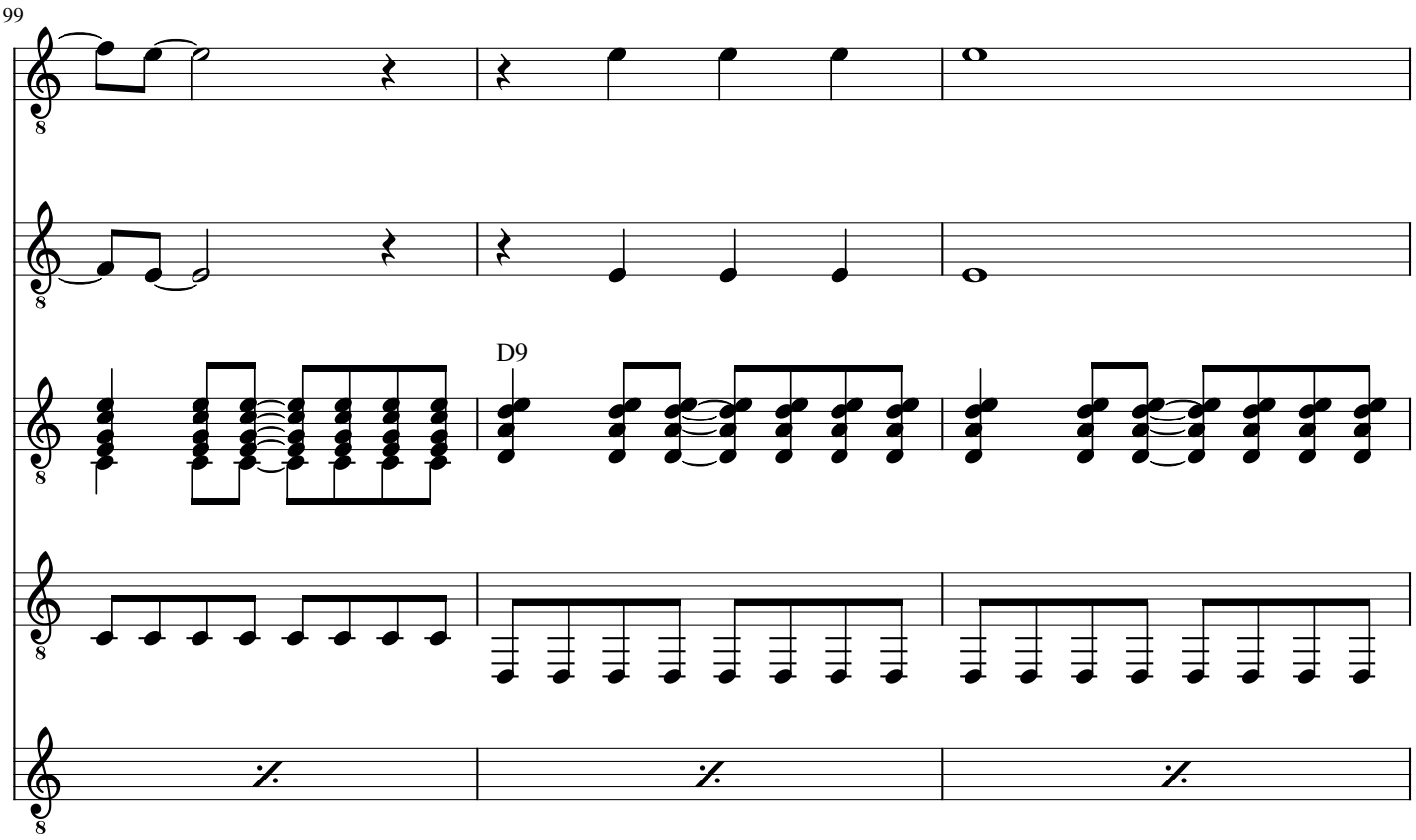

84
D9
C

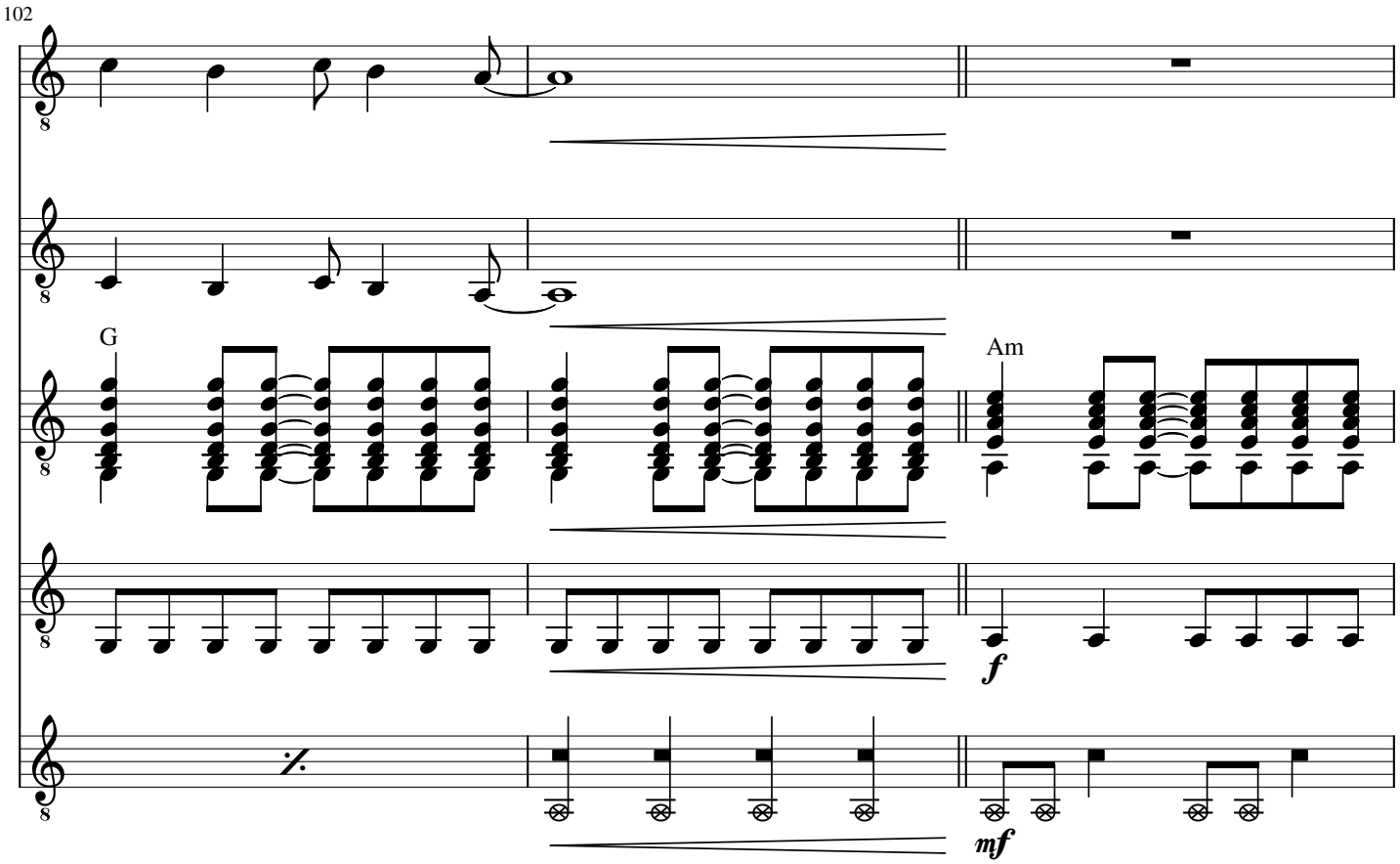

87
D9

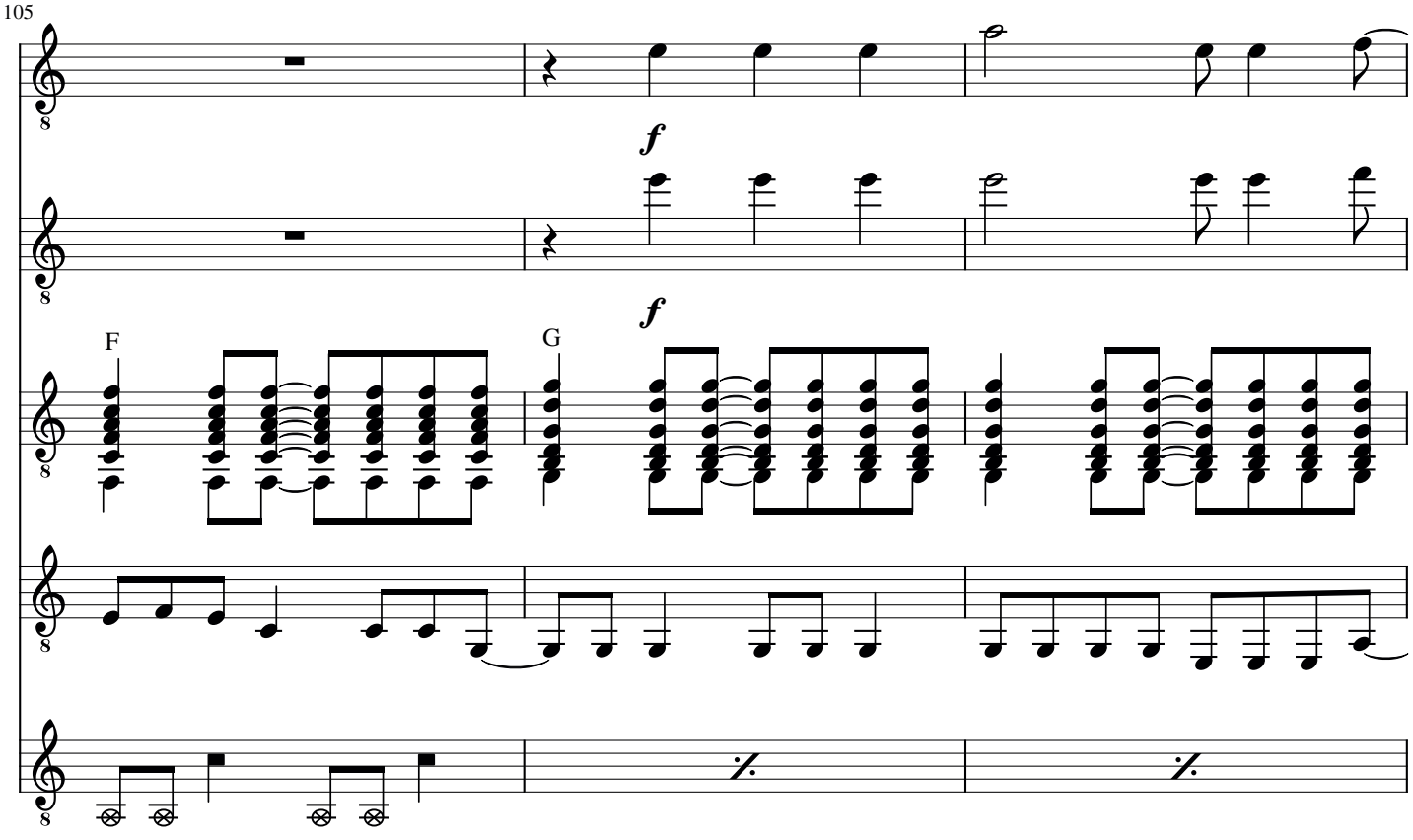

90
C
D9

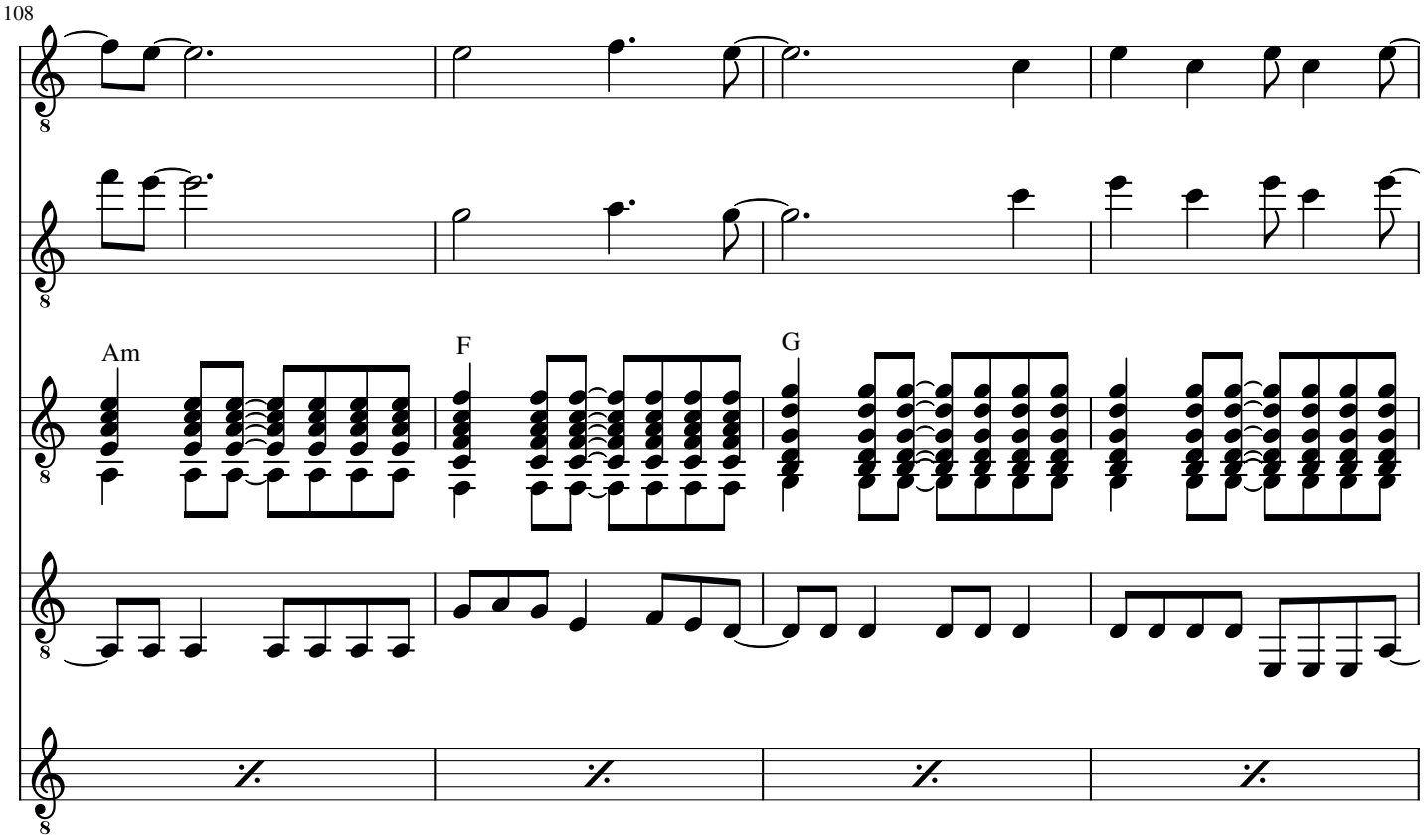

93
G

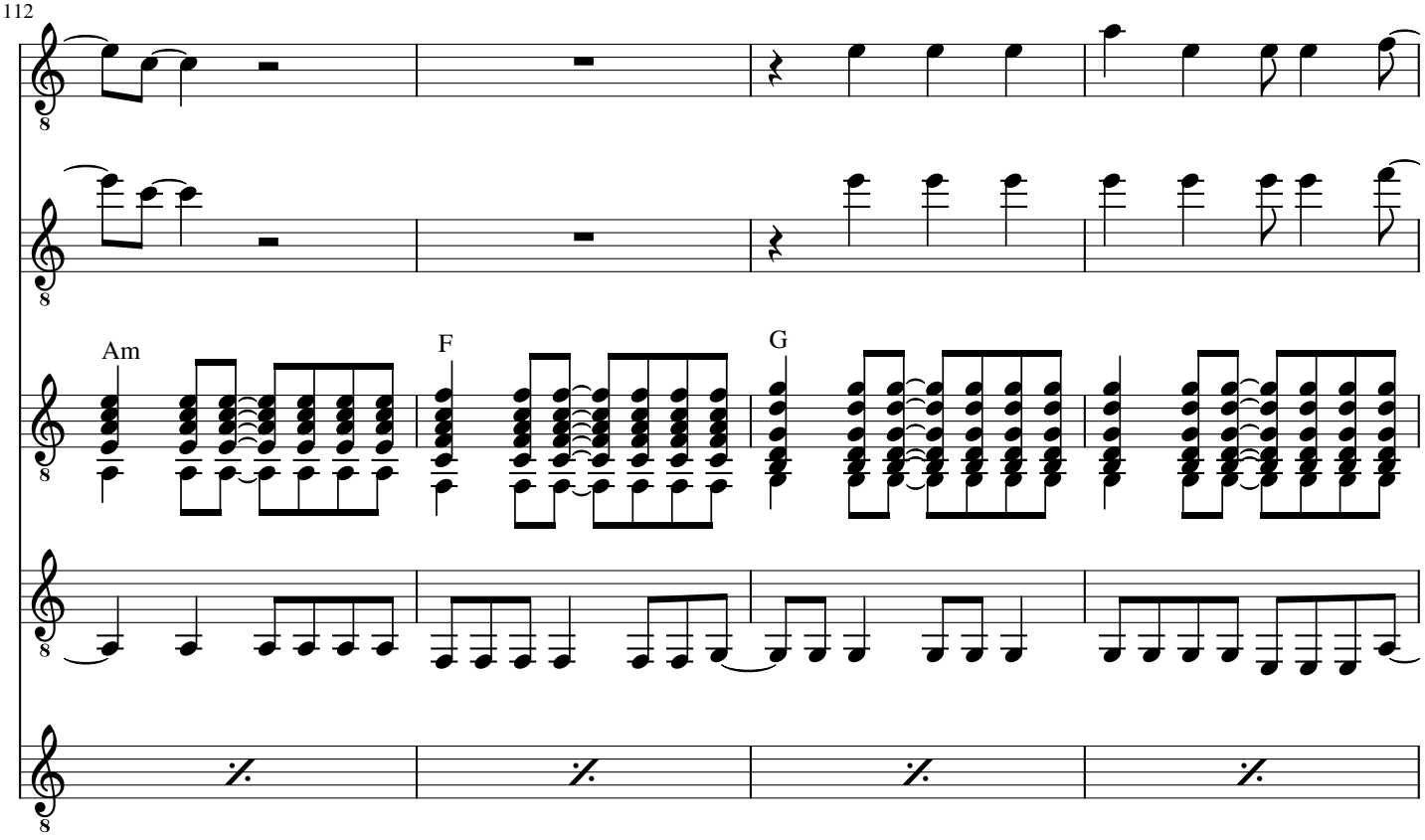

96
D9
C

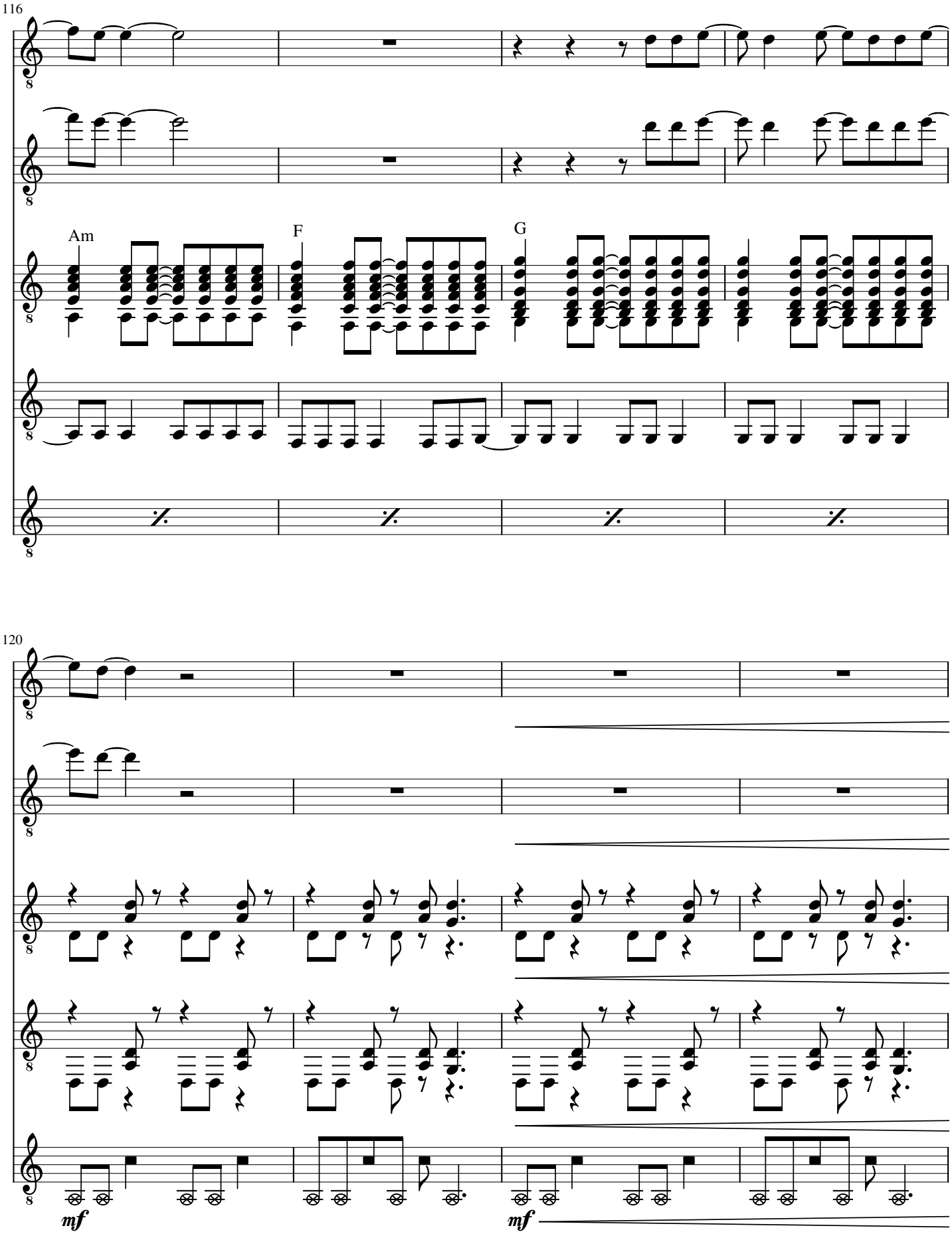

99
D9

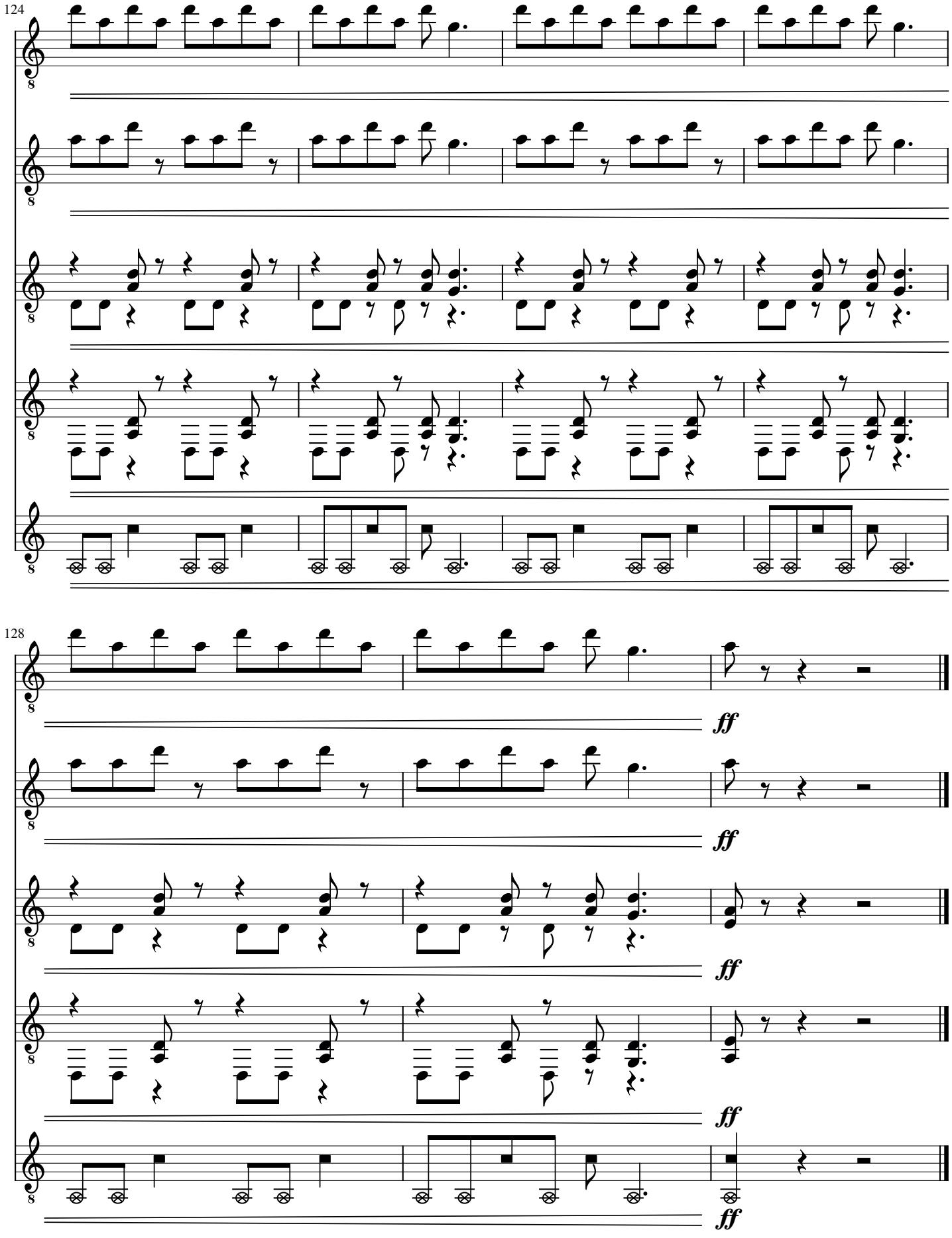

102
G
Am
f
mf


105
f
f
F
G


108
Am
F
G


112
Am
F
G


116
Am
F
G
120
mf
mf


124
128
ff

Hereança Negra

Herança Negra

José Roberto Santos Neves

Raras são as bandas que possuem tanta identificação com o seu lugar de origem como a Herança Negra. Formado em 1998, o grupo se orgulha de suas raízes em Jesus de Nazareth, bairro banhado pela baía da Capital e que guarda uma história de luta e resistência de seus moradores. Na década de 1950, quando o espaço começou a ser ocupado pelas famílias que ali chegavam, em busca de um pedaço de terra e atraídas pela atividade pesqueira, não havia água e energia elétrica no local. Muitos moradores foram expulsos e tiveram seus barracos demolidos por determinação da prefeitura municipal. Foi somente em meados da década de 1990 que o bairro recebeu a atenção devida do poder público. O período coincide com a ascensão do Herança Negra, cujos integrantes, em sua maioria, cresceram na região.

Com mais de 20 anos de estrada, hoje pode se afirmar que a banda representa uma identidade cultural do bairro, juntamente com a pesca, as escadarias, a vista exuberante do mirante próximo das torres de energia, a paisagem da baía de Vitória e a moqueca capixaba feita no Bar do Bigode.

"Essa é a história de um brasileiro que cresce nas ruas para sobreviver", canta o vocalista Jonathan em "Sinal de Alerta", uma das músicas mais recentes do Herança Negra, inspirada na vida de um adolescente, dentre tantos outros no Brasil, que teve seu futuro roubado pela negação de direitos sociais básicos. O enfoque crítico e social das letras do Herança Negra é uma das marcas do grupo desde a sua fundação, bem como a escolha do reggae como gênero musical majoritário sobre o qual gravitam os demais elementos que compõem o mosaico sonoro da banda – soul music, funk, samba, pop, rap, rock e um certo acento latino que acaba conferindo um charme a mais para a sonoridade do grupo.

Tem sido assim desde o início, quando os amigos Nelinho P2 (contrabaixo e vocal), Mr. Kim (guitarra e vocal), Allan Patrick (bateria e vocal) e Barol (teclados e vocal) se reuniram para fazer um som numa conexão entre Jesus de Nazareth e Flexal I, bairro de Cariacica. Antes de se chamar Herança Negra, o grupo se apresentava fazendo covers. O time se fechou com a entrada do vocalista Jon Santos, no final de 1997, seguido de Jorman (percussão) e Roberto Isaac (guitarra solo), em 1998. Naquele ano, com a saída de Allan Patrick, Léo Cobal assumiu a bateria.

No mesmo ano, já como Herança Negra, a banda gravou seu primeiro single, "No Caminho do Reggae", lançado no programa "Vitória Reggae", então apresentado por Alexandre Lima e Serjão Nascimento na Universitária FM. O cenário era favorável, com as bandas autorais abrindo espaço nas rádios e nos palcos. Havia uma efervescência jovem em busca de afirmação na cena cultural capixaba, e logo o Herança Negra se juntou a um movimento que incluía Manimal, Casaca, Java Roots, Pé do Lixo, Salvação e Rastaclone, entre outras bandas em ascensão naquele momento. O movimento encontrou eco no Festival Dia D, criado em 1999 como um painel da produção cultural do Espírito Santo, e lá estava o Herança Negra, participando da primeira edição do

festival, numa Praça do Papa lotada, graças a uma gravação enviada numa fita K7 para a organização do evento.

O ritmo dançante do Herança Negra, as apresentações eletrizantes e o visual roots de seus integrantes, repletos de *dreadlocks* (as tranças no cabelo, vistas como "antenas para falar com Jah", segundo a religião rastafári), tiveram aceitação junto à juventude capixaba. O primeiro álbum era uma questão de tempo. Em 2002, era lançado "De Um Povo Guerreiro", com distribuição da Lona Records. Das 15 faixas, "A Nova" foi a que obteve mais destaque, com exibição de clipe na MTV e no "Domingão do Faustão".

Após o lançamento do álbum, o Herança Negra pegou a estrada e percorreu 52 municípios do Espírito Santo com uma série de shows que incluiu o Festival de Música de Alegre, o Linhares Mix e a Festa de São Pedro, na Capital. Os passos seguintes foram a estreia em palcos paulistanos, a convite da 89 FM, na lendária casa de shows Blen Blen; e em Belo Horizonte, no Lapa Multishow.

Logo a banda sentiu a necessidade de transpor a energia dos shows para o disco e, assim, em 2004, lançava o álbum ao vivo "Você é do Tamanho do seu Sonho", com músicas inéditas, novos arranjos para faixas do primeiro álbum e uma versão de "D'yer Maker", do Led Zeppelin. Um dos destaques desse disco foi "Estrela da Paz", parceria de Beto Pepê e Júnior Barriga.

Após o lançamento do disco ao vivo, a banda fixou residência em São Paulo, conquistou o primeiro lugar no Festival Roots Reggae Joaca, em Florianópolis (SC), e dividiu o palco com Natiruts, Tribo de Jah e Planta e Raiz, entre outros nomes do reggae nacional.

O terceiro álbum, "Random", foi lançado em 2007, com Léo Molini na guitarra solo e contendo 18 faixas extraídas dos CDs anteriores e de registros ao vivo. Atenção especial para "Herdeiros Guerreiros", fusão de reggae e samba temperada por guitarras distorcidas e um refrão libertador que convida o povo negro a assumir os destinos da nação. A boa repercussão do álbum levou a banda a produzir uma música inédita em homenagem aos 456 anos de Vitória, a convite da TV Gazeta.

Uma vez conquistado o respeito do público capixaba e de outros Estados, faltava ainda a bagagem internacional. A oportunidade surgiu em 2010, ano em que o Herança Negra foi convidado para integrar a programação do Festival Espírito Poitou, na cidade de Celles- sur-Belle, na França, como parte de um intercâmbio que levou bandas capixabas a se apresentarem em solo francês.

Nos anos seguintes a banda se dedicou à produção dos singles "Sinal de Alerta" (2014) e "Miss Julie" (2015), esta uma versão de "Master Blaster (Jammin)", de Stevie Wonder, com participação especial de Léo Maia, filho de Tim Maia. Após a saída de alguns integrantes, em 2015 o Herança Negra deu uma pausa na carreira, voltando à ativa três anos depois com fôlego renovado e a formação estabilizada com Nelinho P2 (contrabaixo), Barol (teclados, percussão, backing vocal e beatmaker), Jon Santos (vocal, guitarra base e violão), Yohan Sipolati (bateria, backing vocal e beatmaker) e Patrick Barreto (guitarra solo, efeitos, violão e backing vocal).

O primeiro single da nova fase, "Segue o Baile", foi lançado em 2018 com as participações de Jura Fernandes e Da Ghama (Cidade Negra). O videoclipe, por sua vez, estreou com destaque no Canal Bis e contou com atuação da modelo e atriz Taí Brum

e de Jota Jr, que viralizou na internet com o vídeo "Fala gari". O lançamento oficial de "Segue o Baile" aconteceu no "Viradão Vitória" de 2018, diante de um público estimado em 15 mil pessoas.

A chama se acendeu novamente e o Herança Negra entrou em 2019 disposto a escrever os próximos capítulos dessa história de luta e resistência. Prova disso foi a presença da banda no Penha Roots, primeiro festival de reggae e forró pé de serra da Região do Caparaó; na 14ª edição do Festival Regado a Reggae, em Itanhaém, no litoral de São Paulo; e a tão esperada estreia na Festa da Penha, em Vila Velha, quando o Herança Negra teve a oportunidade de tocar na maior celebração religiosa do Espírito Santo. Ainda em 2019, chegou ao mercado o single "Te Levo Daqui", com participação especial do MC Jefinho Faraó e uma sonoridade dançante que liquidifica reggae, beats eletrônicos e a *disco music* setentista. Uma mistura coerente com a história e o conceito do Herança Negra - porque, como bem sabem seus integrantes, toda sua força vem da Mãe África, os seus valores, ritmos e tradições.

Integrantes:
Nelinho P2 (contrabaixo)
Barol (teclados, percussão, backing vocal e beatmaker)
Jon Santos (vocal, guitarra base e violão)
Yohan Sipolati (bateria, backing vocal e beatmaker)
Patrick Barreto (guitarra solo, efeitos, violão e backing vocal).

Ex-integrantes:
Allan Patrick Cardoso de Jesus (bateria) – 1996-1998
Leonardo Bilard Meira (bateria) – 1999-2001
Junior Radaelli (bateria) – 2002 a 2005
Anderson Vitorino Silva (guitarra base) – 1995-2003
Roberto Isaac Alves (guitarra solo) – 1998-2006
Jorman da Silva Santos (percussão) – 1998-2016
Leonardo Ribeiro Molini (guitarra solo) – 2006-2016

Discografia:
De um povo guerreiro (Lona Records – 2002)
Você é do tamanho do seu sonho (Independente – 2004)
RANDOM (Independente – 2007).

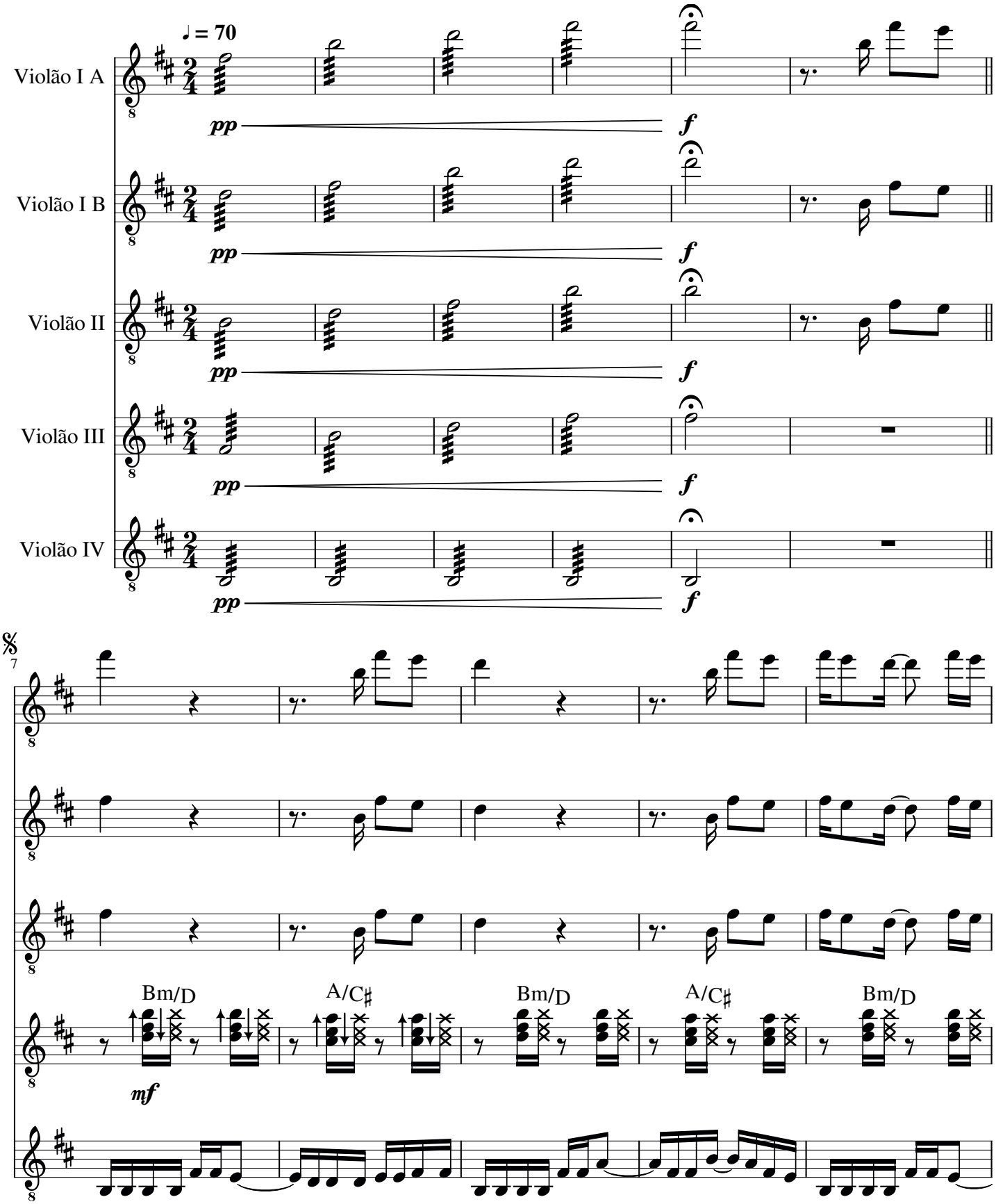
Coletâneas:
Circuito Reggae Vol. 04 – (Gravadora Universal – 2003)
Circuito Reggae Vol. 10 – (Gravadora Universal – 2006)
Circuito Reggae Vol. 12 (Gravadora Universal – 2007)
DIA D Ao Vivo (Gravadora Lona Records - 2001)

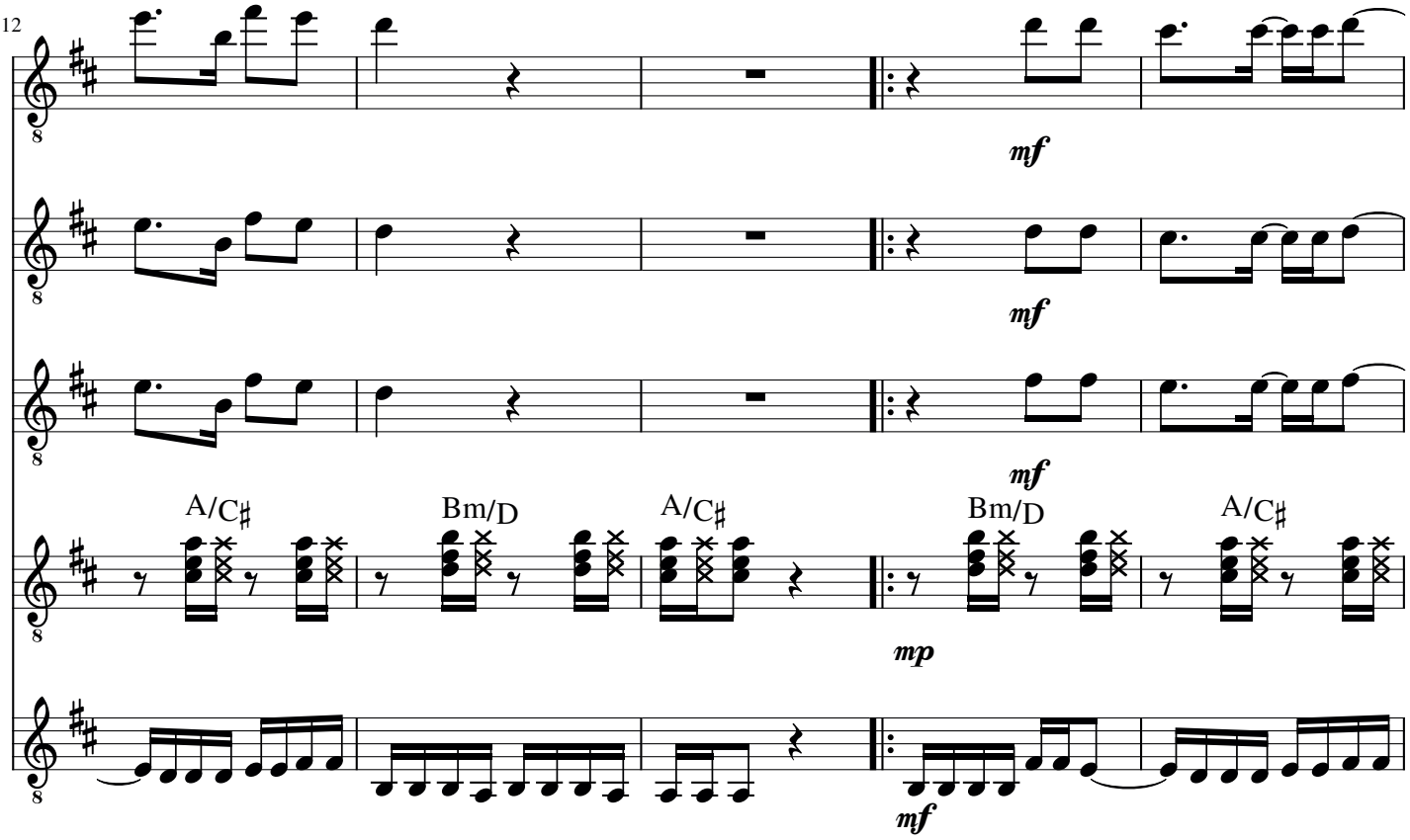
Participações:
CD Coletivo – Amaro Lima (2007)
DVD Coletivo – Amaro Lima (2008)

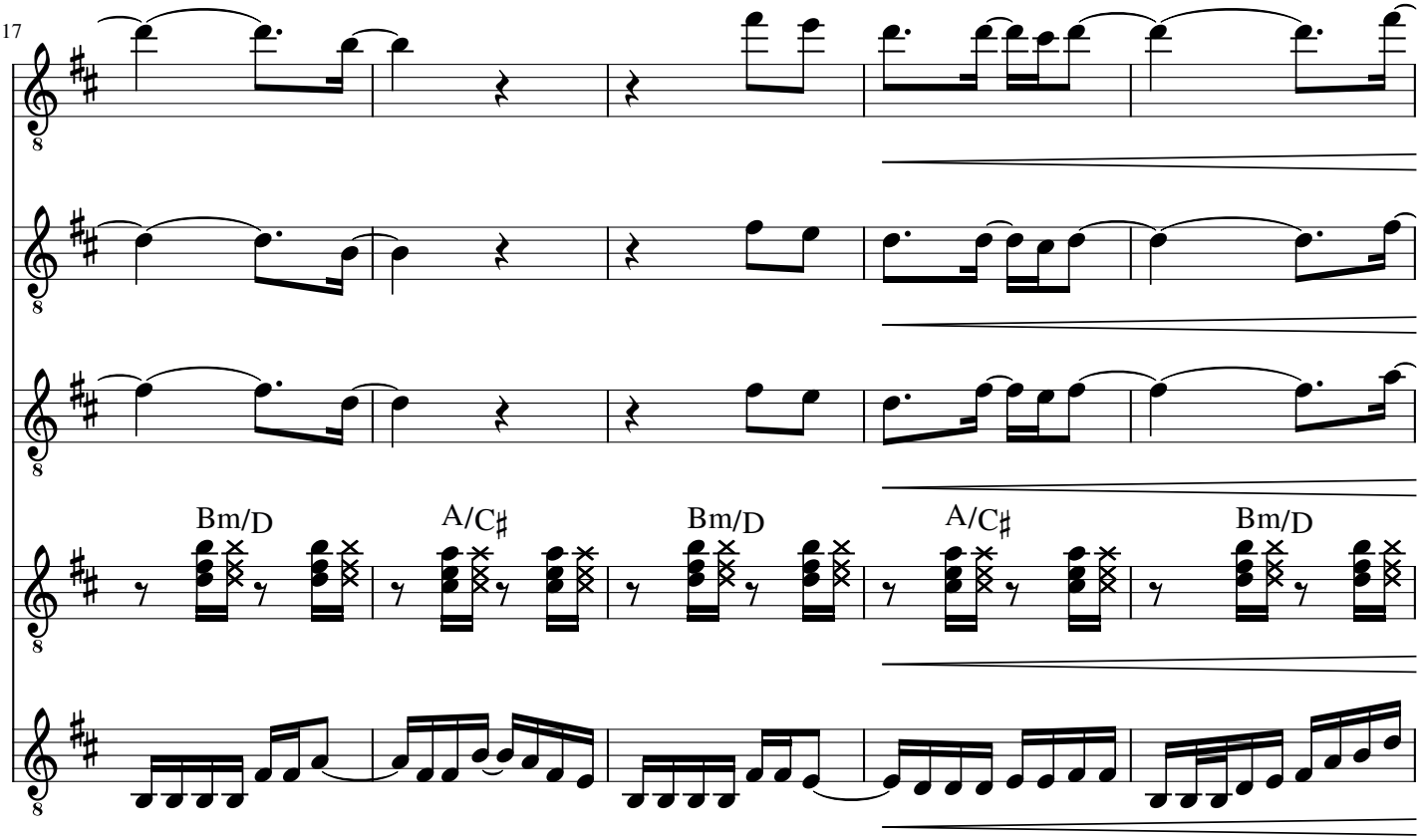
Cidade do Reggae

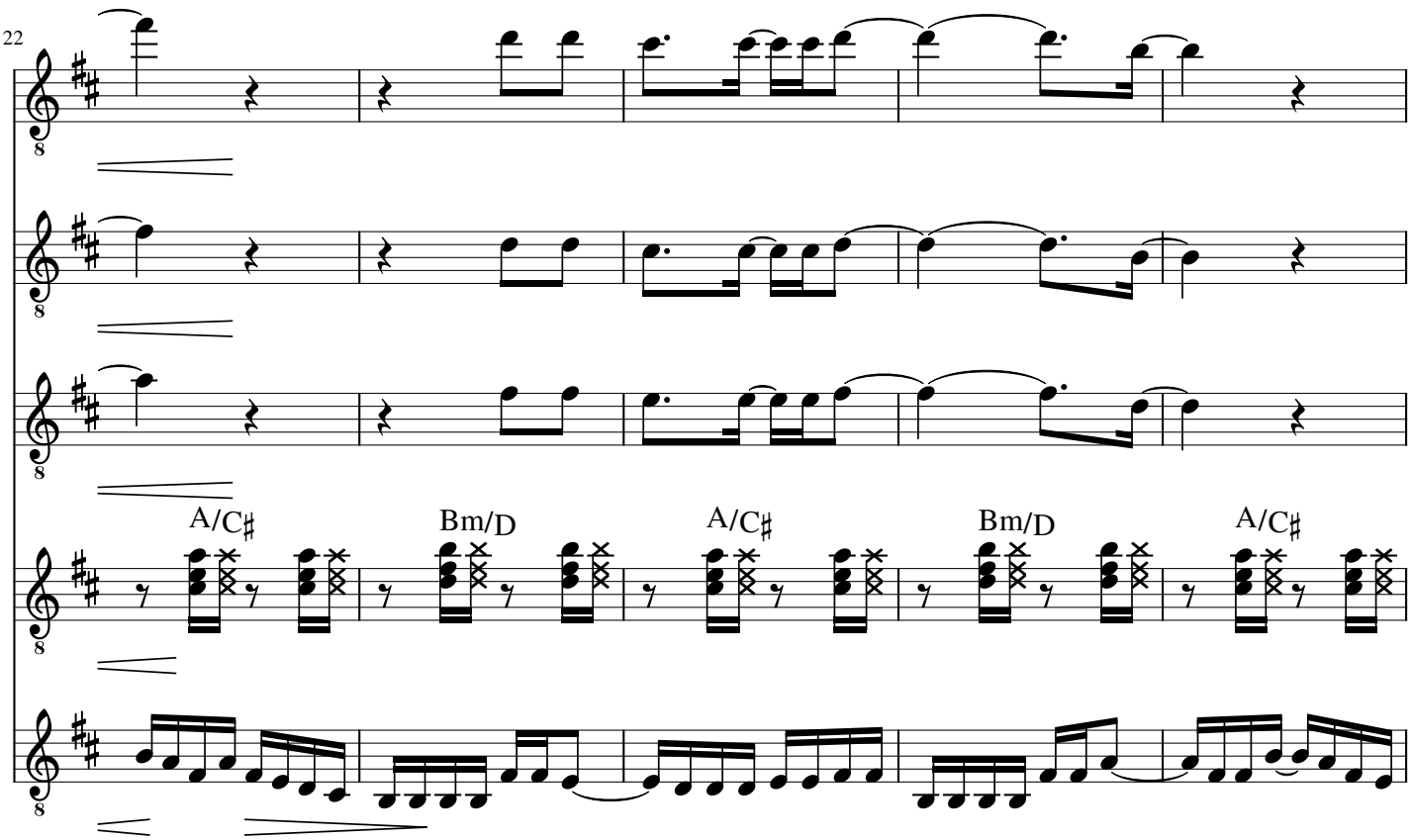
Arranjo Bruno Soares

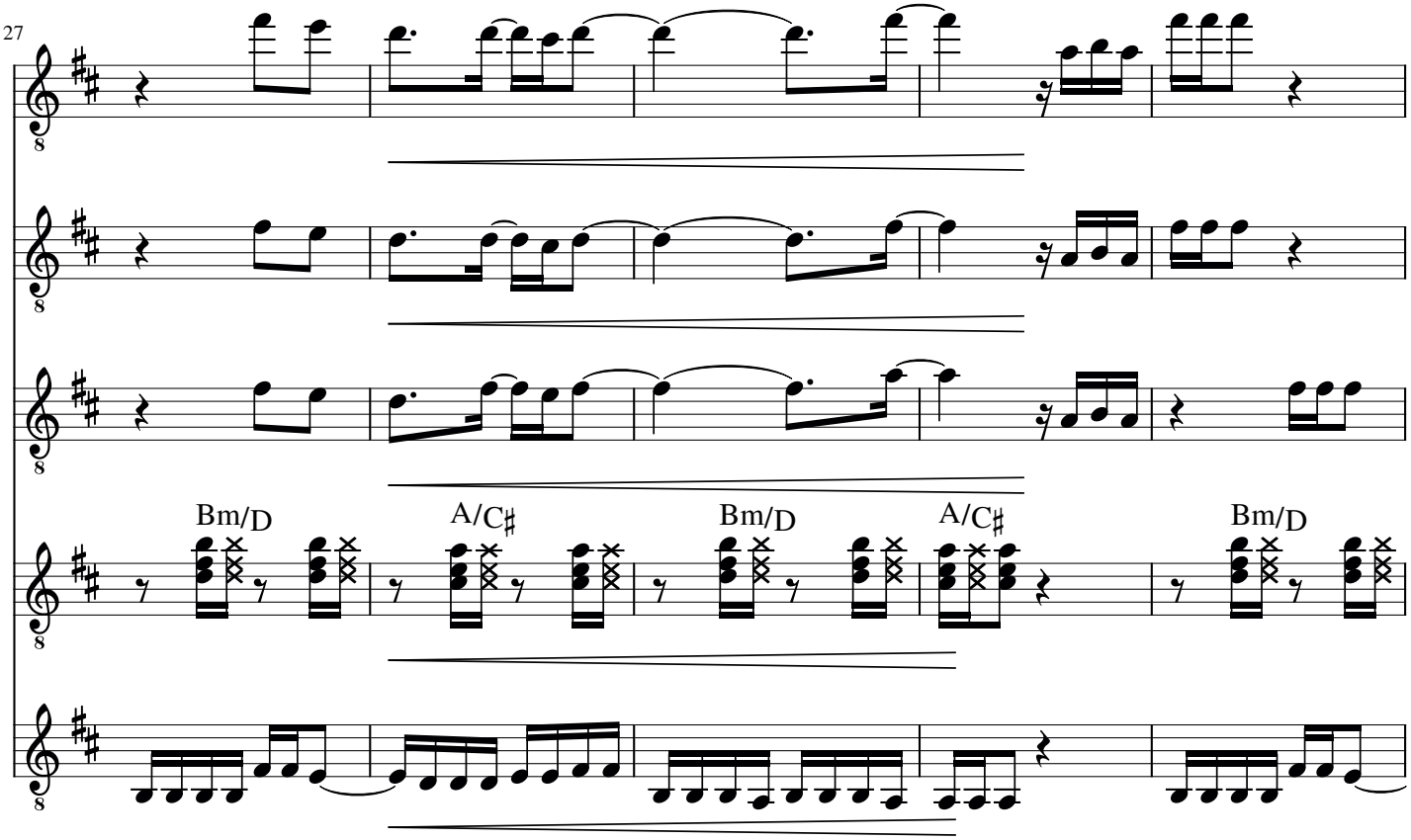
Herança Negra

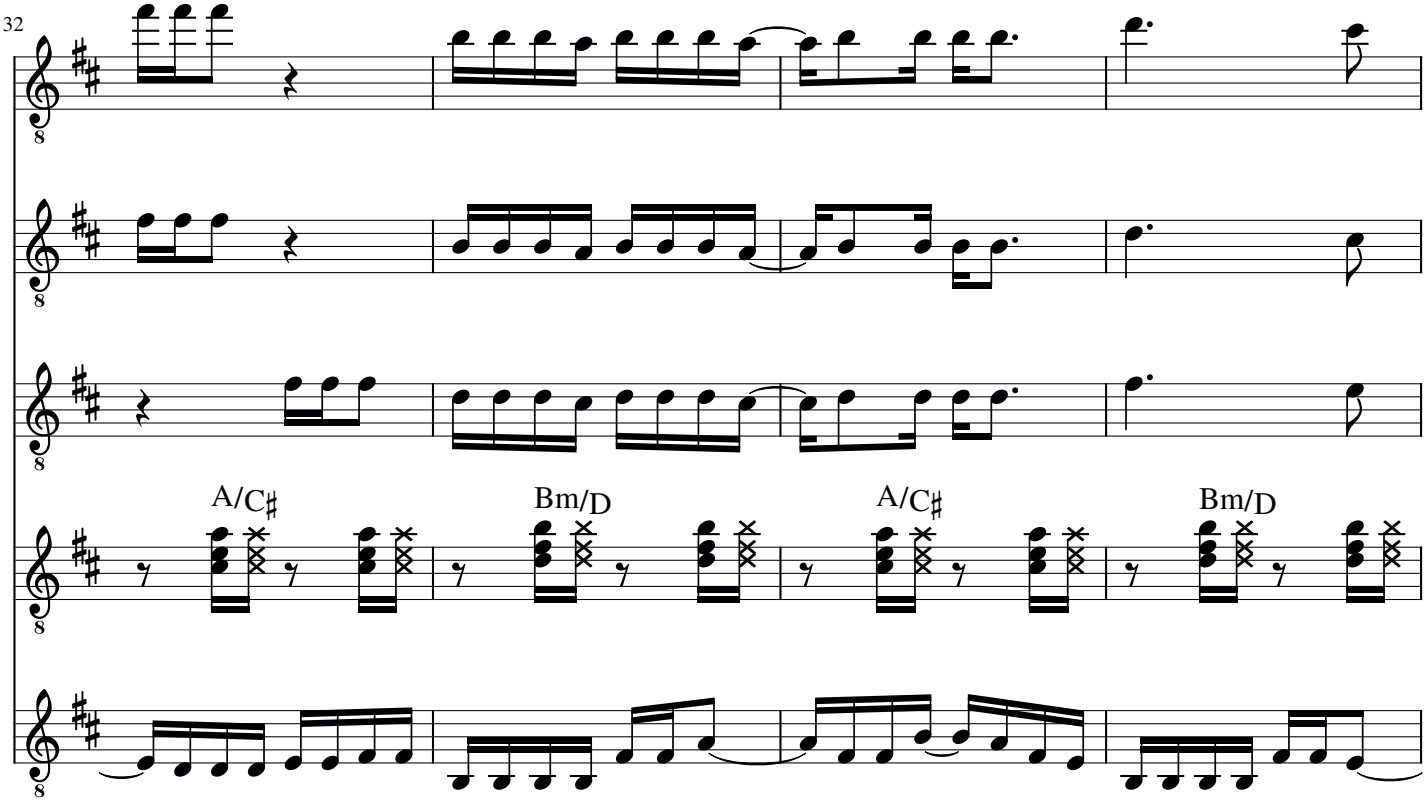


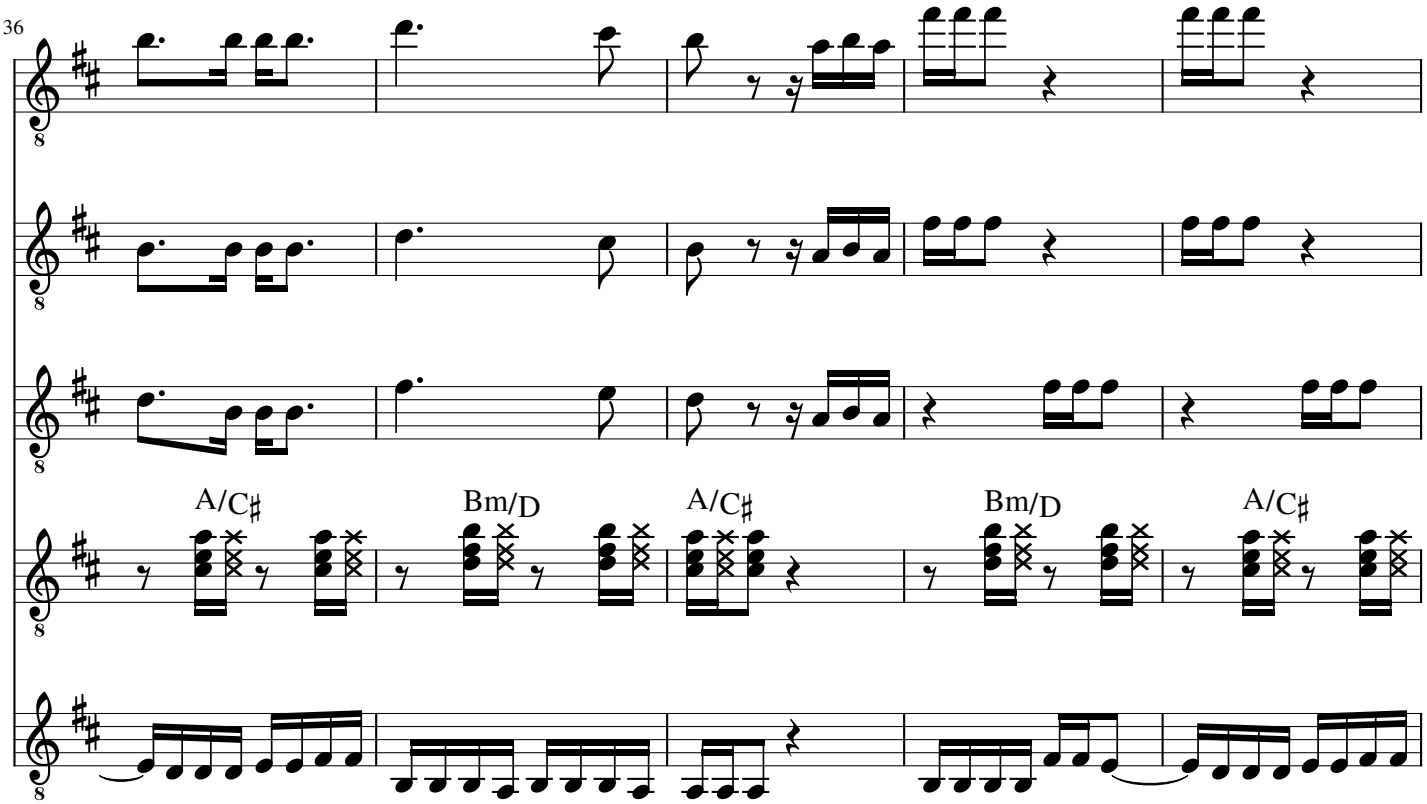

12
mf
mf
mf
A/C♯
Bm/D
A/C♯
Bm/D
A/C♯
mp
mf

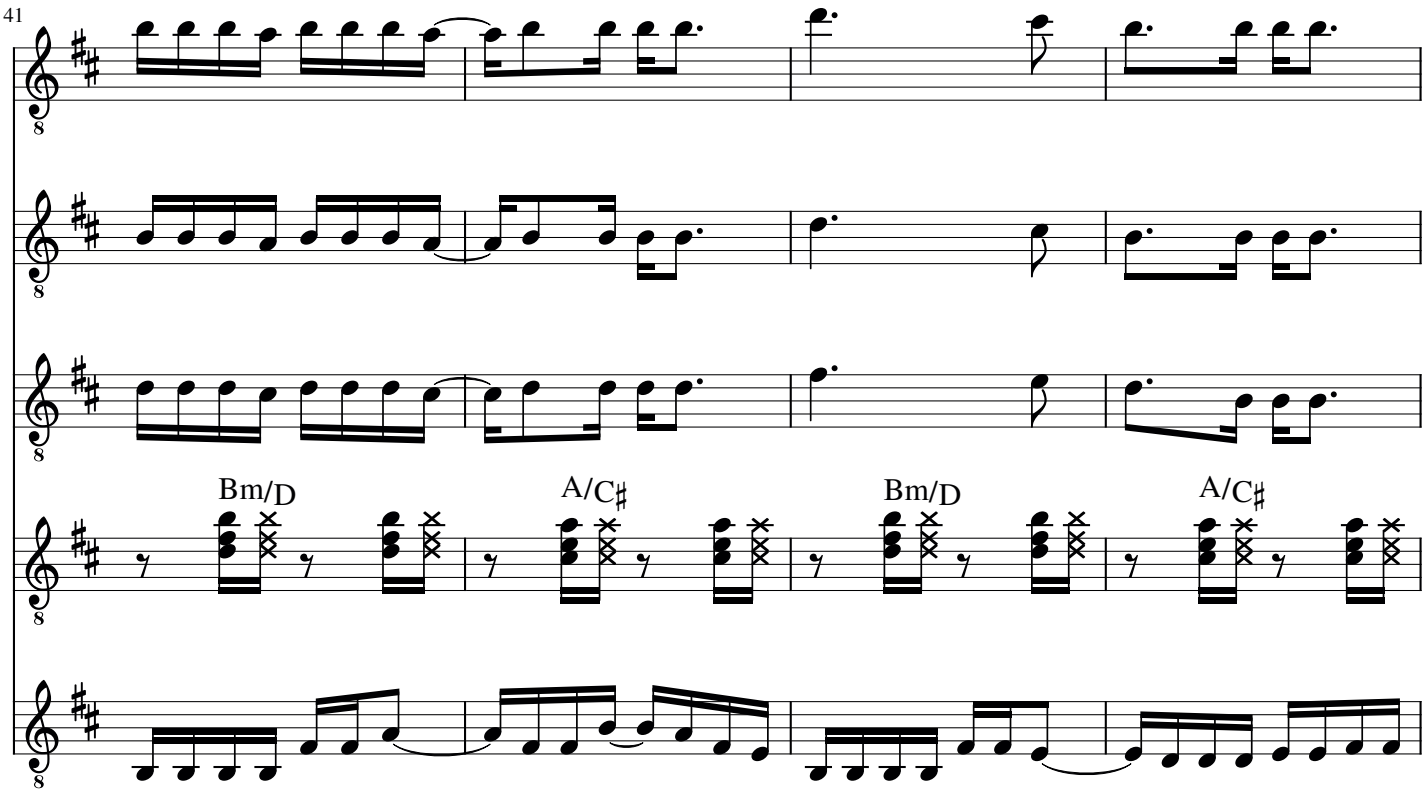

17
Bm/D
A/C♯
Bm/D
A/C♯
Bm/D

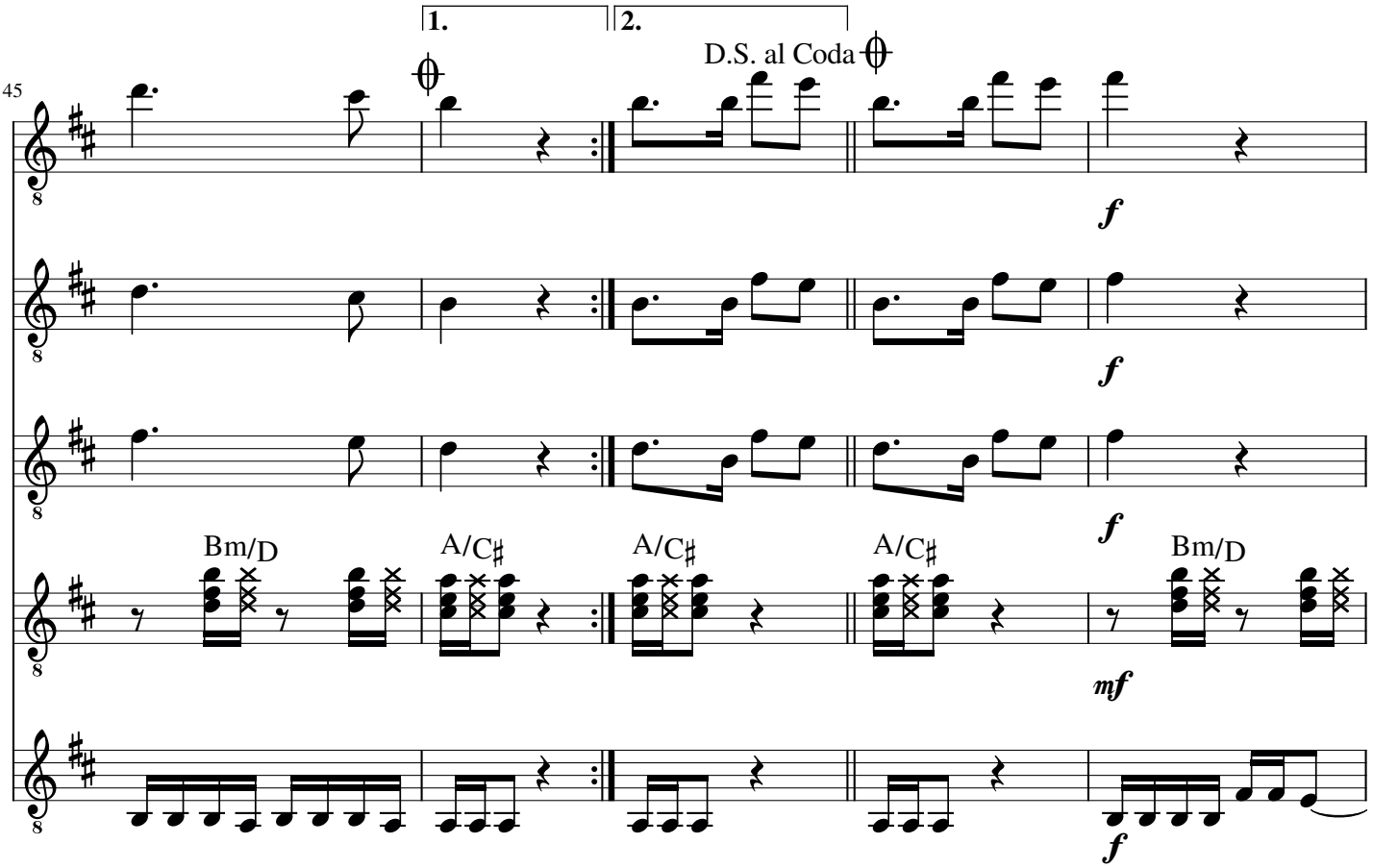

22
A/C♯
Bm/D
A/C♯
Bm/D
A/C♯

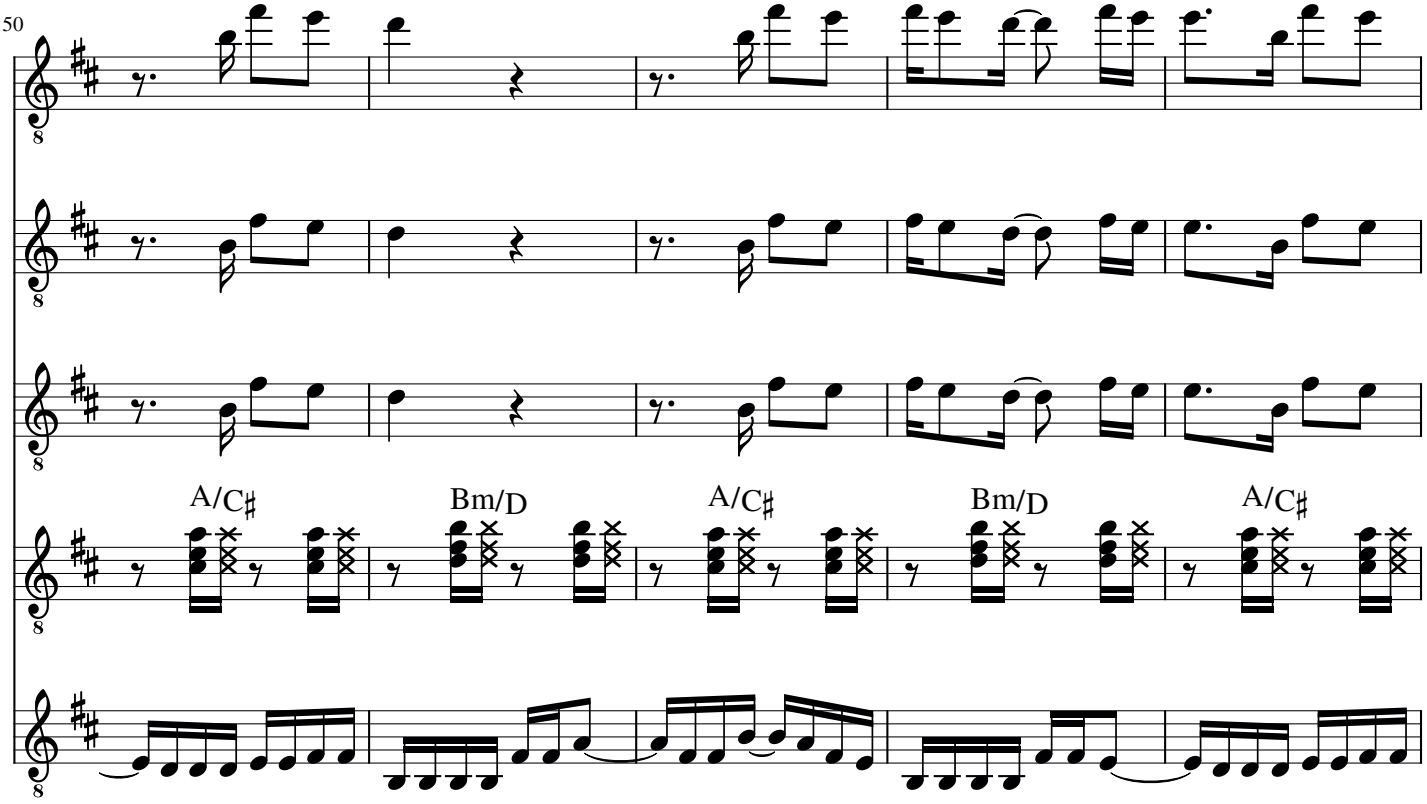

27
Bm/D
A/C♯
Bm/D
A/C♯
Bm/D

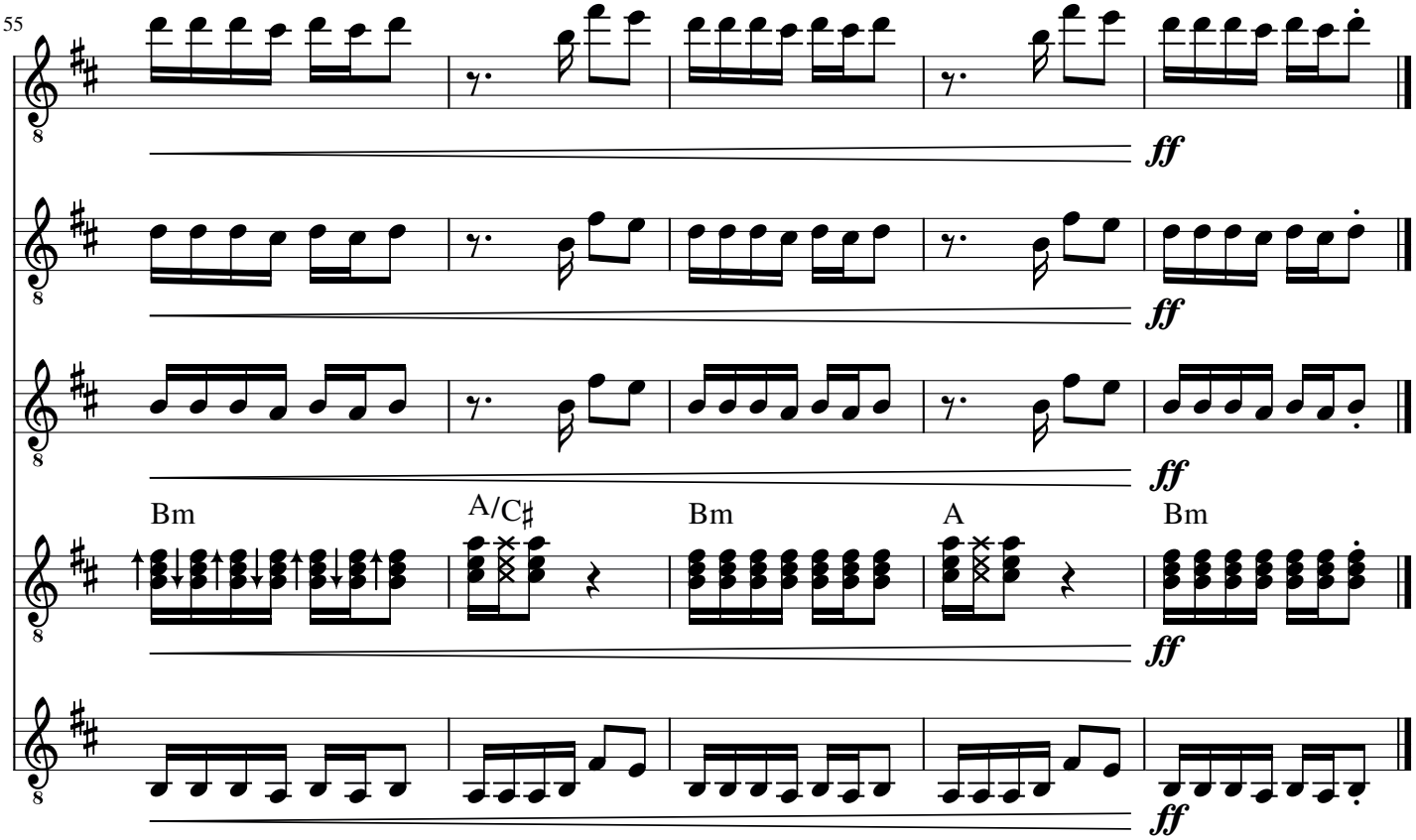

32
A/C♯
Bm/D
A/C♯
Bm/D


36
A/C♯
Bm/D
A/C♯
Bm/D
A/C♯


41
Bm/D
A/C♯
Bm/D
A/C♯


1.
2.
D.S. al Coda
45
f
f
f
Bm/D
A/C♯
A/C♯
A/C♯
Bm/D
mf
f


50
A/C♯
Bm/D
A/C♯
Bm/D
A/C♯


55
ff
ff
ff
Bm
A/C♯
Bm
A
Bm
ff
ff

Java Roots

Java Roots

Por José Roberto Santos Neves

Uma das bandas mais inventivas do reggae do Espírito Santo, o Java Roots surgiu em 1996 com a intenção de unir o gênero musical jamaicano a diferentes ritmos e tendências, configurando uma sonoridade original e bastante particular. É certo afirmar que o grupo representa a ala tropicalista do reggae local. A música da Jamaica é a espinha dorsal do som da banda, mas ela não se prende a rótulos e namora com vertentes as mais diversas do pop - rock, ska, raggamuffin, hip hop, soul, black music, samba, salsa. A influência de Jorge Ben Jor e Tim Maia, papas da black music setentista, é notável. A salada rítmica desemboca nas letras poéticas do vocalista Anderson Ventura, o Chokolate, e nas melodias suaves e arredondadas.

À época de seu primeiro CD, "Mecanópolis", lançado em1997, o Java Roots foi comparado com o Cidade Negra. A banda era então formada por Anderson Chokolate (vocal), Thiago Andrich (guitarra), Júnior Bocca (baixo e vocal), Anderson Xuxinha (bateria) e Rodrigo Pepê (percussão).

O disco abriu portas para a banda no cenário musical capixaba, emplacando sucessos nas rádios como "Bonde 605", "O Seu Novo Mundo" e "Brilho de Gaia". Já no segundo álbum, "1000 m/s", a banda pôde apresentar sua identidade associada ao acid reggae, por meio da boa repercussão de canções como "Os Anjos", "Na Jornada", "Além da Física" e a faixa-título. De acordo com seus integrantes, o CD "1000 m/s" vendeu cerca de 10 mil cópias, numa época em que o público comprava CDs, a pirataria física dominava o mercado paralelo e a distribuição de música digital apenas esboçava uma tendência de consumo que iria se consolidar nos anos seguintes.

Em maio de 2003, foi lançado o álbum "Java Roots Acústico", inspirado no show realizado em agosto do ano anterior, no Teatro Carlos Gomes, no qual a banda revisitou suas criações em formato intimista. Naquela ocasião, o autor dessas linhas assim descreveu a estrutura do espetáculo, em crítica publicada no Caderno Dois de A Gazeta:

"O show acústico desta quarta inicia uma nova fase para a banda. Mesmo tendo a seu favor canções radiofônicas e de reconhecido apelo pop, Java Roots ainda não conquistou o público numeroso que merece. A aventura acústica, além de exibir com mais clareza a consistência harmônica da banda, inaugura um novo nicho no congestionado mercado de reggae local. (...) E a banda se preparou bem para o evento, como se pôde notar pelos novos arranjos de 'Além da Física', 'Tenha-Me', 'Miragem', 'Vou te Acompanhar', 'Na Jornada' e 'Todas as Lágrimas', entre outras. A ótima regulagem da mesa de som permitiu que se destacasse o entrosamento entre os músicos, principalmente na cozinha, com destaque para o baixista Junior Bocca e para o baterista Xuxinha. Dinâmica, segurança e economia de notas, elementos essenciais em acústicos, foram seguidos com profissionalismo."

Acrescente-se que um dos pontos altos – do disco e do show – é a declamação da oração de São Francisco de Assis, por parte do vocalista Chokolate, acompanhado apenas da percussão de Xuxinha e de Rodrigo Pepeu.

Em sete anos de atividades ininterruptas, o Java Roots participou de festivais como o

Dia D, a grande mostra da cultura do Espírito Santo, realizada entre 1999 e 2002, na Praça do Papa, e apresentou-se com artistas como O Rappa, Cidade Negra, Pato Fu, Tribo de Jah, Planet Hemp e o titã Paulo Miklos. Também consta do seu currículo a abertura do show da lendária banda jamaicana Inner Circle.

No entanto, em 2003, a banda promoveu uma pausa para seus integrantes cuidarem de projetos pessoais. O vocalista Anderson Chokolate embarcou em carreira solo com o CD "Realize", no qual regravou o hit "Na Puxada de Rede", parceria dele com Amaro Lima gravada pelo Manimal no álbum "Espírito Congo". Os demais integrantes foram naturalmente buscando seu caminho: o baterista Xuxinha passou três anos na Europa, onde estudou música; o baixista Junior Bocca continuou trabalhando com música em Belo Horizonte, até retornar definitivamente a Vitória; o guitarrista Thiago Andrick formou-se em Engenharia Civil; e o tecladista Marcello Lindgren seguiu a carreira de arquiteto em São Paulo.

Mas o mundo da música dá voltas e, em 18 de janeiro de 2012, os integrantes originais do Java Roots se juntaram para uma apresentação no Teatro Carlos Gomes. Após novo hiato de seis anos, eles voltaram a se reunir em 2018 para o projeto Som de Fogueira, que acontece semanalmente na Rua da Lama, em Jardim da Penha. Desse encontro descompromissado surgiram pedidos dos fãs para uma nova apresentação, e o resultado foi o show "Elétrico e Pulsante", apresentado em dezembro de 2018, no Spírito Jazz, na Praia do Canto.

Como se vê, se depender dos fãs, o Java Roots está longe de se aposentar. Que essa história vencedora siga "na jornada, além da física ou a 1000 m/s", no ritmo natural das páginas da vida.

Integrantes:
Anderson Chocolate (Vocal)
Júnior Bocca (Baixo e vocal)
Anderson Xuxinha (Bateria)
Thiago Andrich (Guitarra)
Marcello Lindgren (teclados)

Ex-integrantes:
Período pré-CD "Mecanópolis" (antes de 1997):
Hevelin (teclados)
Marquinhos (contrabaixo)

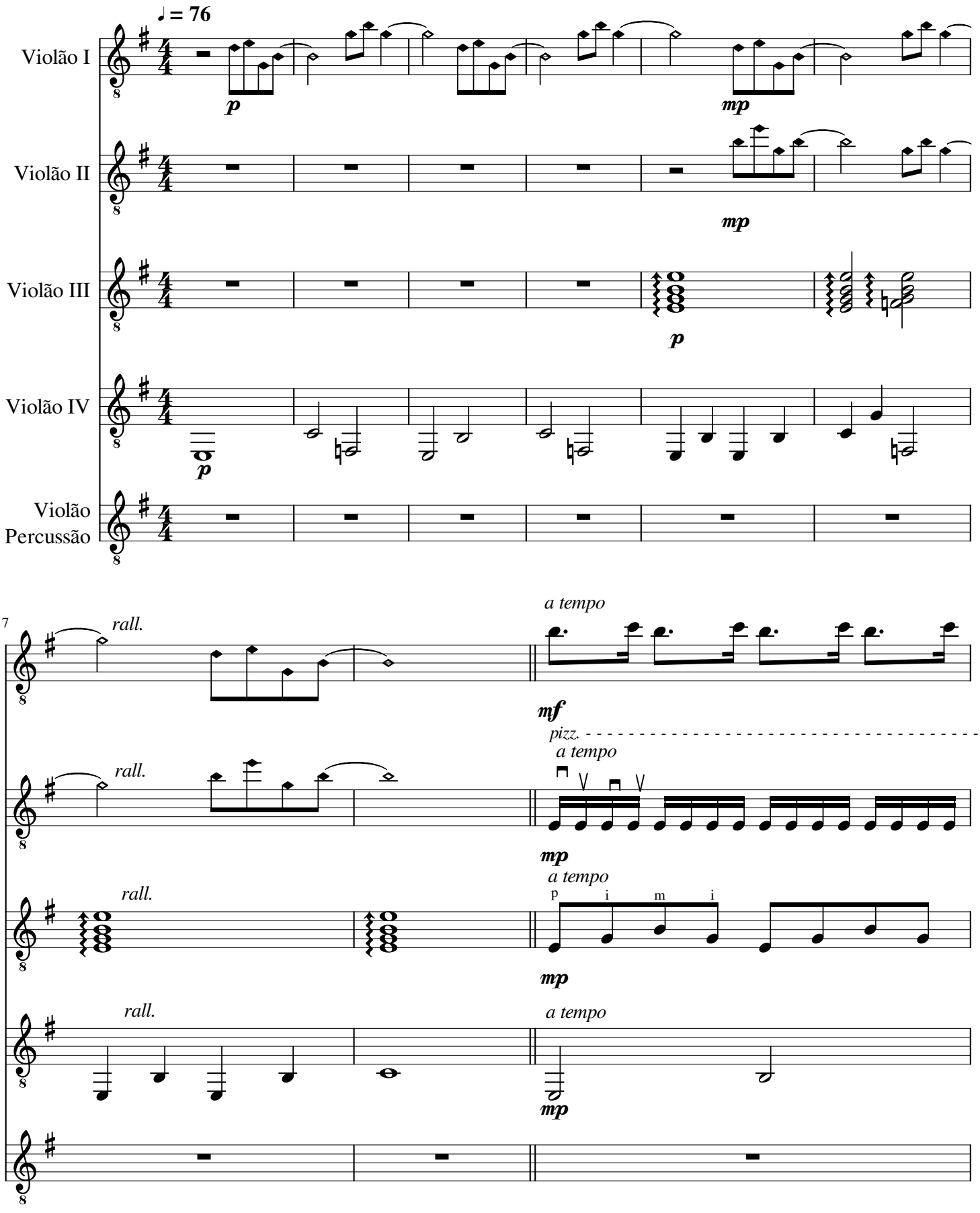
Período pós-CD "Mecanópolis" (após 1997):
Chico Carvalho (trombone)
Edi (trompete)
Aurenir Dias "Java" (trompete)
Thiago Antoniolli (teclados)
Carlinhos Conga (percussão)
Rodrigo Pepê (bateria e percussão)
Kell Maia (guitarra)
Igor Krassi (guitarra)
Parte superior do formulário

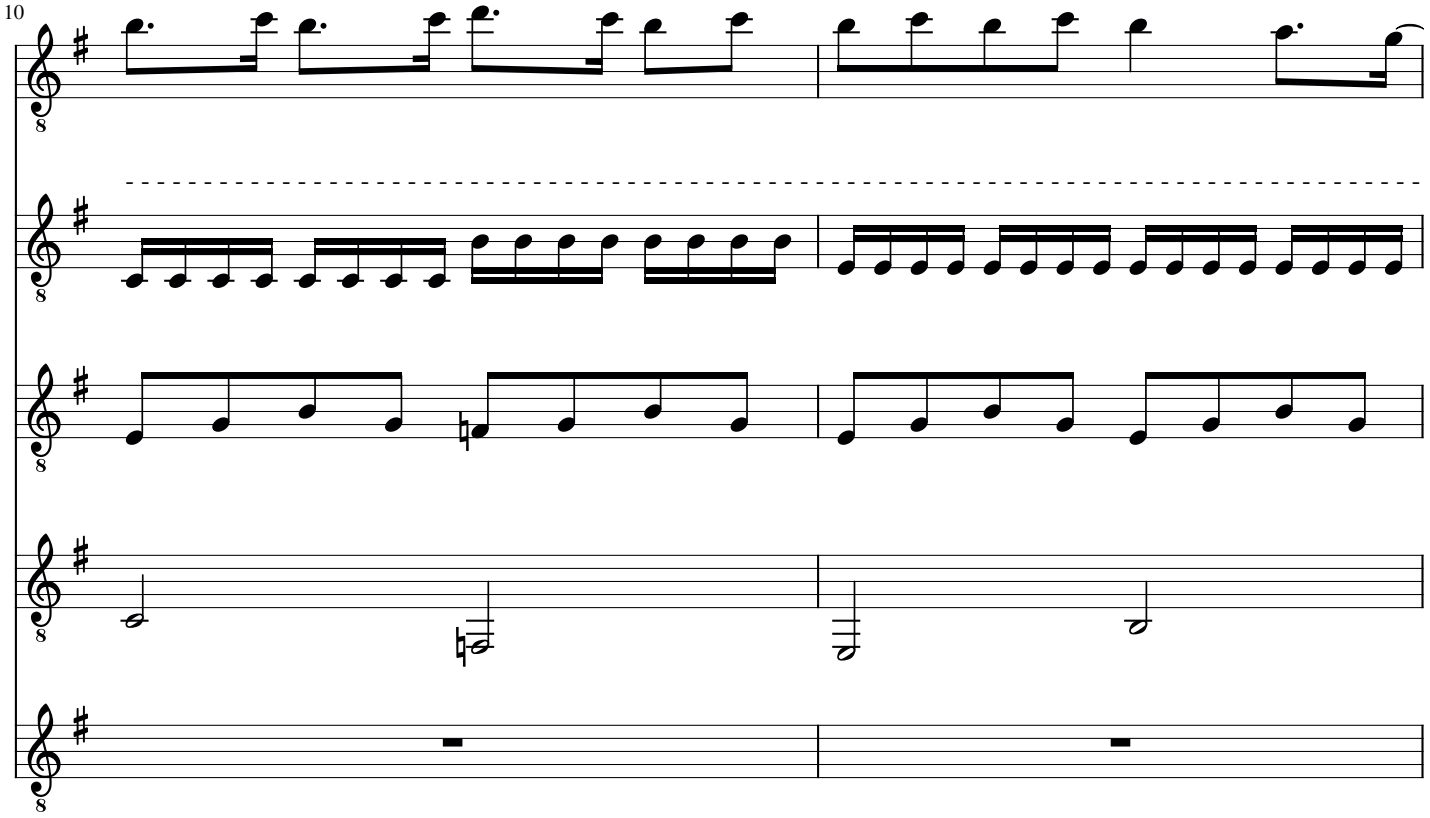
Discografia:
Mecanópolis (1997)
1000 m/s (2001)
Java Roots Acústico (2003)
*O Reencontro – Theatro Carlos Gomes Ao Vivo (2012)**

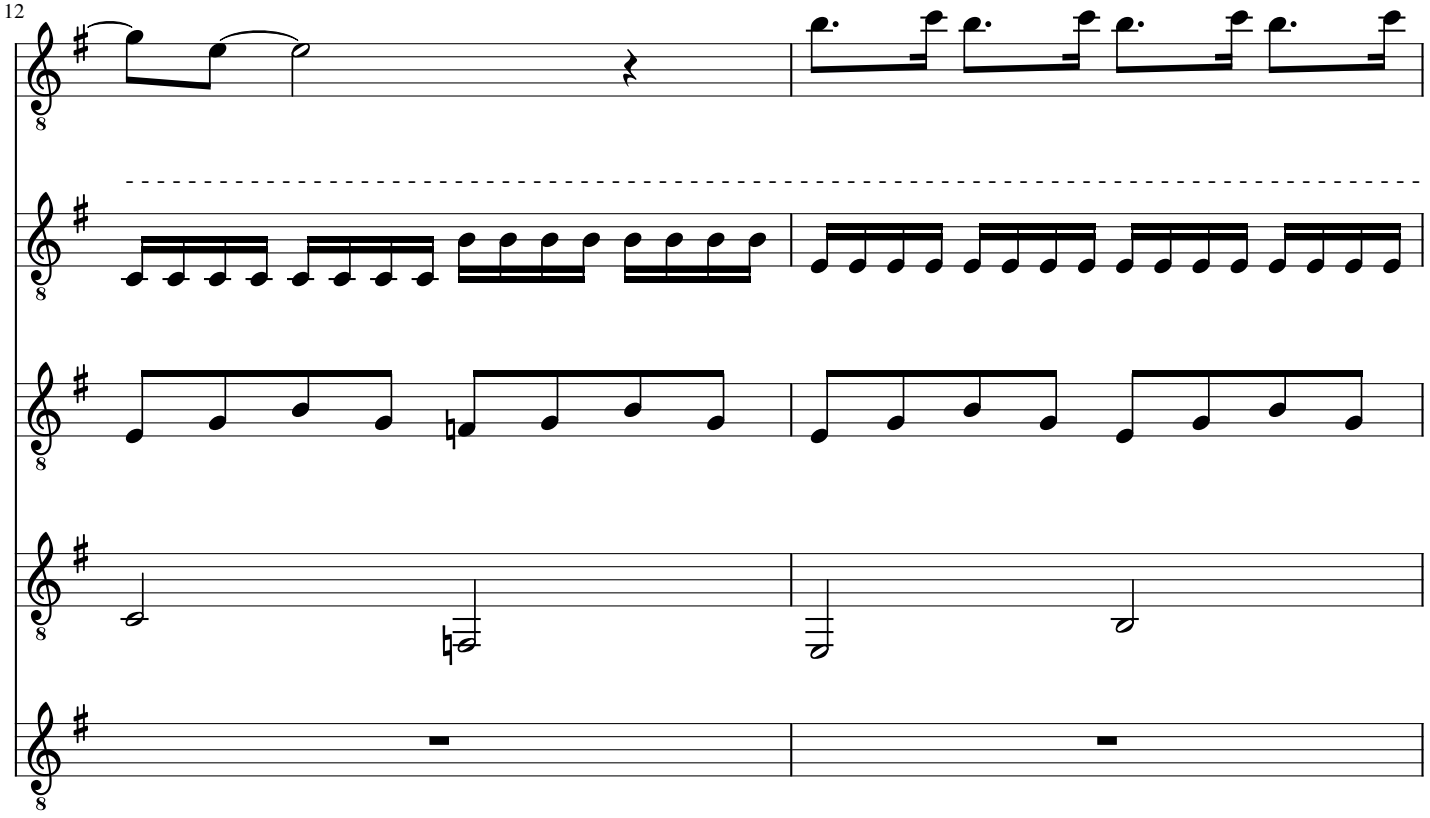
**Este CD não é considerado oficial pela banda*

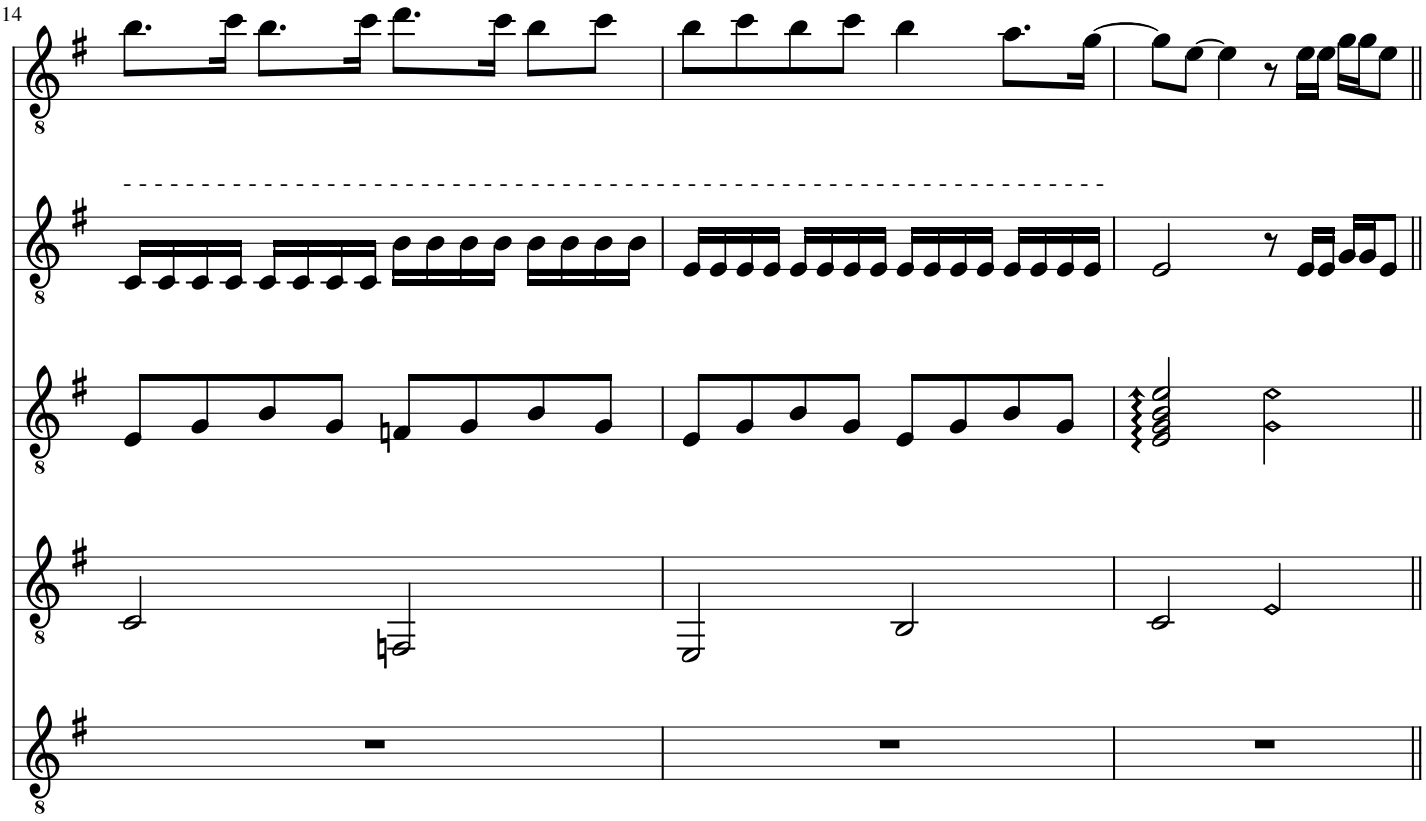
1000 m/s

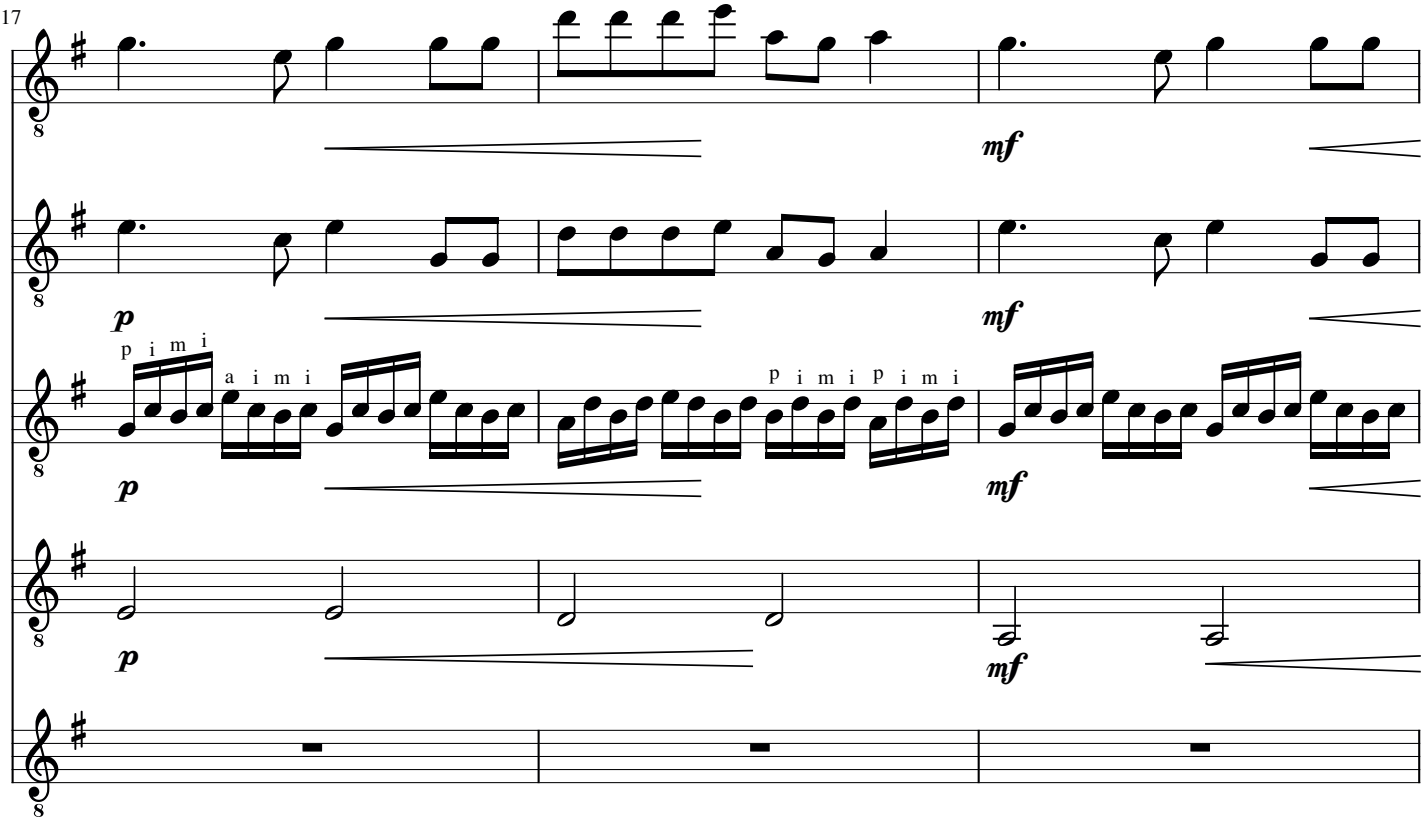
Arranjo Bruno Soares Java Roots

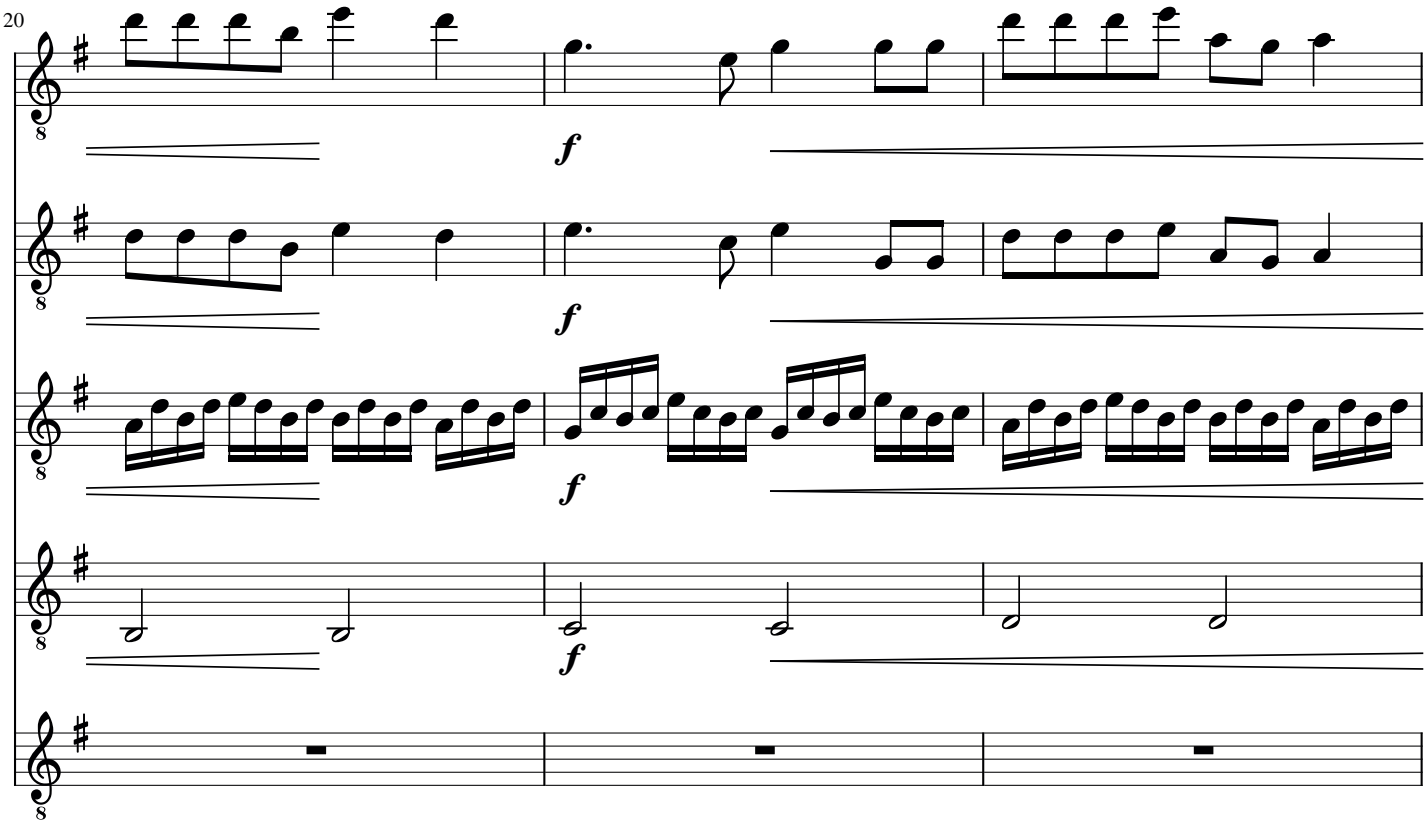


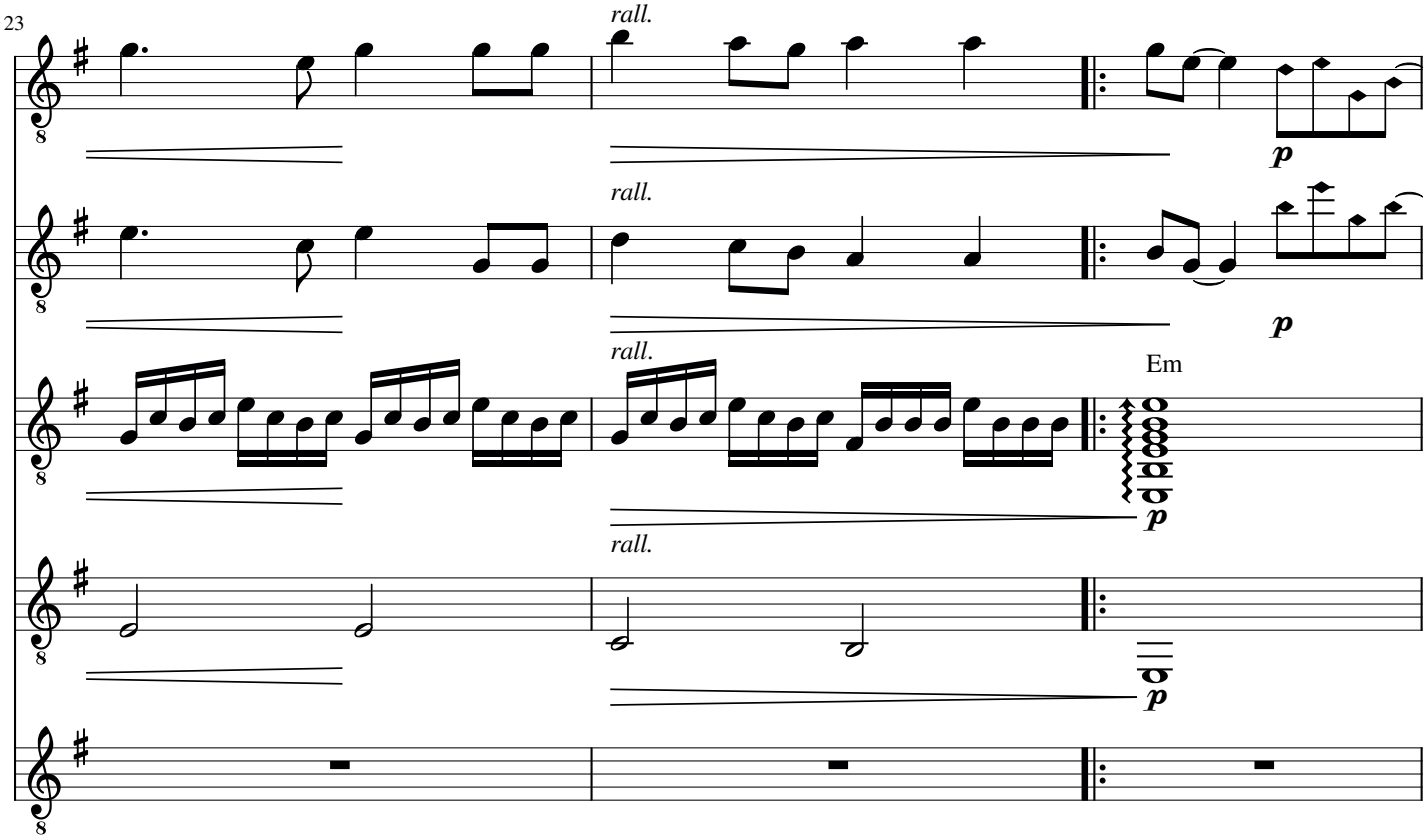

10

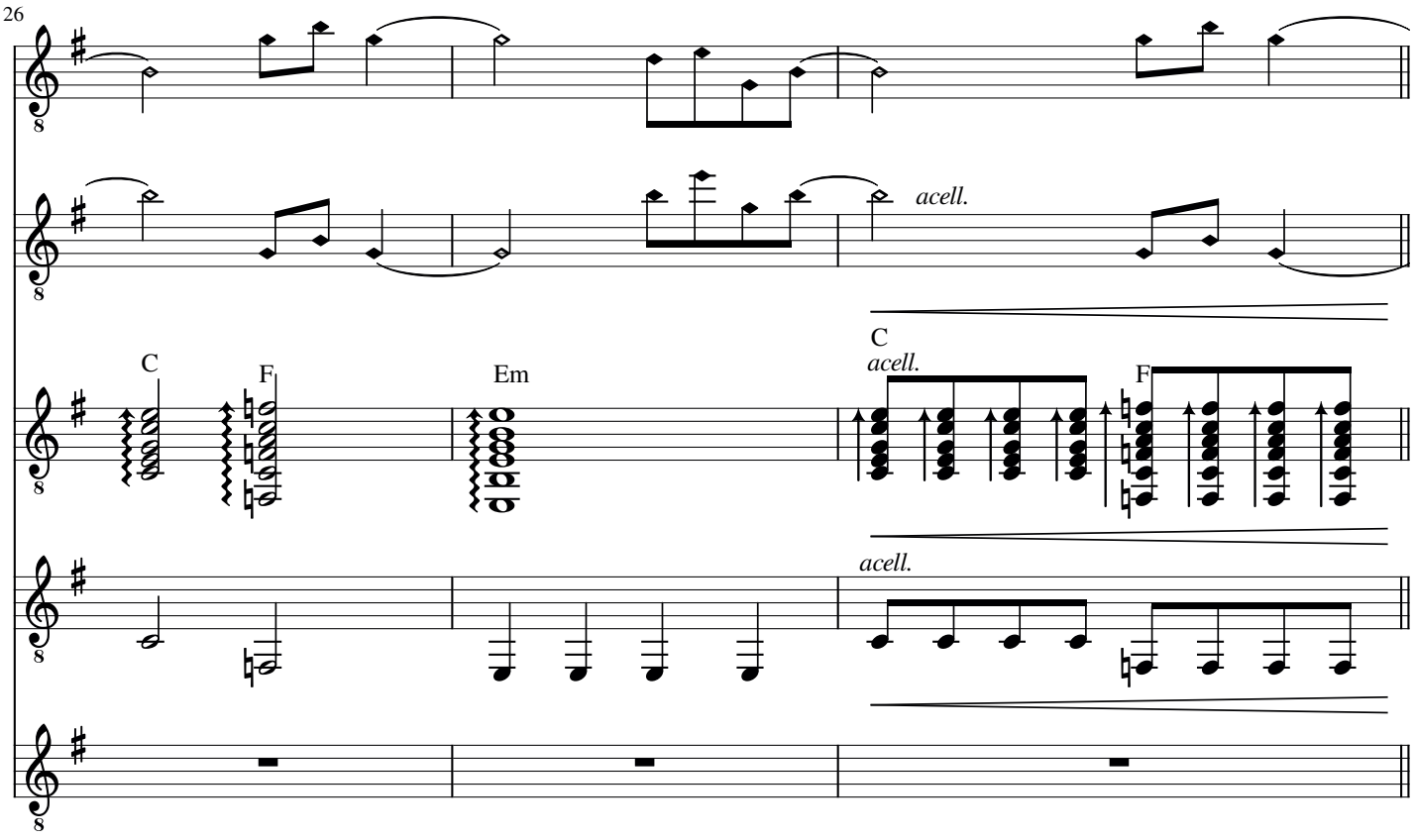

12

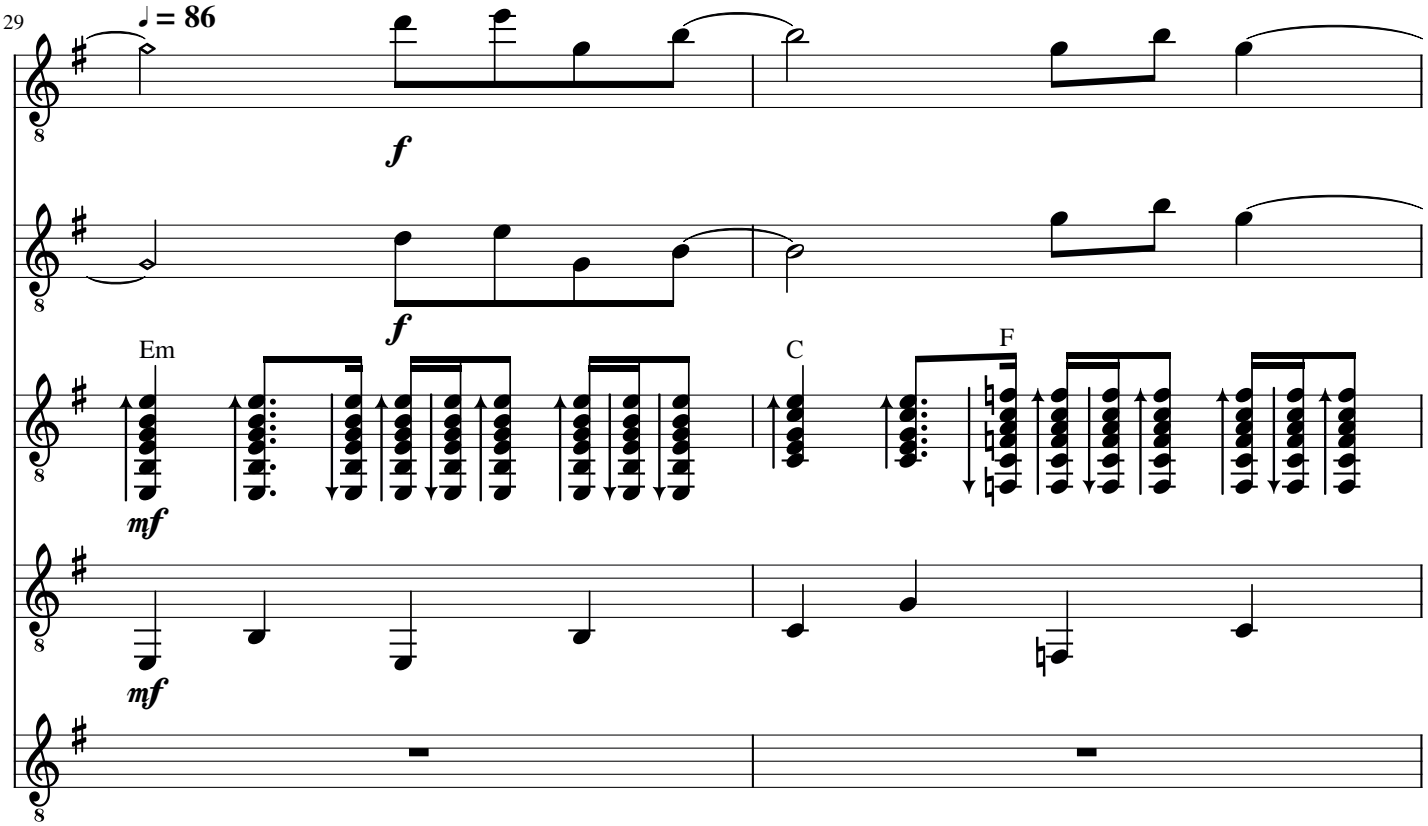

14

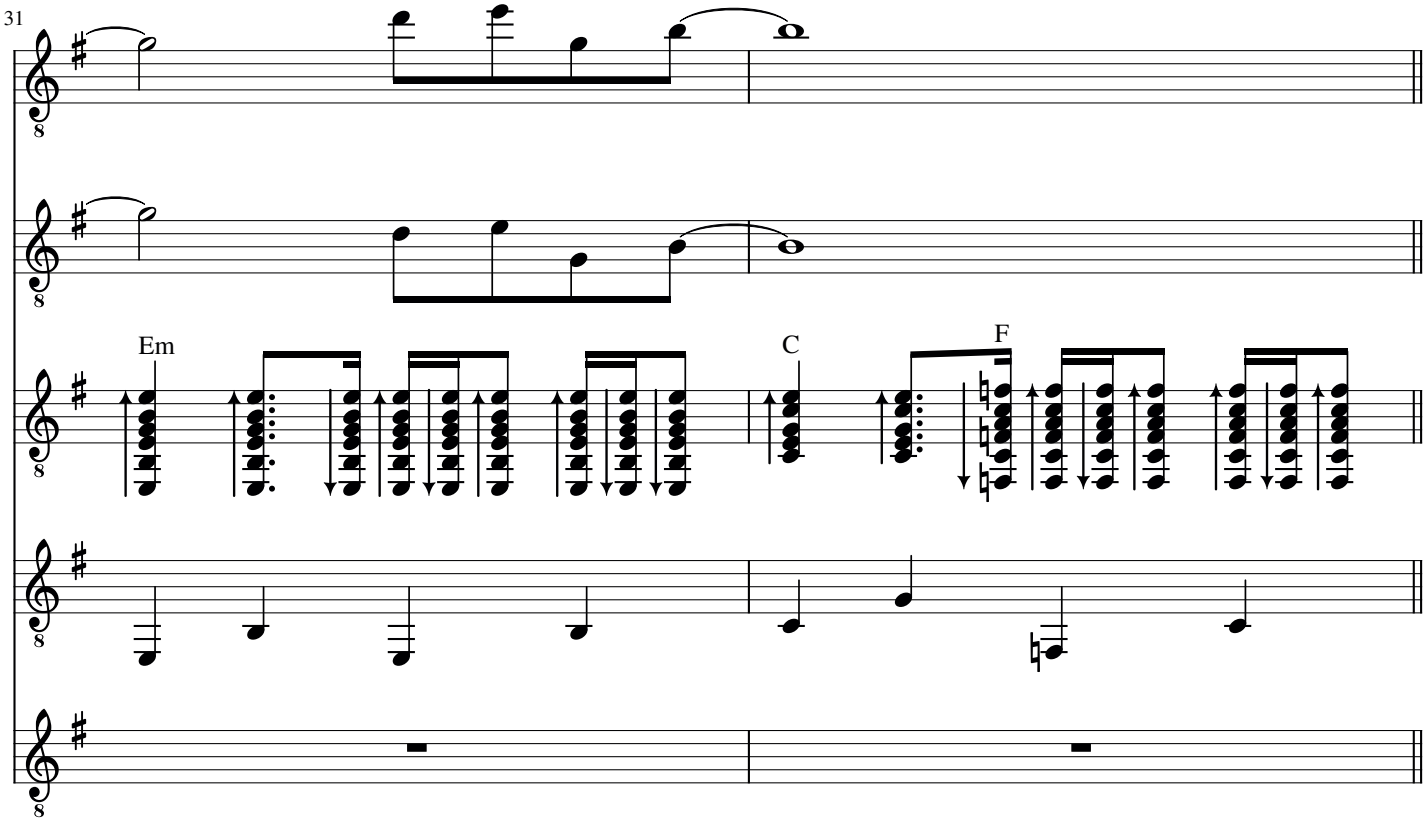

17
mf
p
mf
p i m i
a i m i
p
p i m i p i m i
mf
p
mf

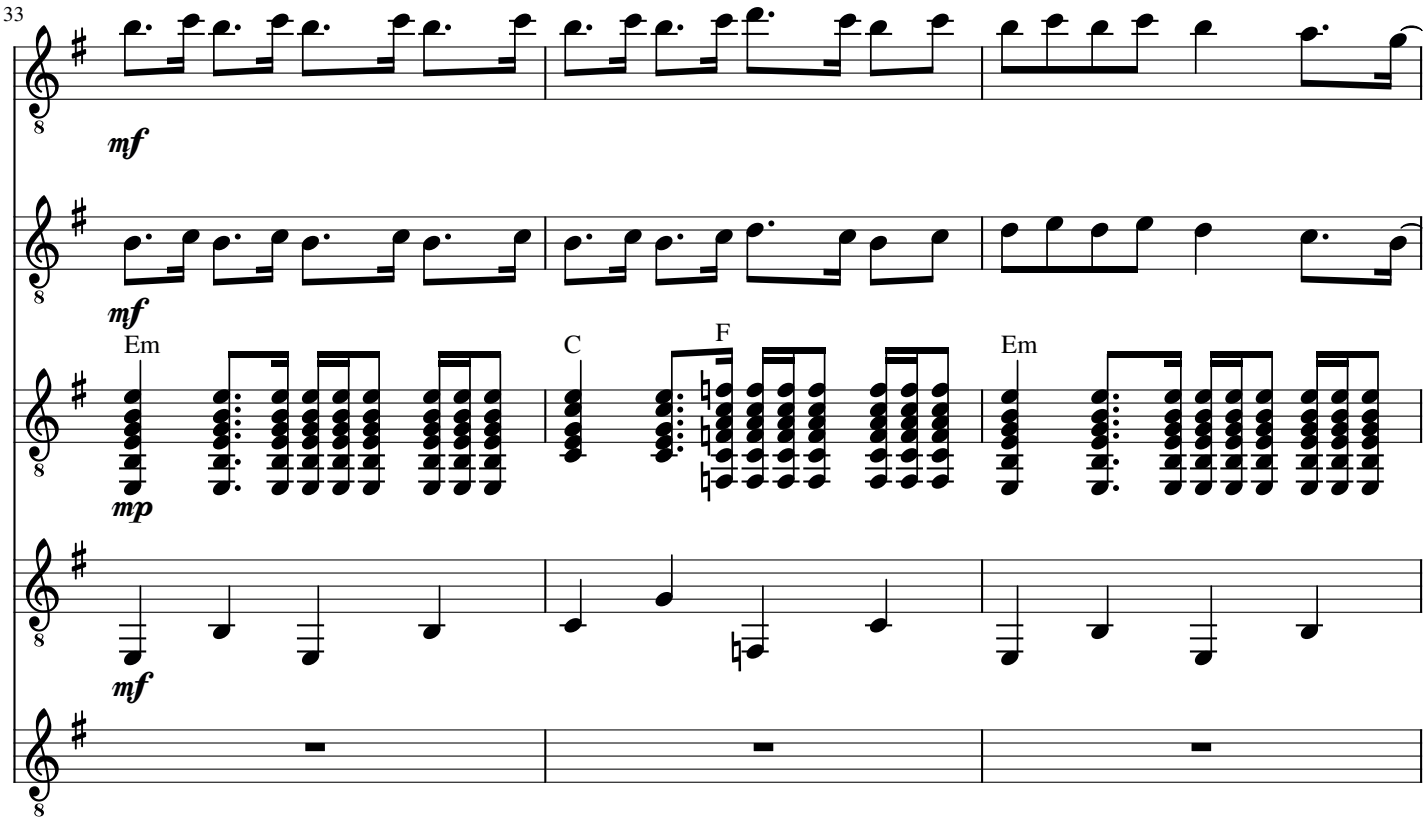

20
f
f
f
f

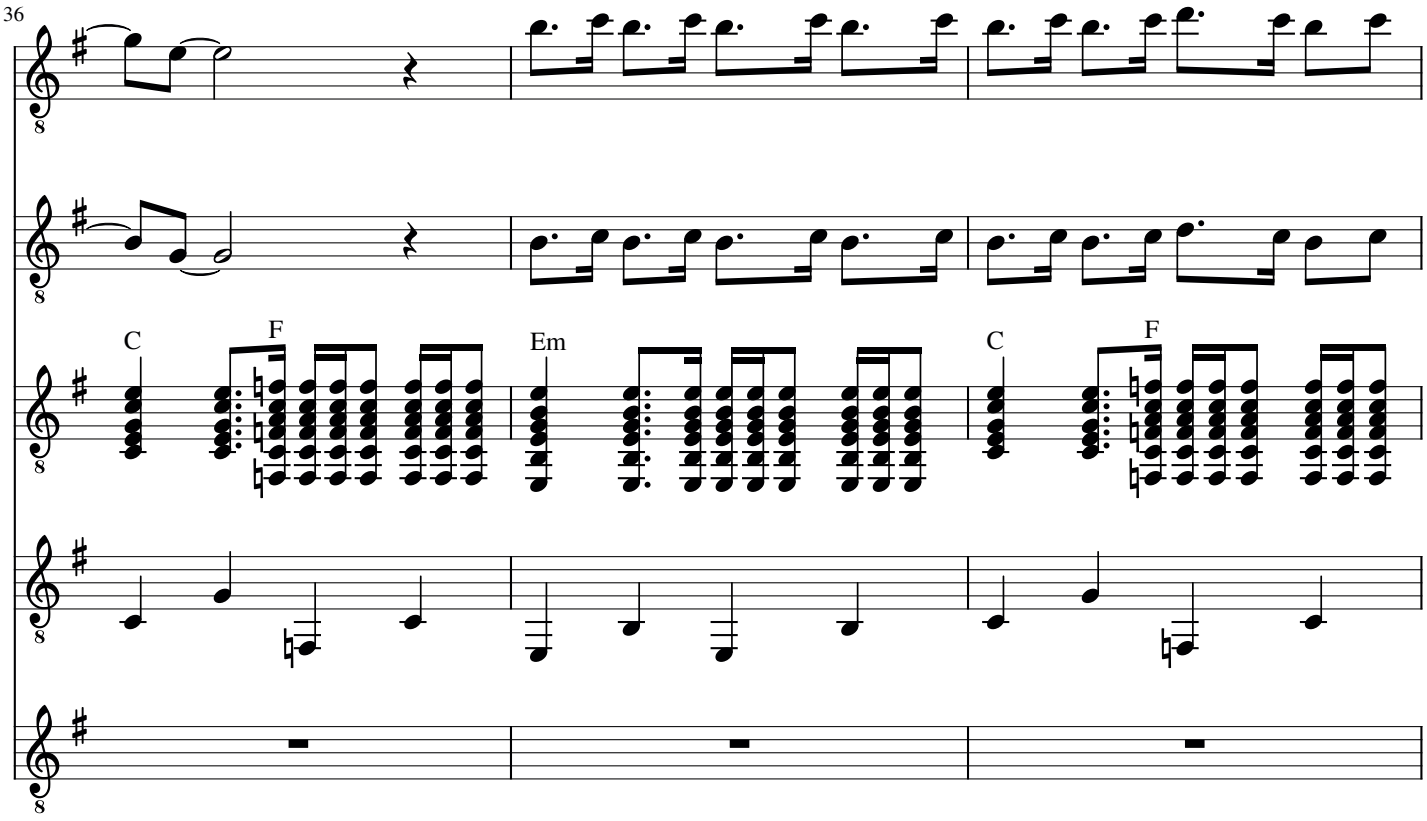

23
rall.
rall.
rall.
rall.
p
p
Em
p
p

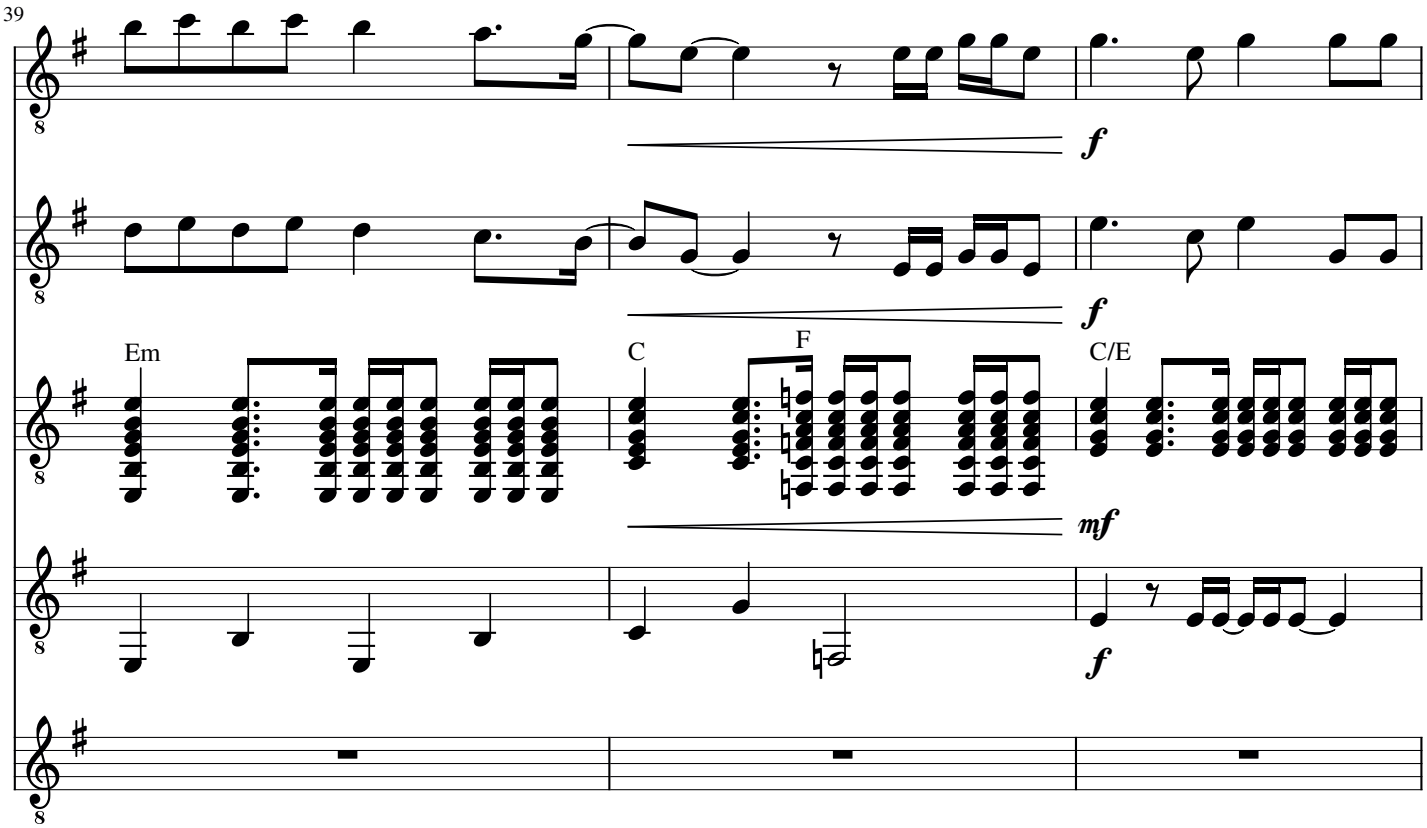

26
C
F
Em
acell.
C
acell.
F
acell.

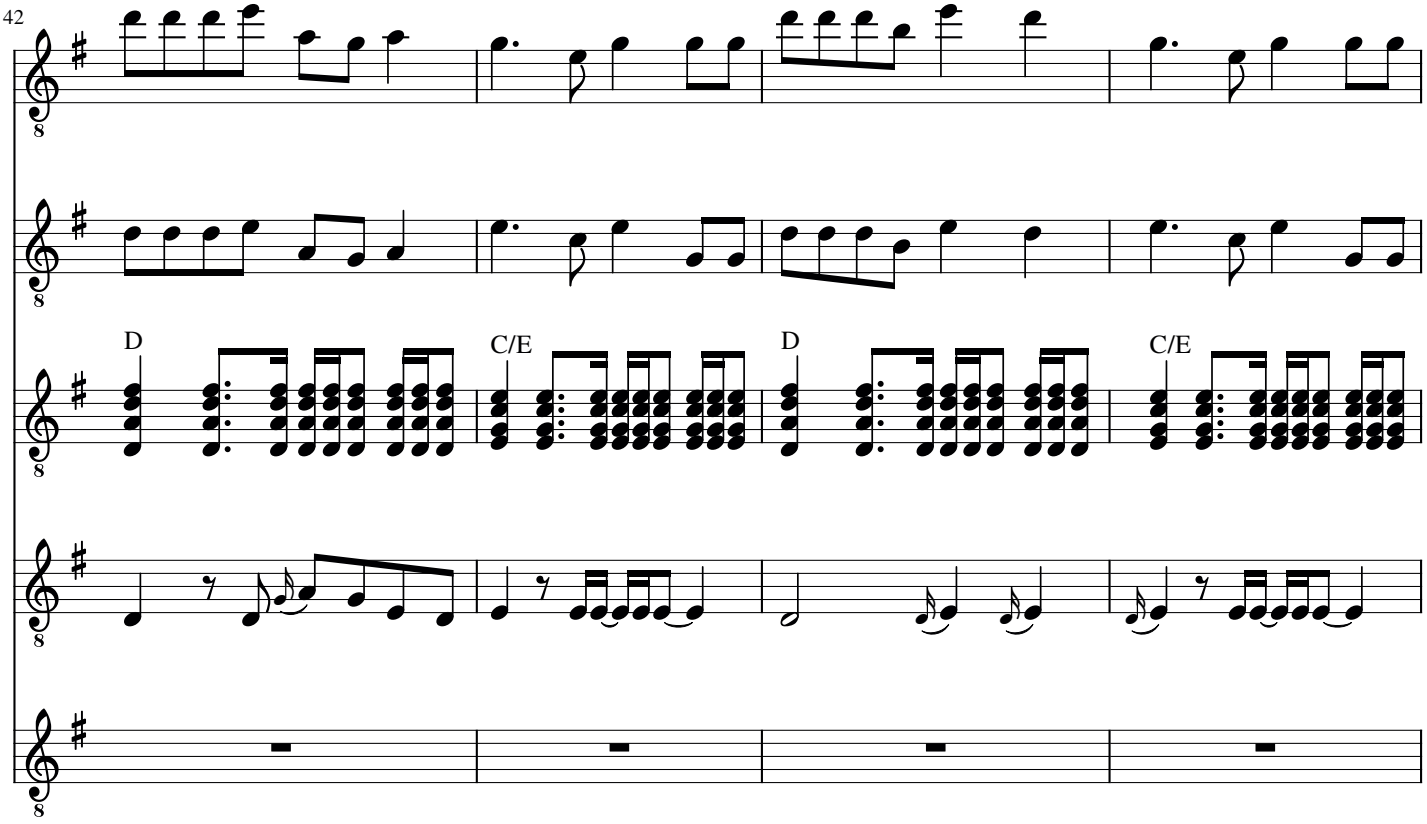

29
♩ = 86
f
f
Em
mf
C
F
mf

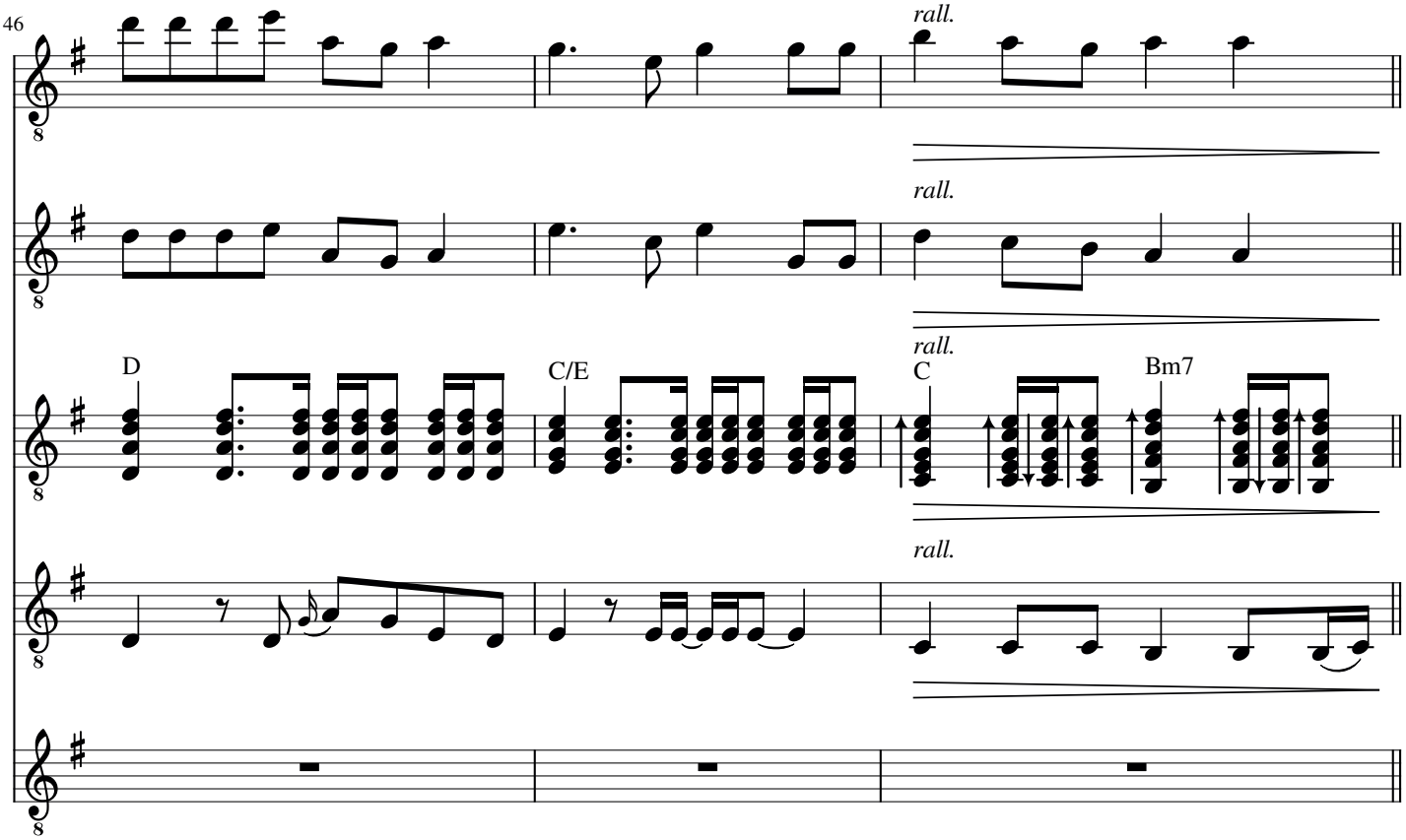

31
Em
C
F

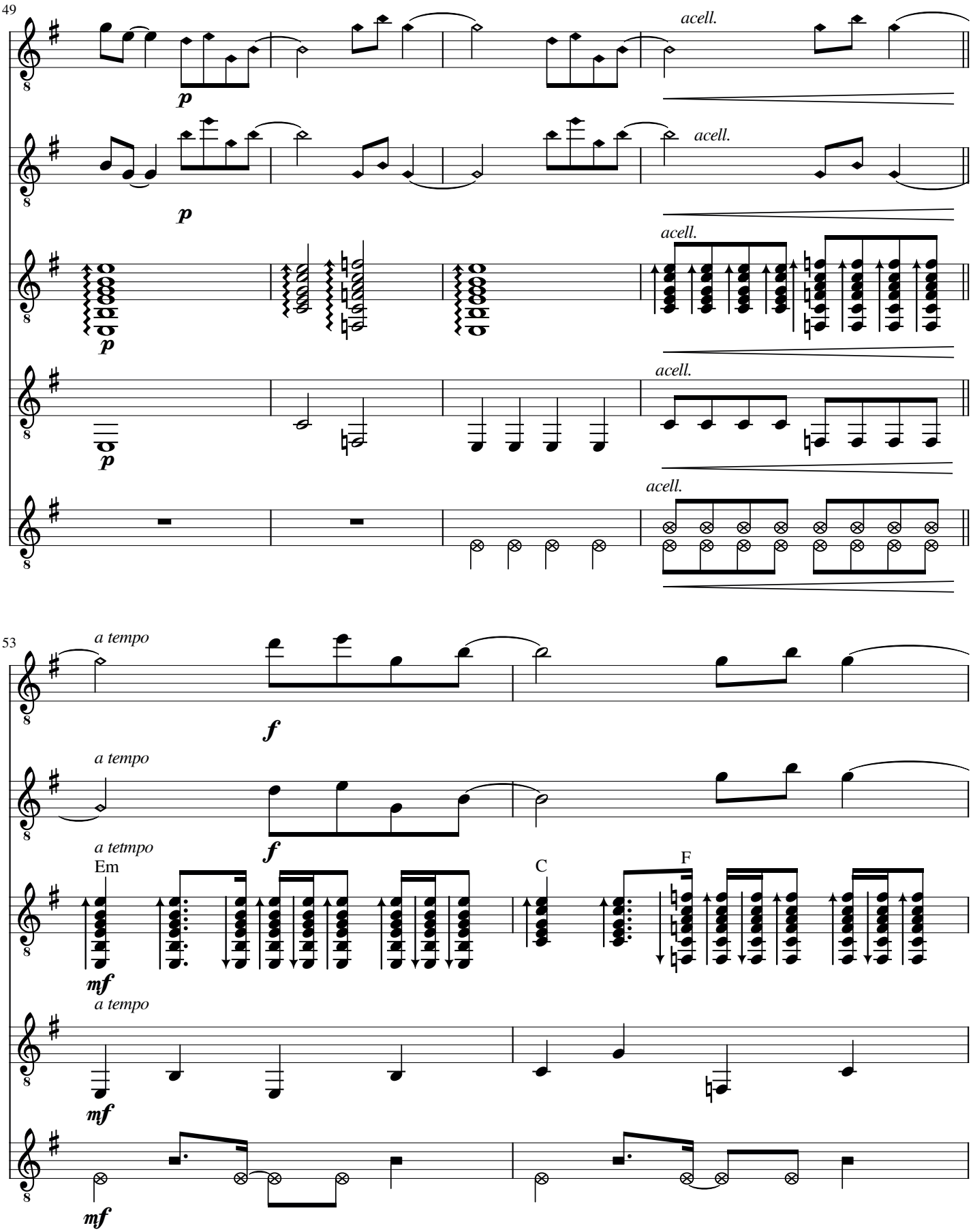

33
mf
mf
Em
C
F
Em
mp
mf

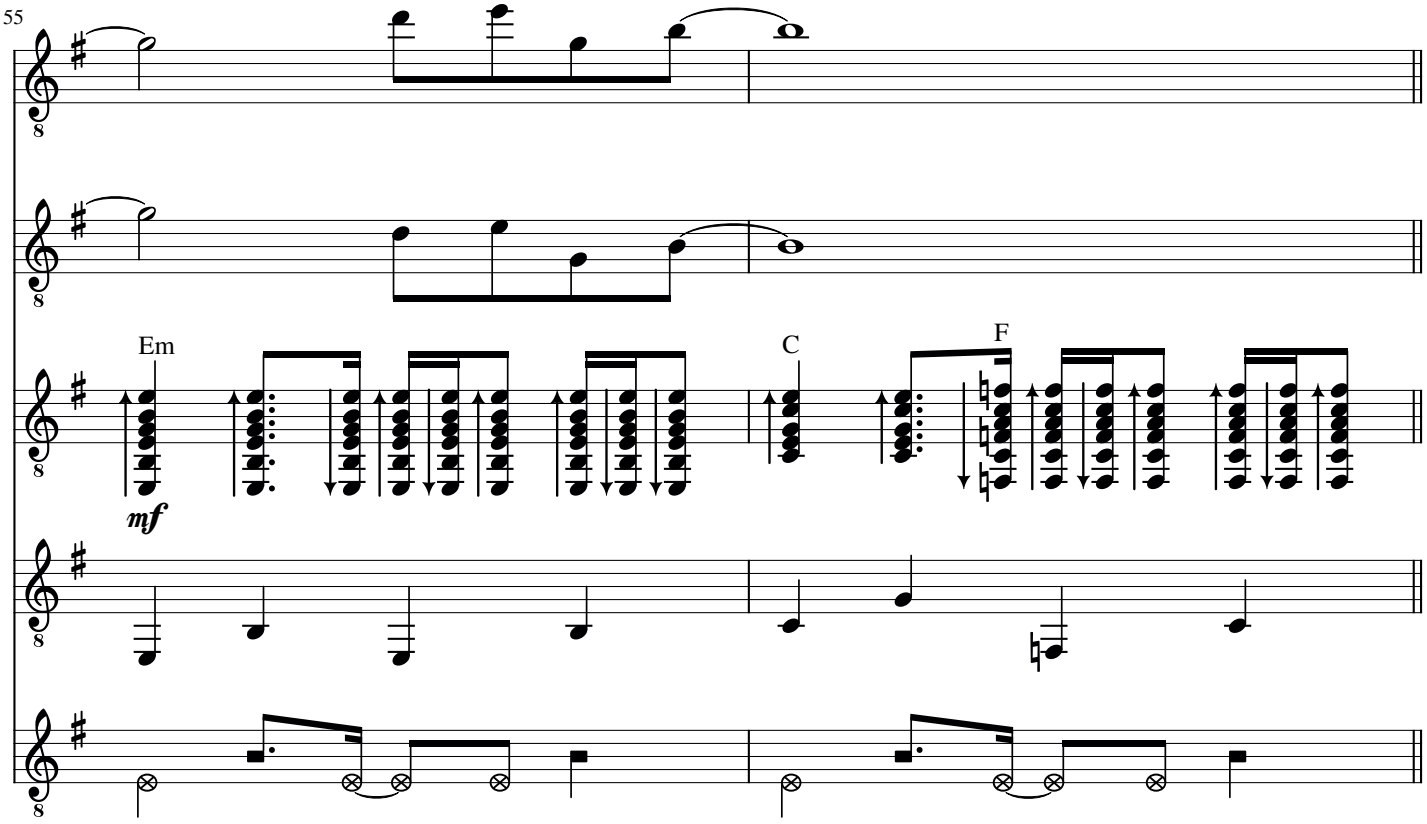

36
C
F
Em
C
F

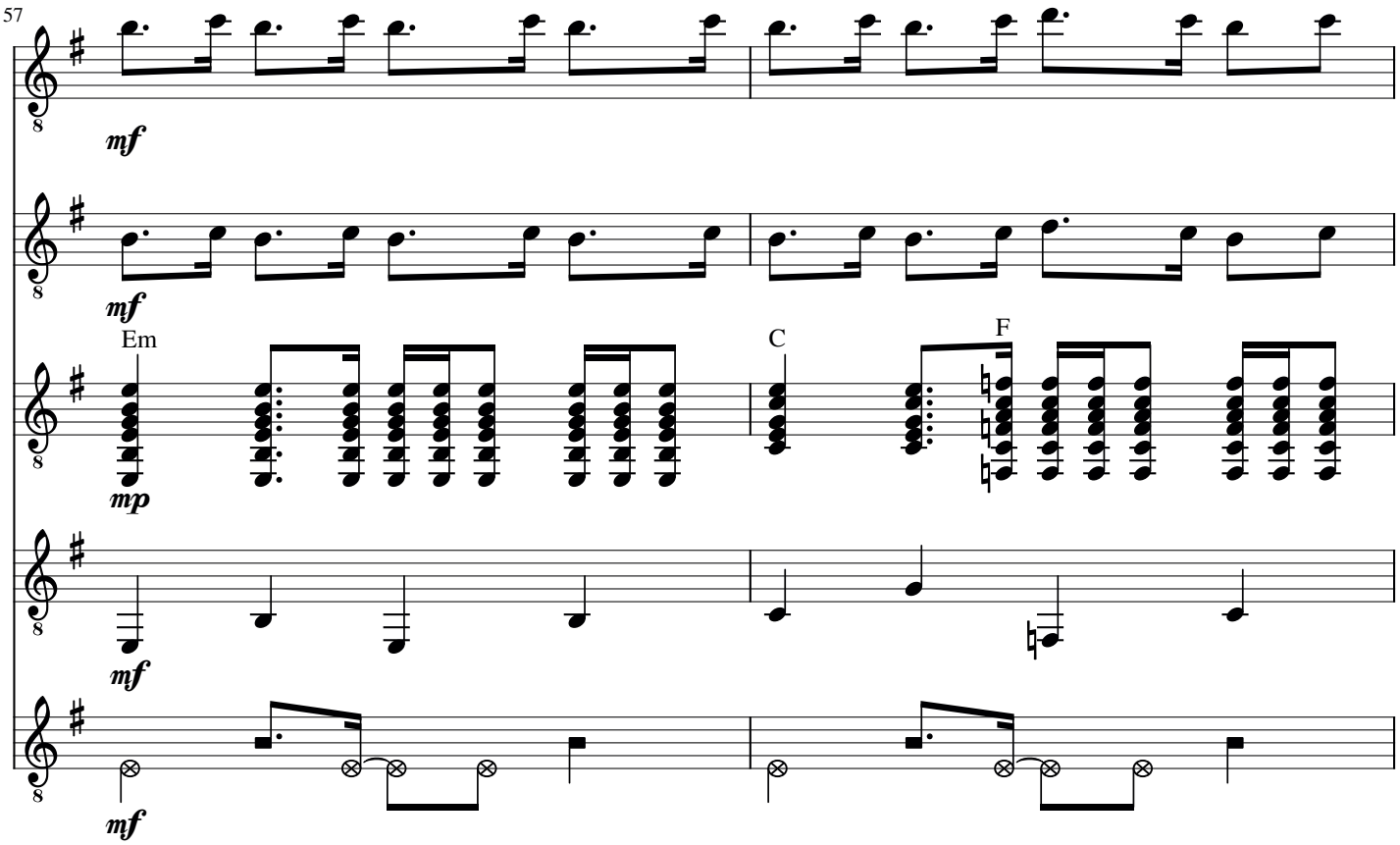

39
f
f
Em
C
F
C/E
mf
f

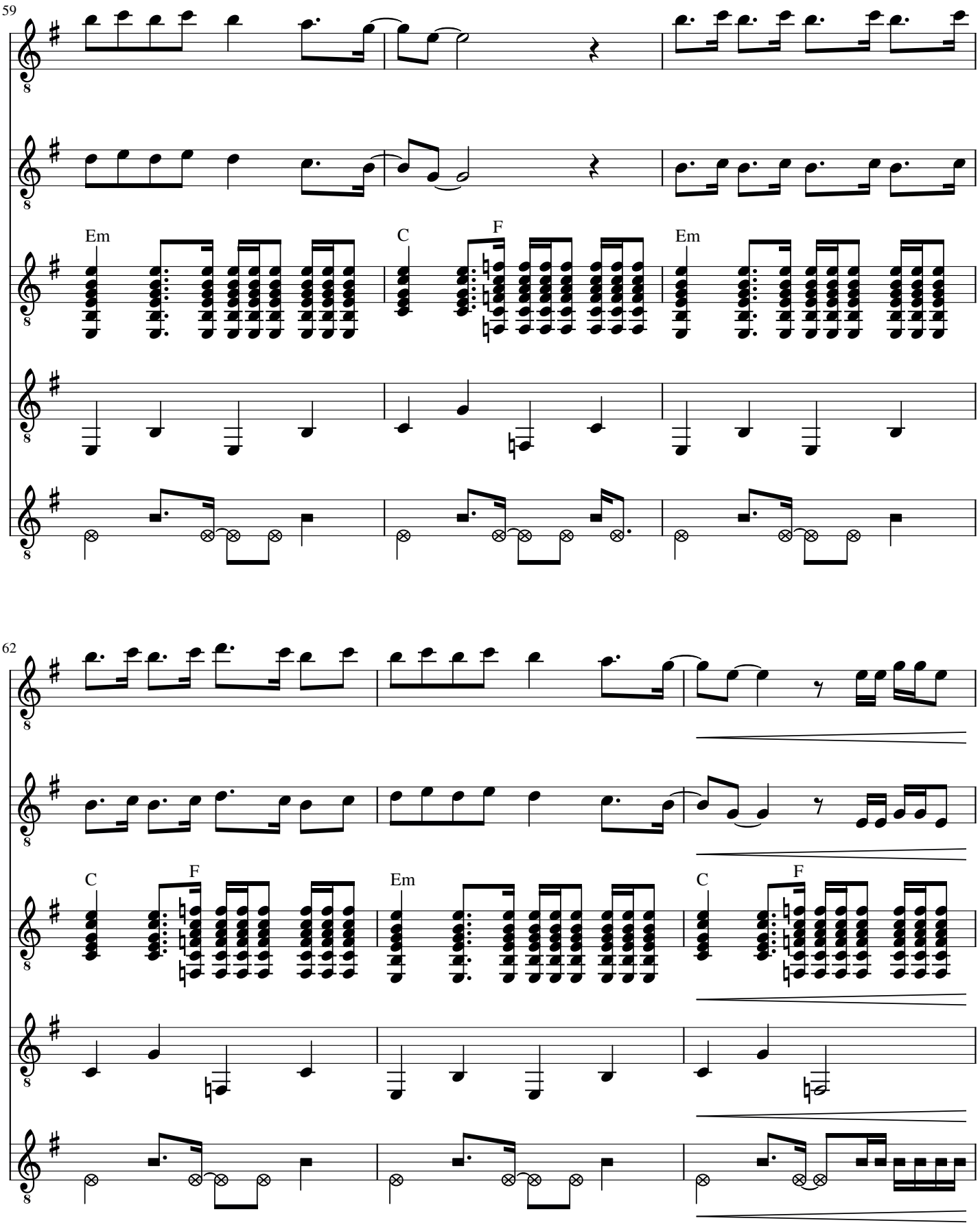

42
D
C/E
D
C/E

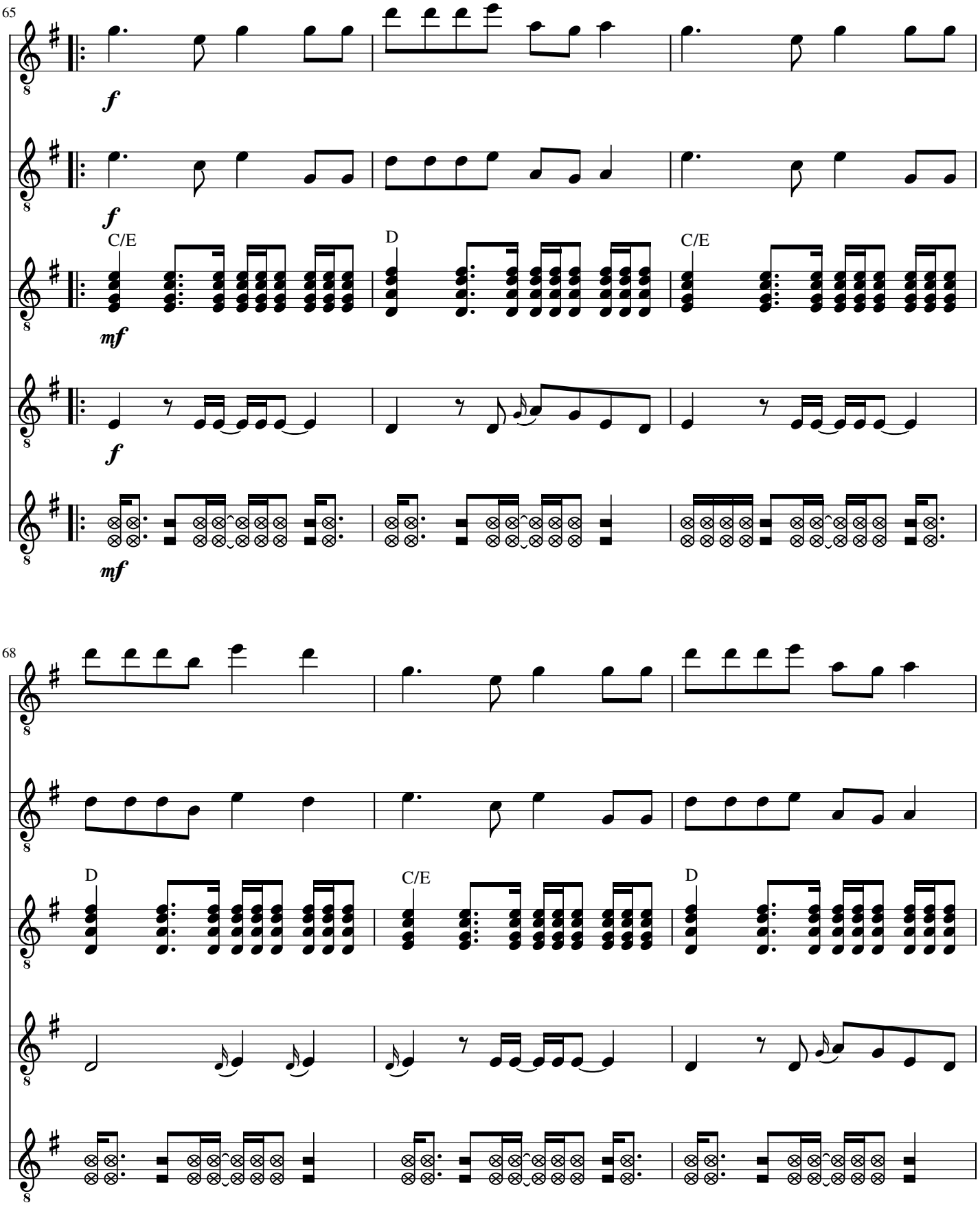

46
rall.
rall.
rall.
rall.
D
C/E
C
Bm7

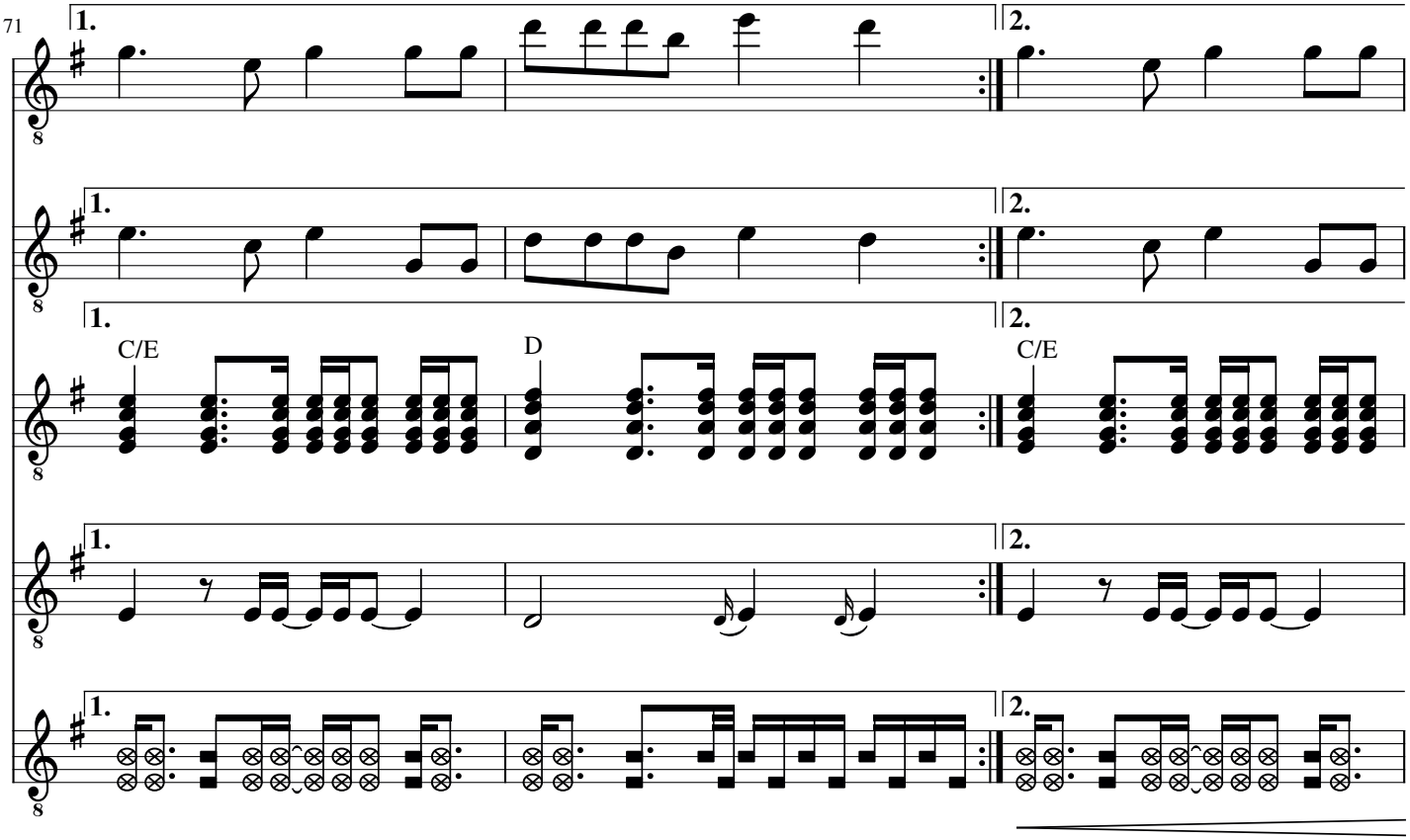

49
acell.
p
53
a tempo
f
a tetmpo
Em
C
F
mf

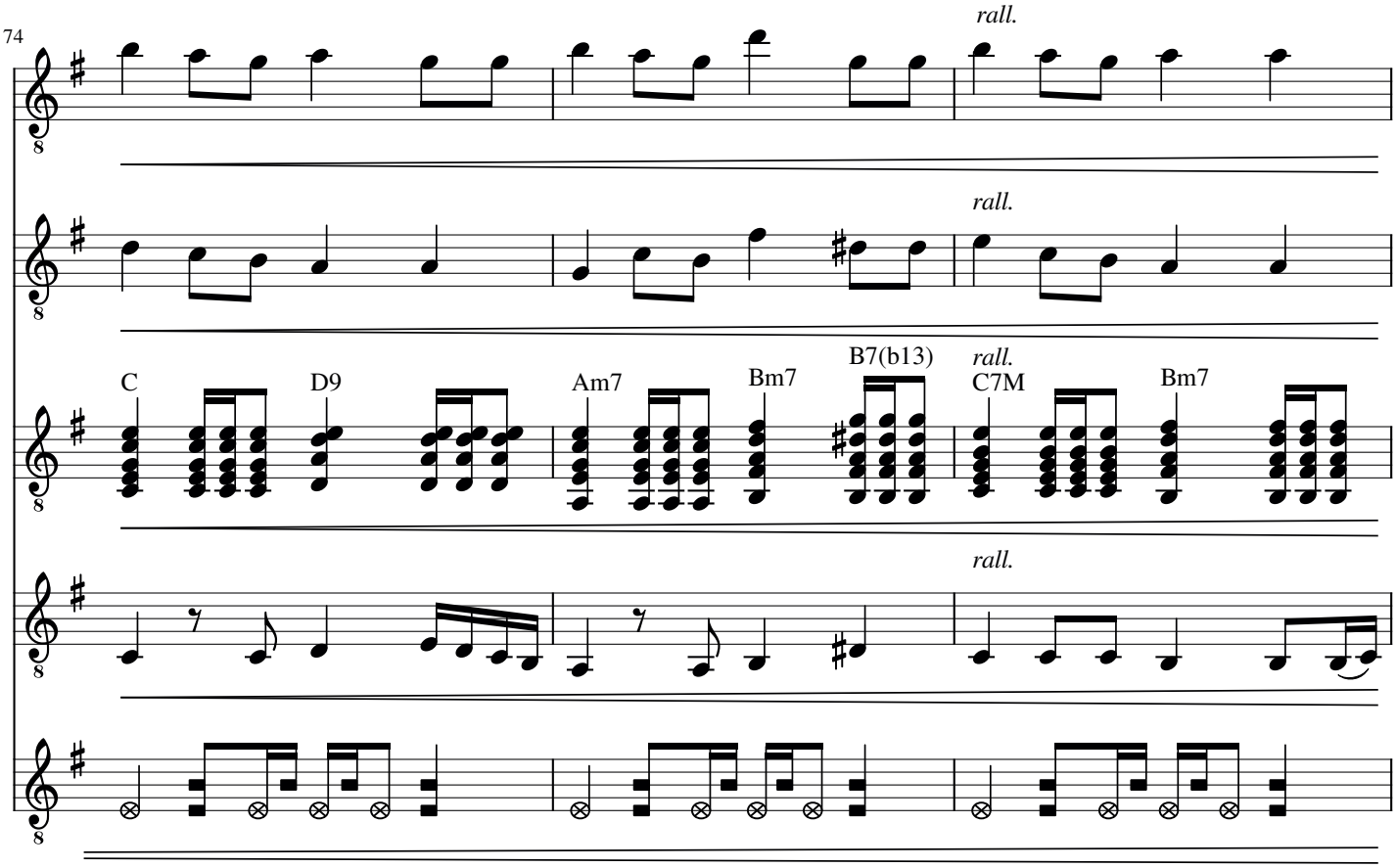

55
Em
C
F
mf

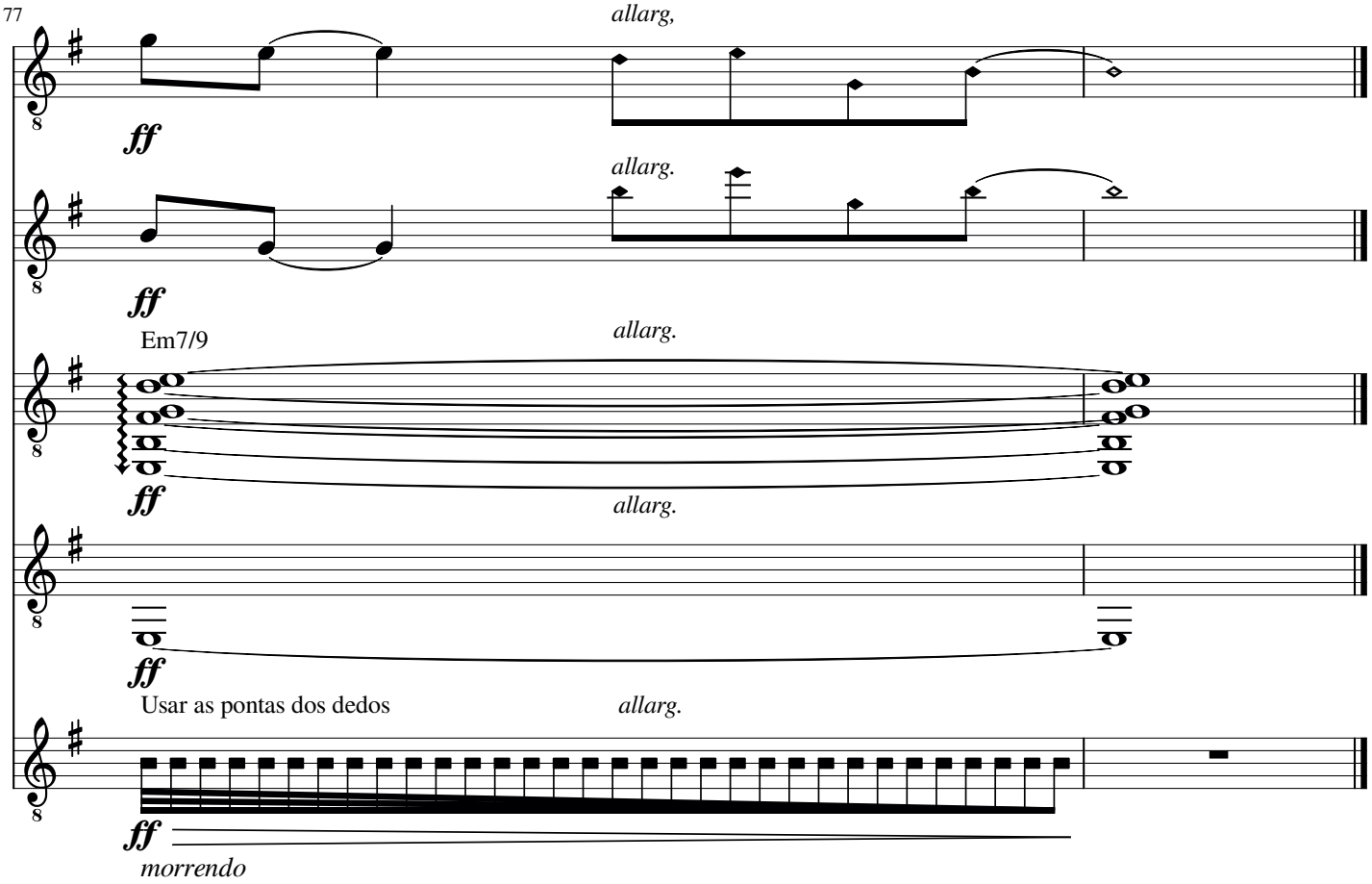

57
mf
mf
Em
C
F
mp
mf
mf


59
Em
C
F
Em
62
C
F
Em
C
F


65
f
f
C/E
D
C/E
mf
f
mf
68
D
C/E
D


71
1.
2.
C/E
D
C/E


74
rall.
C
D9
Am7
Bm7
B7(b13)
C7M
Bm7


77
allarg,
ff
allarg.
ff
Em7/9
allarg.
ff
allarg.
ff
Usar as pontas dos dedos
allarg.
ff
morrendo

Lordose pra Leão

Lordose pra Leão

José Roberto Santos Neves

Nascido da mente dos estudantes de Jornalismo da Ufes Adolfo Oleare e Alex Pandini, o Lordose pra Leão redigiu algumas das mais bem traçadas linhas do rock do Espírito Santo nos anos 90. Pandini sofria de dores na coluna e aproveitou o incômodo provocado por sua curvatura anormal para batizar a banda de Lordose pra Leão, trocadilho que também combinou com a (má) qualidade da comida servida no Restaurante Universitário (R.U.), que era "dose pra leão". Interpretações à parte, o nome do grupo sinalizava a simpatia por um humor nonsense que andava em falta numa cena dominada por roqueiros que escreviam em inglês e passavam os dias sonhando com o glamour dos popstars endinheirados de Los Angeles.

No segundo semestre de 1991 Adolfo e Pandini comandavam o "Rádio pirata – o melhor programa do mundo" na 94.9 FM, a "maldita" de Guarapari, e um dia Adolfo fez uma entrevista com os integrantes do grupo Companhia 95. Adolfo e Pandini já tinham algumas letras na manga e surgiu a oportunidade de participar da festa de aniversário da rádio do empresário e professor de Comunicação Social da Ufes Ricardo Conde com a base do Companhia 95. Mesmo sem contar com Pandini (o motivo da sua ausência é contado com detalhes no livro "Rockrise – A História de uma Geração que fez Barulho no Espírito Santo", deste autor que vos escreve), o *début* do Lordose pra Leão foi um sucesso e deixou o gostinho de quero mais para os presentes.

Depois daquele show e de uma jam com mais de 20 músicos no Bairro República, o Lordose foi fechando a sua formação num processo de seleção natural: Adolfo (vocal), Alex Pandini (vocal), Serjão Nascimento (vocal), André Moreira (guitarra), Sandro Costa (baixo), Zen Renato (trompete) e Rossini (bateria). Zen Renato, ex-trompetista da Banda da Escola Técnica Federal, fazia Publicidade na Ufes e ganhava a vida tocando em bandas de carnaval e bandinhas infantis, fantasiado de Mickey, Tartaruga Ninja e outros heróis. De seus sopros vinha o diferencial da banda: afinal quem iria imaginar que guitarra e trompete haviam nascido um para o outro?

Com a formação fechada, o septeto fez seu primeiro ensaio aberto com repertório próprio numa sala de aula do ED IV, no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da Ufes, no dia 25 de junho de 1992. Naquela "zorra" saborosa, despontou uma canção de estrutura simples e versos sardônicos que se transformou no primeiro hit lordosiano: "Jullyetzsch". Seu título original era "Joãozinho", mas a banda resolveu mudar para "Jullyetzsch" depois que o então chefe de Departamento do Curso de Comunicação Social, Júlio Martins, se negou a emprestar os microfones do laboratório de rádio para a banda usar naquele show.

Em pouco tempo, a singela homenagem que tinha como refrão "Jullyetzsch era um cara babaca/Ele tinha expressão de panaca" saiu das cercanias do Campus diretamente para a lista das músicas mais executadas da Capital FM. Um (raro) exemplo de fenômeno local em um período no qual Daniela Mercury, Leandro & Leonardo e Raça Negra davam as cartas na indústria fonográfica.

Vieram outros hits universitários, como "Glaucoma", "Uma coisa ruim", "Filme de ação", "Tudo" e "Desencucaê", irreverente resposta em forma de ska à saída traumática do poeta Caê Guimarães após um show no R.U..

O estilo anárquico do Lordose pra Leão chamou a atenção da imprensa nacional. Presente a Vitória para participar de um seminário sobre o Dia Mundial do Rock, promovido pela Prefeitura de Vitória, em julho de 1993, o jornalista da revista "Bizz" Carlos Eduardo Miranda ficou impressionado com o desempenho da banda em uma apresentação na Fafi e adorou quando Pandini desceu do palco no meio de uma música para fazer um telefonema do orelhão. O jornalista, que ensaiava a criação do selo Banguela com os Titãs – lançado efetivamente em 1994 - identificou naquelas atitudes inusitadas um sinal de transgressão e irreverência.

No final de 1993, a banda se apresentou no festival Superdemo, no Circo Voador (RJ), que reuniu expoentes da nova cena noventista em duas noites de shows. Na sexta-feira, a grande atração foi Chico Science & Nação Zumbi, que acabara de assinar contrato com a Sony para a gravação do álbum "Da lama ao caos". O Lordose foi escalado para a noite de sábado, ao lado do conterrâneo Alexandre Lima e dos cariocas O Rappa, Planet Hemp e Gabriel O Pensador. Àquela altura, a banda tinha em sua formação o virtuoso guitarrista Saulo Simonassi. De volta a Vitória, o Lordose empenhou-se em se aproximar de Zé Ramalho, que estava na cidade para fazer um show com Geraldo Azevedo no Teatro Glória. A banda havia feito uma releitura thrash metal de "Frevo mulher" e seus integrantes estavam ansiosos para apresentá-la ao autor da canção.

Após esse contato, o Lordose não só conseguiu a liberação de Zé Ramalho para a gravação de "Frevo mulher", como também contou com a participação do Bob Dylan do sertão na canção "Ananias e o cavalo", escolhida pelo próprio cantor por lembrar a estrutura de um poema de cordel. Ambas fizeram parte do primeiro CD – intitulado "Os pássaros não calçam rua" –, de 1996. A este disco seguiram-se "Todo mundo está Feliz" (2001), que traz o hit "Um Indivíduo", transcrito para violão instrumental neste songbook; "Live in Big Field, Pior que a Merda" (2003) e "Eu tenho que vomitar meu cérebro" (2010).

Muitos músicos passaram pela banda, mas a formação mais duradoura foi mesmo a do primeiro disco: Serjão (vocais), Adolfo (gritador), Zen Renato (trompete e vocais), Marcelo Kubbor (guitarra e vocal chato), Sandro Costa (baixo e vocal), e Márcio Vaccari (baterias e cão).

Em agosto de 2017, a banda produziu um LP com a edição limitada de "Os Pássaros não Calçam Rua", em comemoração aos 20 anos de lançamento do primeiro disco. Oficialmente o Lordose pra Leão nunca deixou de existir. Nos últimos dez anos a banda vive de apresentações esporádicas em shows, festivais e em ocasiões especiais, como a festa de 60 anos da Ufes, em 2014. Talvez seja melhor assim: ao mesmo tempo em que fez história, o Lordose pra Leão continua procurando vaga na selva do rock animal capixaba.

Integrantes:
Adolfo Oleari (vocal)
Serjão Nascimento (vocal)
Zé Renato (trompete e vocal)
Marcelo Maia (guitarra)
Sandro Costa (baixo)
Márcio Vaccalôca (bateria)
Luciano Cruz (saxofone)

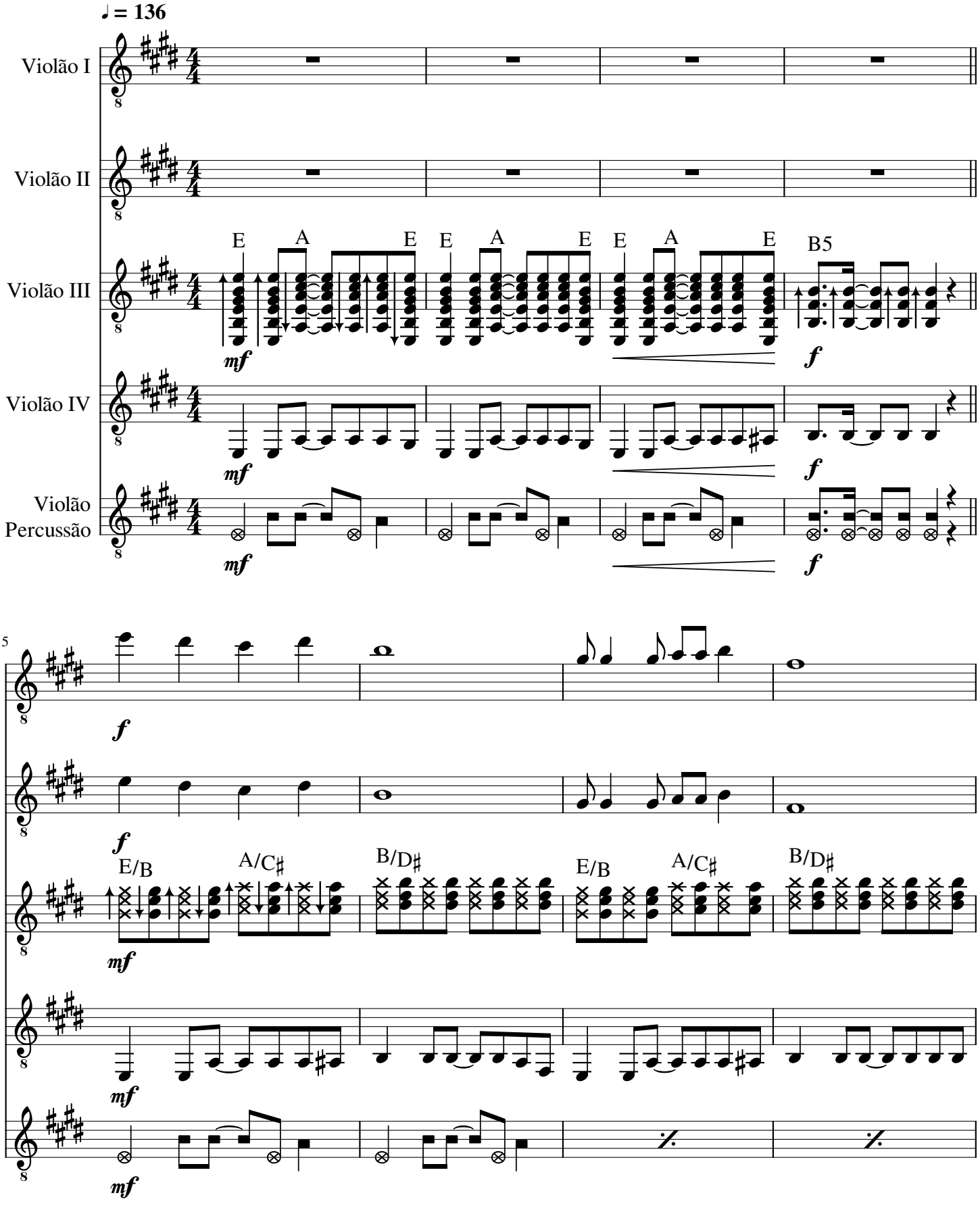
Ex-integrantes:
Alex Pandini (vocal)
André Moreira (guitarra)
Saulo Simonassi (guitarra)
Kiko Pilha (guitarra)
Gean Pierre (guitarra)
Sandro Salviato (baixo)
Zé Renato "Band" (baixo)
Rossini Lobo (bateria)
Marcos Demoner (bateria)

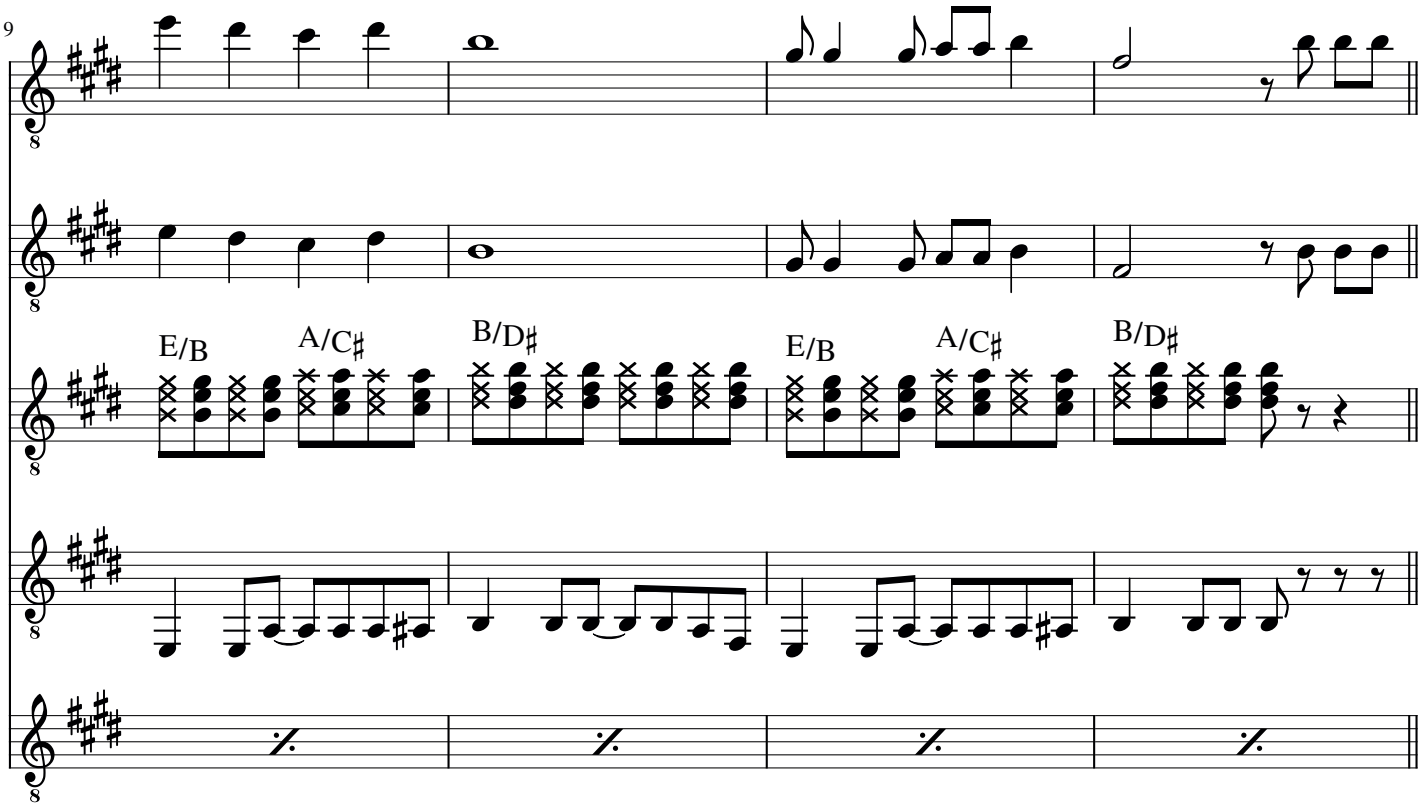
Discografia:
Os Pássaros Não Calçam Rua (1996)
Todo Mundo Está Feliz Aqui na Terra (2001)
Pior que a Merda – Live in Big Field (2003)
Eu Tenho que Vomitar meu Cérebro (2010)
Os Pássaros Não Calçam Rua (2017) – edição limitada em LP

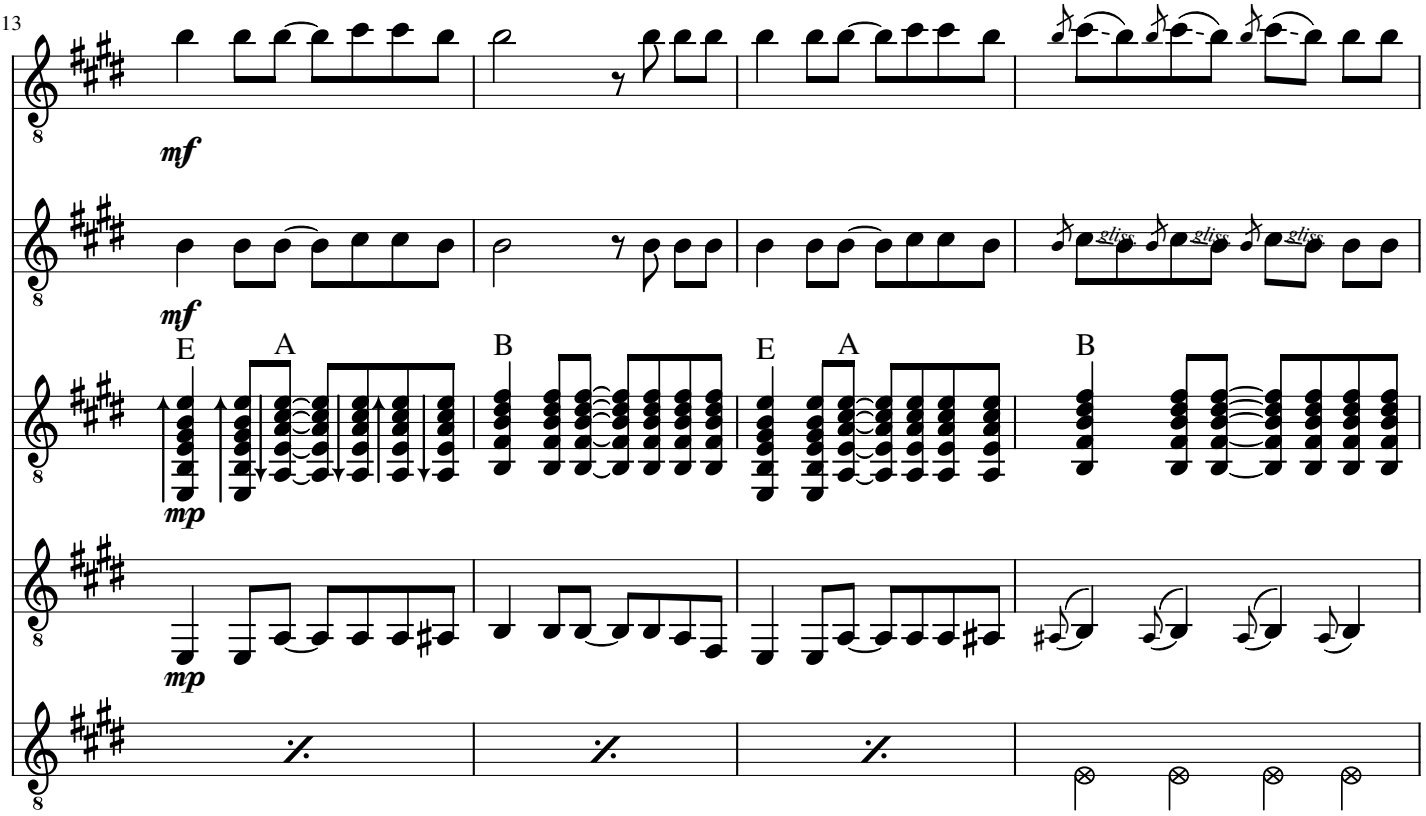
Um Indivíduo

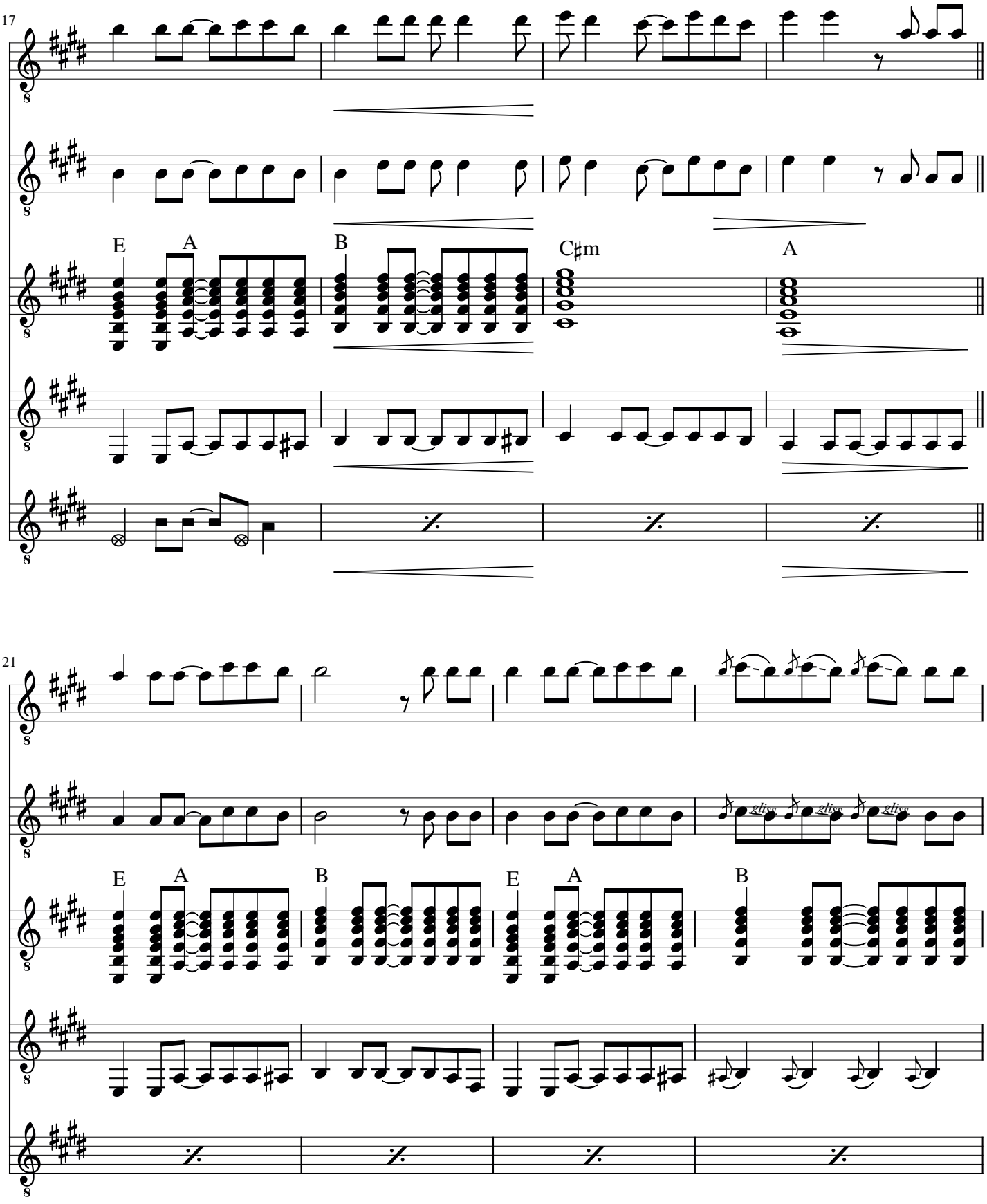
Arranjo Bruno Soares

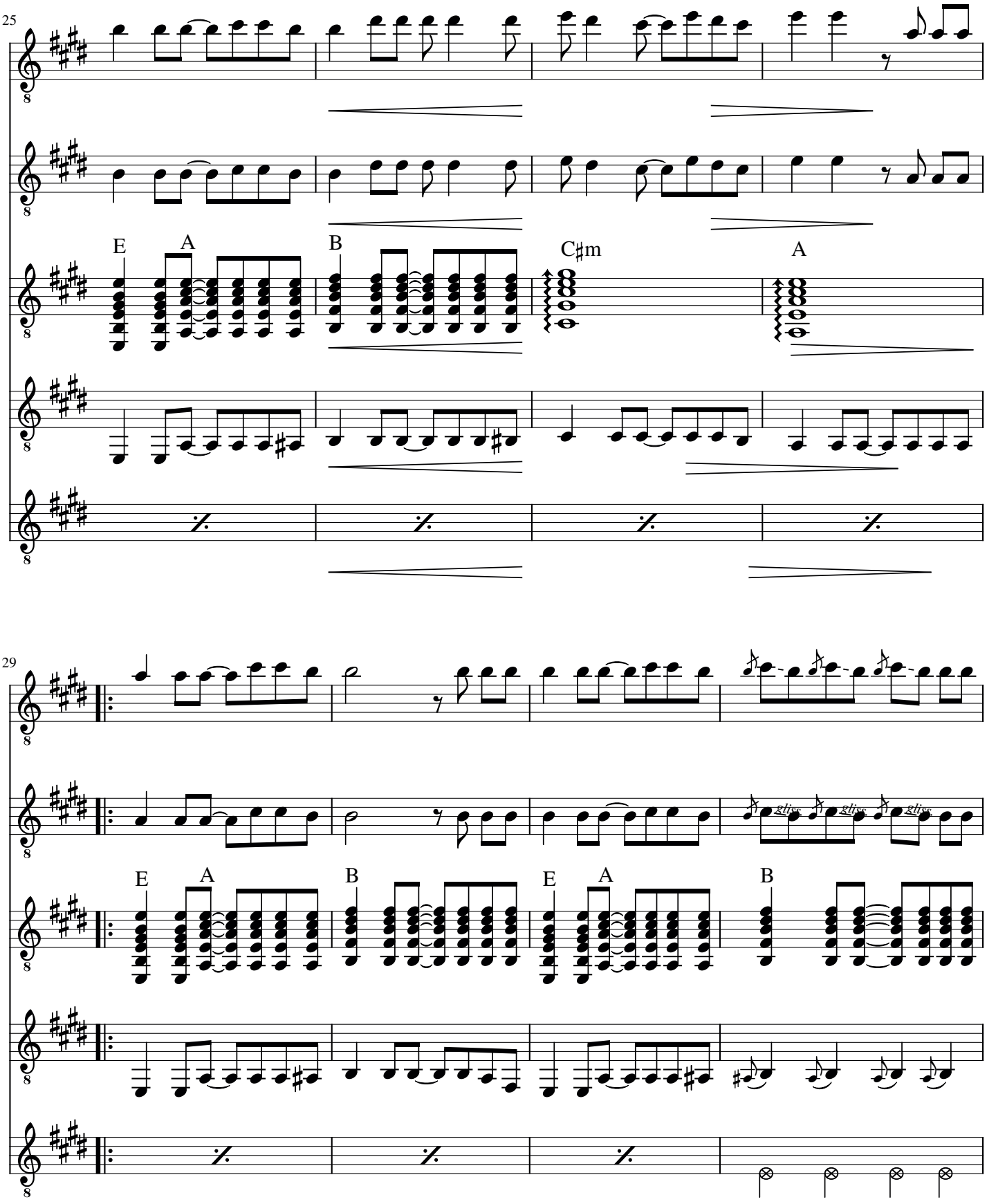
Lordose pra Leão

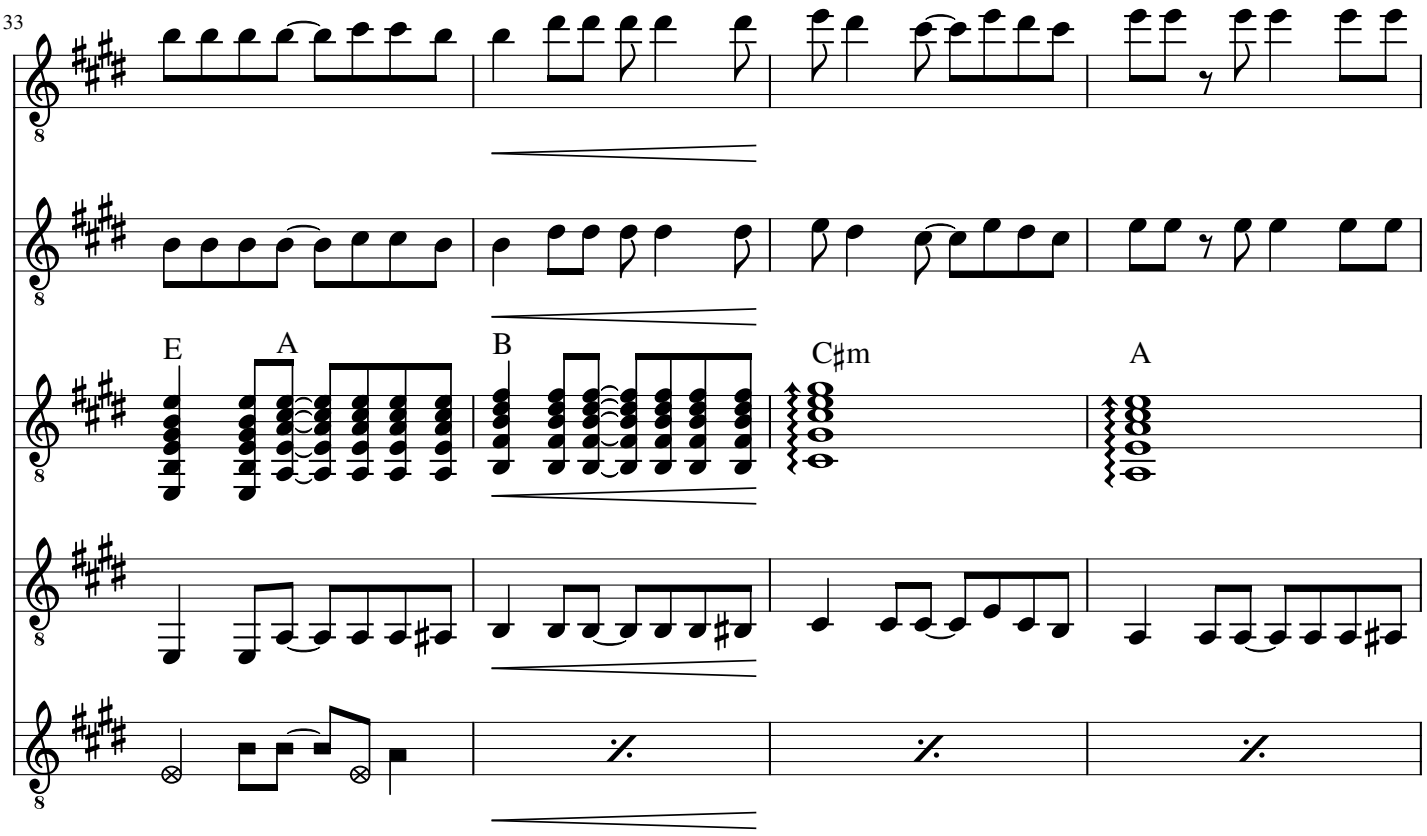


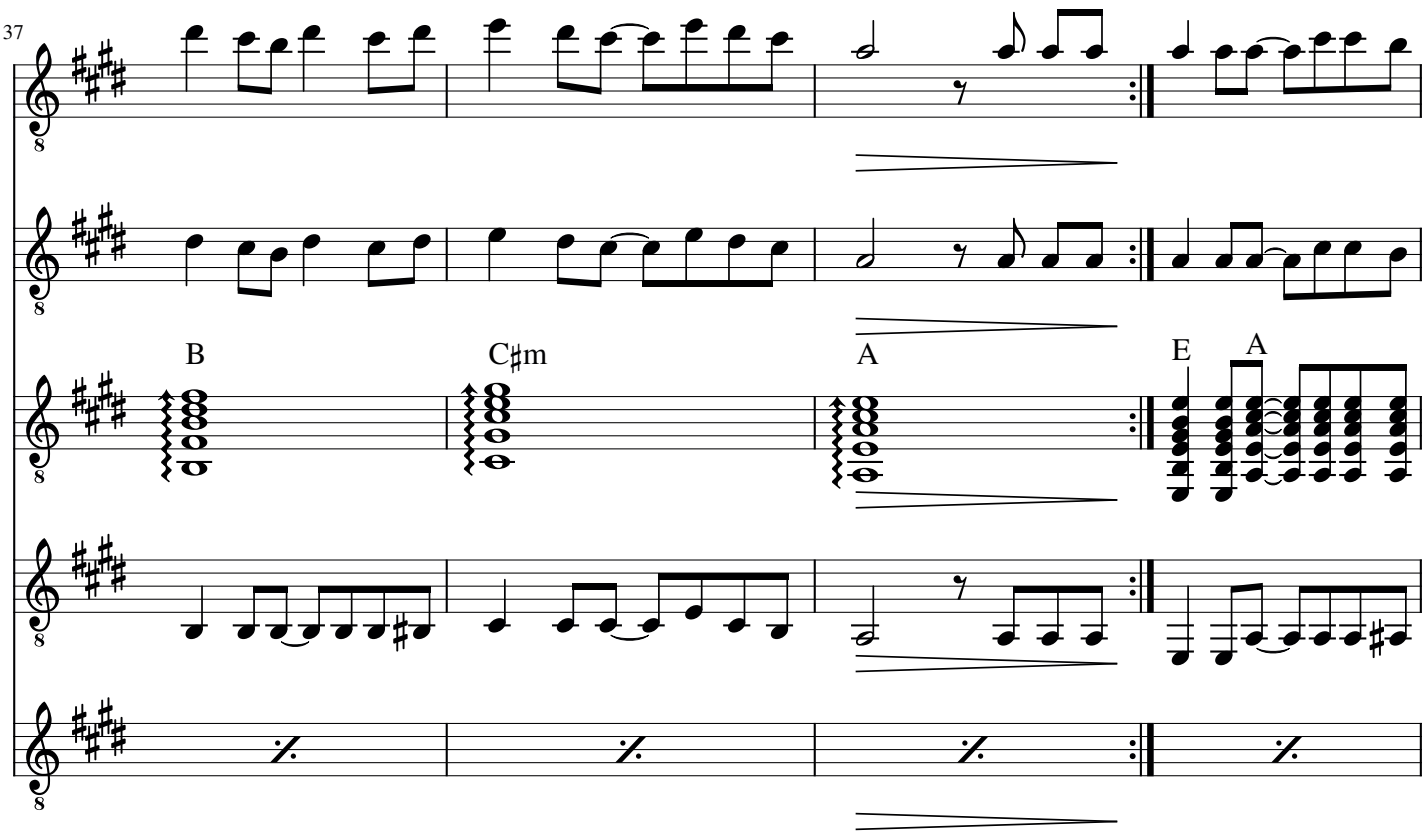

9
E/B
A/C♯
B/D♯
E/B
A/C♯
B/D♯

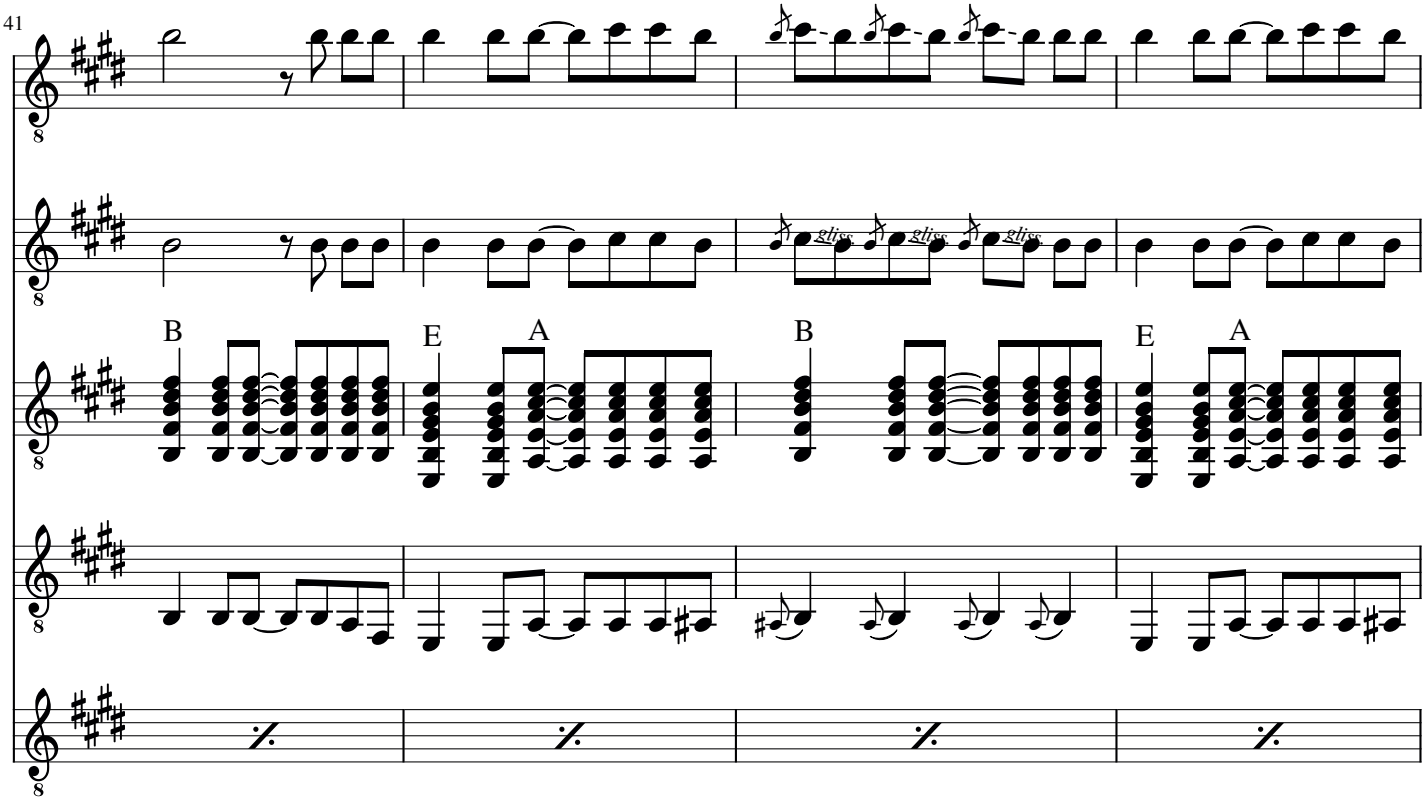

13
mf
mf
E
A
B
E
A
B
mp
mp
gliss.
gliss.
gliss.

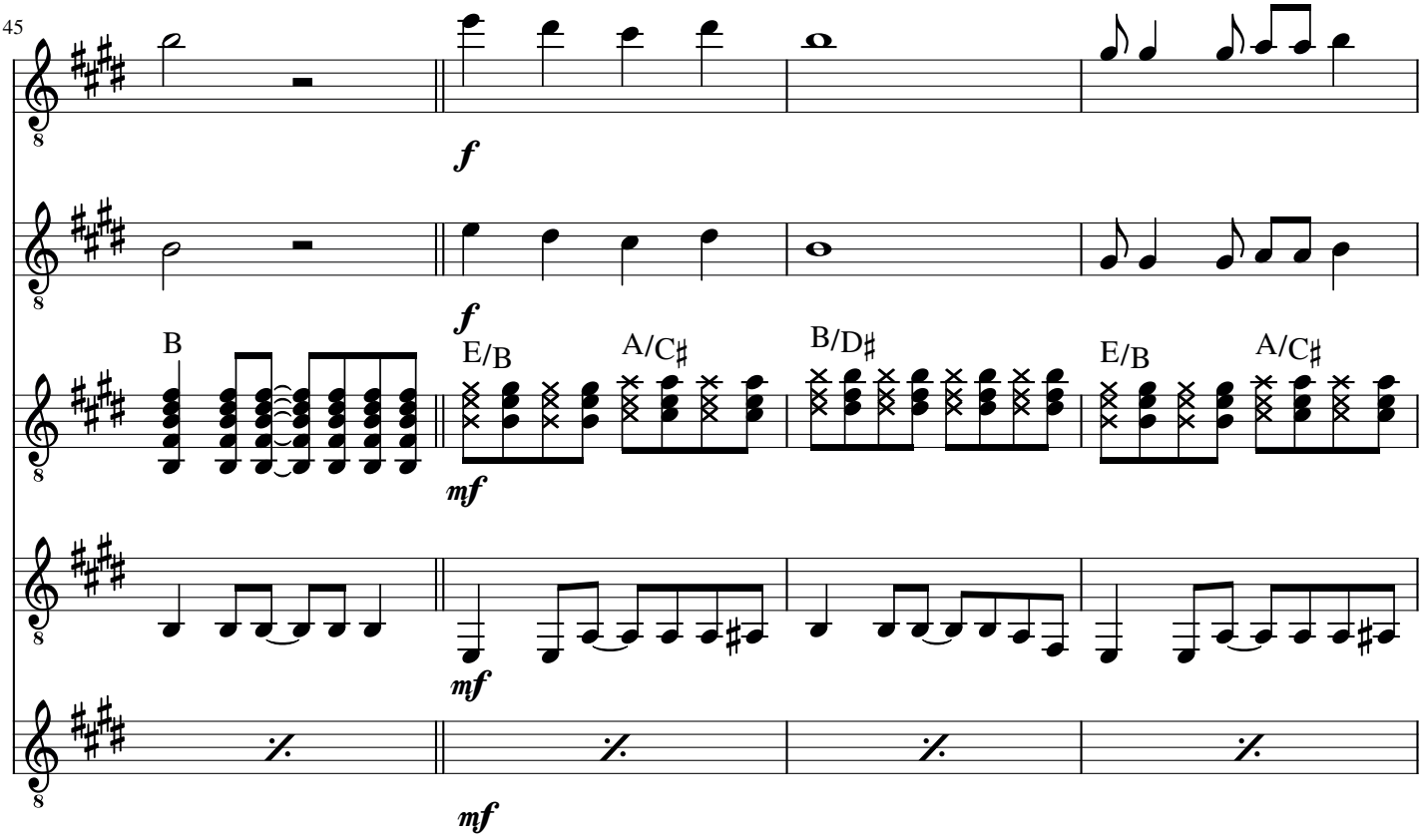

17
E
A
B
C♯m
A
21
E
A
B
E
A
B
gliss.
gliss.
gliss.

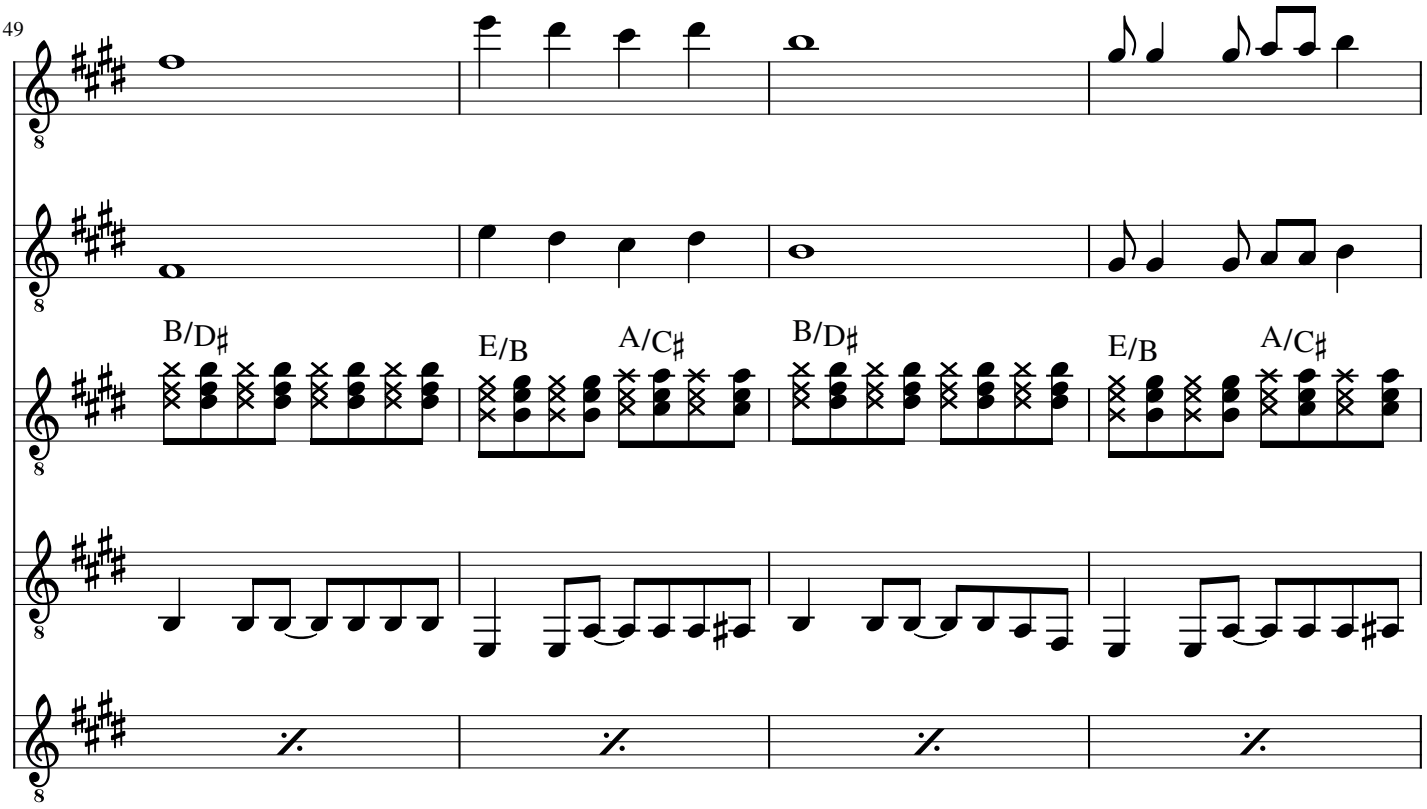

25
E
A
B
C♯m
A
29
E
A
B
E
A
B
gliss.
gliss.
gliss.

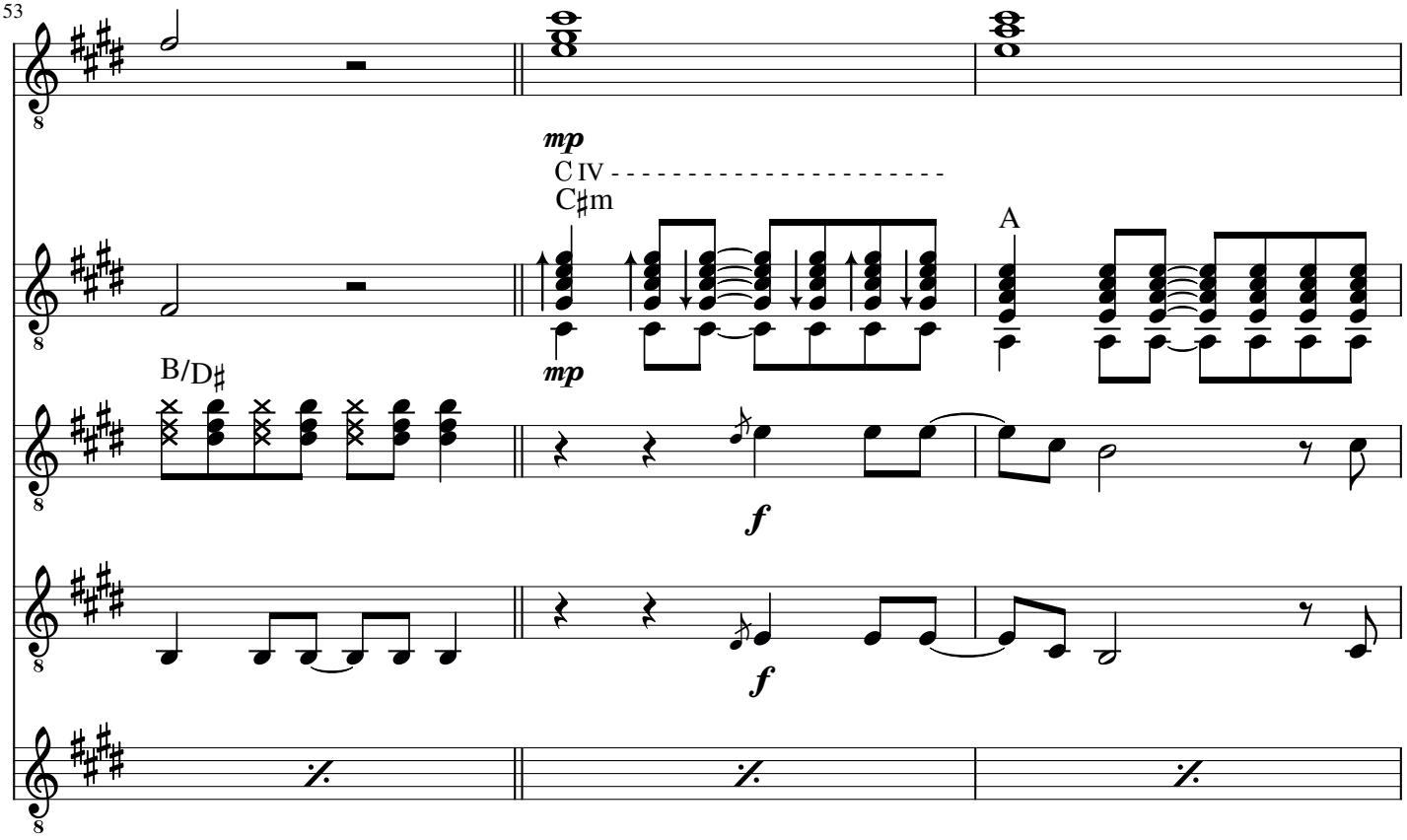

33
E
A
B
C♯m
A

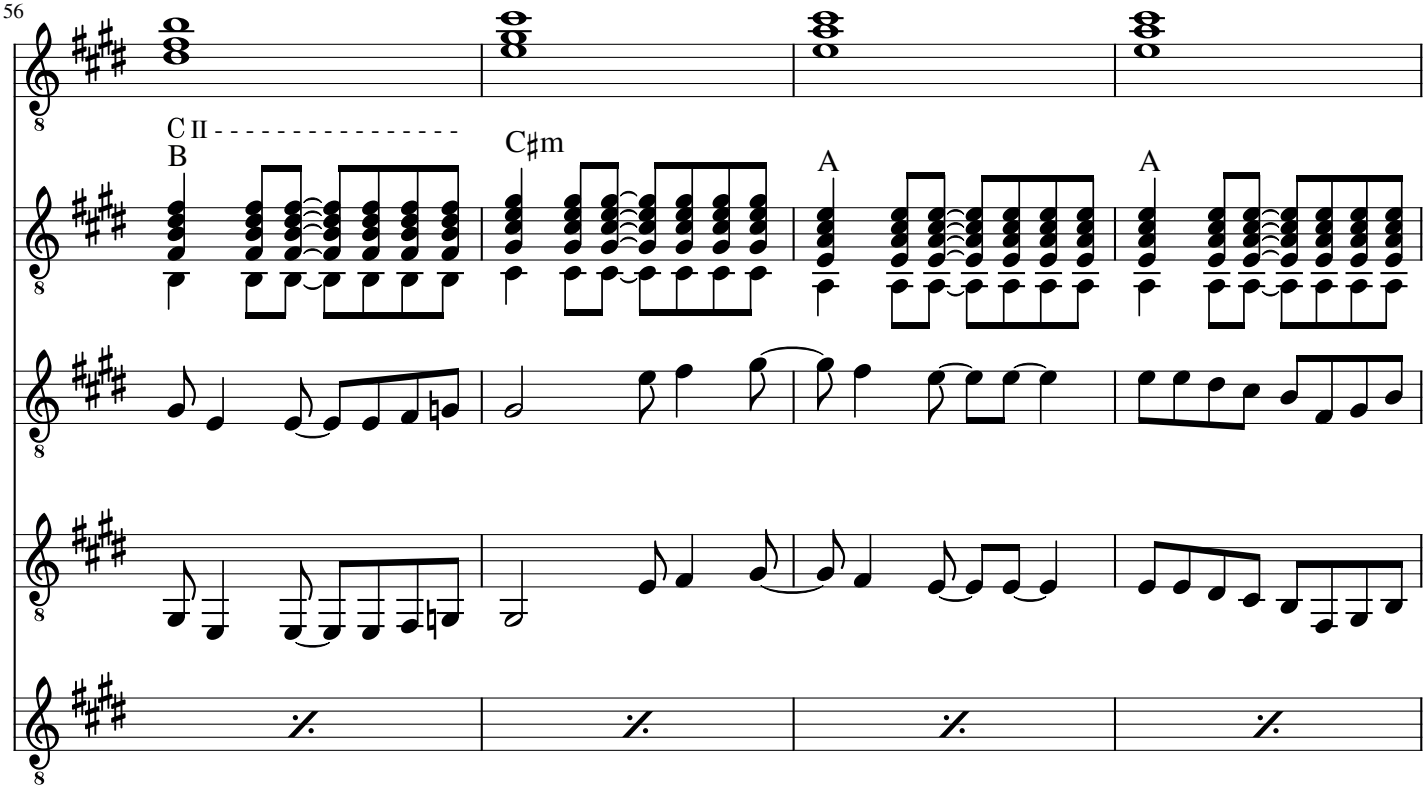

37
B
C♯m
A
E
A

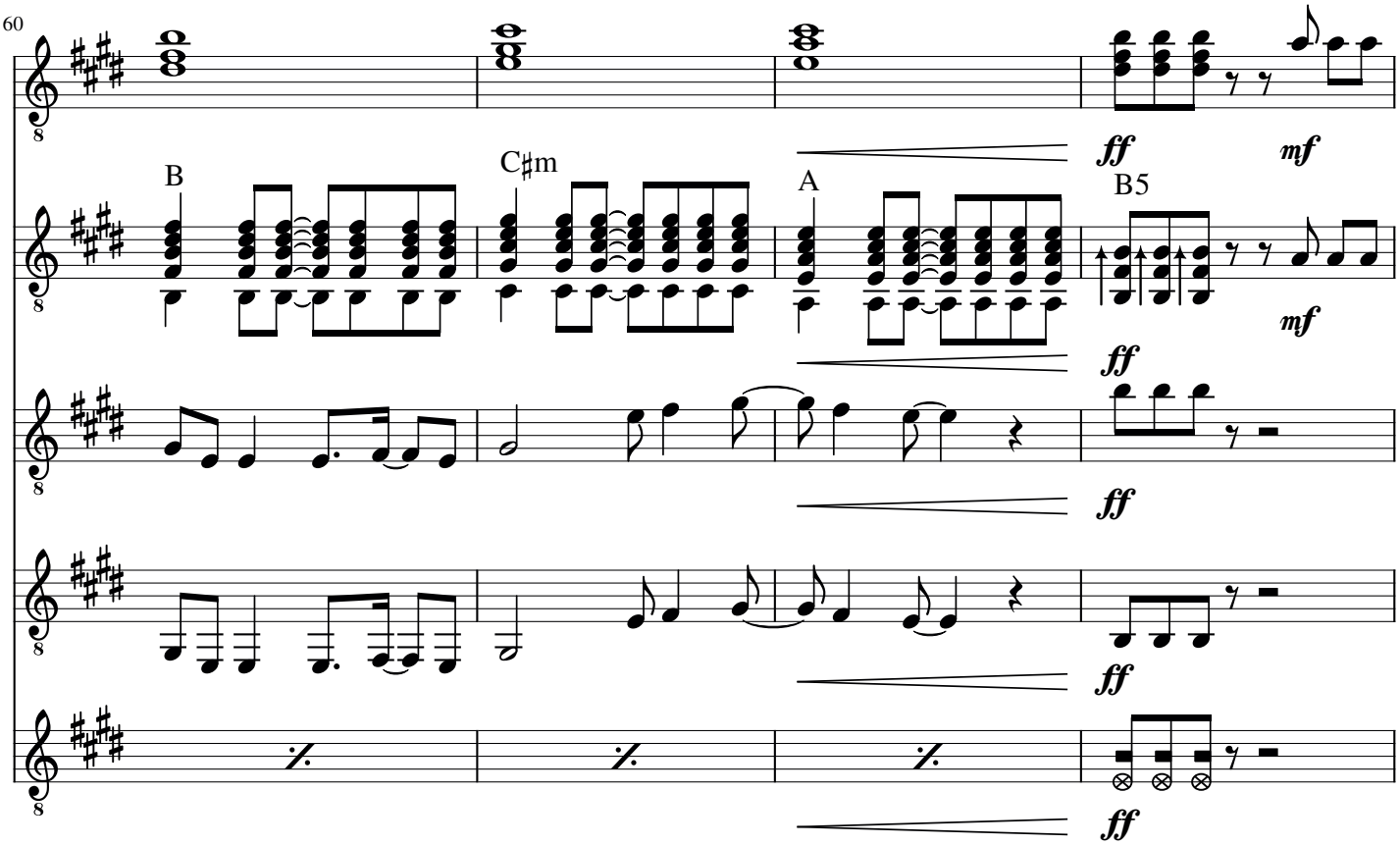

41
B
E
A
B
E
A
gliss.
gliss.
gliss.

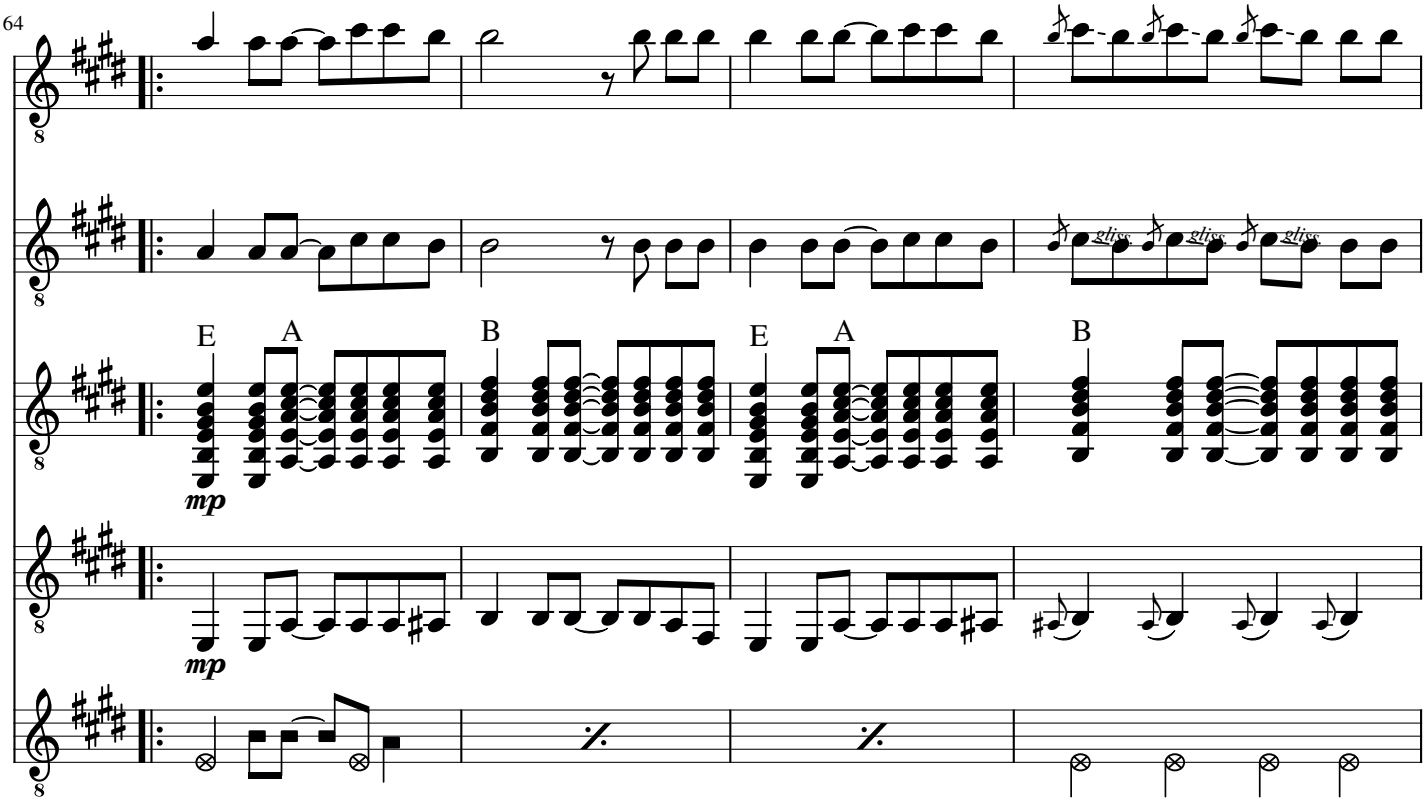

45
f
f
B
E/B
A/C♯
B/D♯
E/B
A/C♯
mf
mf
mf

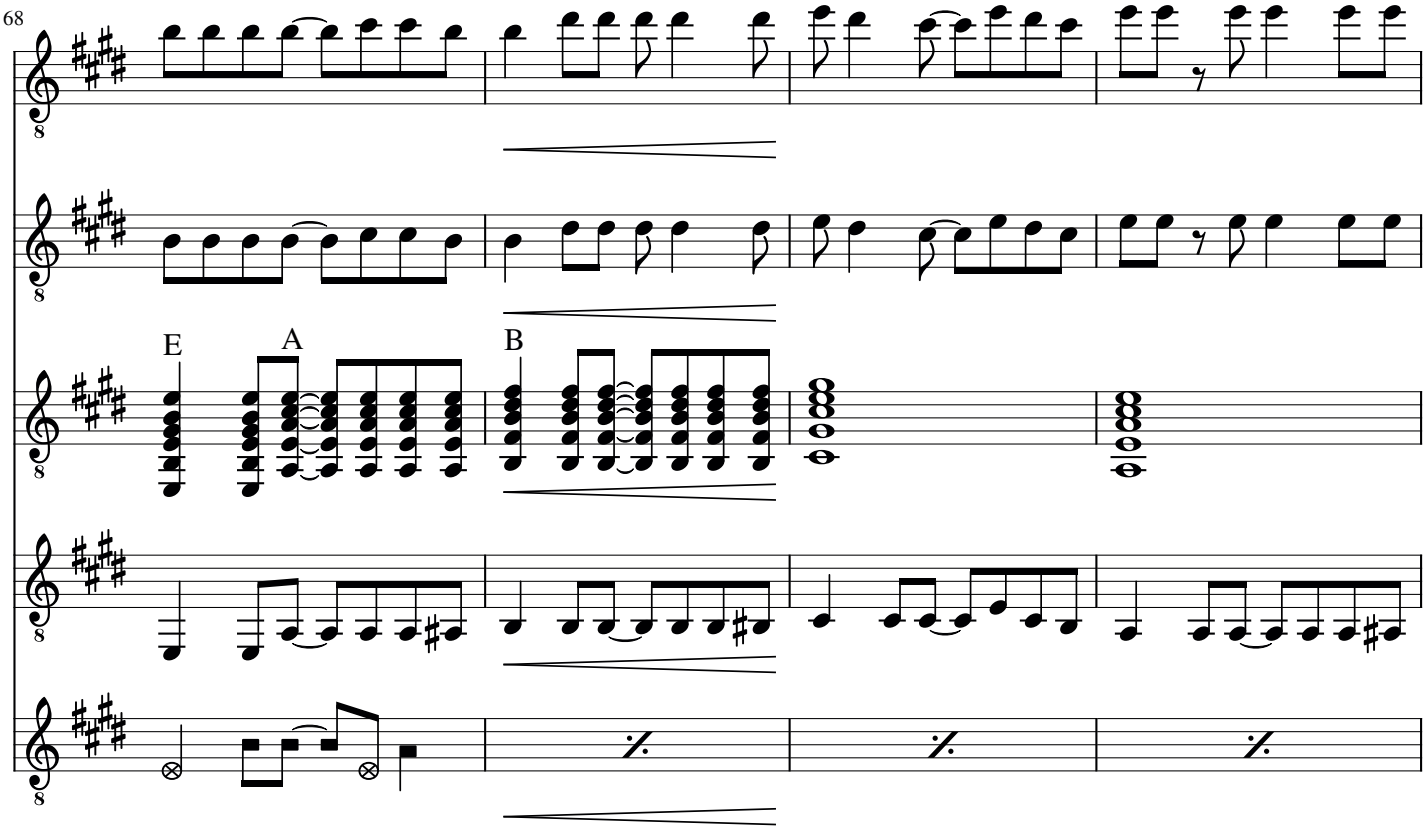

49
B/D♯
E/B
A/C♯
B/D♯
E/B
A/C♯

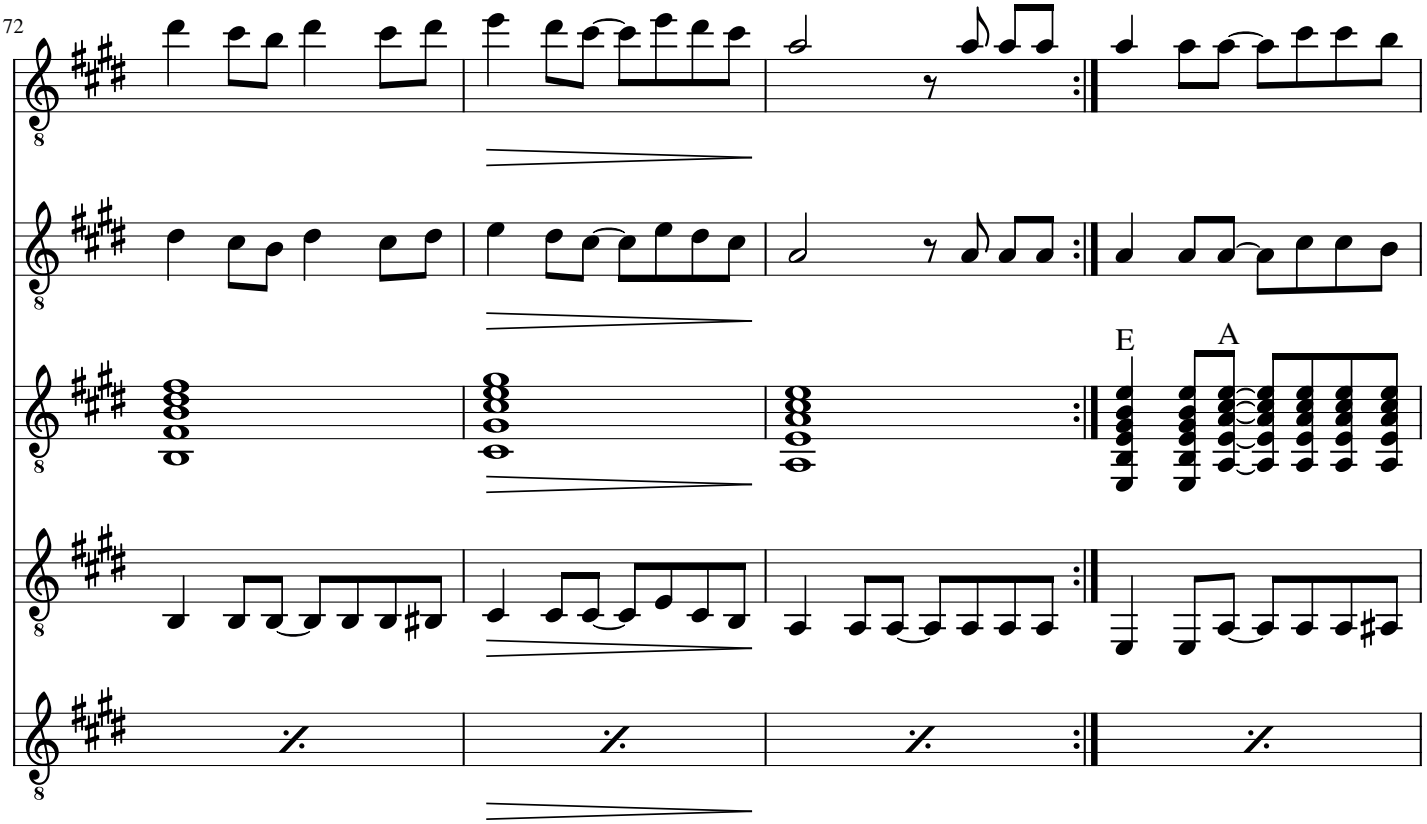

53
mp
C IV
C♯m
A
B/D♯
mp
f
f

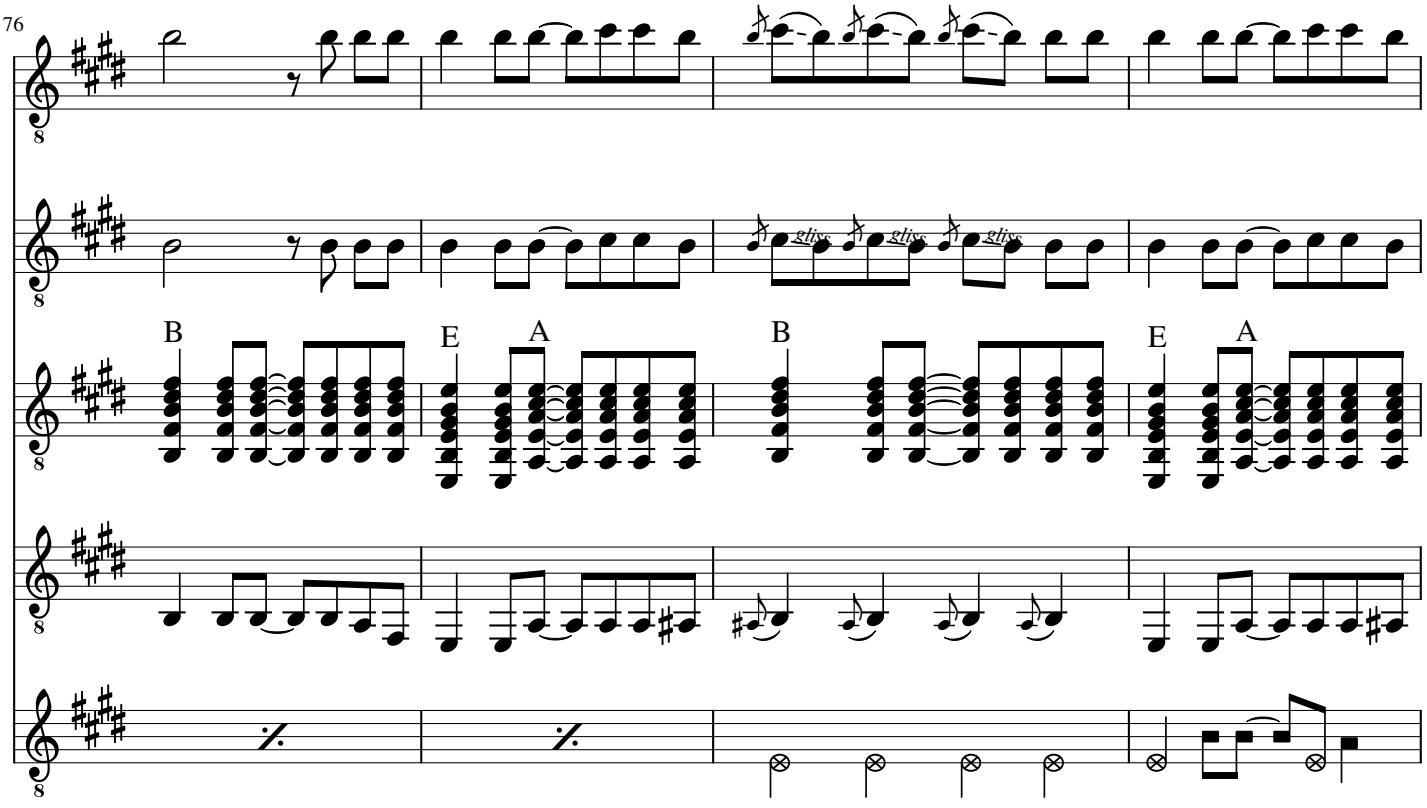

56
C II
B
C♯m
A
A

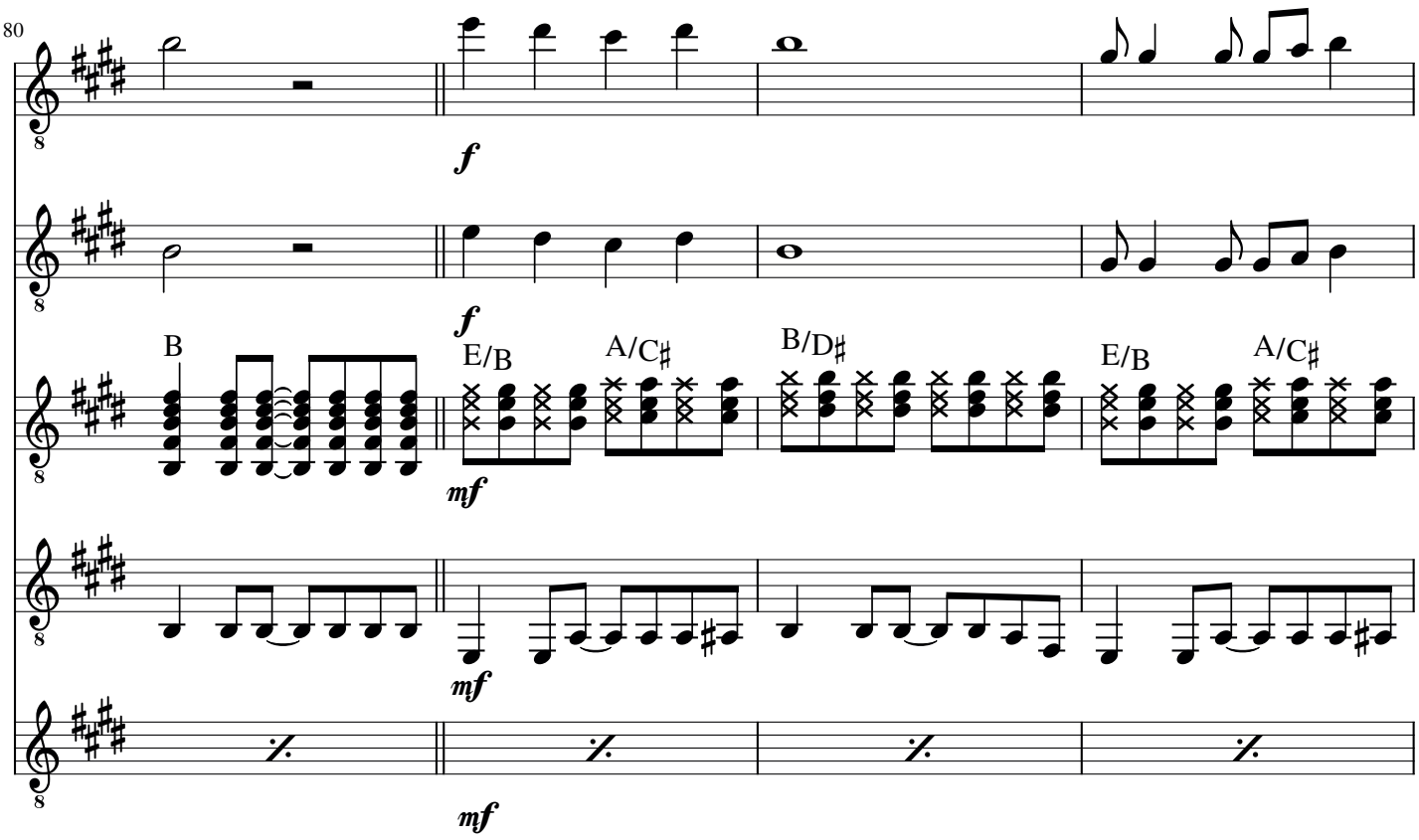

60
B
C♯m
A
B5
ff
mf
mf
ff
ff
ff
ff

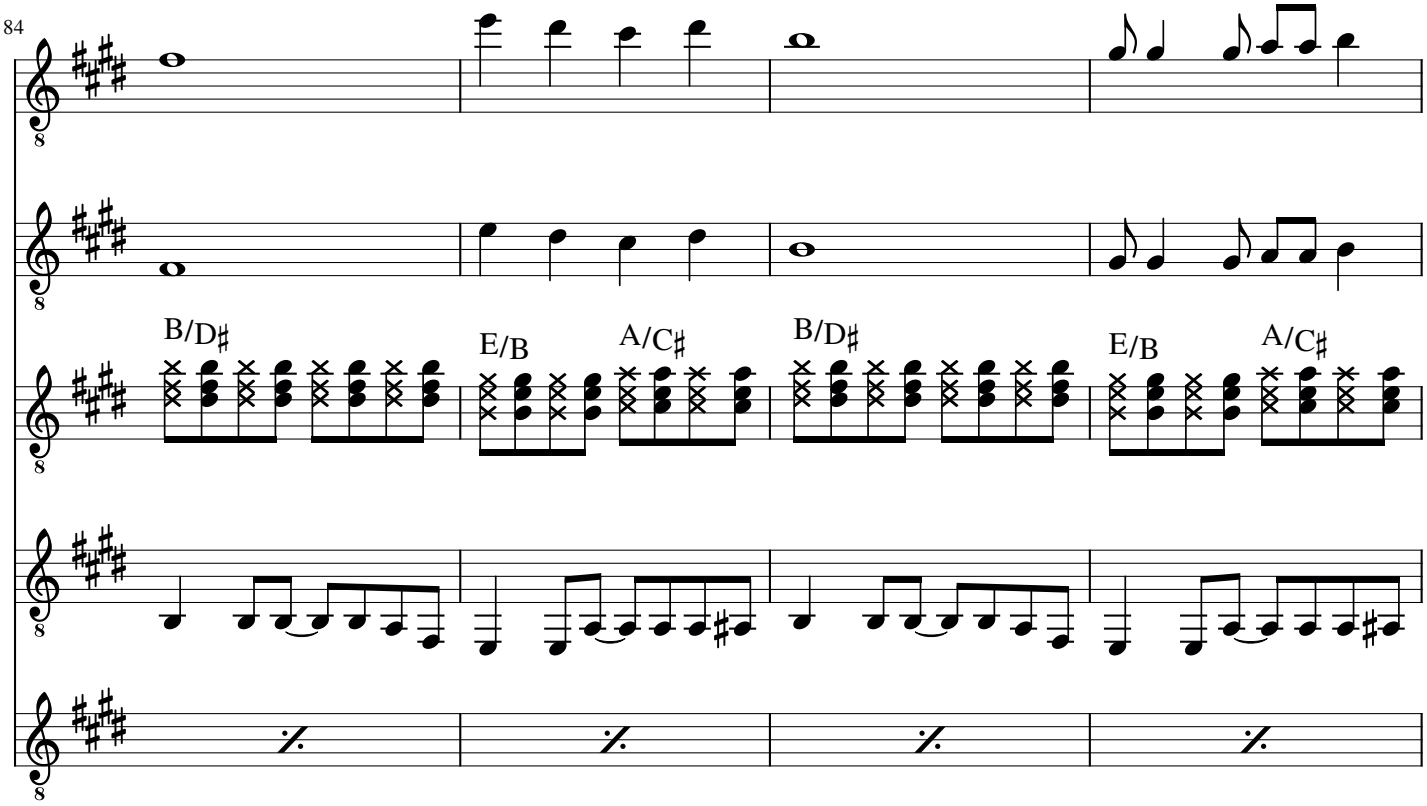

64
E
A
B
E
A
B
mp
mp
gliss.
gliss.
gliss.

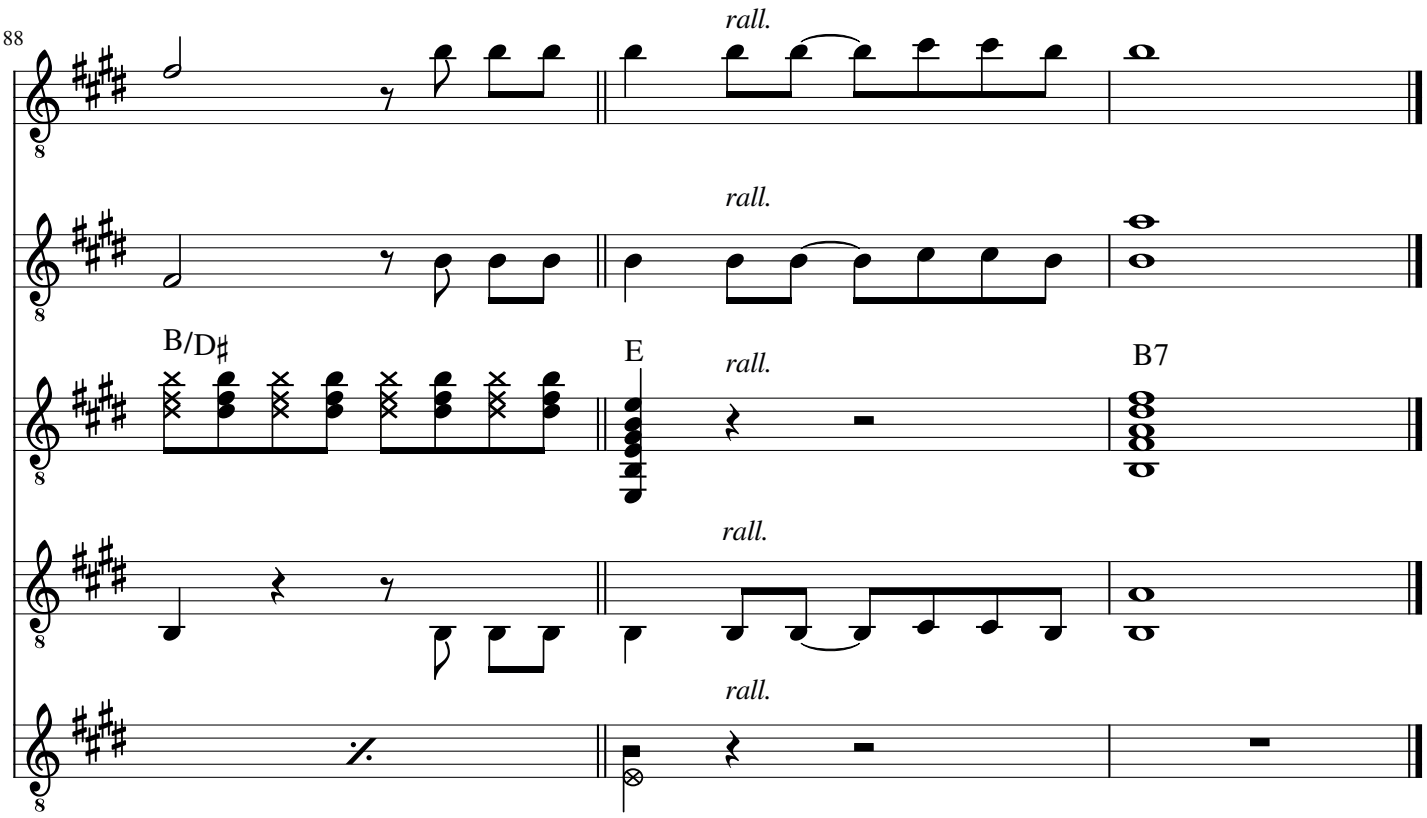

68
E
A
B


72
E
A


76
B
E
A
B
E
A


80
B
E/B
A/C♯
B/D♯
E/B
A/C♯
f
f
mf
mf
mf


84
B/D♯
E/B
A/C♯
B/D♯
E/B
A/C♯


88
rall.
rall.
B/D♯
E
rall.
B7
rall.
rall.

Macucos

Macucos

José Roberto Santos Neves

Formado em 1999, nos luaus da Praia de Itapoã, em Vila Velha, o Macucos segue a linha do reggae de raiz consagrada por Bob Marley e que encontrou terreno fértil no litoral brasileiro. Se São Luís do Maranhão é tida como a capital do reggae nacional e Salvador vem em segundo lugar, Vitória é citada como o terceiro maior celeiro do gênero no Brasil. A empatia do reggae com a juventude dourada capixaba pode ter várias origens. Entre elas estão desde a geografia litorânea até o romantismo das letras, que atraem principalmente o público feminino. E o Macucos representou o fruto mais fresco de uma cena desbravada por Java Roots, Salvação e Rastaclone, na segunda metade dos anos 1990.

Quem acompanha a trajetória da banda certamente percebe o seu cuidado com a estrutura melódica e as letras, em sua maioria inspiradas na relação do ser humano com a natureza e a fé. A sintonia com o meio ambiente está presente no nome – Macucos é uma ave em extinção – e nos títulos e versos de canções como "Além do Mar", "Mãe Natureza", "Leve Brisa", "A Roseira e o Sabiá" e "SOS Mar", entre tantas outras que marcaram as duas décadas de serviços prestados do Macucos à música jamaicana made in Espírito Santo.

Formado por Xande (guitarra e voz), Fred Nery (vocal), Leomar (bateria) e Gustavo "The Flash" (teclados), o Macucos iniciou sua caminhada em um cenário favorável para a música autoral no Espírito Santo. As rádios tocavam as músicas de bandas da terra, o circuito de shows fervilhava e o Festival Dia D arregimentava milhares de pessoas para conferir a produção musical local na Praça do Papa. Um fato emblemático ilustra a atmosfera daquele tempo: simultaneamente ao Dia D, o Cidade Negra fazia uma apresentação esvaziada no Ginásio Álvares Cabral, quando o vocalista Tony Garrido declarou ao microfone:

Fui informado de que a Praça do Papa está lotada para assistir a um festival somente com atrações do Espírito Santo. Vocês estão de parabéns!

Em meio a essa efervescência, o Macucos foi buscar o seu lugar ao sol unindo canções românticas a apresentações vibrantes, ancoradas no carisma do vocalista Fred, que não raramente subia ao palco enrolado em uma bandeira do Espírito Santo, para simbolizar a valorização da identidade capixaba. Com a agenda de shows tomada e músicas em alta nas rádios, a banda chegou ao primeiro CD, intitulado simplesmente "Macucos".

Gravado no estúdio S2, em Vila Velha, com produção de Anderson Xuxinha e dos integrantes da banda, o álbum traz 12 faixas e conta com as participações de Fauzy Beidoun, vocalista do Tribo de Jah, e de Charlim, vocalista da banda mineira Rasta Joint. Tido como embaixador do reggae brasileiro, Fauzy fez vocais em "Stop", que fala da injustiça social das metrópoles.

Além da ligação com a natureza, a banda buscava o suporte de casa para alçar voo.

É o que se pode chamar de "banda família": a tia do vocalista Fred, Fátima Nunes, fez backing vocals. O pai do vocalista, Gerson Neri, foi baterista da banda Exodus e assessorou o grupo na parte rítmica. E o pai do baixista Júnior Barriga, o carioca Beto Pepê, assinou, em parceria com o filho, 11 das 12 faixas do CD. Completaram a "família Macucos" em sua estreia fonográfica Xande Mendes e Gustavo Basoni (guitarras), Leomar (bateria), Gustavo The Flash (teclados), Carlinhos Conga (percussão), André Kindala (sax) e os irmãos Fábio Xavier (trombone) e Fabrício Xavier (trompete).

Em entrevista a este autor, publicada no Caderno Dois de A Gazeta, em 11 de janeiro de 2002, na ocasião do lançamento do disco, Beto Pepê afirmou que tinha mais de três mil composições e que fora apresentado ao reggae pelos rapazes.

> *"Minha formação vem do samba e da Bossa Nova. Por isso tento incluir estes elementos no reggae para tornar as músicas mais dinâmicas". O guitarrista Xande assinou embaixo: "O guitarrista Kiko Loureiro (da banda de heavy metal Angra), que é o meu ídolo, afirmou em um workshop que o reggae é um estilo limitado. Eu discordo. O reggae é muito fácil de ser unido a outros ritmos, como o rock, blues, baião, xote e samba", exemplificou.*

O show de lançamento ocorreu na Arena da Praia de Itapoã, em noite que teve a participação da banda Java Roots, do cantor baiano Nengo Vieira e Trio Abraão e do Casaca. "Macucos e Casaca podem ser chamadas de bandas coirmãs. Sempre tocamos juntos e eles nos dão a maior força", confirmou, à época, o vocalista Fred Nery, então com 20 anos.

A repercussão local do álbum chamou a atenção da Sony Music, que relançou o primeiro disco da banda com nova capa e tendo "Além do Mar" como música de trabalho. A estratégia de divulgação incluiu o videoclipe gravado em Itacaré (BA), com direção de Jhonny Araújo, e que teve boa execução na MTV e no Multishow.

Foi nessa *vibe* que o Macucos estreou no Palco Pop do badalado Festival de Verão de Salvador, em 30 de janeiro de 2003. O caminho para a construção de uma carreira nacional estava aberto. Foi um período intenso de shows e de ascensão, reconhecido pelos prêmios de Melhor Banda de reggae de 2004 e 2005, e de Melhor Show de 2004, pela Rádio Cidade FM. Porém, o contrato com a Sony não foi renovado e o segundo álbum, "Os Quatro Elementos", foi lançado em dezembro de 2004 sem a chancela da gravadora. No ano seguinte, divergências internas levaram o vocalista Fred e o baixista Junior Barriga a deixarem o Macucos para montar o grupo Naturau. Com Marcelo Lemos no vocal, a banda lançou o terceiro álbum, "Surf Trip", em 2007. Dois anos depois, a formação original se reuniu novamente, com Fred nos vocais e Junior Barriga assumindo a função de empresário.

Em 2011, o Macucos lançou o CD "Coletânea" e, no ano seguinte, foi lembrada como a segunda banda mais popular do Espírito Santo em pesquisa realizada pelo Instituto Futura, atrás apenas do Casaca. Em janeiro de 2014, chegou ao mercado o DVD "Macucos ao vivo", com a participação de Armandinho, Tati Portella (Chimarruts), Alexandre Carlo (Natiruts) e Marcelo Mira (Alma D'jen). Em abril do mesmo ano, a banda se apresentou no "Superstar", programa dominical da TV Globo, alcançando 75% dos votos

com a música "Is This Love", de Bob Marley; em maio, nova performance no mesmo programa, desta vez com a autoral "Além do Mar", que teve 69% dos votos.

Ao longo de sua carreira o Macucos dividiu o palco com várias bandas de renome nacional, como Cidade Negra, Chimarruts, Los Hermanos, O Rappa, Skank, Tribo de Jah, Natiruts, Planta e Raiz, Alma D'Jem, Detonautas, Tihuana, Ivete Sangalo, Charlie Brown Jr. e o cantor de reggae Armandinho. Este, por sua vez, se tornou um parceiro musical da banda, sendo um dos autores da música "Tchau", que superou a marca de mais de dois milhões de acessos no YouTube. A amizade rendeu frutos e o vocalista Fred representou o Macucos na gravação do DVD de Armandinho & Banda, em Buenos Aires. Outros parceiros de destaque são Tati Portella, da banda Chimarruts, na música "Foi Sem Querer", e o rapper norte-americano Patro, em "Worry Free".

Além do Festival de Verão de Salvador, o Macucos participou do Festival de Alegre, Festa da Penha, Guarafest, Vitória Music Festival, Forreggae (SP), Festival de Reggae de Canavieira (BA), Lapa Multishow (MG), entre outros eventos e festivais. O álbum mais recente, "Portas Abertas", foi lançado em 2016. E assim o Macucos segue o seu destino, sempre com o devido respeito à espiritualidade do reggae: "O reggae coloca Deus, ou Jah, acima de tudo. É uma música de paz e, ao mesmo tempo, de denúncia", afirma o vocalista Fred.

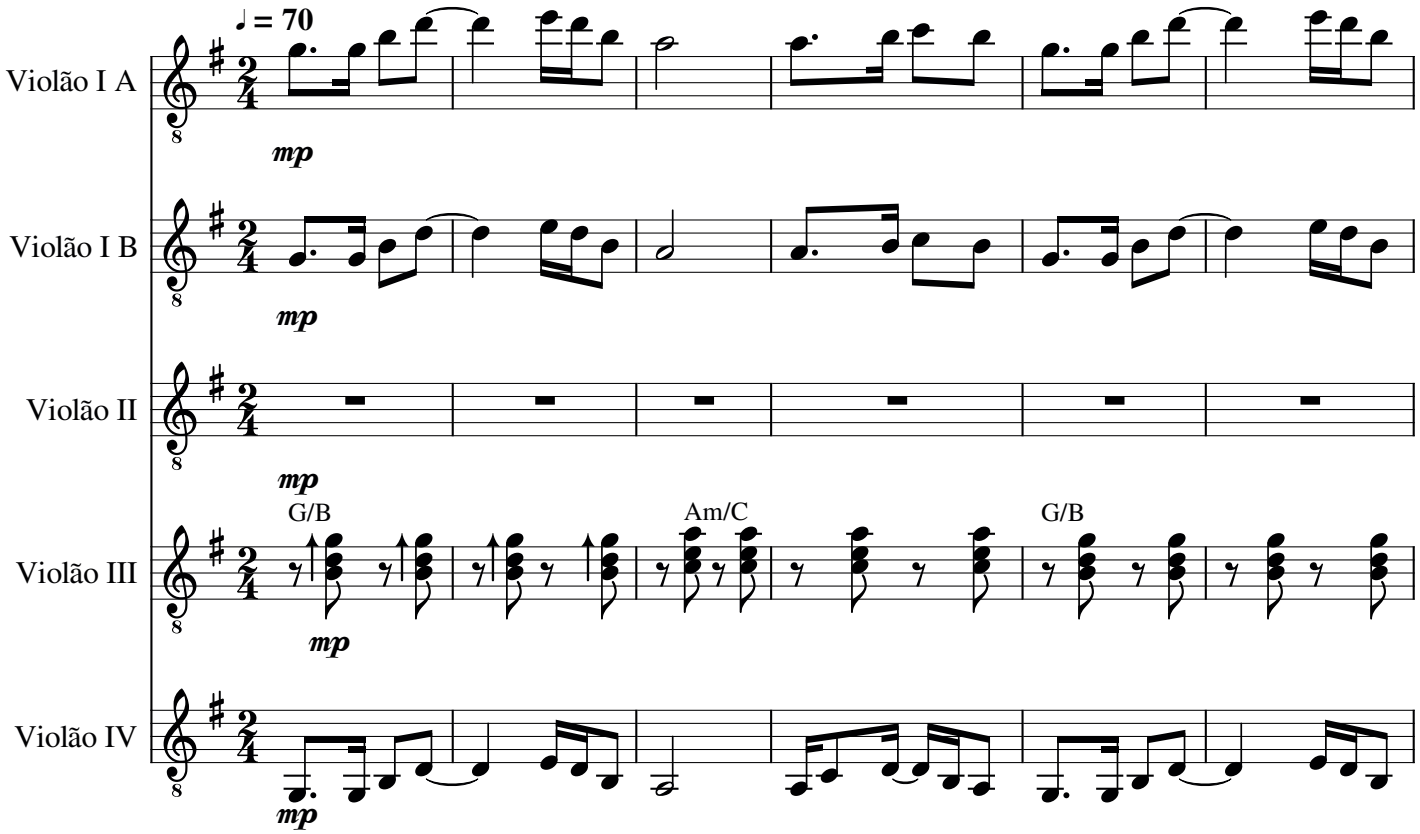
Integrantes:
Xande (guitarra)
Fred (vocal)
Leomar (bateria)
Gustavo "The Flash" (teclados)
Leonardo Norbim (baixo)
Ex-integrantes:
Marcelo Lemos - vocal (2005 a 2008)
Carlinhos Conga - percussão (2000 a 2008)
Gustavo Brazilia (2009 a 2010)

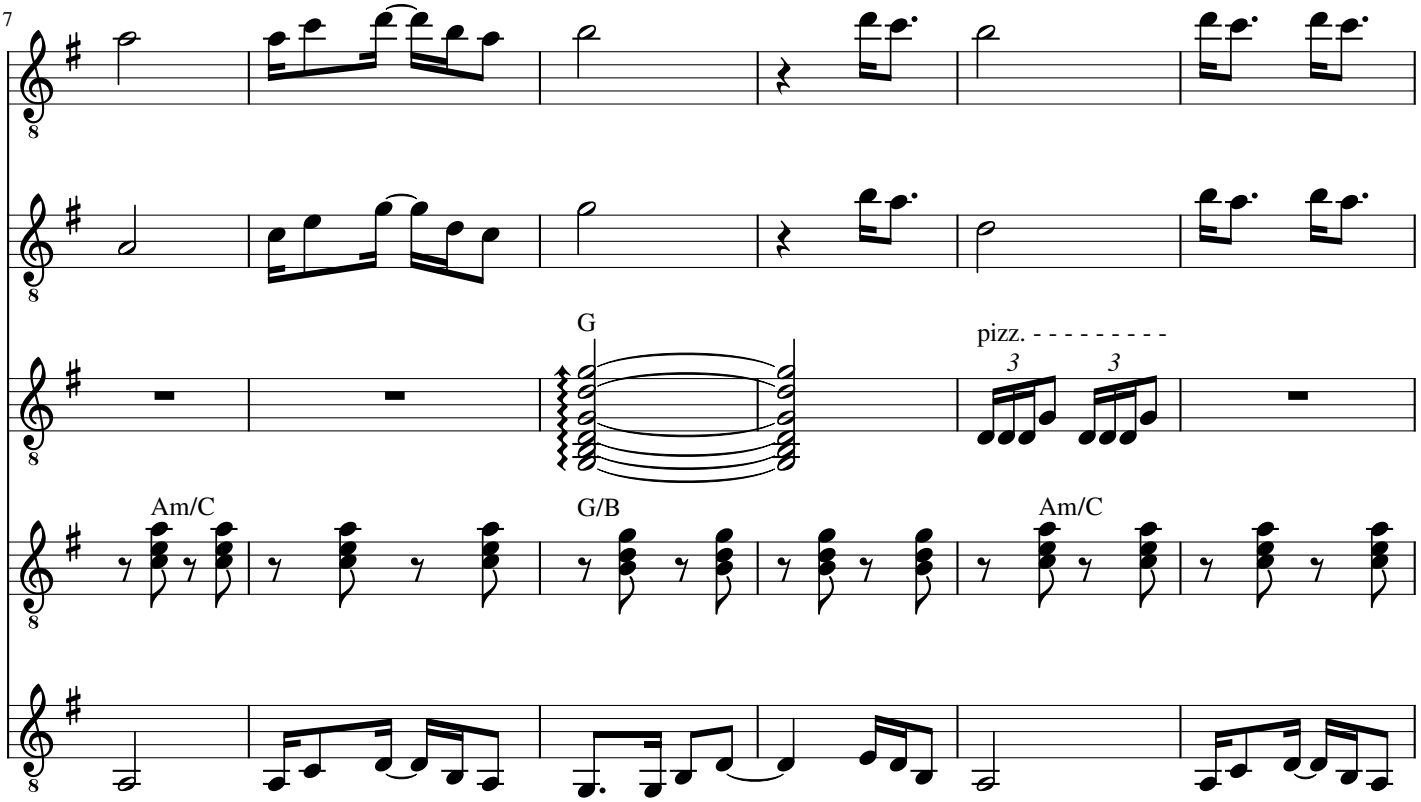
Discografia:
Macucos (2002)
Macucos Ao Vivo (2003) (CD não oficial)
Os Quatro Elementos (2004)
Surf Trip (2007)
*Coletânea (2011) **
Contém sucessos da banda, mais cinco canções inéditas e uma faixa interativa com o clipe da canção "Tchau", com a participação do cantor de reggae Armandinho.
Macucos Ao Vivo (2013 - DVD)
Portas Abertas (2016)

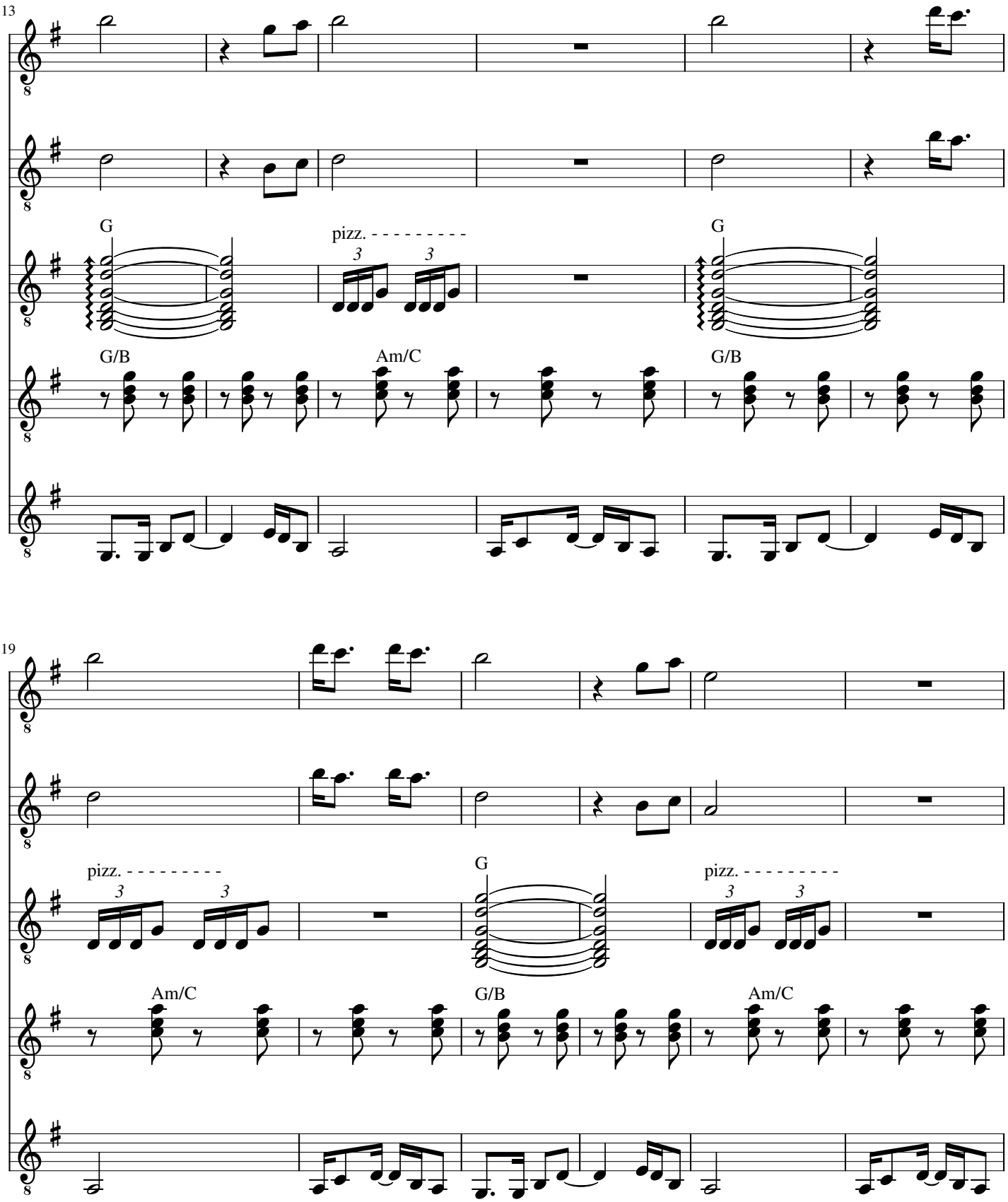
Além do Mar

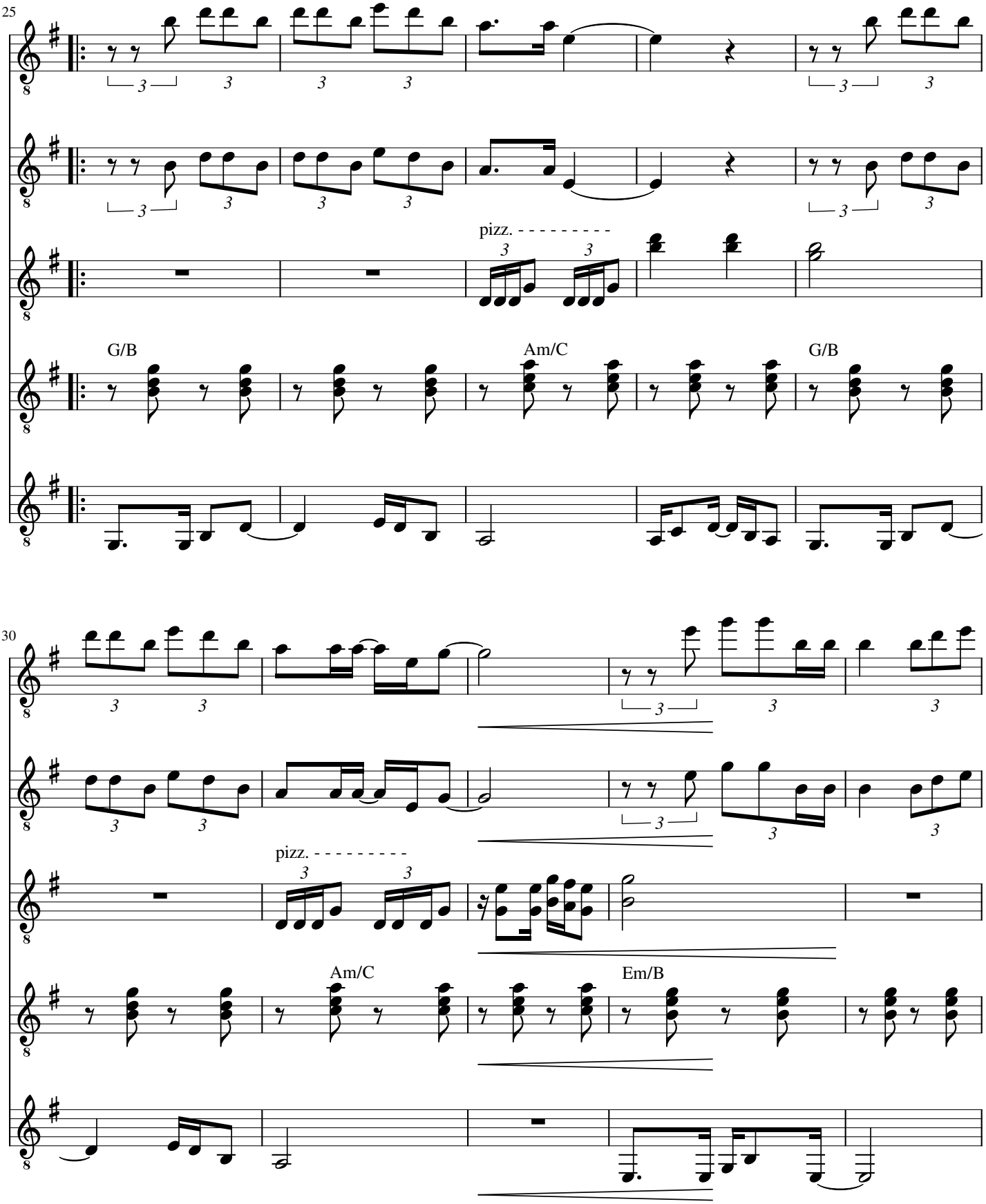
Arranjo Bruno Soares

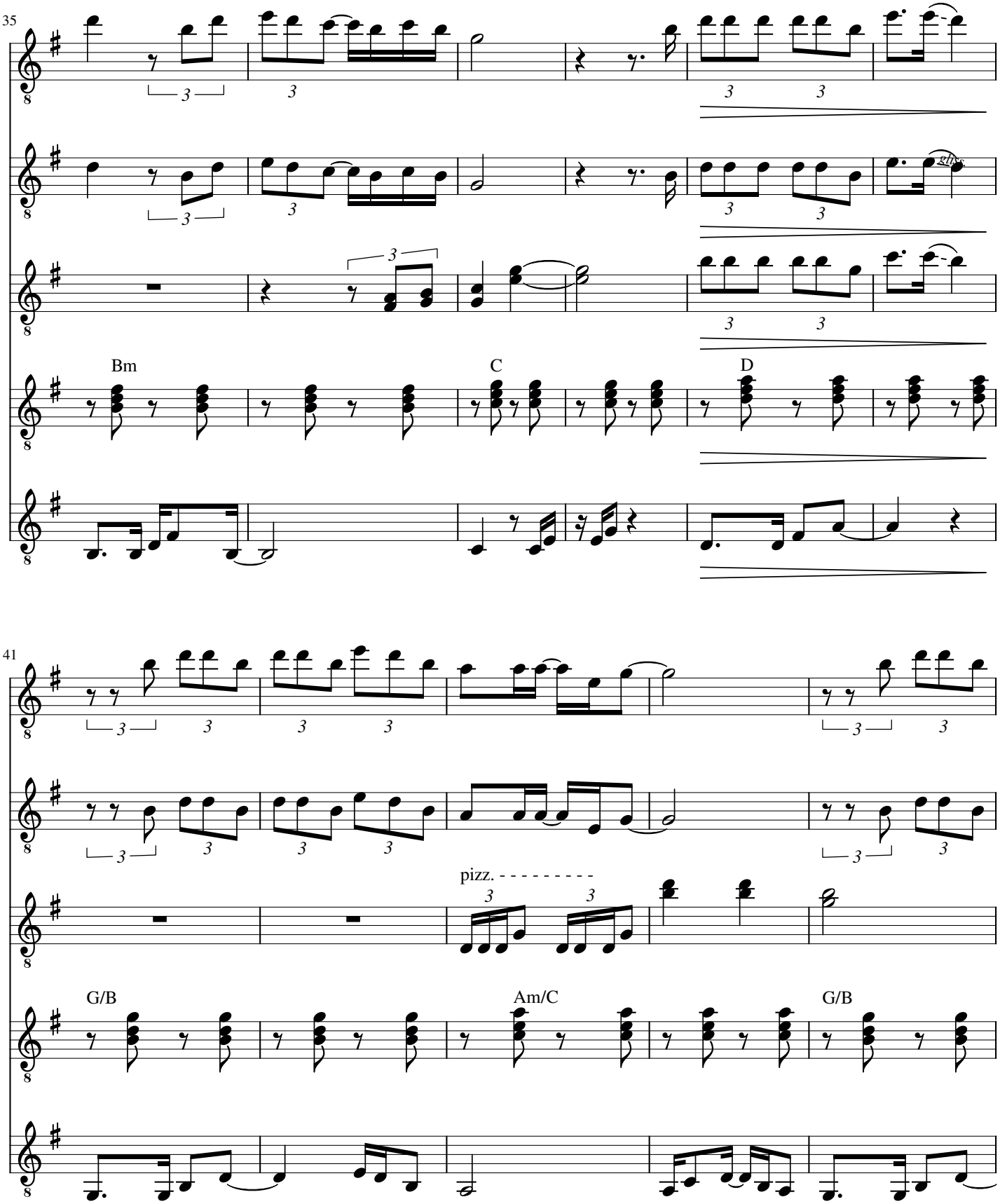
Macucos

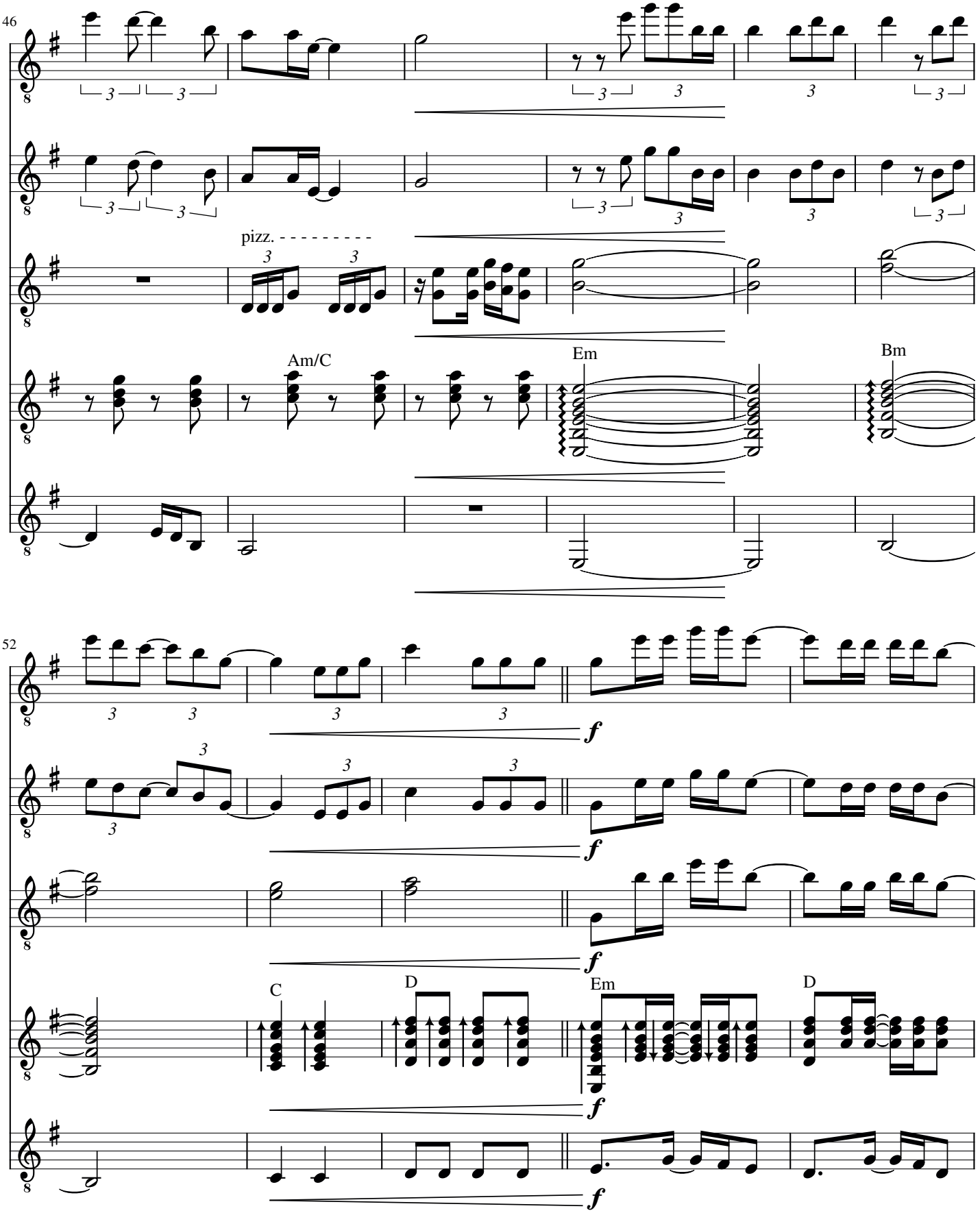


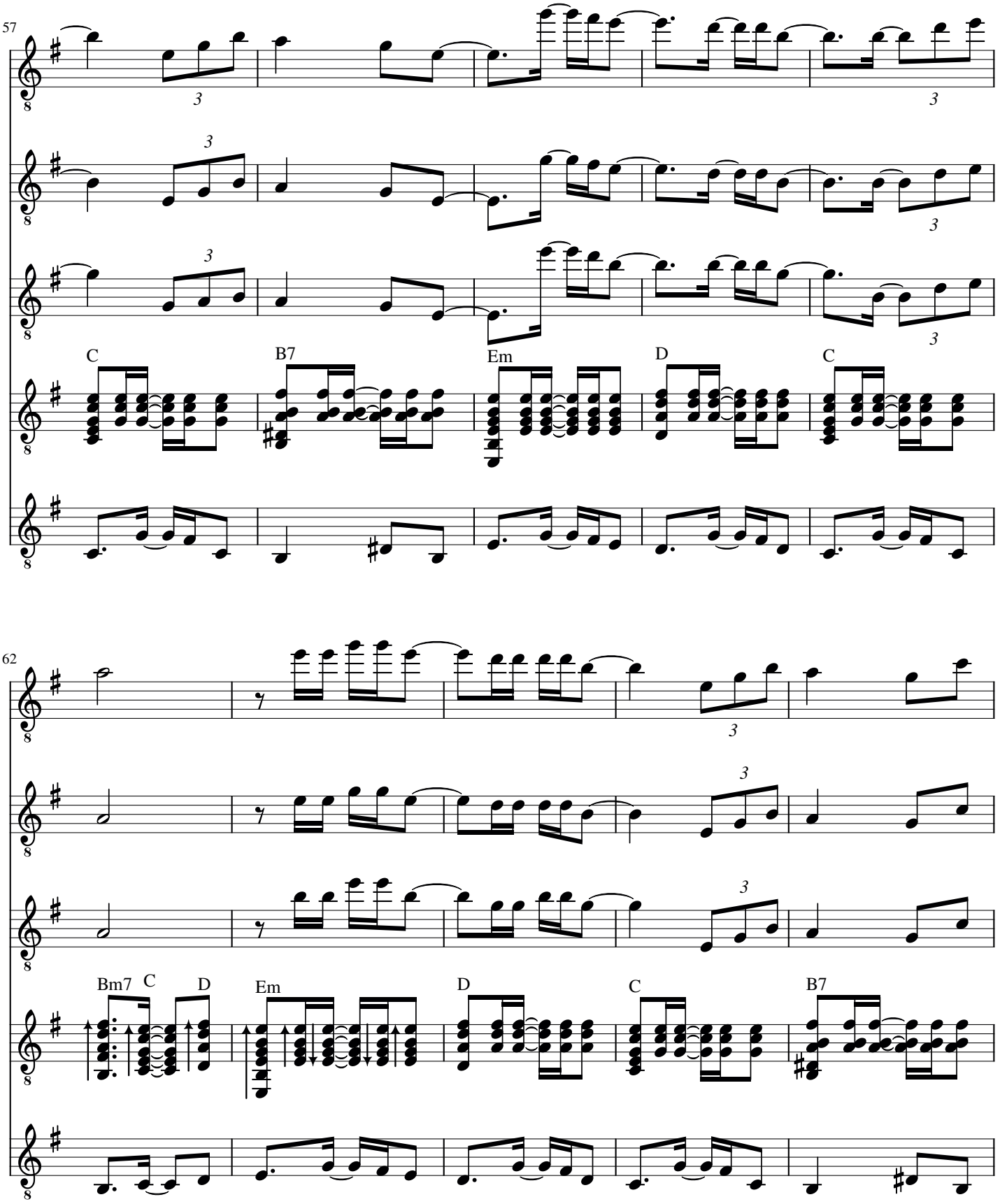


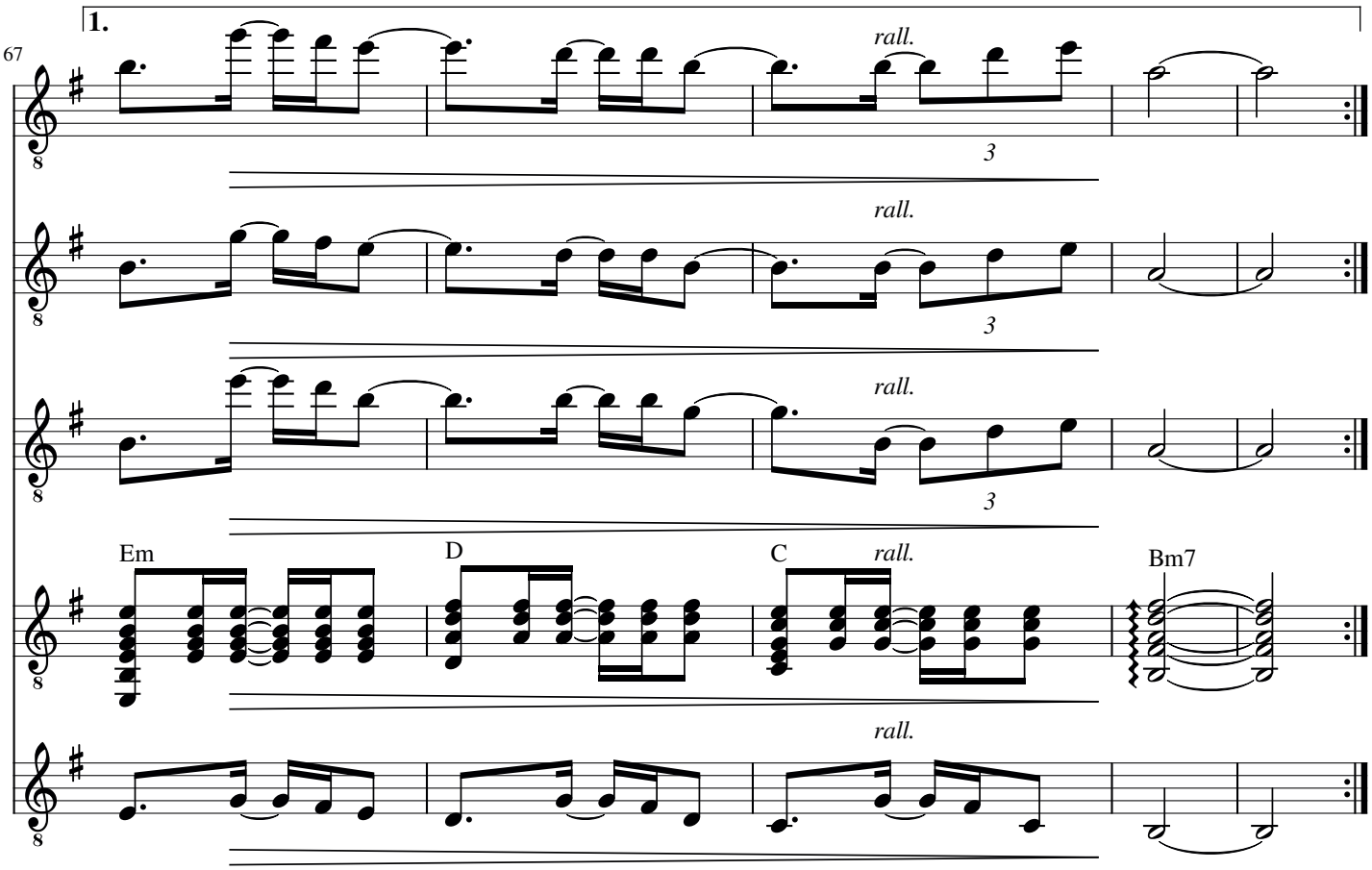

13
G
pizz.
3
3
G
G/B
Am/C
G/B
19
pizz.
3
3
G
pizz.
3
3
Am/C
G/B
Am/C

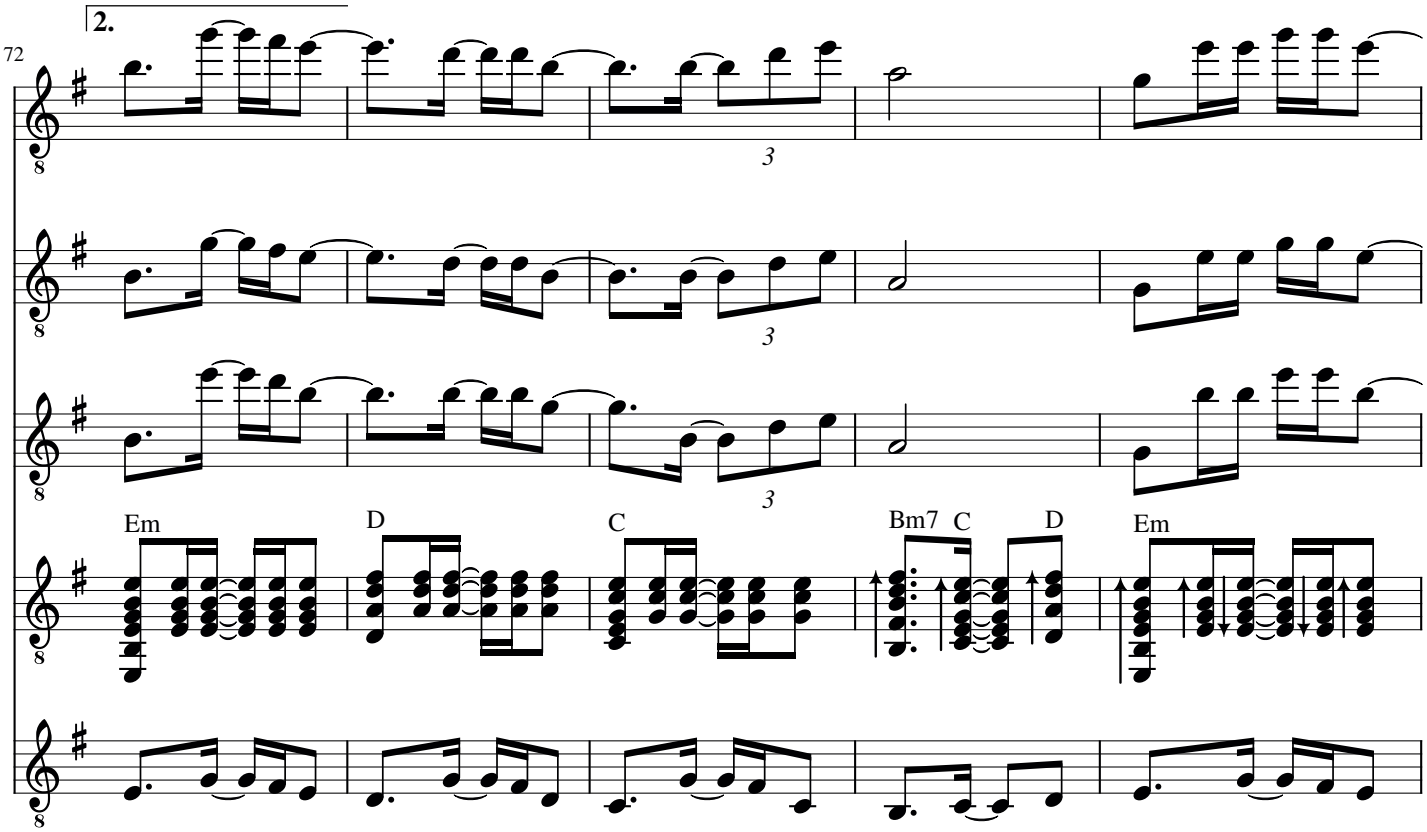

25
pizz.
G/B
Am/C
G/B
30
pizz.
Am/C
Em/B

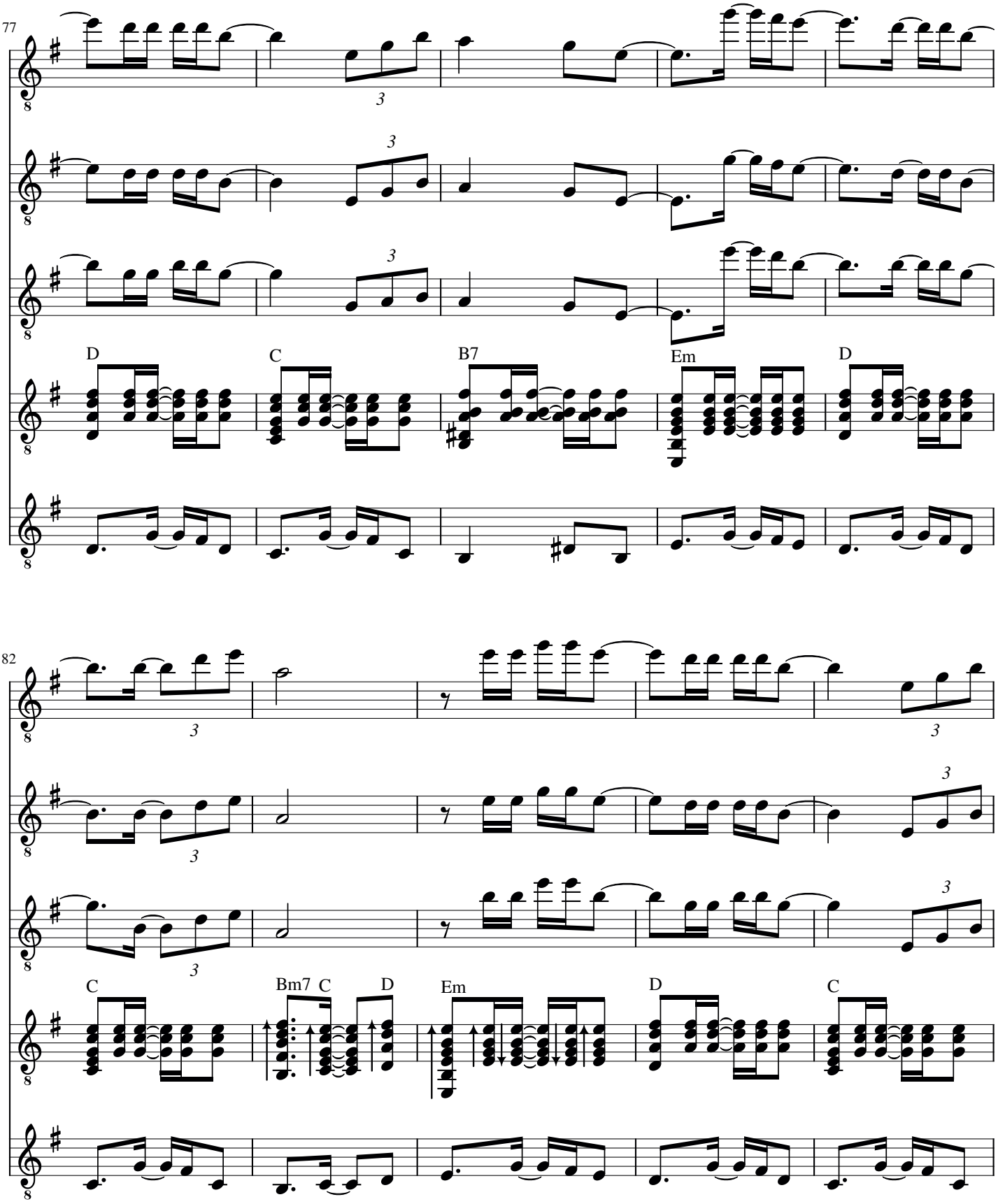

35
Bm
C
D
41
pizz. - - - - - - - - -
G/B
Am/C
G/B

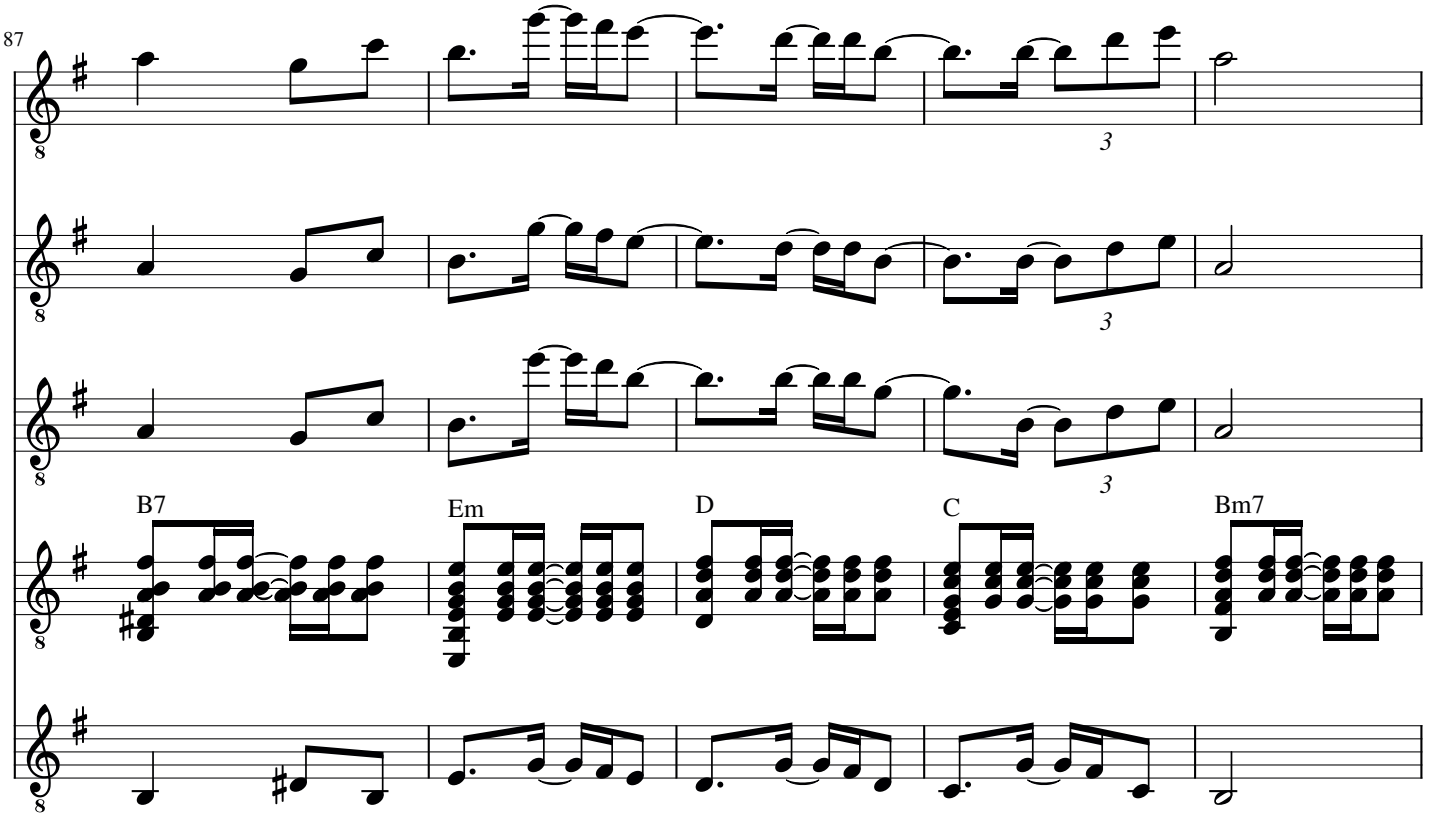

46
pizz.
Am/C
Em
Bm
52
C
D
Em
D
f

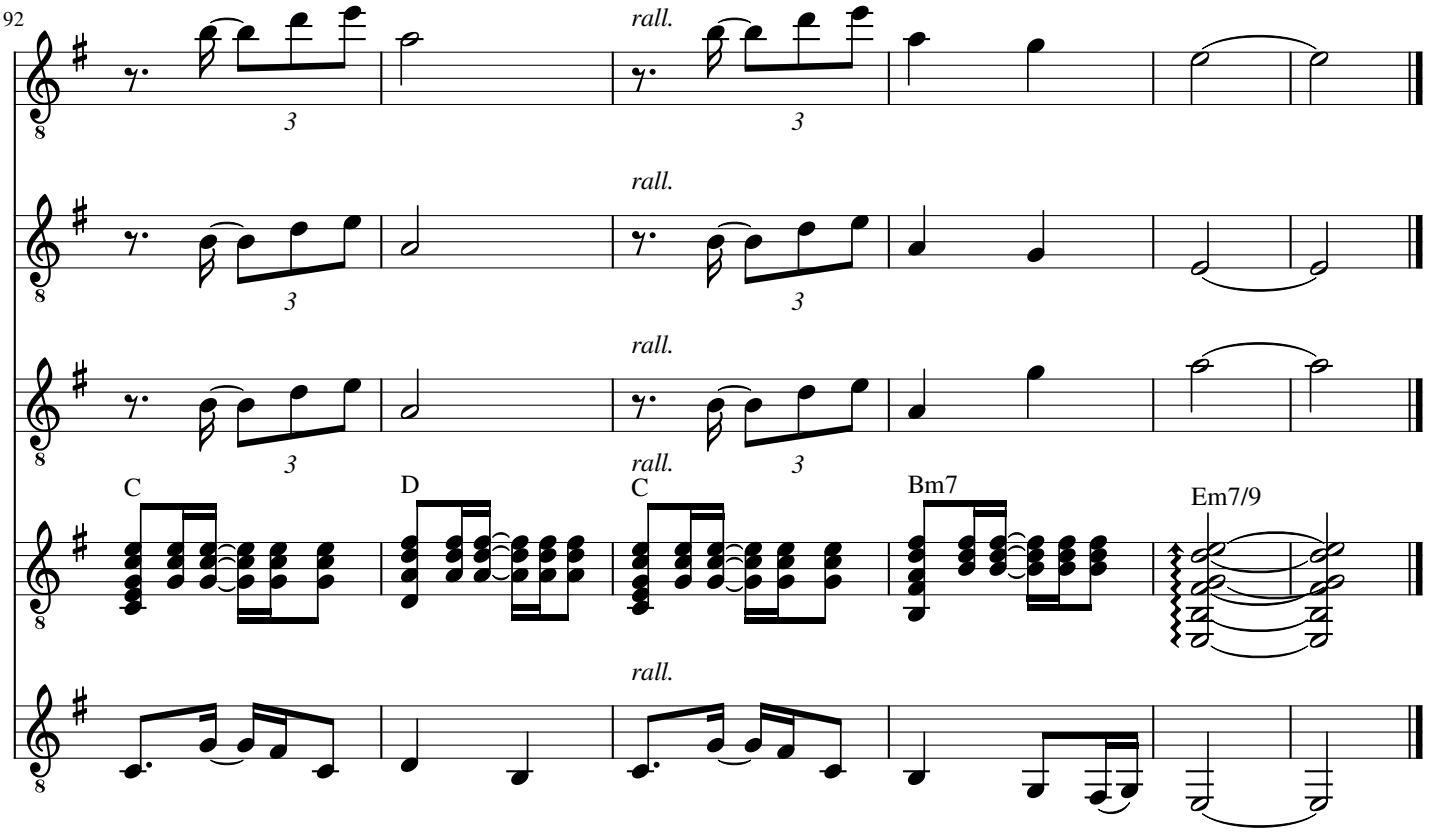

57
C
B7
Em
D
C
62
Bm7
C
D
Em
D
C
B7


1.
67
rall.
3
Em
D
C
Bm7


2.
72
3
Em
D
C
Bm7
C
D
Em


77
D
C
B7
Em
D
82
C
Bm7
C
D
Em
D
C


87
B7
Em
D
C
Bm7
3


92
rall.
C
D
C
Bm7
Em7/9
3

Mahnimal

Mahnimal

José Roberto Santos Neves

Formado em 22 de dezembro de 1995, data do seu primeiro show, o Manimal é fruto do encontro de músicos de alto nível forjados na cena musical de Vitória da década de 1980. Seus mentores intelectuais são os irmãos Alexandre Lima e Amaro Lima, filhos do radialista, DJ e produtor fonográfico Marcão Lima.

Alexandre Lima cresceu nos corredores da Rádio Espírito Santo AM, onde o pai tinha um programa chamado "Encontro das Américas", com canções dos Estados Unidos, Brasil, México, Argentina e os demais países da região. Sonhava em aprender piano, mas teve de se contentar com a flauta doce, que passou a exercitar nos intervalos das aulas no Salesiano. Daí surgiu a afeição pela escaleta e pelo saxofone, já no Maria Ortiz, no Centro, onde chegou a integrar a banda marcial do colégio. De tanto ouvir os solos de sax que abrilhantam as músicas do Supertramp, ganhou dos pais um instrumento novinho e foi assimilar os segredos do sopro direto na fonte, no caso, o mestre Antonio Paulo. Mas não deixou a guitarra de lado; teve aulas com Chryso Rocha e batia diariamente na porta de Marco Muralha para aprender uma escala, fraseado ou riff qualquer.

Em 1986, formou a banda Combatentes da Cidade, na qual atuava como vocalista e saxofonista, iniciando uma trajetória de destaque na cena do rock local. No começo dos anos 1990, Alexandre Lima aproximou-se do maestro Jaceguay Lins, que então coordenava a Banda II, primeira banda parafolclórica de congo, formada por estudantes da Ufes. Essa parceria rendeu um show histórico, em 1991, quando os Combatentes da Cidade receberam a Banda II no palco do Teatro Carlos Gomes, encontro que serviu de embrião para a criação do Manimal e do rótulo "Rockongo".

O repertório do Manimal traz um misto de rock, congo, ticumbi, música eletrônica, samba e reggae, entre outros gêneros musicais. Após conquistar o prêmio de Melhor Arranjo no Festival de Música de Alegre, em 1996, o Manimal foi escolhido pelo concurso da rádio francesa RFI - Les Decouverts de RFI - como um dos oito melhores trabalhos da América Latina e Caribe. A visibilidade na França rendeu ao grupo mais de 80 apresentações pela Europa.

Em 1998 a banda foi eleita Revelação da Expo 98, em Lisboa, Portugal, e ganhou o Troféu Guananira de Melhor CD de 1997, em premiação coordenada pela Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo. Sua discografia compreende os CDs "Manimal" (1997), "Tow Tow" (2000), "Espírito Congo" (2002) e "Manimal Ao Vivo" (2005), este também com edição em DVD.

Em seus primeiros sete anos de estrada, o Manimal alcançou avanços representativos: emplacou o emblemático rótulo rockongo, desbravou espaço nas FMs e aproximou as bandas de congo da mídia, enterrando a preconceituosa visão burguesa de que a maior manifestação folclórica do Espírito Santo era sinônimo de vodu.

O discurso, na teoria e nos shows, era perfeito. No entanto, nos discos, a inclusão do congo aparecia de forma tímida. Vinhetas de pouco mais de um minuto, citações de mestres falecidos e efeitos decorativos de tambores eram ofuscados por um pop/rock/

reggae "comum", mais próximo do Skank do que das rodas de congo que os rapazes tanto evocavam.

O baixista e vocalista Amaro Lima reconhece a dificuldade de traduzir a energia do palco para o estúdio, especialmente no que se refere à força da percussão: "Nos primeiros CDs do Manimal, tivemos dificuldades técnicas pra registrar os tambores . Na época, nenhum técnico tinha *know-how* pra gravar. Vide que, anos depois, o Casaca teve o mesmo problema no CD gravado pela Sony".

No entanto, no terceiro CD, "Espírito Congo", a atmosfera é diferente. O título do álbum, segundo os músicos que atuaram na formação clássica da banda - Alexandre Lima (voz, guitarra e tambor de rockongo), Amaro Lima (voz, baixo e casaca), Queiroz (bateria e backing vocals), Fábio Carvalho (voz, percussão e tambor de rockongo) e Ronaldo Rosman (backing vocals, efeitos e casaca) - sintetizou os bons fluidos que rolaram durante as gravações.

Em "Espírito Congo", a banda teve tempo para explorar timbragens, experimentar formas diferentes de captação e aprimorar os vocais, orientados pelo produtor Thomas Gruetzmacher (Tribo de Jah). É o mais radicalmente capixaba dos discos da banda: as referências ao Espírito Santo estão presentes no título do CD, nas fotos do encarte, nas letras – inspiradas na trilogia "o congo, o mar e o amor" –, no ritmo, nas parcerias e na destinação de 10% das vendas do disco às associações de bandas de congo.

A repercussão desse disco chamou a atenção da Indie Records, que bancou a produção do DVD "Manimal Ao Vivo", outro marco na carreira da banda. Gravado no festival Oi Vitória Pop, em junho de 2004, o vídeo traz como bônus o documentário "Espírito Congo", com imagens de gravações do CD homônimo, entrevistas, shows e o registro da Festa de São Benedito, na Serra. O especial mostra a banda recebendo no estúdio o violonista Maurício de Oliveira, o ex-prefeito de Vitória, Luiz Paulo Velozzo Lucas, o "Luiz Paulo do Surdo", e o saudoso maestro Jaceguay Lins (a quem o DVD é dedicado). No vídeo, Lins fala sobre a Banda II, conjunto parafolclórico criado por ele no início dos anos 90, na Ufes, com a intenção de estudar o congo, e que se tornaria o embrião do Manimal. Há ainda os videoclipes de duas faixas inéditas, "Na Linha de Fogo" e "Instante sem Fim", de Alexandre Lima e Amaro Lima, sendo a primeira em parceria com Da Gama.

Em 2006, ao descobrir que havia uma banda de trash metal homônima na França, o grupo acrescentou a letra H ao seu nome, passando a se chamar Mahnimal. Em 10 de abril de 2008, a morte do baterista Queiroz, vitimado por um infarto durante uma turnê em São Paulo, abalou emocionalmente a banda. Após o luto, o baterista Xuxinha assumiu as baquetas do Mahnimal, mas àquela altura a banda já não contava mais com Amaro Lima e Fábio Carvalho, que haviam saído para se dedicar a projetos solo. O Mahnimal diminuiu o ritmo de shows até se separar de fato em 2012.

Em 07 de dezembro de 2013, Alexandre Lima, então secretário de Cultura de Vitória, teve uma parada cardiorrespiratória durante uma cirurgia para tratar um aneurisma na aorta. Desde então, o músico encontra-se em estado vegetativo e a família depende de doações e de eventos beneficentes para custear o seu tratamento. Em dezembro de 2016, Júnior Lima, irmão da cantora Sandy, lançou um projeto eletrônico com o mesmo

nome da banda capixaba, fato que repercutiu negativamente na imprensa local com a iminência de um imbróglio judicial.

Com a dissolução do Mahnimal, Amaro Lima, Fábio Carvalho e Ronaldo Rossman seguiram carreiras solo bem-sucedidas em discos e shows.

Formações da banda:

1995-2000
Alexandre Lima (guitarra e vocal)
Amaro Lima (baixo e vocal)
Queiroz (bateria e backing vocals)
Ronaldo Rossman (percussão e backing vocals)
Fábio Carvalho (percussão e vocal)
Nick Teixeira (percussão)

2000-2006
Alexandre Lima (guitarra e vocal)
Amaro Lima (baixo e vocal)
Queiroz (bateria e backing vocals)
Ronaldo Rossman (percussão e backing vocals)
Fábio Carvalho (percussão e vocal)
Fernando Farinha (percussão – contratado)
Leo Caetano – (teclados – contratado)

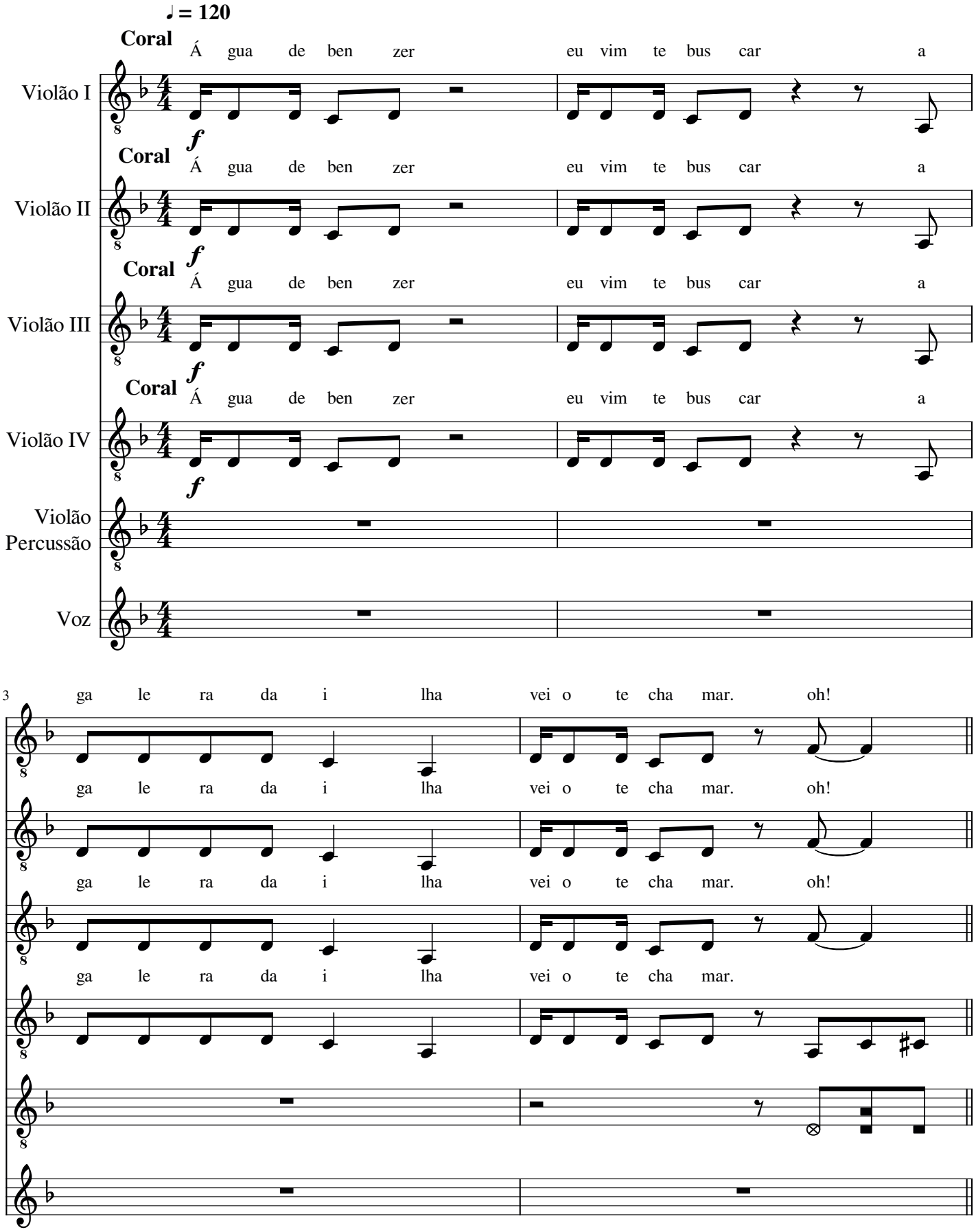
2007 - 2008
Alexandre Lima (guitarra e vocal)
Queiroz (bateria e backing vocals)
Ronaldo Rossman (percussão e backing vocals)
Leo Caetano (teclados – contratado)
Beto Kastanha (tambor/percussão – contratado)
Wagner Cidreira (baixo – contratado)
2008 - 2012
Alexandre Lima (guitarra e vocal)
Ronaldo Rossman (percussão e backing vocals)
Anderson Xuxinha (bateria – contratado)
Beto Kastanha (tambor/percussão – contratado)
Wagner Cidreira (baixo – contratado)

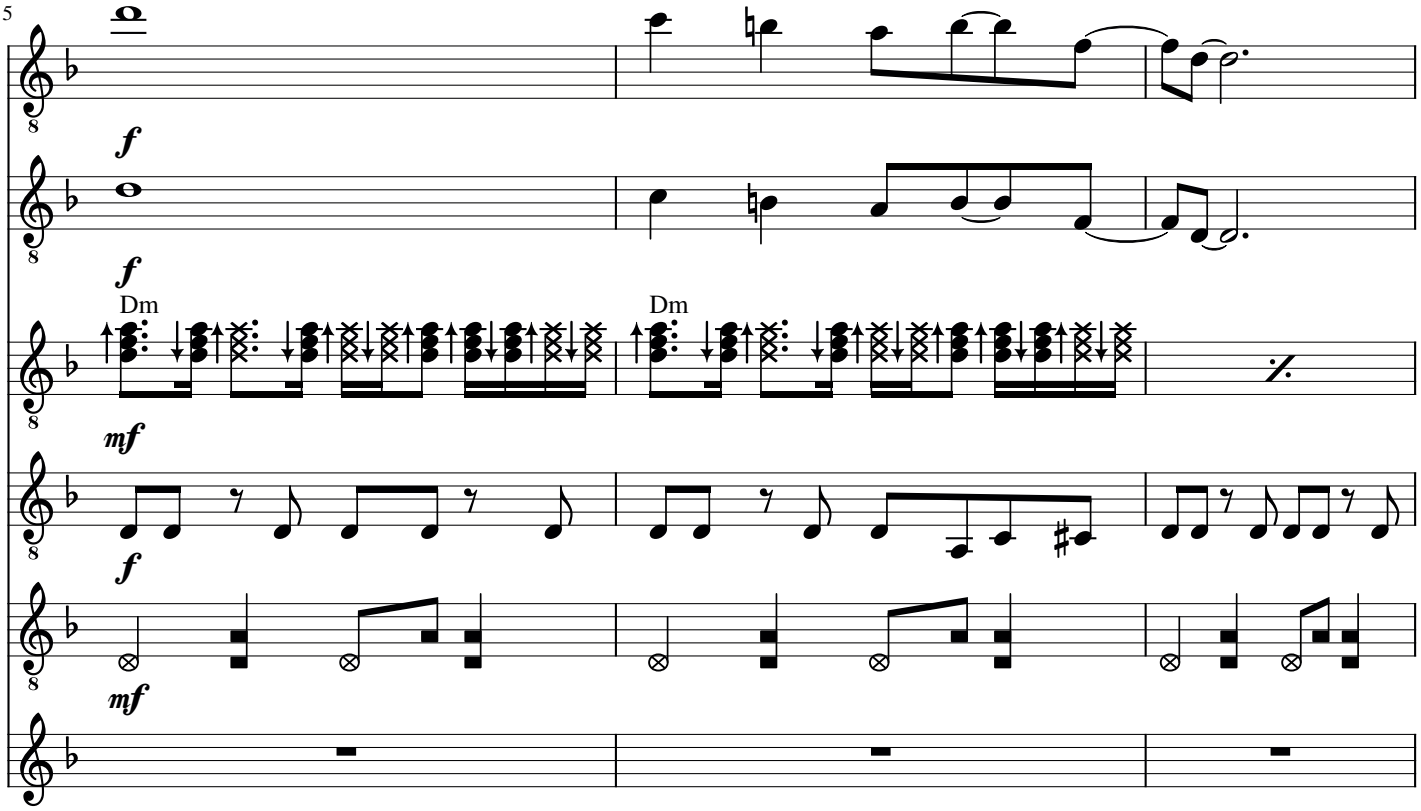
Discografia:
Manimal (1997)
Tow Tow (2000)
Espírito Congo (2002)
Manimal Ao Vivo (2005)
Mahnimal Ao Vivo em Montreaux (nunca lançado devido ao falecimento do baterista Queiroz)

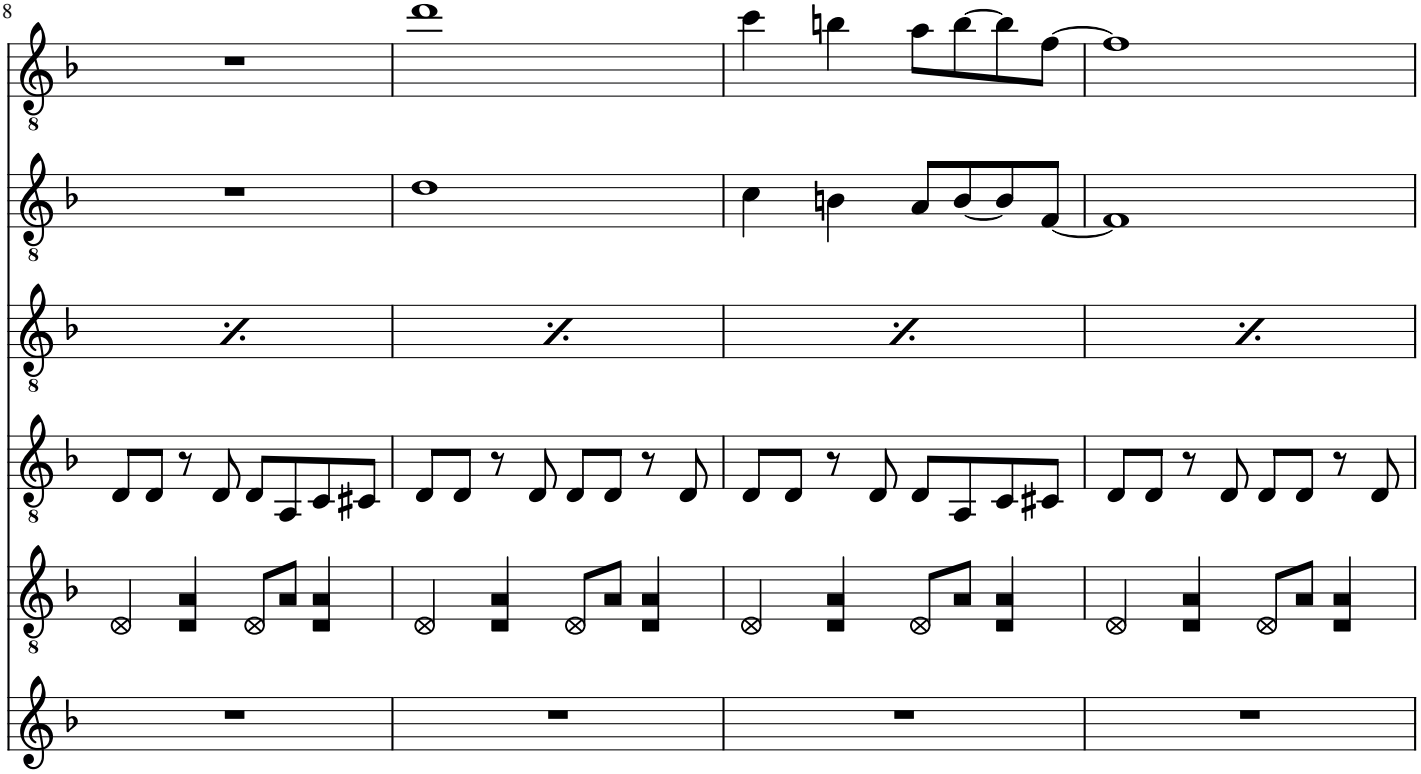
Água de Benzer

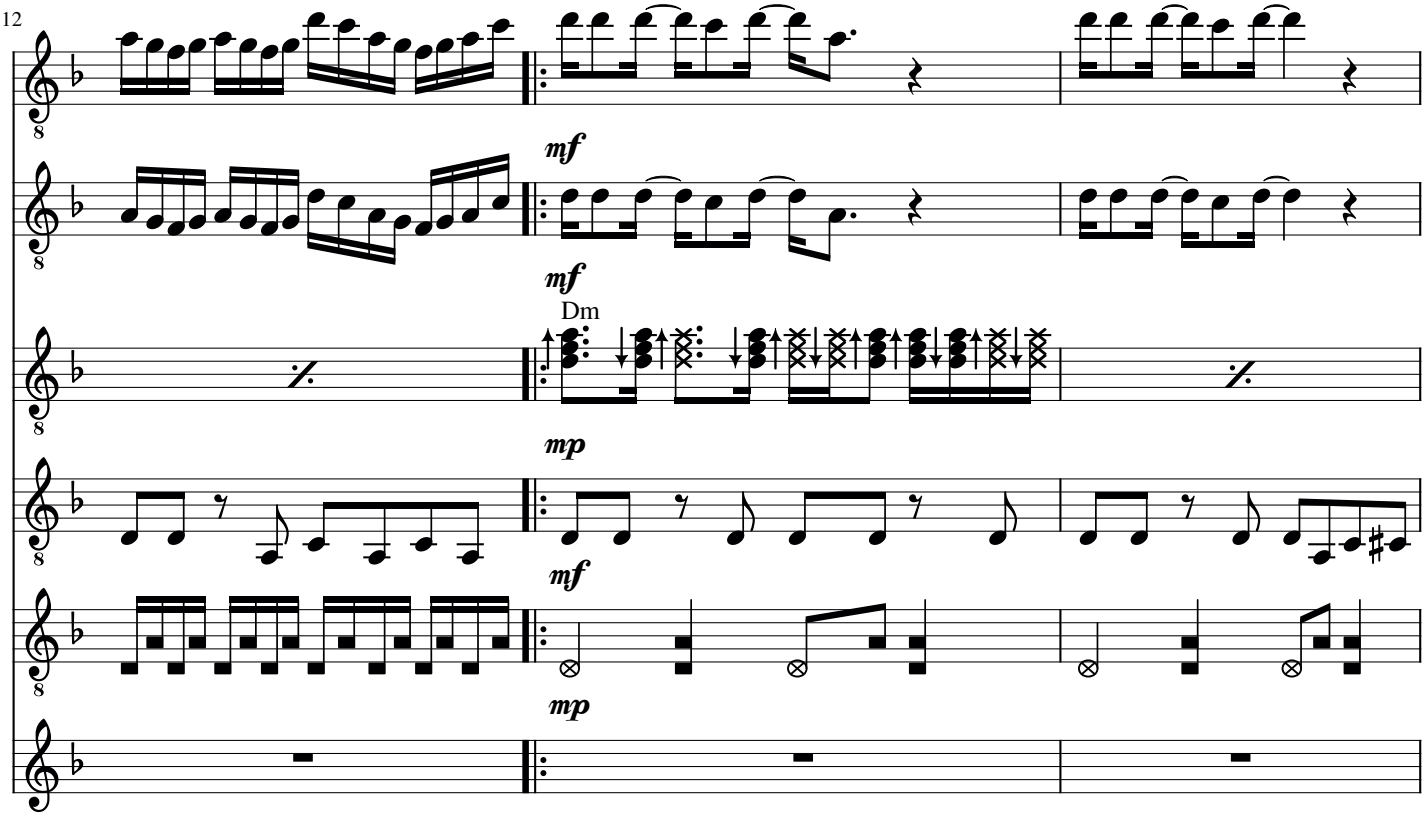
Arranjo Bruno Soares

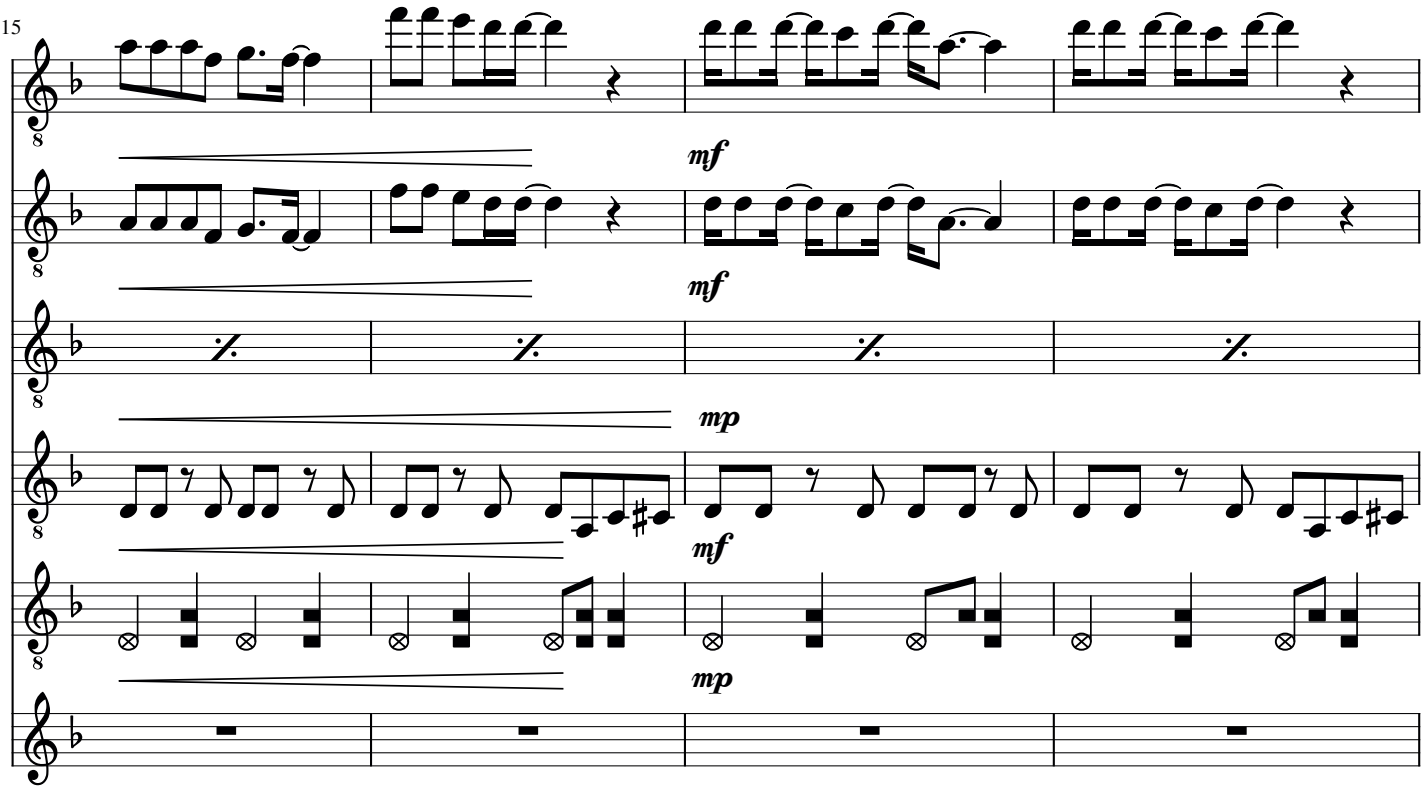
Manimal

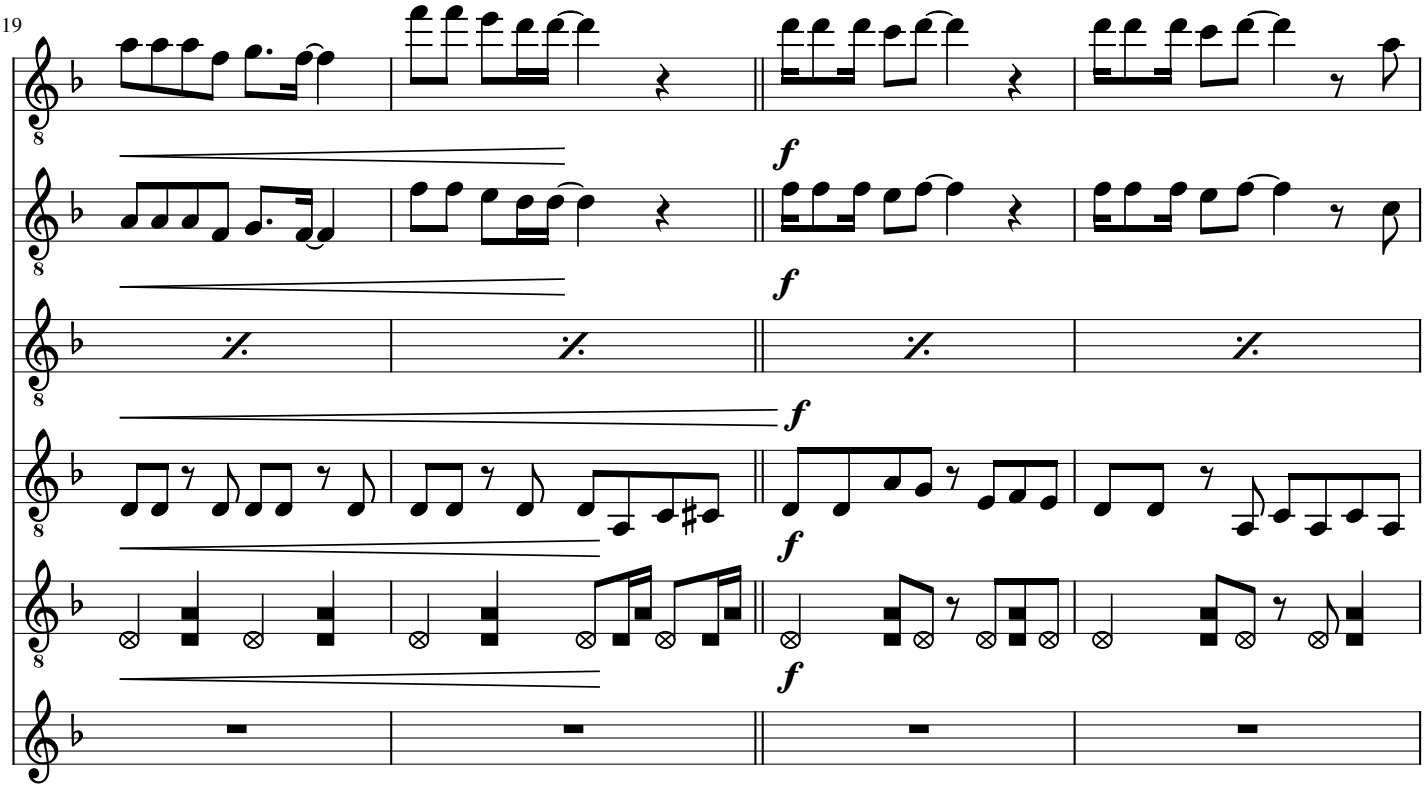


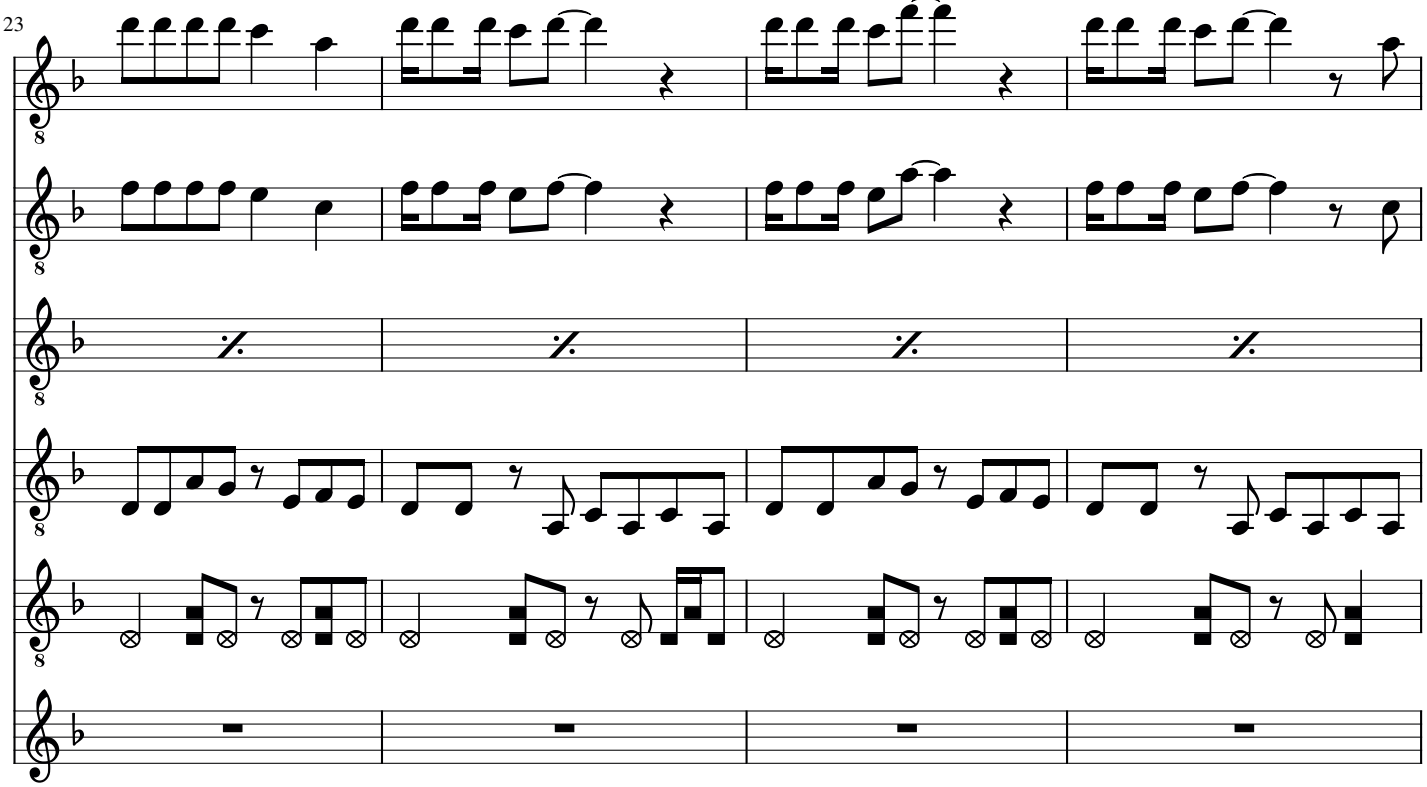

5
f
f
Dm
Dm
mf
f
mf

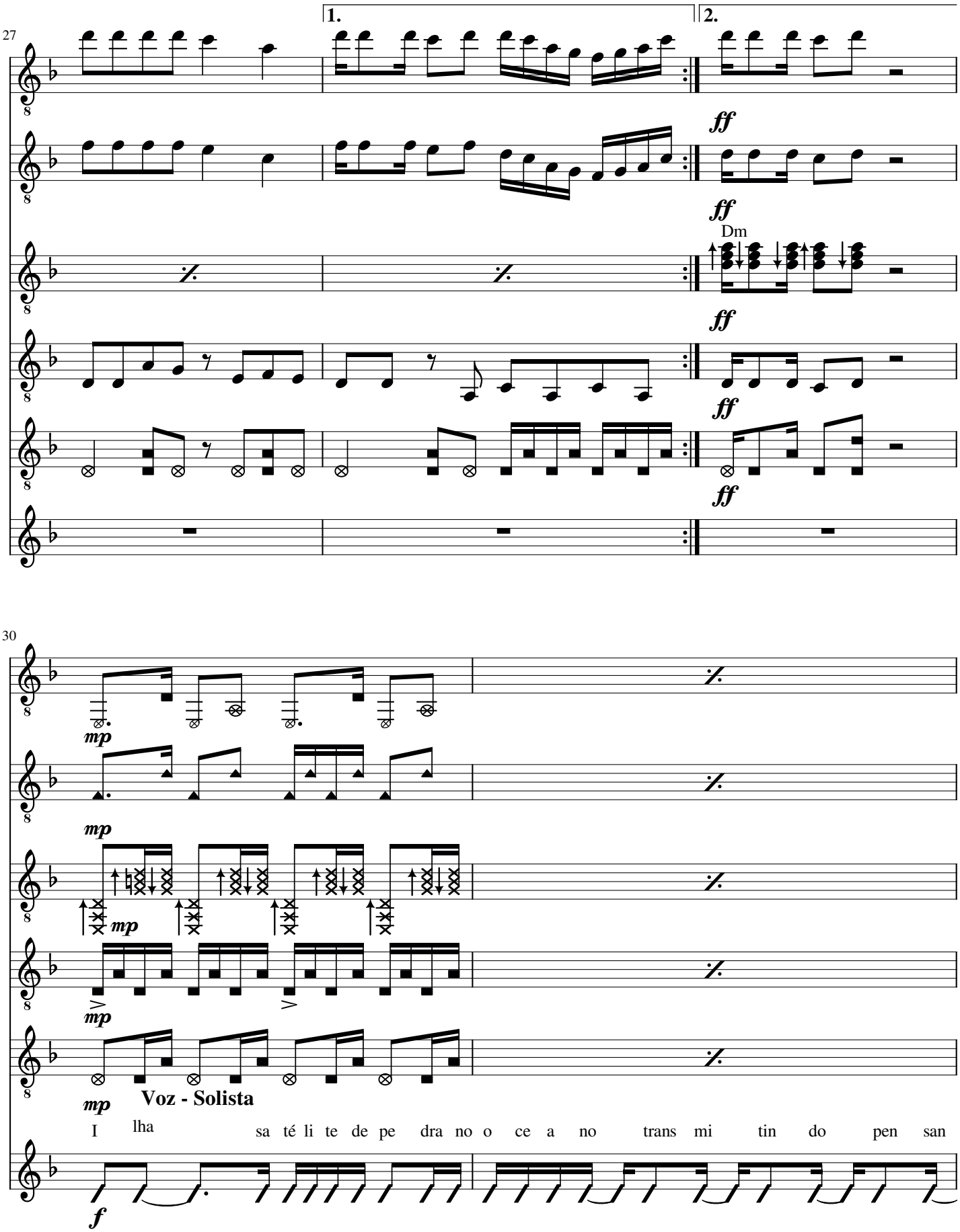

8

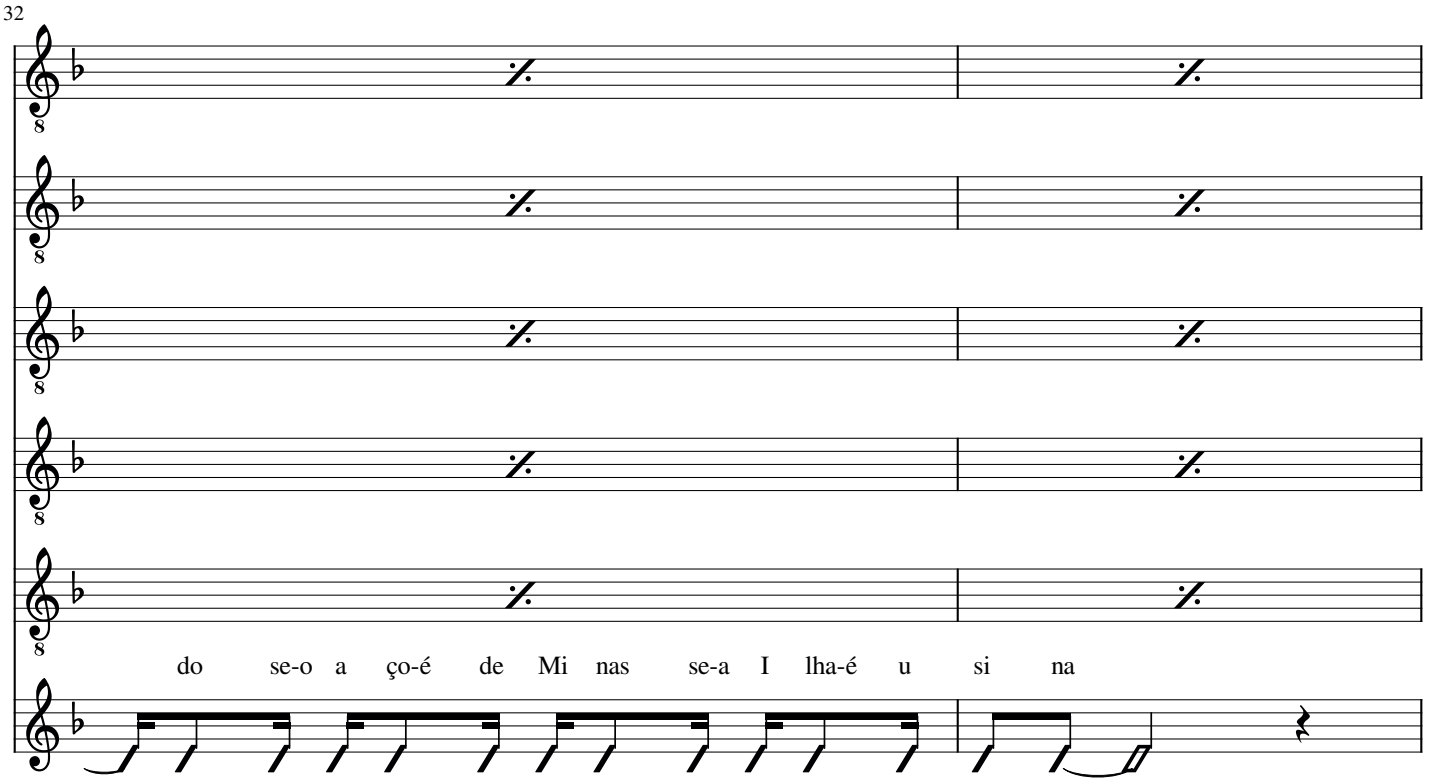

12
mf
mf
Dm
mp
mf
mp

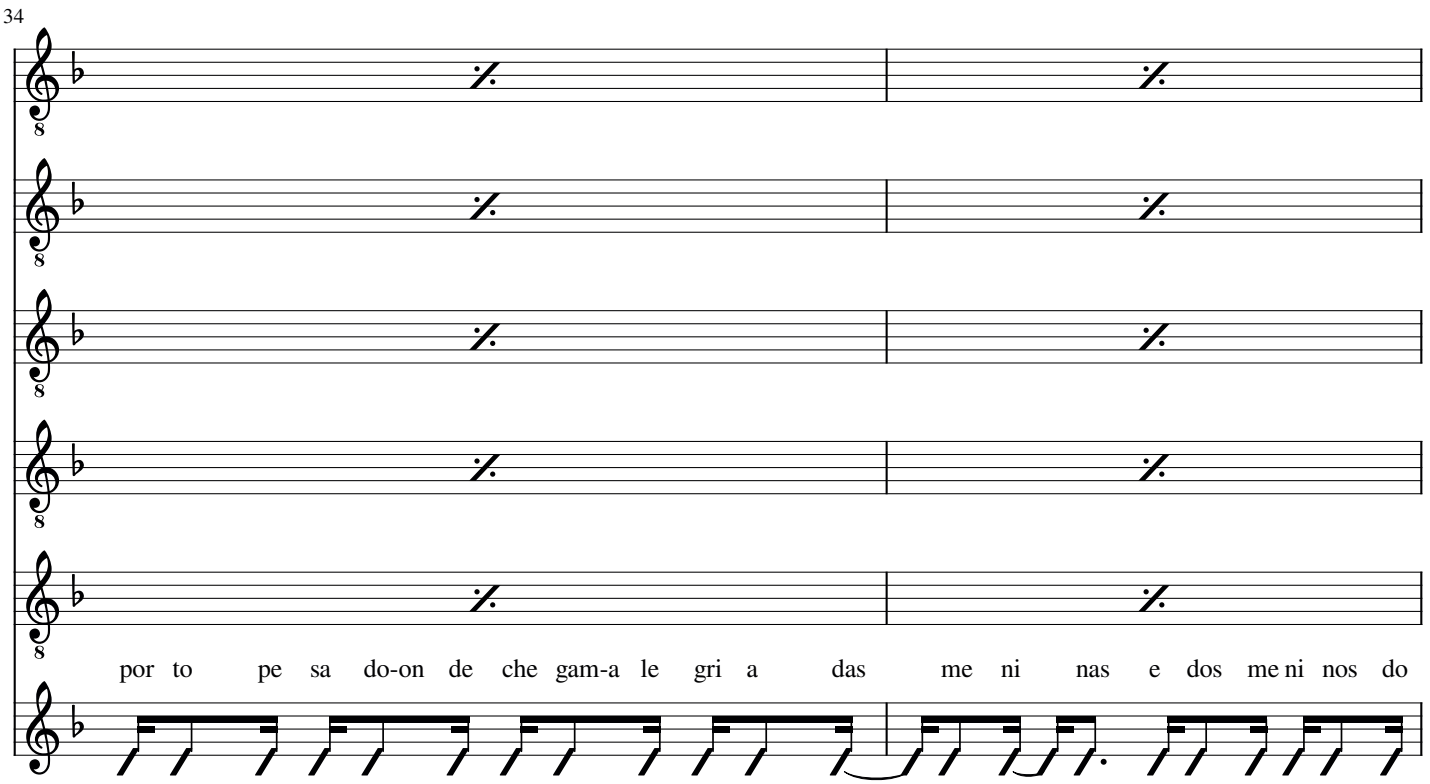

15
mf
mf
mp
mf
mp

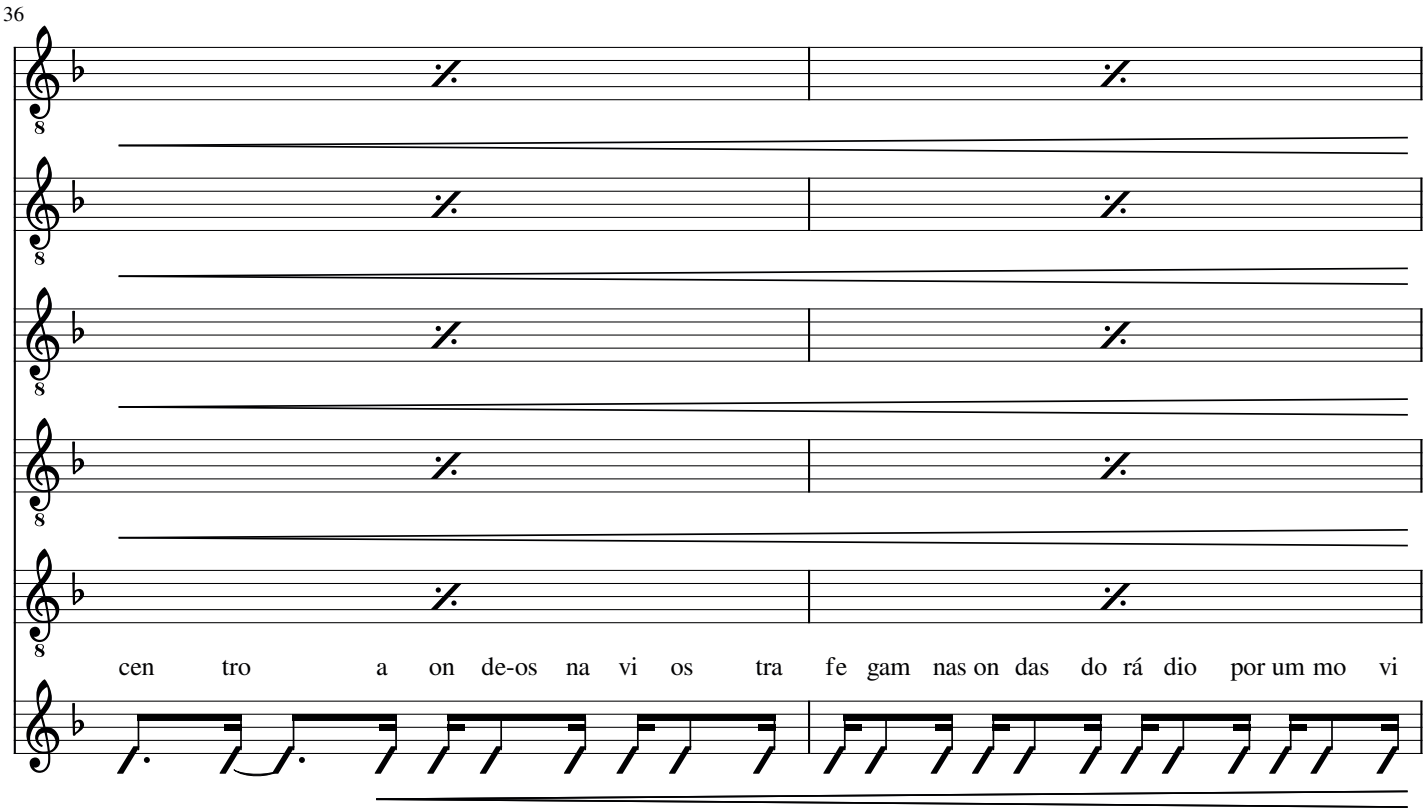

19
f
f
f
f
f

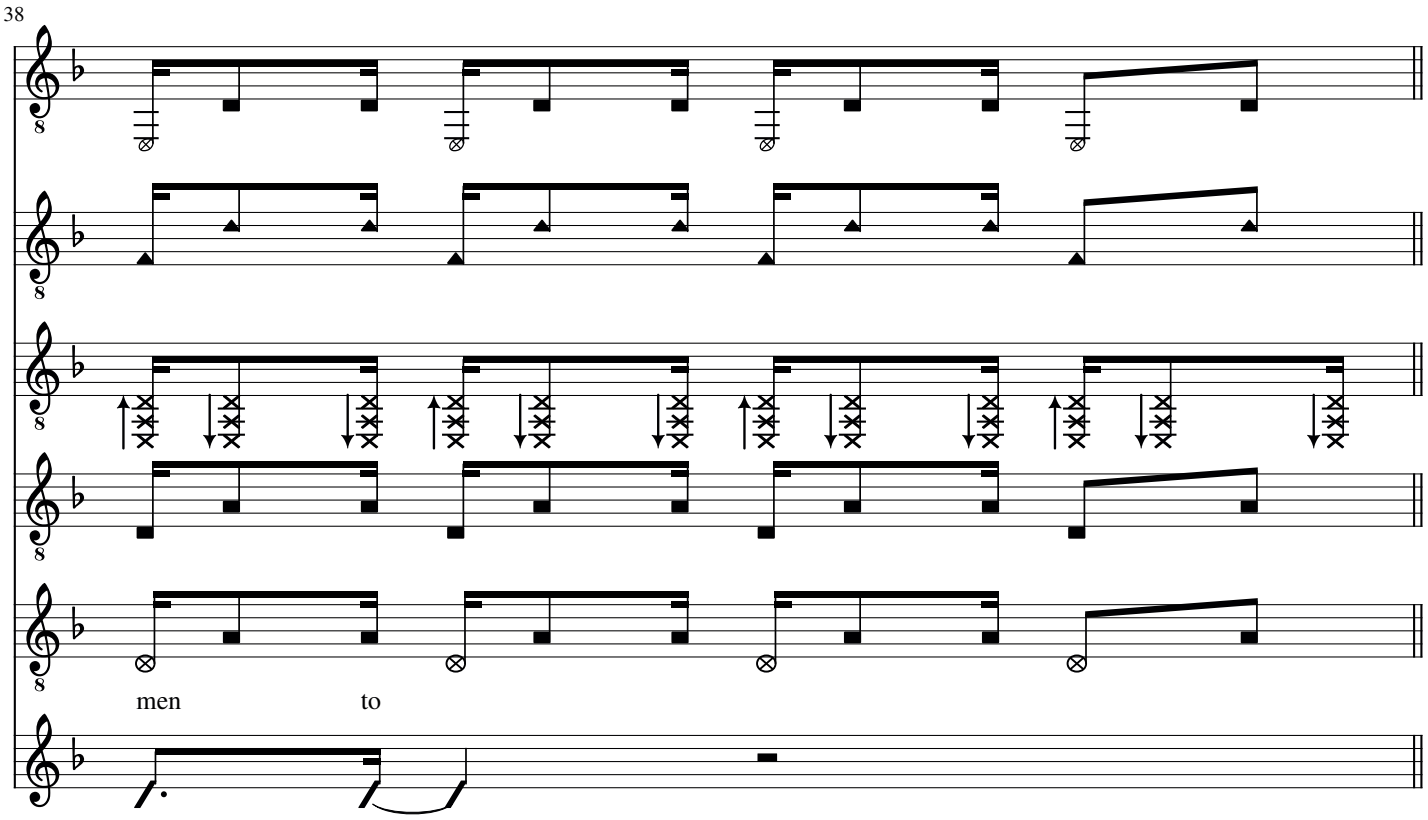

23

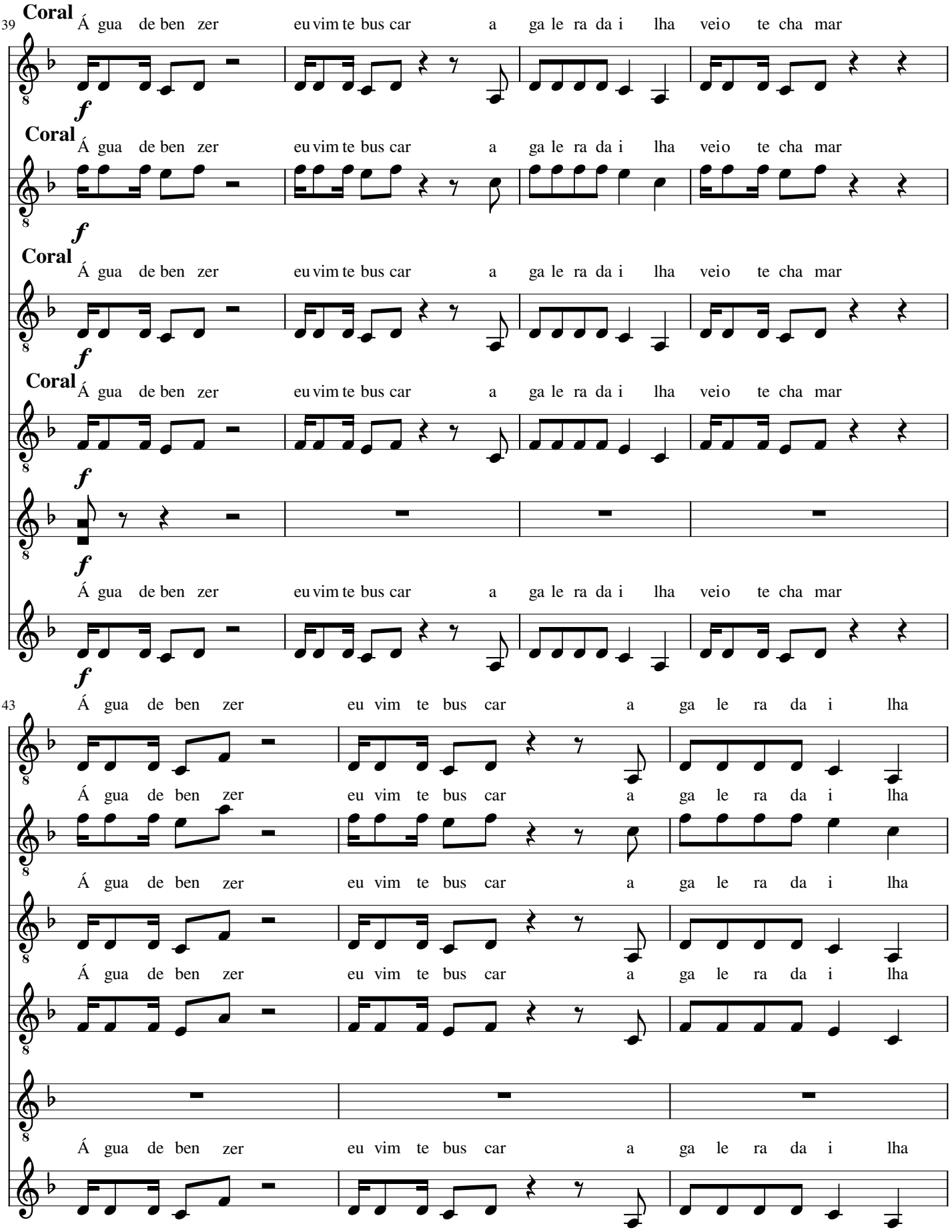

27
1.
2.
ff
Dm
30
mp
Voz - Solista
I lha sa té li te de pe dra no o ce a no trans mi tin do pen san
f

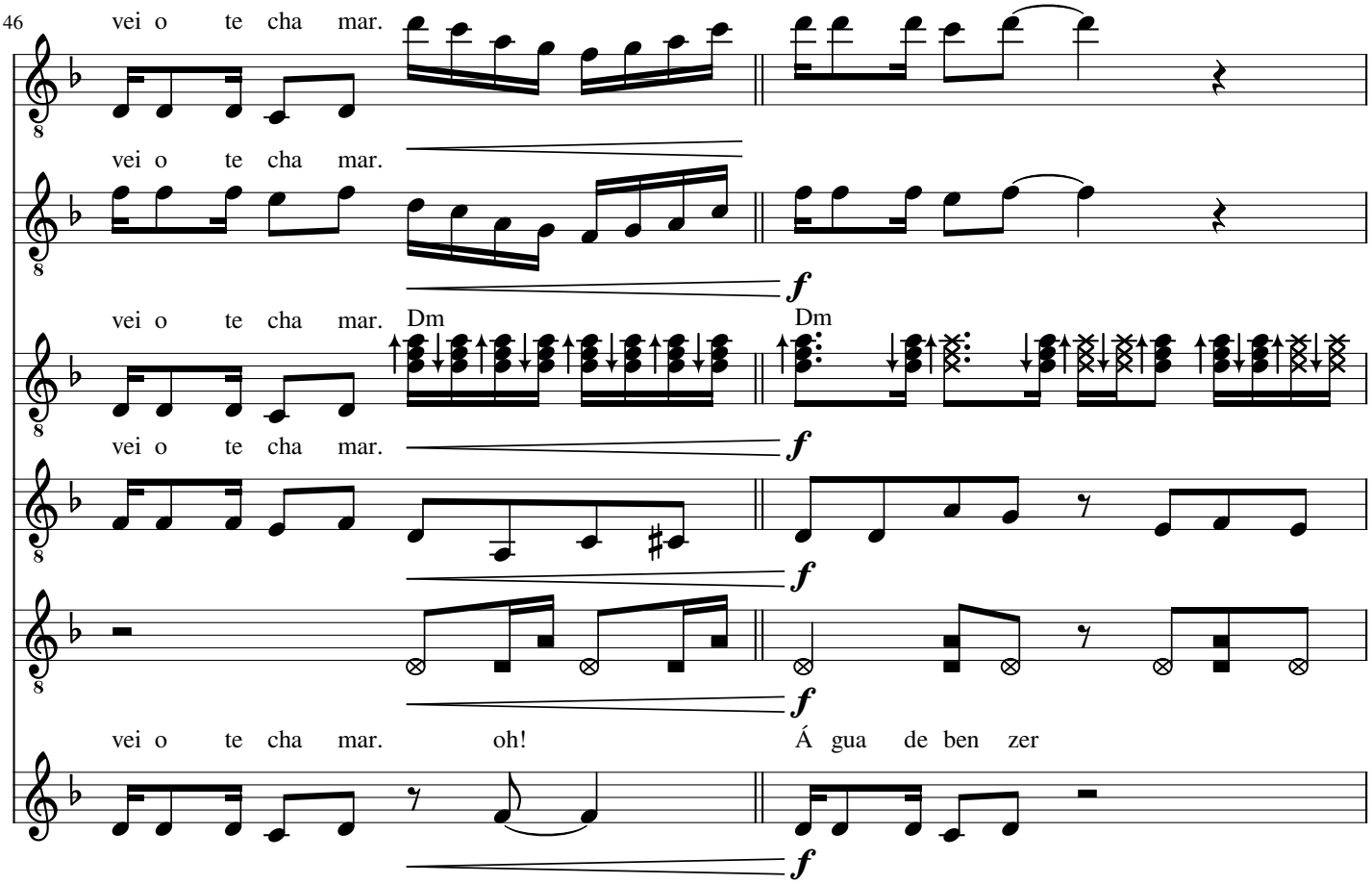

32
do se-o a ço-é de Mi nas se-a I lha-é u si na

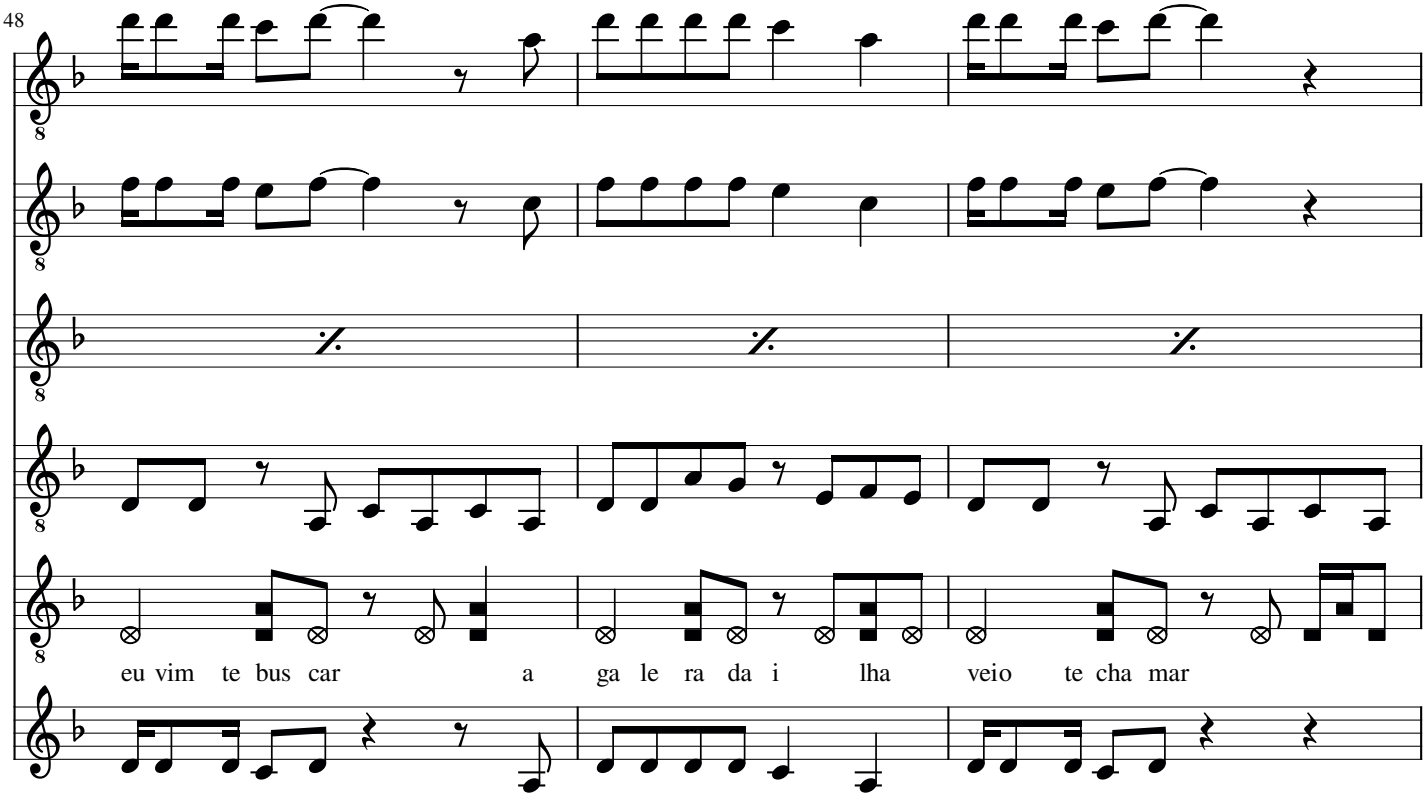

34
por to pe sa do-on de che gam-a le gri a das me ni nas e dos me ni nos do

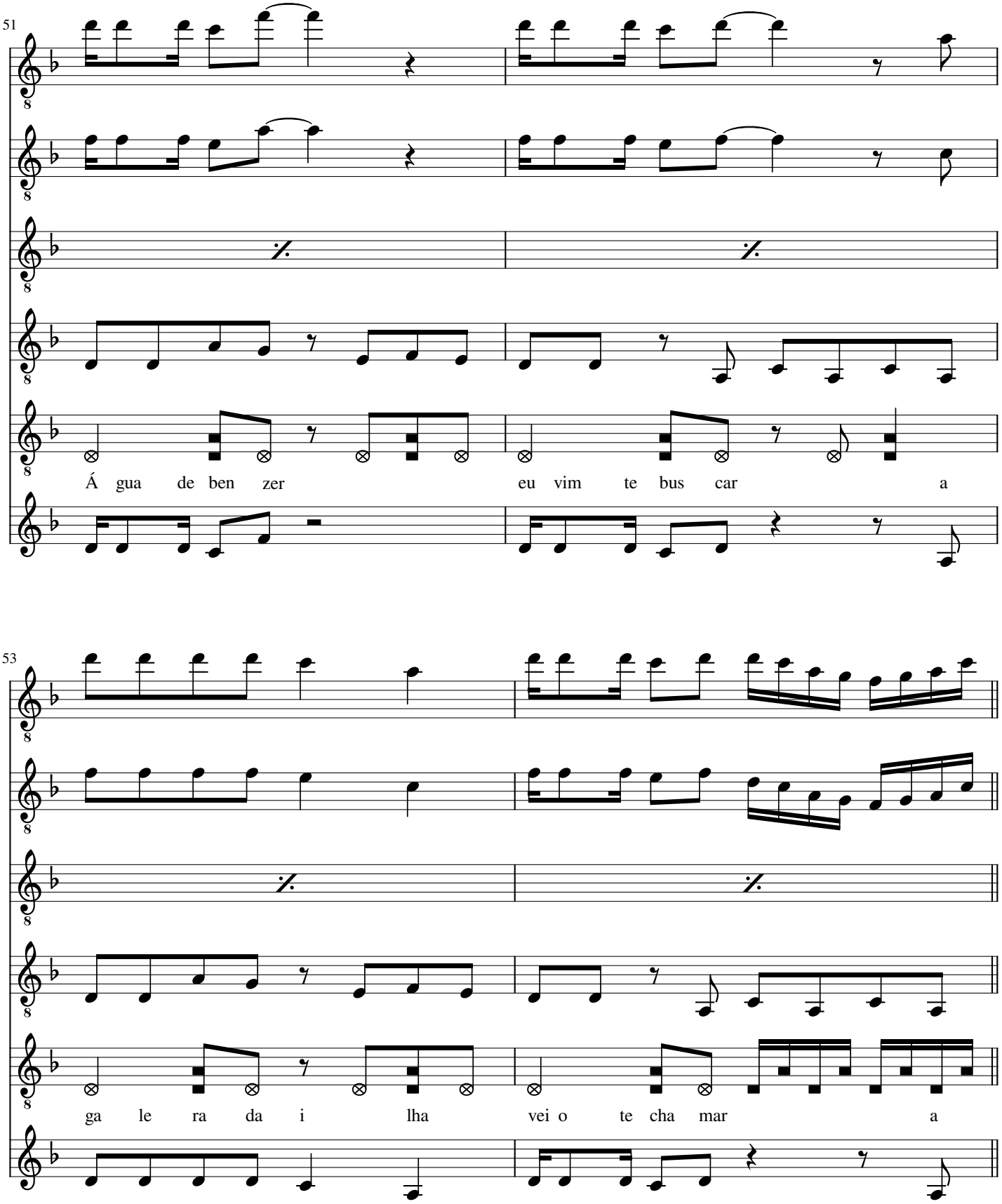

36
cen tro a on de-os na vi os tra fe gam nas on das do rá dio por um mo vi

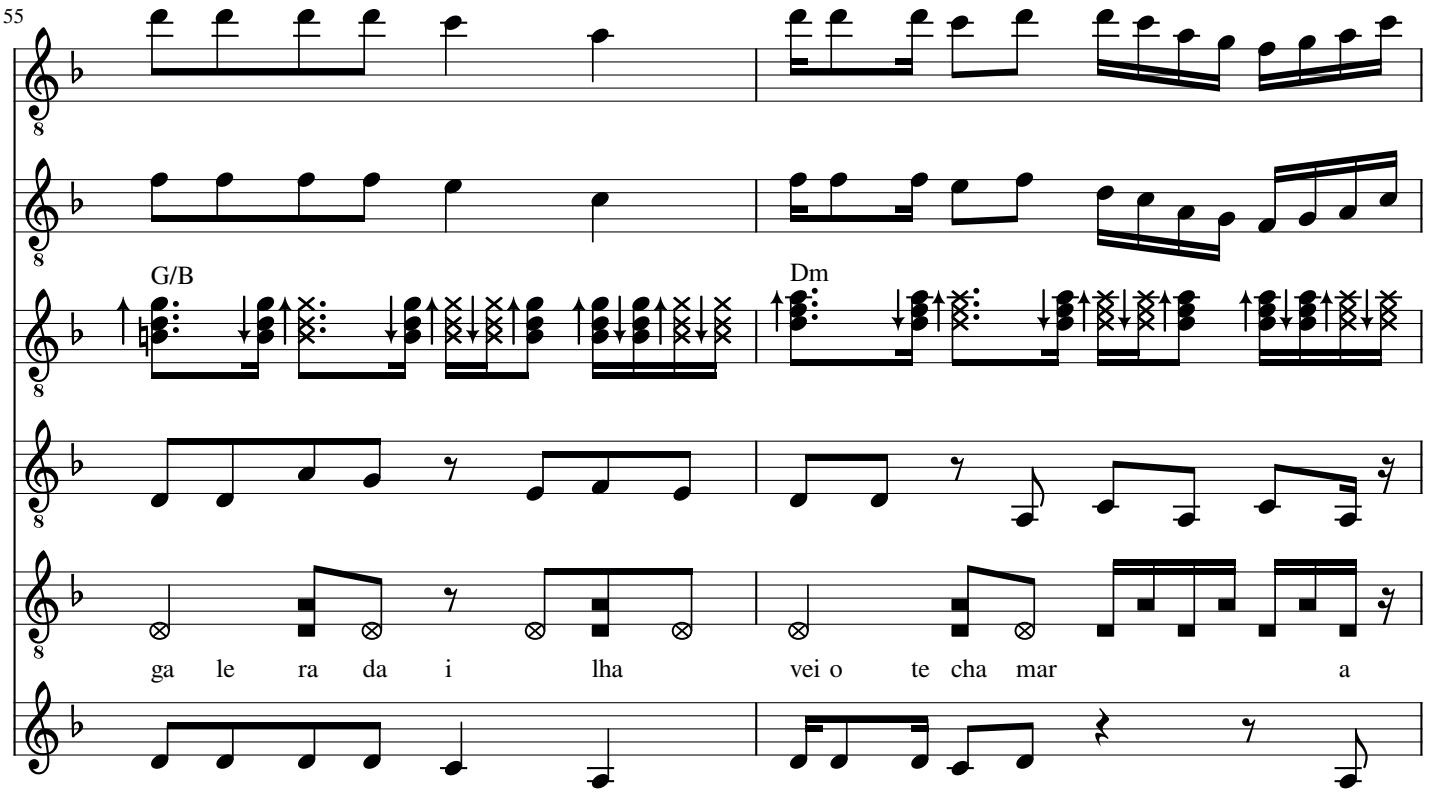

38
men to

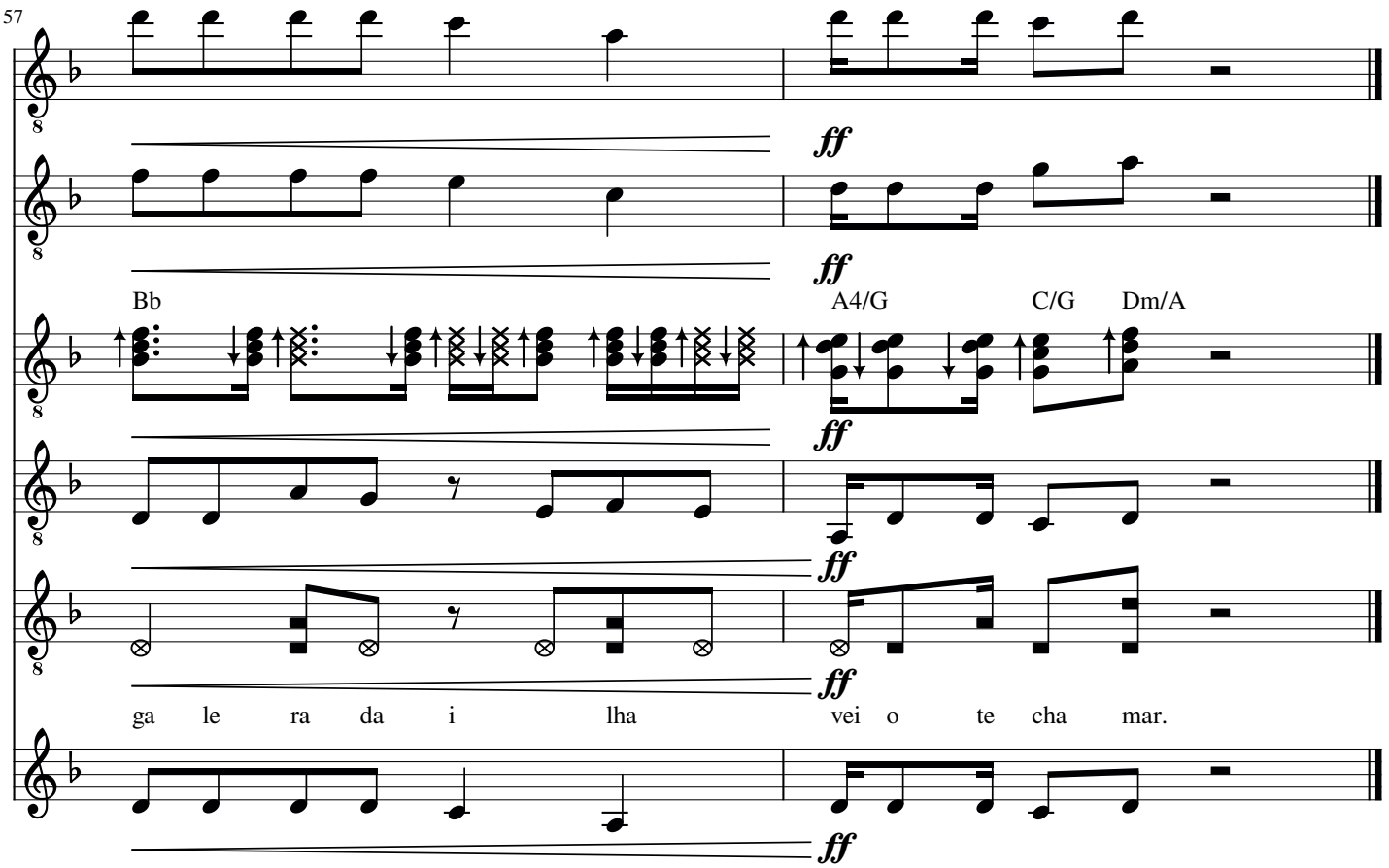

39
Coral
Á gua de ben zer eu vim te bus car a ga le ra da i lha veio te cha mar
f
43
Á gua de ben zer eu vim te bus car a ga le ra da i lha


46
vei o te cha mar.
vei o te cha mar.
f
vei o te cha mar.
Dm
Dm
vei o te cha mar.
f
f
vei o te cha mar.
oh!
Á gua de ben zer
f


48
eu vim te bus car
a
ga le ra da i
lha
veio te cha mar


51
Á gua de ben zer
eu vim te bus car a
53
ga le ra da i lha
vei o te cha mar a


55
G/B
Dm
ga le ra da i lha
vei o te cha mar a


57
ff
Bb
A4/G
C/G
Dm/A
ga le ra da i lha
vei o te cha mar.

Mais Astral

Mais Astral

José Roberto Santos Neves

Se há um grupo capixaba que é a cara do pagode praiano, de calçadão e de amores de verão, esse grupo é o Mais Astral. Quem acompanhou o Big Brother deve se lembrar de "Loirinha do Pagode", escolhida como tema da modelo argentina Antonela, uma das concorrentes da quarta edição do reality show em 2004. A canção que colocou o Mais Astral em rede nacional foi um dos destaques do primeiro CD da banda,"Mais Astral Ao Vivo", gravado na Blow Up, na Praia da Costa.

A lendária boate canela-verde, aliás, teve papel importante na consolidação do Mais Astral. Formado por Bruno Fernandes (voz), Christian Anderson (banjo), Jean Buquer (pandeiro), Thiago Nideck (cavaco), Juninho Mariquito (repique) e Ademir Adeodato (sax e flauta), o grupo começou a carreira em 1999 se apresentando de forma despretensiosa em rodas de samba e bares na região de Itapoã, mas foi na Blow-Up onde de fato conquistou experiência de palco em animados pagodes que chegavam a atrair cerca de mil pessoas aos domingos. De 2000 a 2007, o grupo manteve a agenda intensa na casa noturna, chamando a atenção de sambistas respeitados como o compositor Délcio Luiz, que não só se apresentou com o Mais Astral, como também compôs o sucesso "Loirinha do Pagode", em parceria com Adalto Magalha. A mistura de pagode e juventude dos integrantes do grupo logo chamou a atenção da juventude da Grande Vitória, e a profissionalização veio naturalmente.

Aproveitando a exposição nacional obtida no BBB, o Mais Astral lançou o segundo CD, "O Gosto da Felicidade", gravado no Rio de Janeiro, em 2006, com produção de Torcuato Mariano, um dos mais requisitados da MPB e integrante do elenco de arranjadores do "The Voice Brasil" (TV Globo). Contando com a participação de músicos renomados como Mauro Diniz, Marcelinho Moreira, Prateado e Marcos Esguleba, e os arranjos de Jota Moraes, este álbum emplacou a música "Só de Brincadeira" (Torcuato Mariano/Aloysio Reis) entre as mais tocadas nas rádios do Espírito Santo no ano de 2006.

Mantendo-se fiel ao pagode de viço jovem, o grupo chegou ao terceiro CD, "No Quintal da Gente", em 2009, obtendo projeção nacional por meio da participação no quadro Desafio da Garagem, do programa "Domingão do Faustão", da TV Globo. Na ocasião, os capixabas ganharam três eliminatórias do duelo do pagode com "Mulher Radar" ((Bruno Fernandes/Christian Anderson/Aloysio Reis), obtendo 62%, 69% e 78% dos votos do público, respectivamente. O tema da canção está em sintonia com o estilo do Mais Astral, que costuma compor sobre jogos de amor – nem sempre correspondidos -, musas do samba, festas e diversão.

Em 2014, o grupo lançou o quarto CD, "Moqueca Musical", gravado no Studio Music, em Vila Velha, com a participação de músicos capixabas como Jhonathan (Herança Negra), Bastos (vocalista do Trio Forrozão - in memorian), Fred (Macucos) e a dupla Evandro & Ranieri. Com dez músicas inéditas, o álbum contou também

com releituras do Mais Astral para sucessos de outros gêneros da MPB, como o forró/xote - "Esperando na Janela (Targino Gondim/Manuca Almeida/Raimundinho do Acordeom), gravada por Gilberto Gil na trilha sonora do filme "Eu, Tu, Eles", e "Até mais Ver" (Targino Gondim) - e a bossa "Faz Parte do Meu Show" (Cazuza/Renato Ladeira). Dessa forma, o Mais Astral ampliou horizontes musicais sem deixar de lado a sua base, que é o pagode alegre e despojado que forjou o seu estilo desde as saudosas domingueiras da Blow-Up.

Ao longo da carreira o grupo participou de shows e festivais importantes como a Festa da Penha, a Festa de aniversário de Vitória, o Festival de Música de Alegre, o Festival de Pagode de Niterói e os micaretas do Bloco Pica-pau, Nana Banana e Esculhambação, na Praia da Costa; além de dividir o palco com Exaltasamba, Fundo de Quintal, Grupo Revelação, Dudu Nobre, Molejo, Alcione e Jorge Aragão, entre outros artistas.

A partir de 2015 os integrantes passaram a se dedicar a projetos paralelos, reduzindo a agenda de shows do Mais Astral. Mas o vocalista Bruno Fernandes garante que o grupo permanece vivo e afinado para apresentações esporádicas, e a qualquer momento pode retomar o ritmo original. Porque, como diz o velho samba de Arlindo Cruz, Luiz Carlos da Vila e Sombrinha, "o show tem que continuar".

Integrantes:
Bruno Fernandes (voz)
Christian Anderson (banjo)
Jean Buquer (pandeiro)
Thiago Nideck (cavaco)
Juninho Mariquito (repique)
Ademir Adeodato (sax e flauta)

Ex-integrante:
Toninho Boechat (percussão - 2001 a 2009)

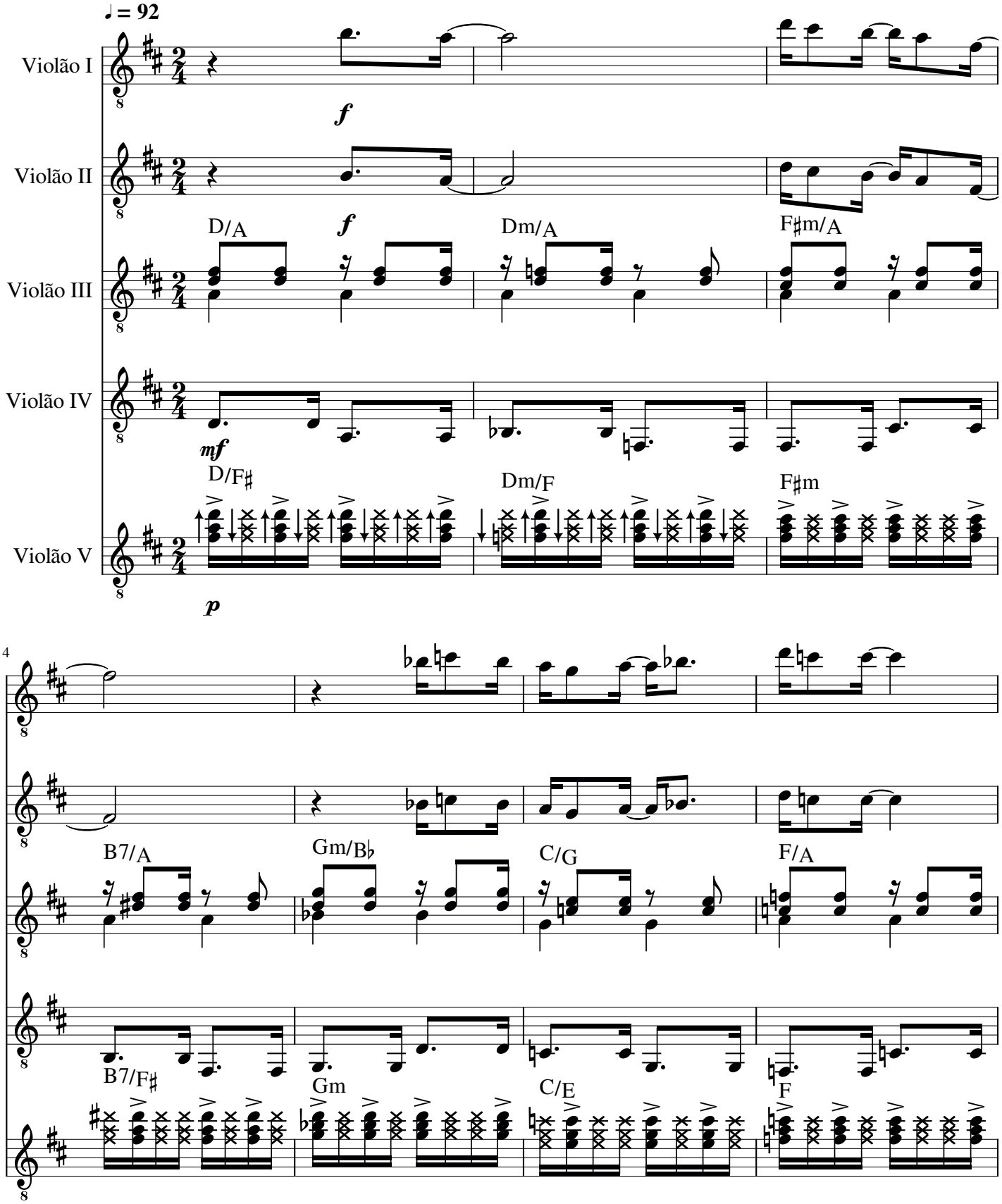
Discografia:
Mais Astral ao Vivo (Green Songs - 2004)
O Gosto da Felicidade (Independente – 2006)
No Quintal da Gente – (Independente – 2010)
Moqueca Musical – (Independente – 2014)

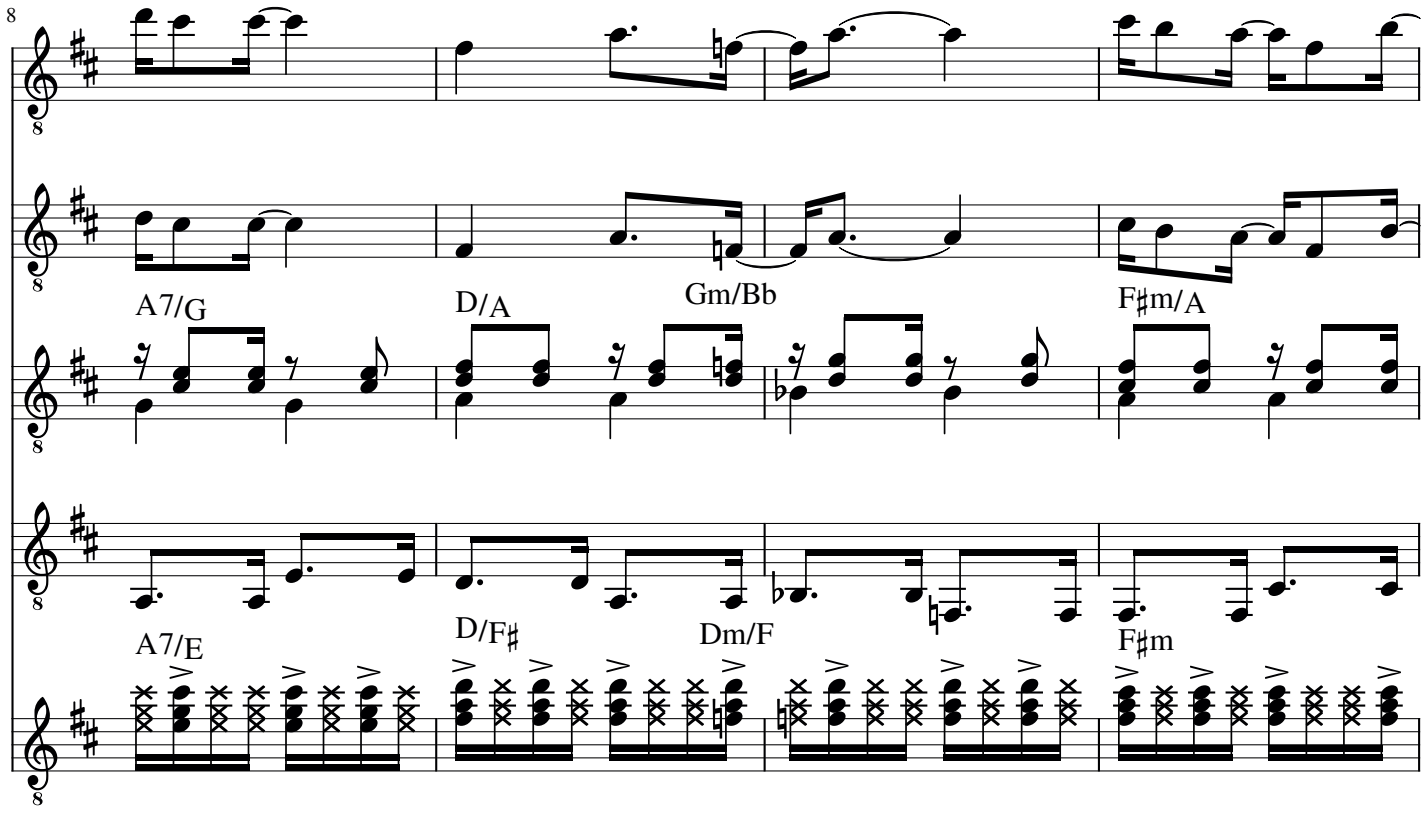
Videoclipes:
Mulher Radar (2009)
Tô Mal Sem Você (2014)

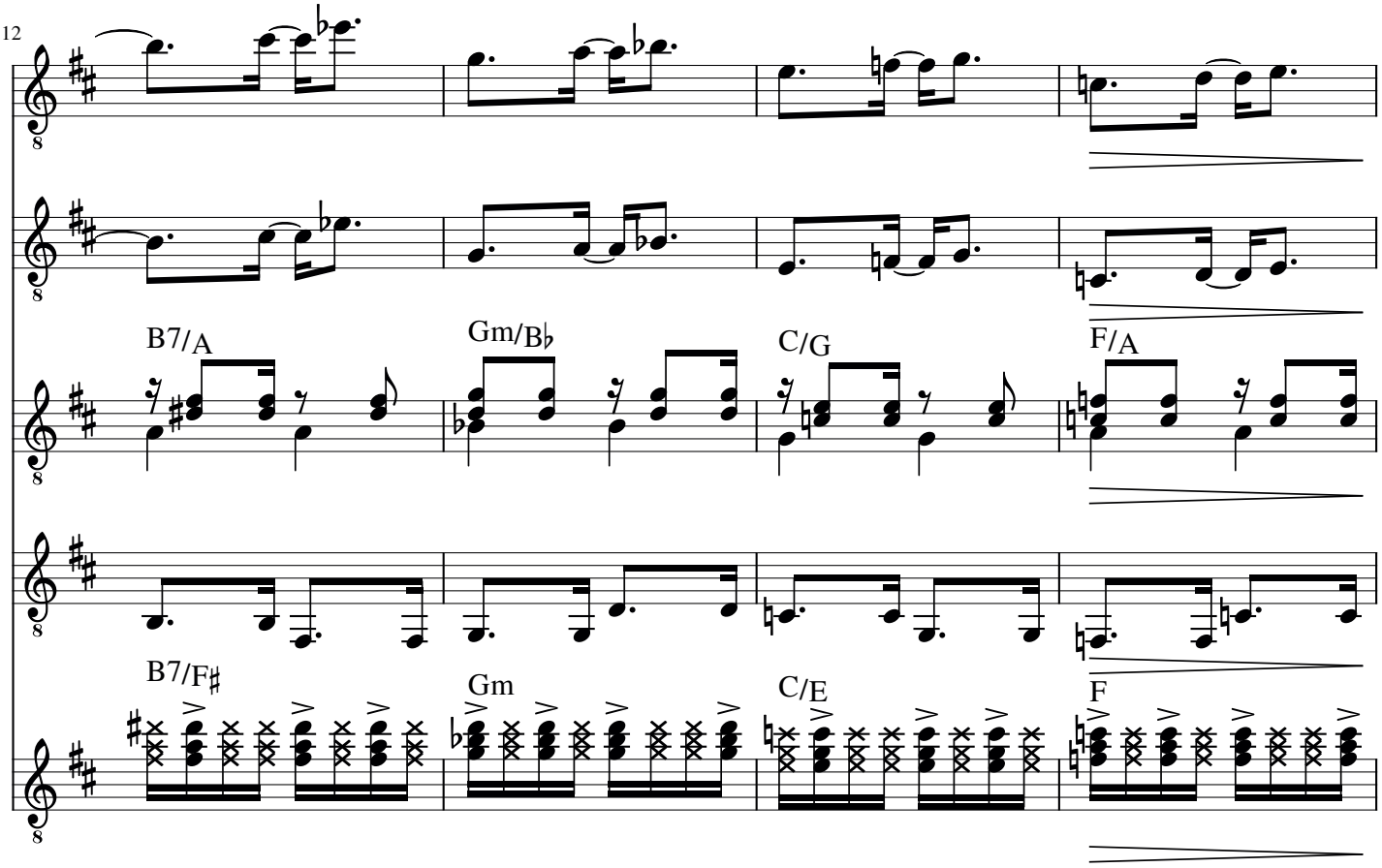
Loirinha do Pagode

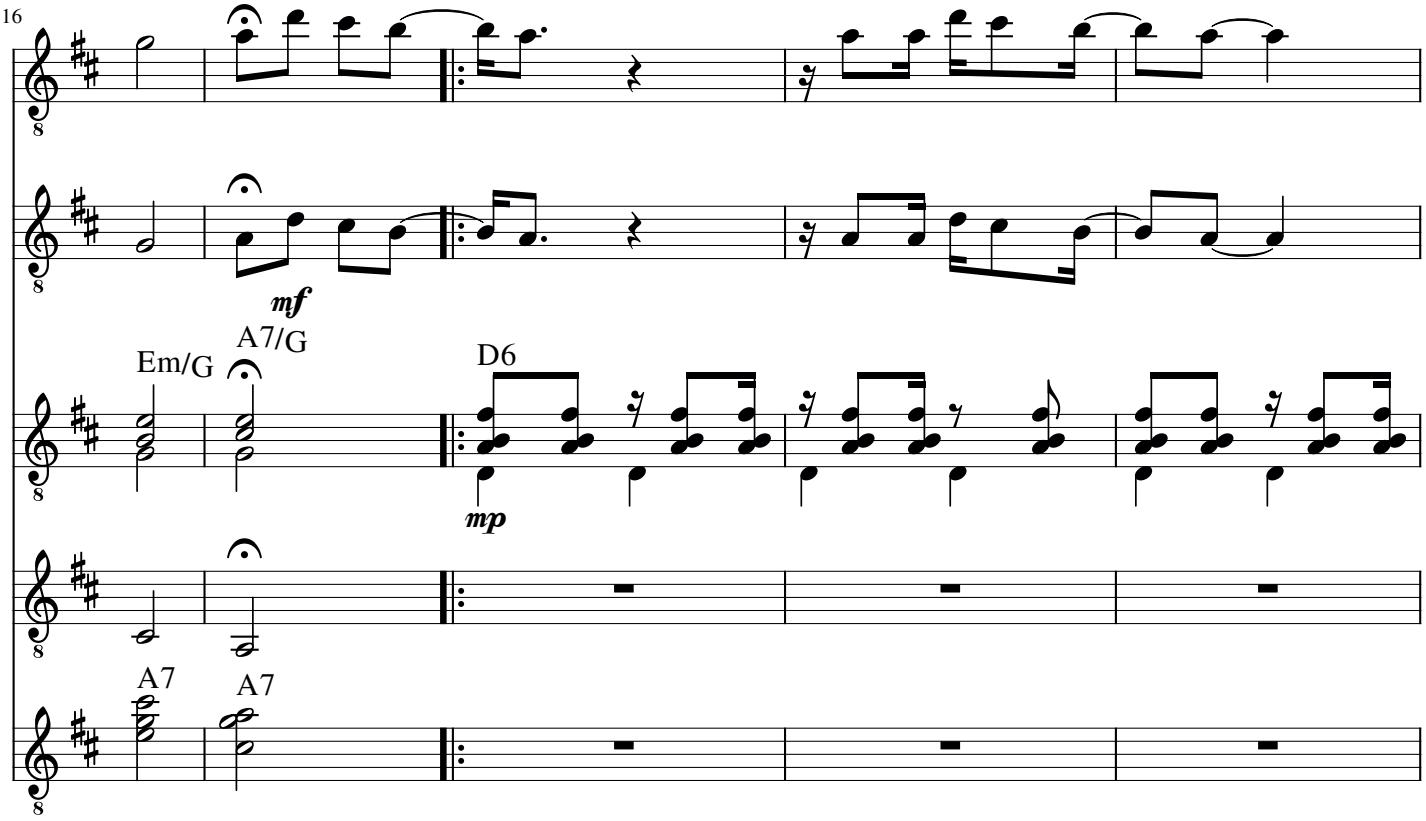
Arranjo Bruno Soares

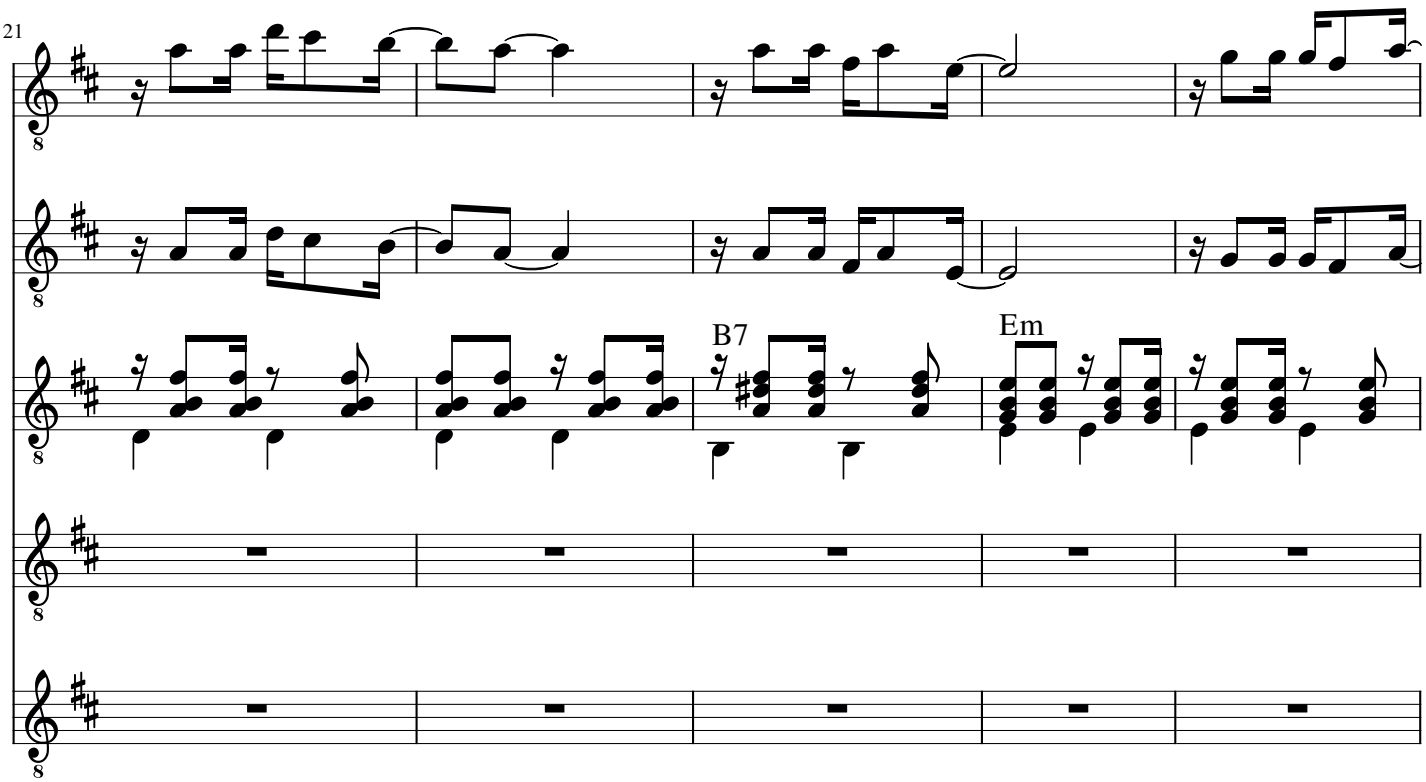
Mais Astral

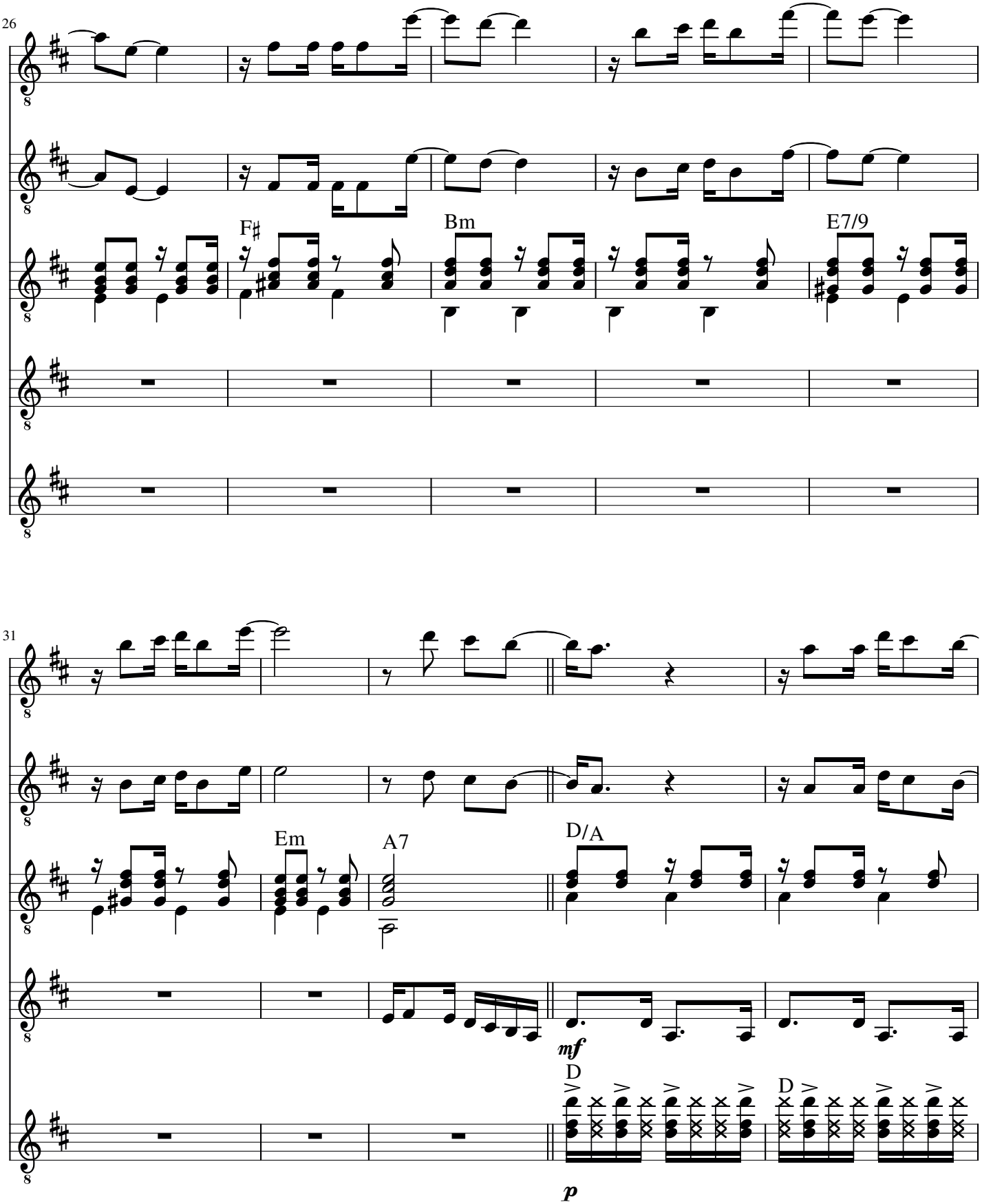


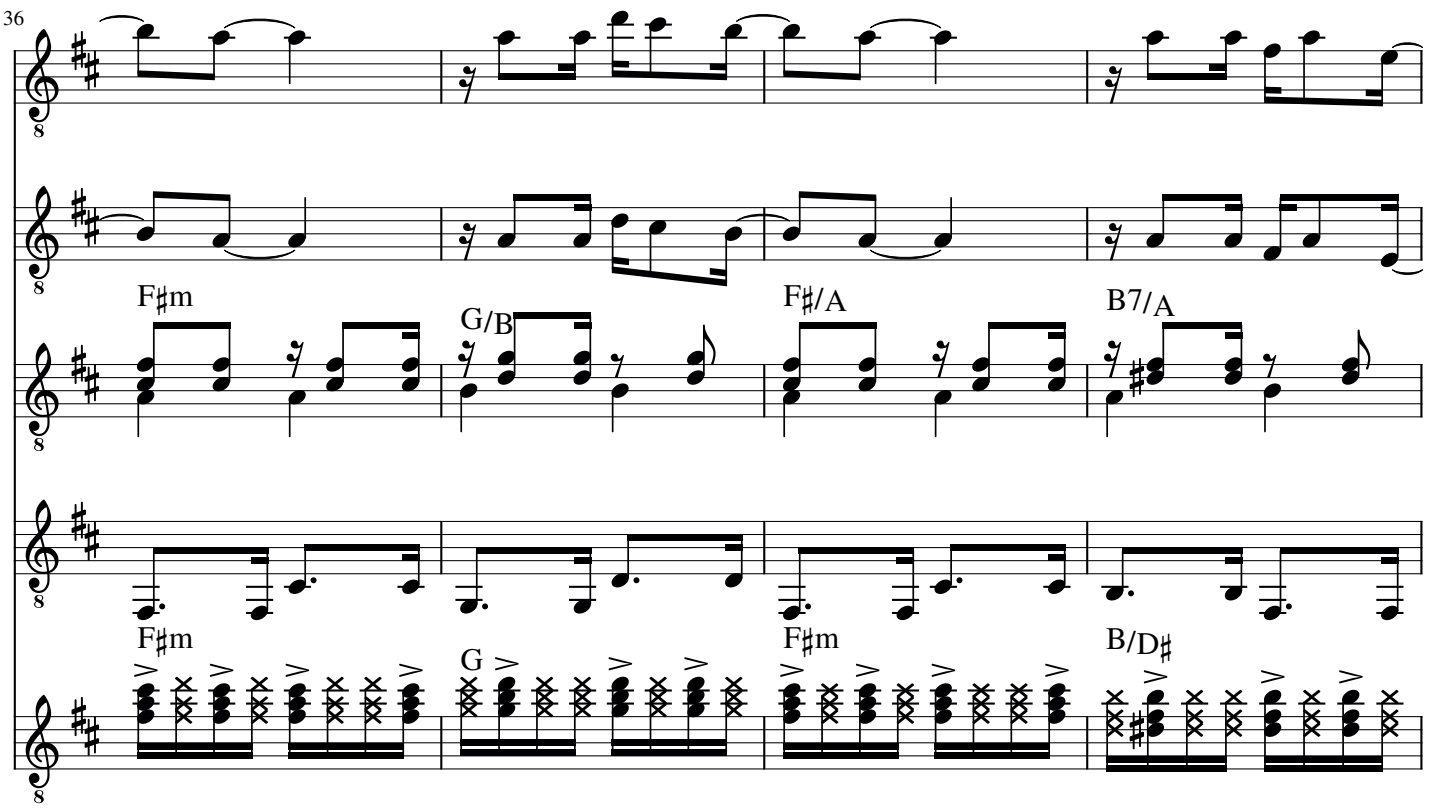

8
A7/G
D/A
Gm/Bb
F♯m/A
A7/E
D/F♯
Dm/F
F♯m

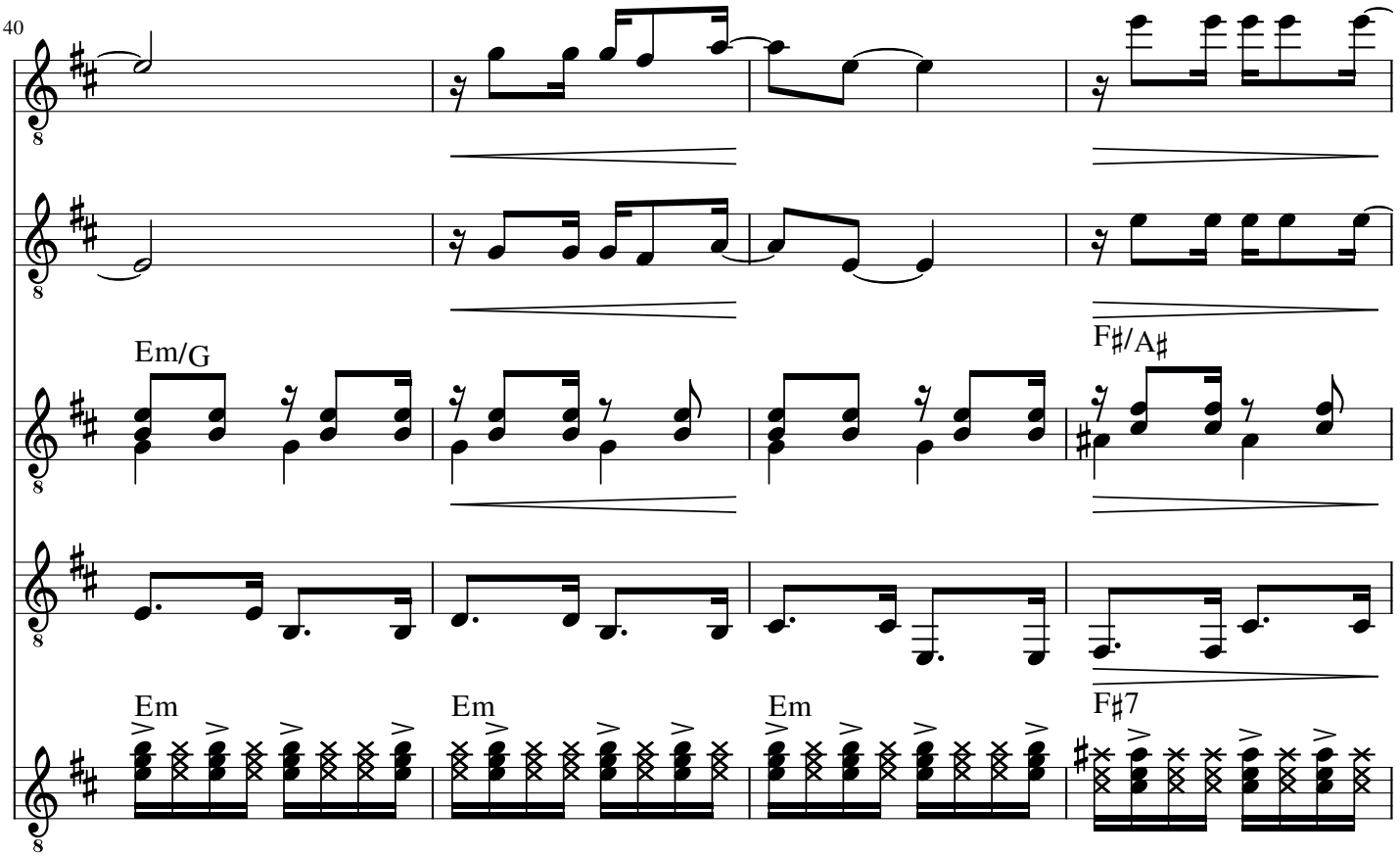

12
B7/A
Gm/B♭
C/G
F/A
B7/F♯
Gm
C/E
F

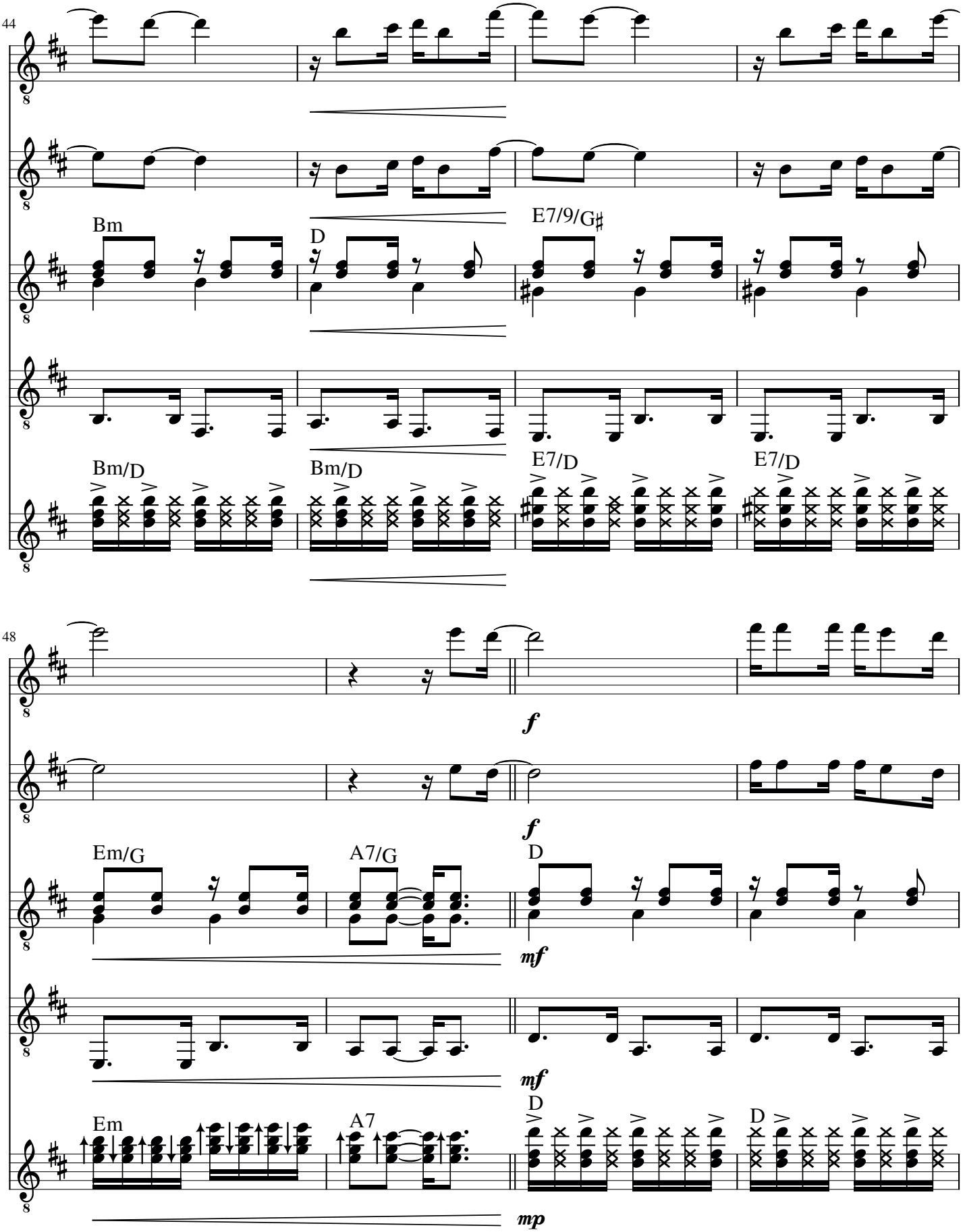

16
mf
Em/G
A7/G
D6
mp
A7
A7

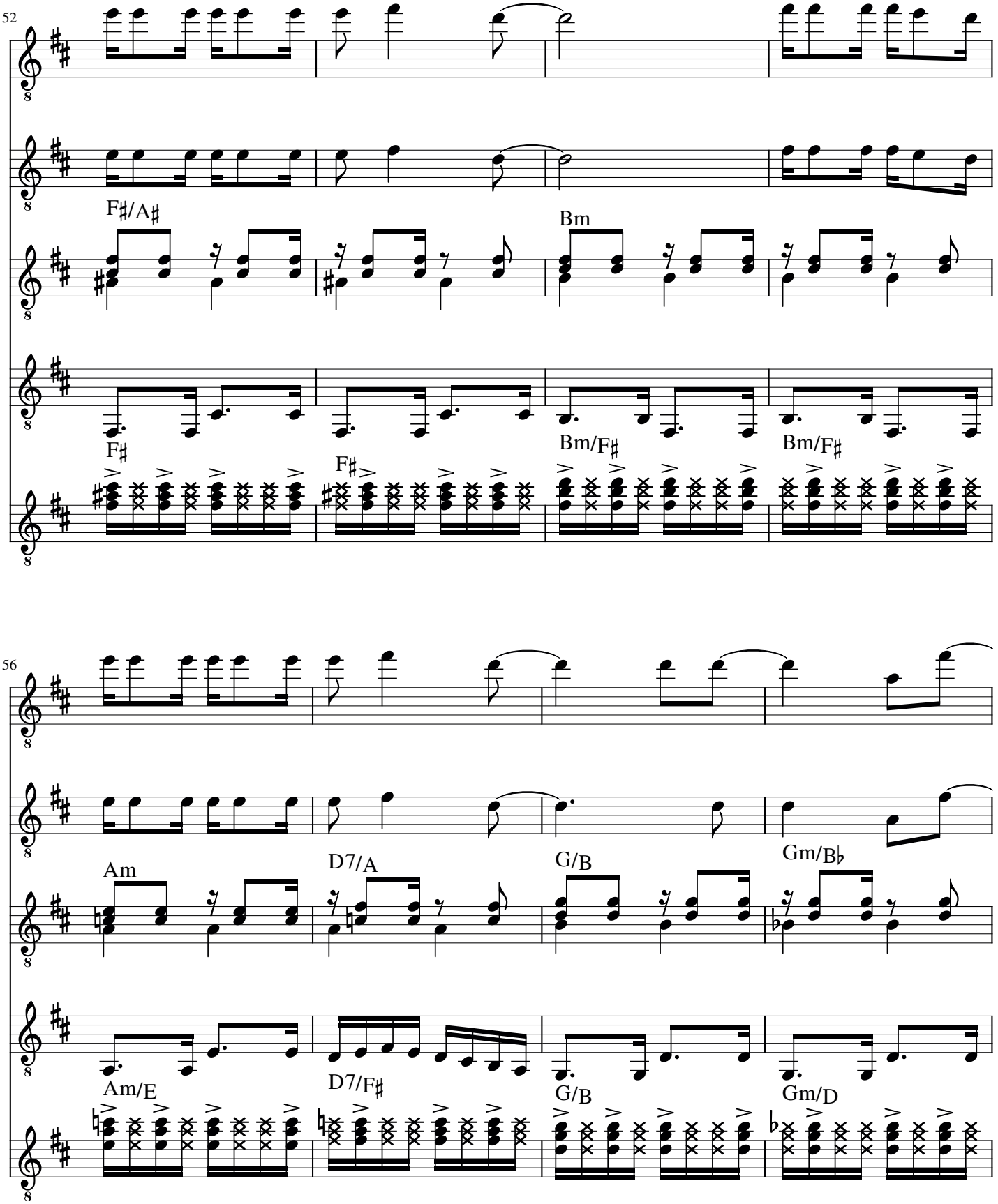

21
B7
Em

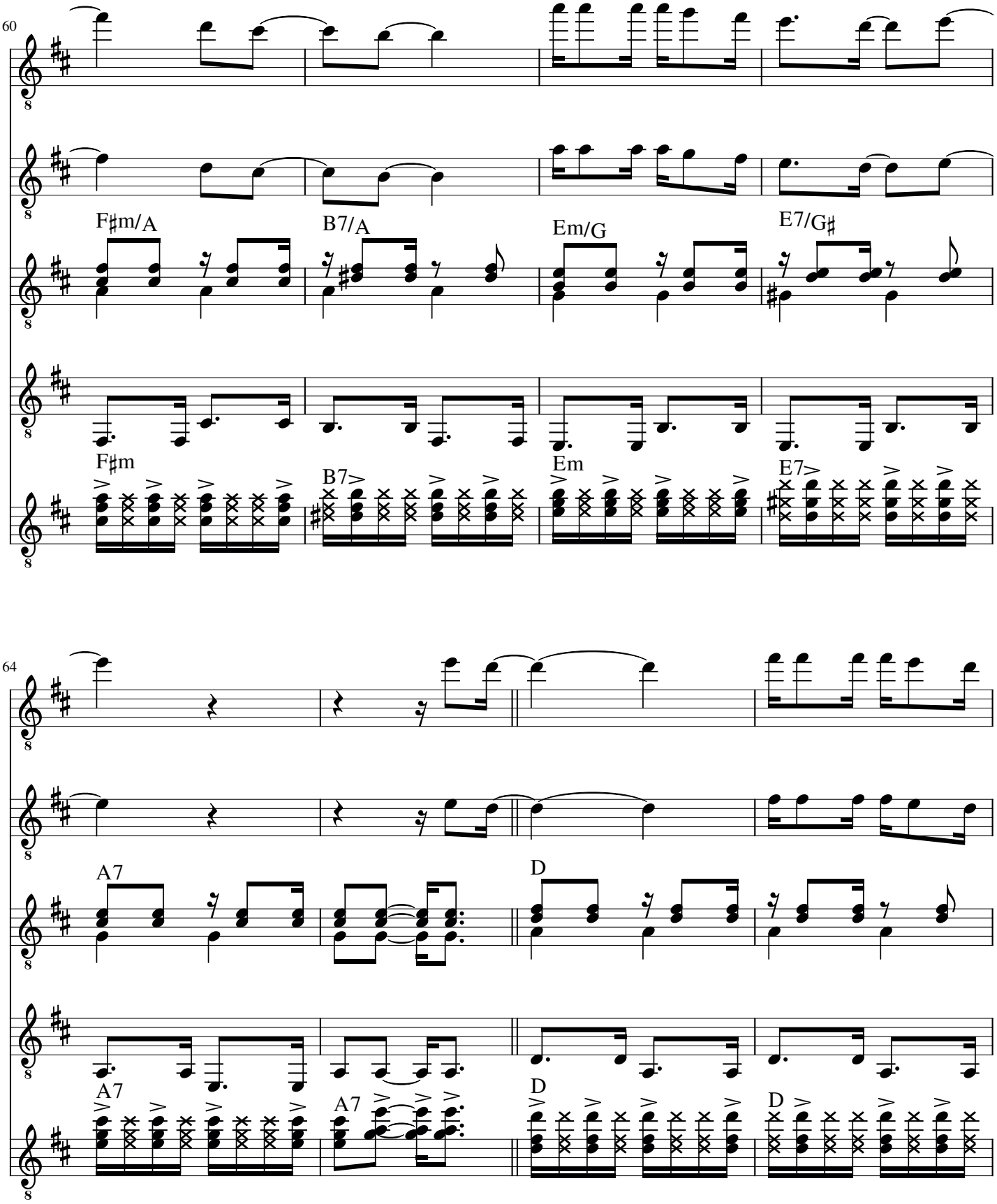

26
F♯
Bm
E7/9
31
Em
A7
D/A
mf
D
p

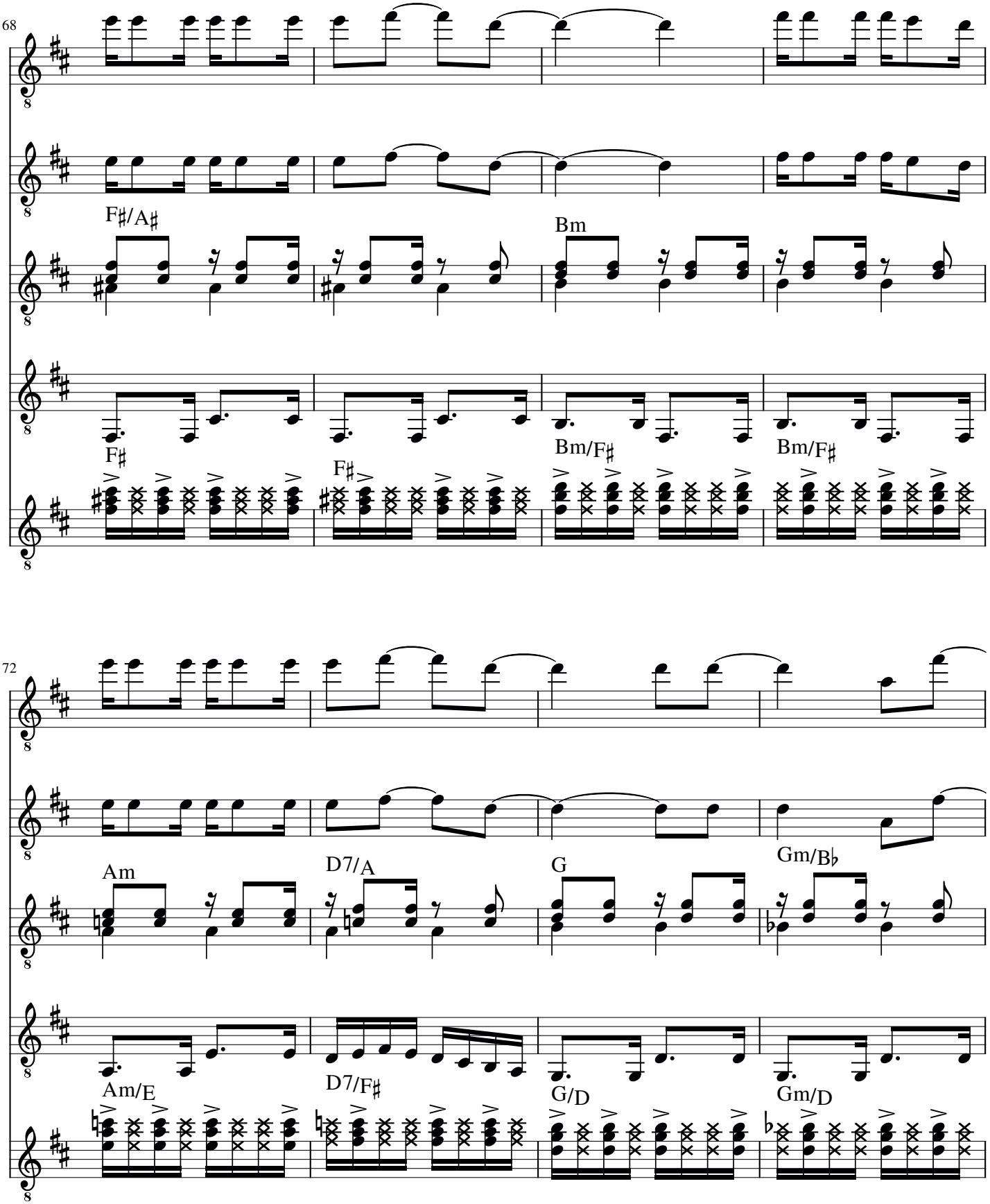

36
F♯m
G/B
F♯/A
B7/A
F♯m
G
F♯m
B/D♯

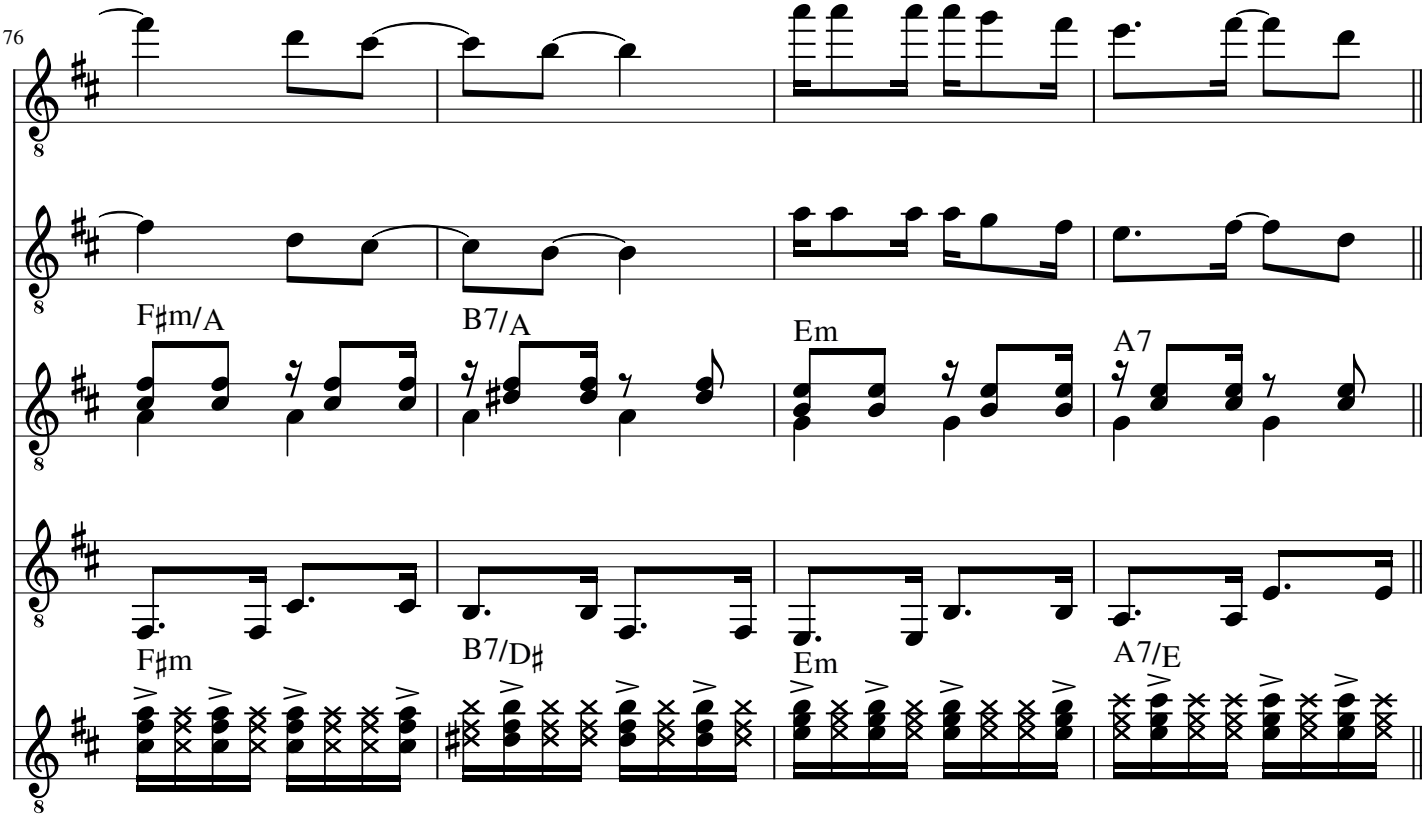

40
Em/G
F♯/A♯
Em
Em
Em
F♯7

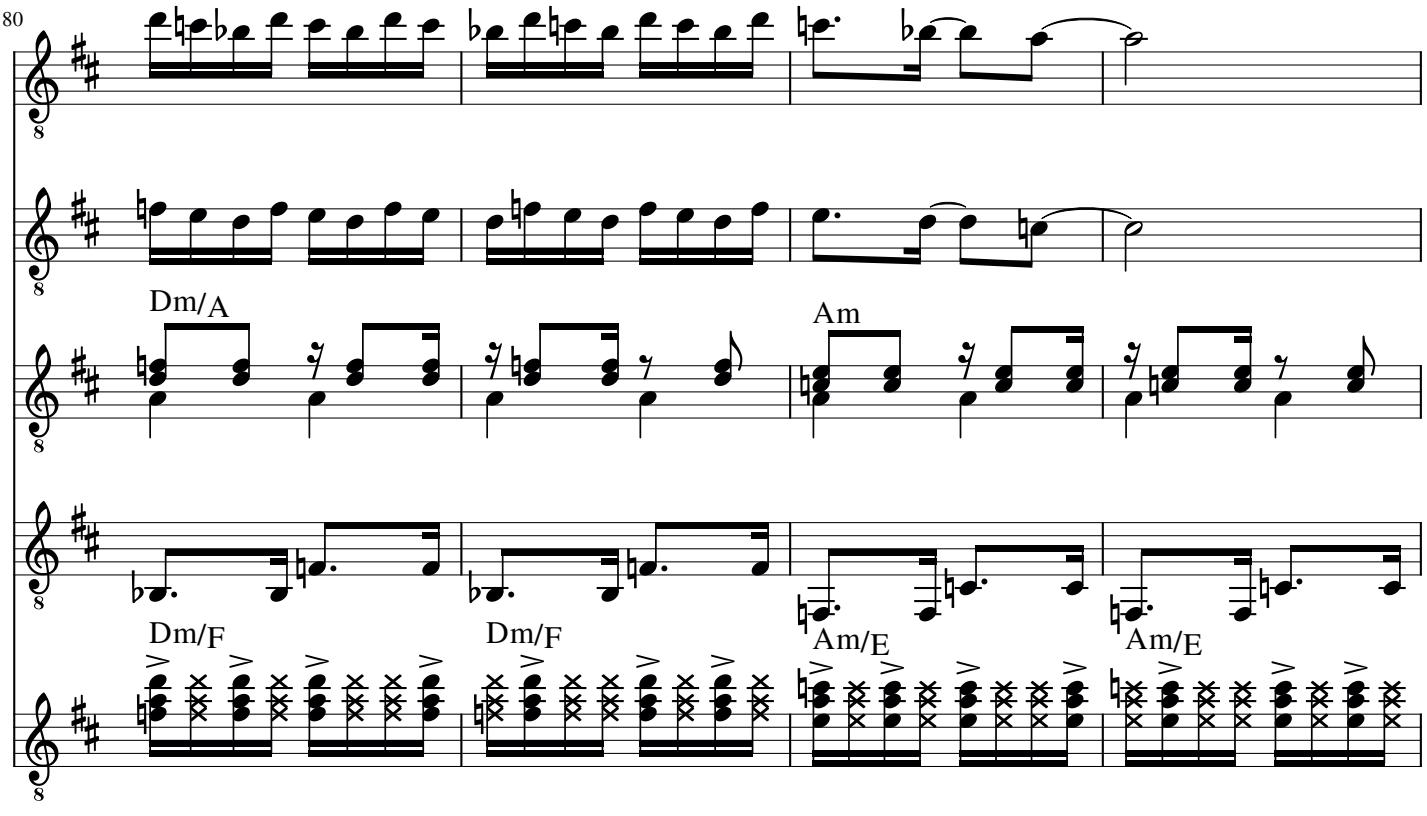

44
Bm
D
E7/9/G♯
Bm/D
Bm/D
E7/D
E7/D
48
f
f
Em/G
A7/G
D
mf
mf
Em
A7
D
D
mp

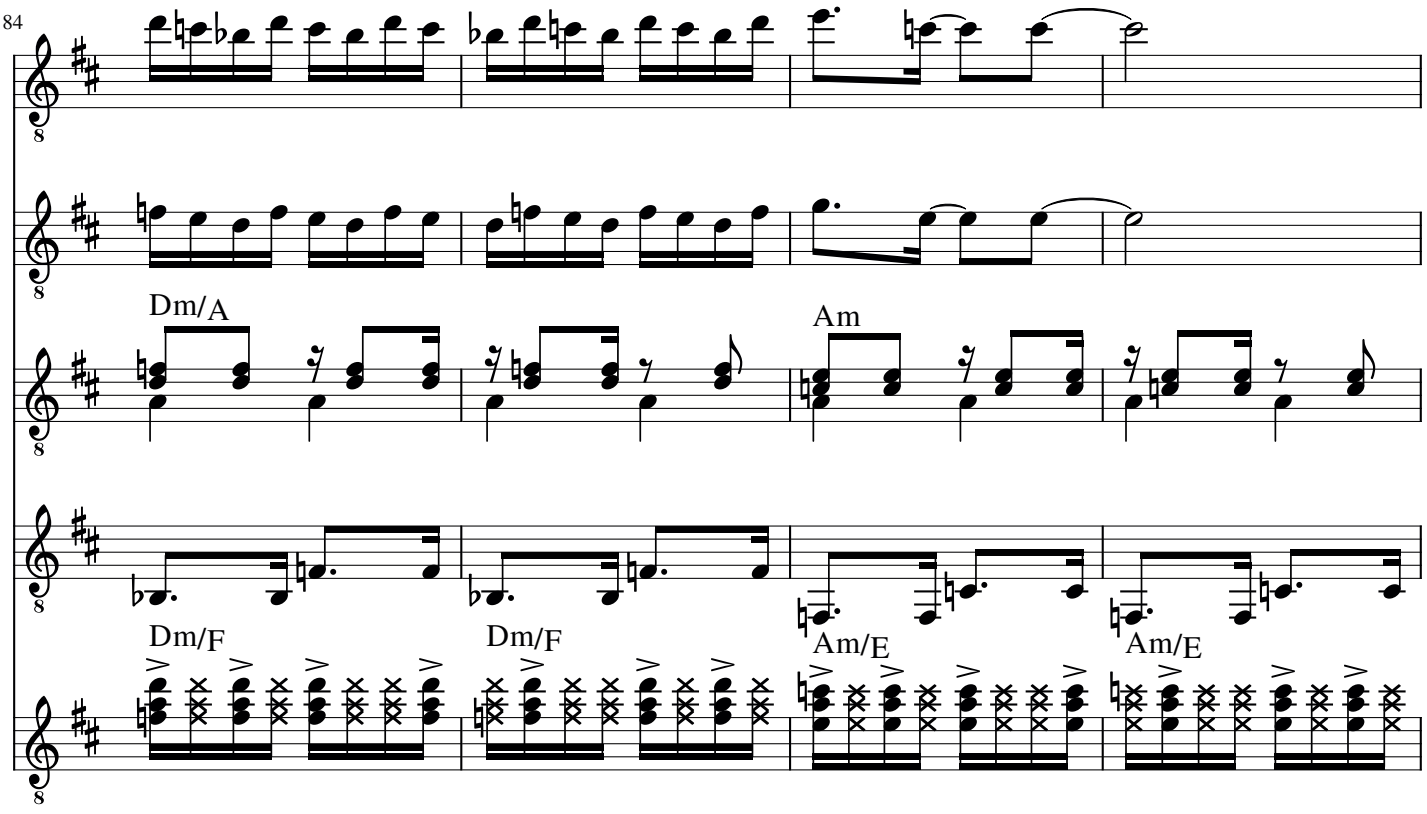

52
F♯/A♯
Bm
F♯
F♯
Bm/F♯
Bm/F♯
56
Am
D7/A
G/B
Gm/B♭
Am/E
D7/F♯
G/B
Gm/D

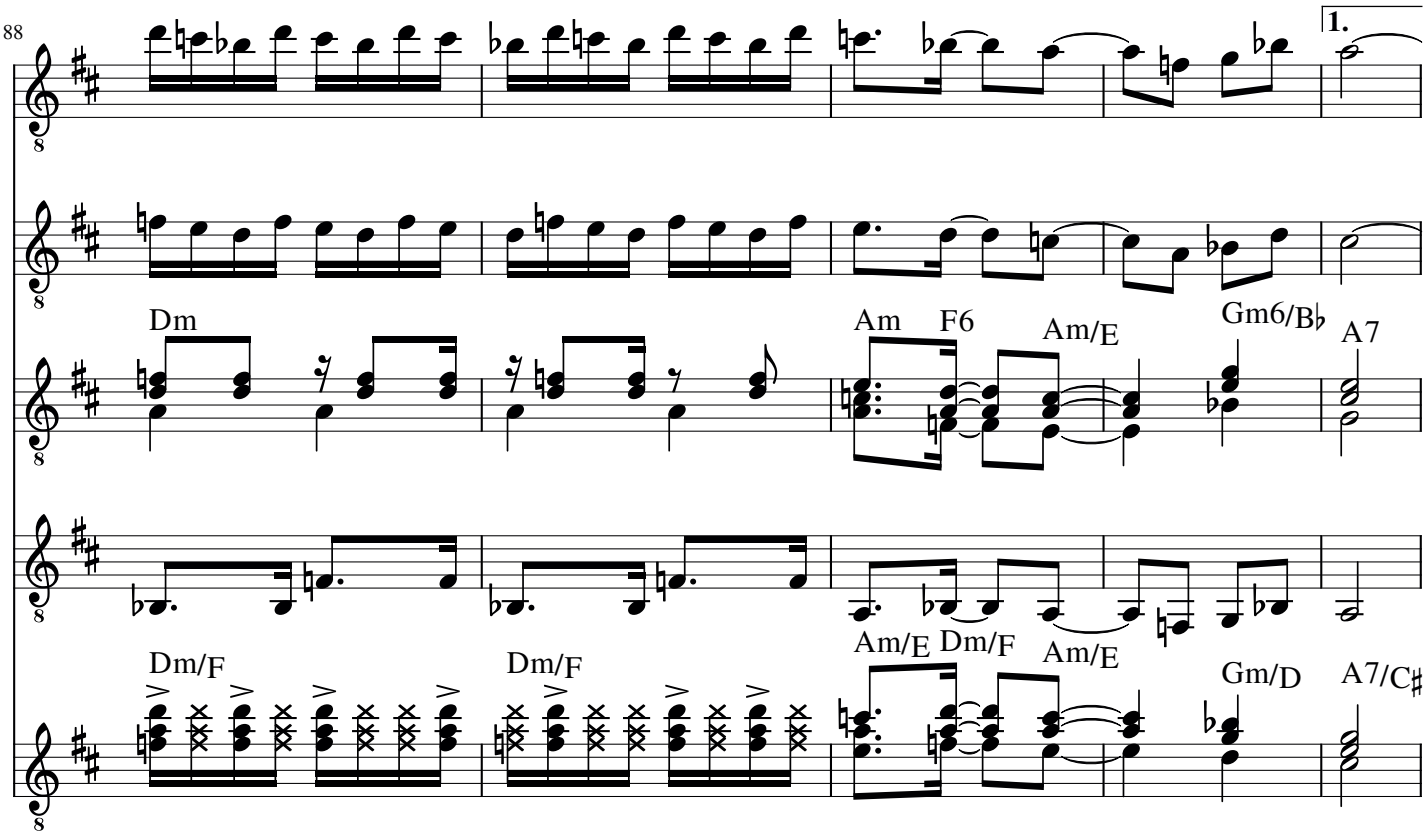

60
F♯m/A
B7/A
Em/G
E7/G♯
F♯m
B7
Em
E7
64
A7
D
A7
A7
D
D

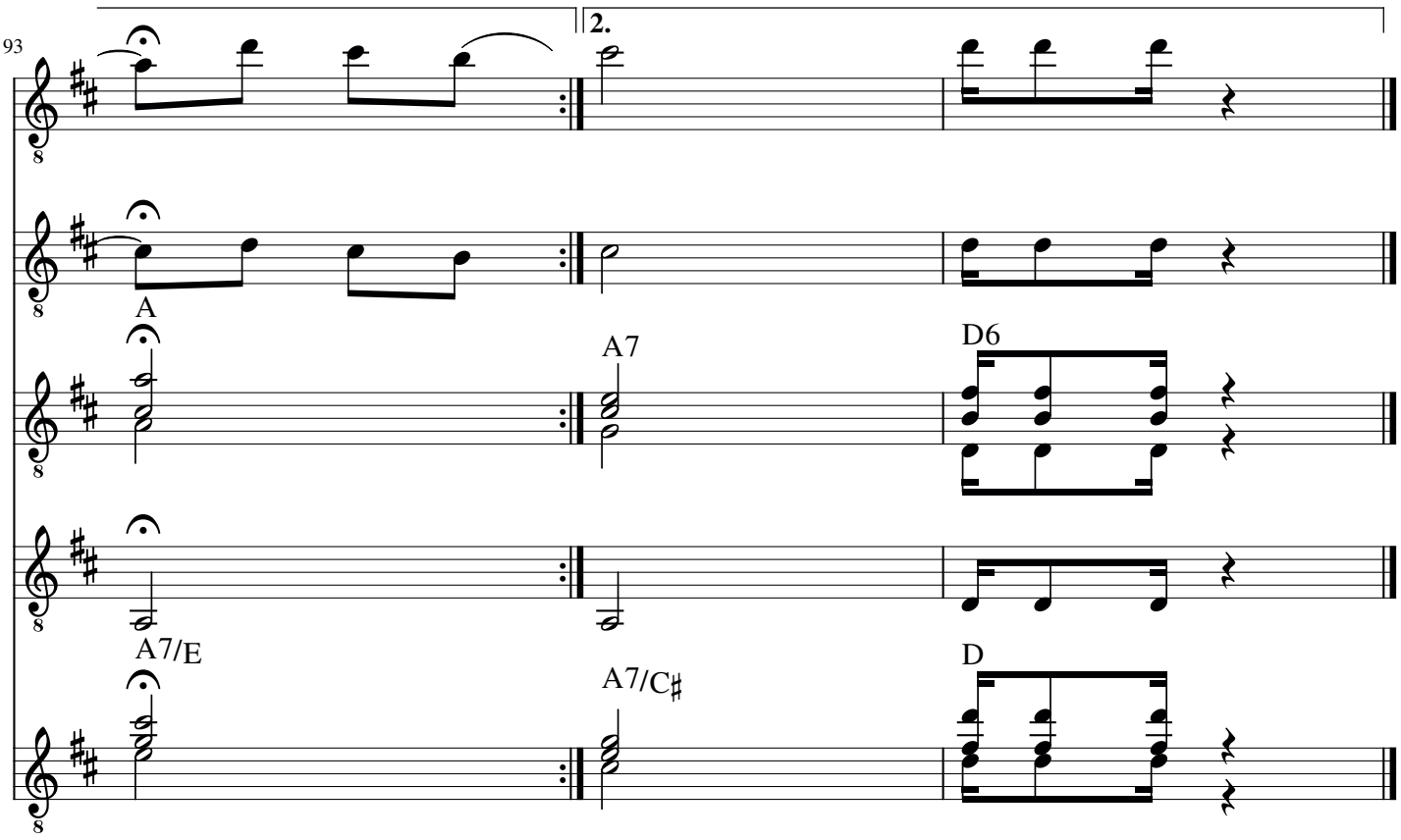

68
F♯/A♯
Bm
F♯
F♯
Bm/F♯
Bm/F♯
72
Am
D7/A
G
Gm/B♭
Am/E
D7/F♯
G/D
Gm/D


76
F♯m/A
B7/A
Em
A7
F♯m
B7/D♯
Em
A7/E


80
Dm/A
Am
Dm/F
Dm/F
Am/E
Am/E


84
Dm/A
Am
Dm/F
Dm/F
Am/E
Am/E


88
1.
Dm
Am
F6
Am/E
Gm6/B♭
A7
Dm/F
Dm/F
Am/E
Dm/F
Am/E
Gm/D
A7/C♯


93
2.
A
A7
D6
A7/E
A7/C♯
D

Pele Morena

Pele Morena

José Roberto Santos Neves

Um dos grupos de samba e pagode mais queridos da cena musical capixaba, o Pele Morena nasceu no município de Cariacica, em 1997, e desde então solidifica uma carreira bem-sucedida que o coloca entre os artistas mais populares do Estado. Para se ter ideia, o grupo formado por Andrinho (vocal), Marlon Stefanini (violão e cavaquinho) e Jhonathan Silva (bateria) é presença certa nos principais eventos e casas noturnas do Espírito Santo. Entre outras festividades, o Pele Morena já se apresentou na Festa da Penha, GranExpoES, Festa dos Caminhoneiros de Iconha e no Terreirão do Samba (RJ), ao lado da Marquês de Sapucaí, diante de um público superior a 20 mil pessoas. Também teve a oportunidade de dividir o palco com estrelas como Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, Ivete Sangalo, Sorriso Maroto e Exaltasamba.

Da experiência na estrada, o Pele Morena colheu o entrosamento necessário para chegar ao primeiro CD no ano de 2007, intitulado "Me leva pro céu". No ano seguinte, foi lançado o primeiro DVD, gravado ao vivo, no Ginásio do Álvares Cabral, com as participações da banda Casaca, Jean & Juliano, Banda Naturau e do cantor Leandro Lehart, ex-vocalista do grupo Art Popular e idealizador do projeto "Mestiço - o Novo Ritmo do Brasil", do qual o Pele Morena foi o vencedor da etapa do Espírito Santo com a música "Língua de Trapo", incluída no DVD e CD do projeto.

No YouTube, é possível acompanhar diversos registros do DVD, como a supracitada "Língua de Trapo", com a participação de Leandro Lehart, o suporte de uma banda formada por músicos convidados e o cenário colorido que traduz o espírito de alegria e descontração do grupo. Além da sonoridade própria do samba que despontou a partir da década de 1990 em São Paulo, o Pele Morena também aposta na fusão de ritmos para incrementar seu repertório, que inclui partido-alto, maracatu, sertanejo, reggae (a releitura do hit "Além do Mar", com a participação de Fred do Macucos) e o gospel, a exemplo da balada "Noites traiçoeiras".

Completa a discografia do Pele Morena o EP (extended-play) "Só Você", lançado em 2015, que destaca a faixa homônima escolhida pelo grupo para ser trabalhada nas rádios. Enquanto os novos álbuns não chegam, o Pele Morena segue marcando presença nas principais casas noturnas da Grande Vitória e na quadra do GRES Independente de Boa Vista, para orgulho do povo cariaciquense.

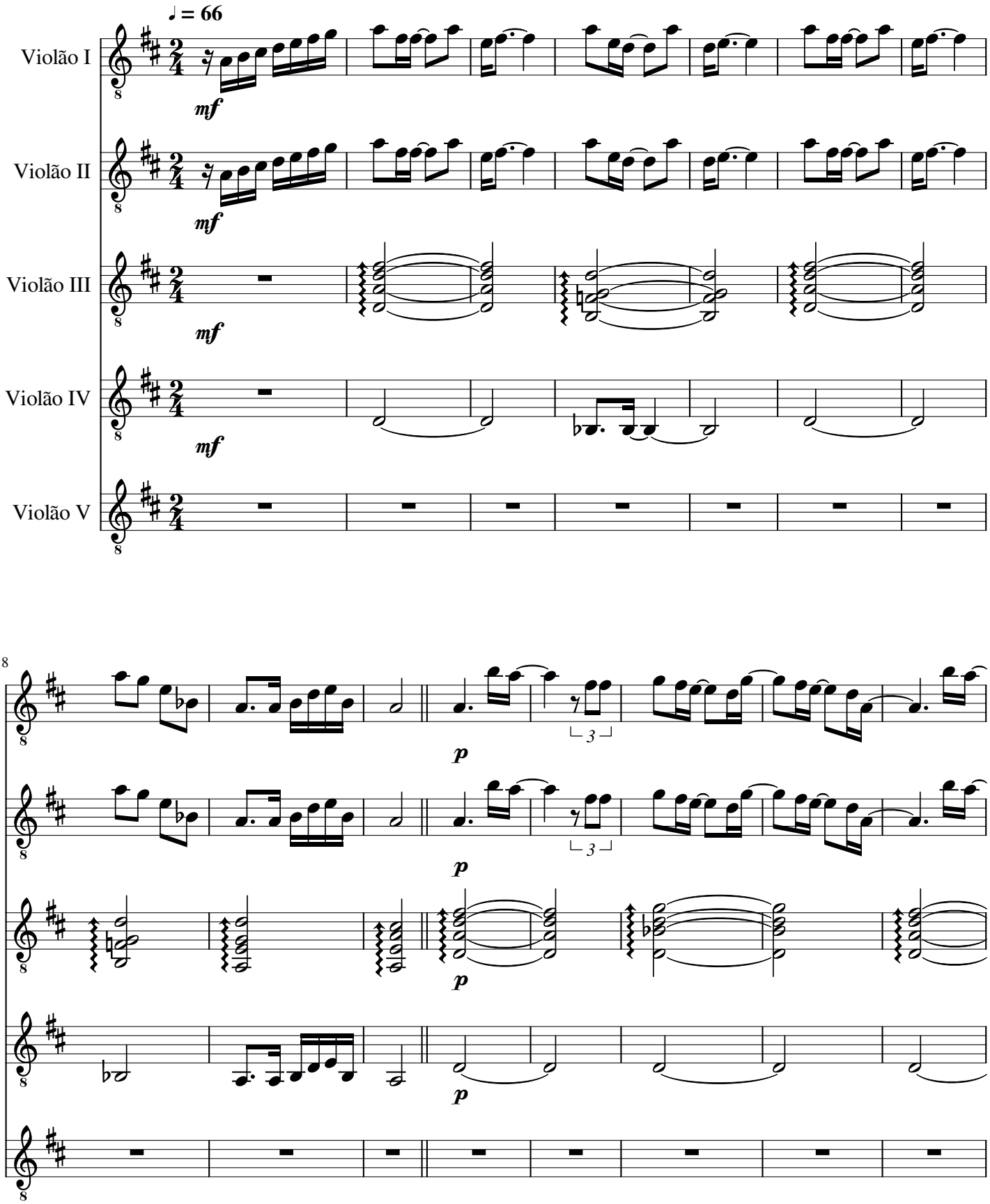
Discografia:
CD "Me leva pro céu" (2007)
CD/DVD "Pele Morena Ao Vivo em Vitória" (2008)
EP "Só Você (2015)

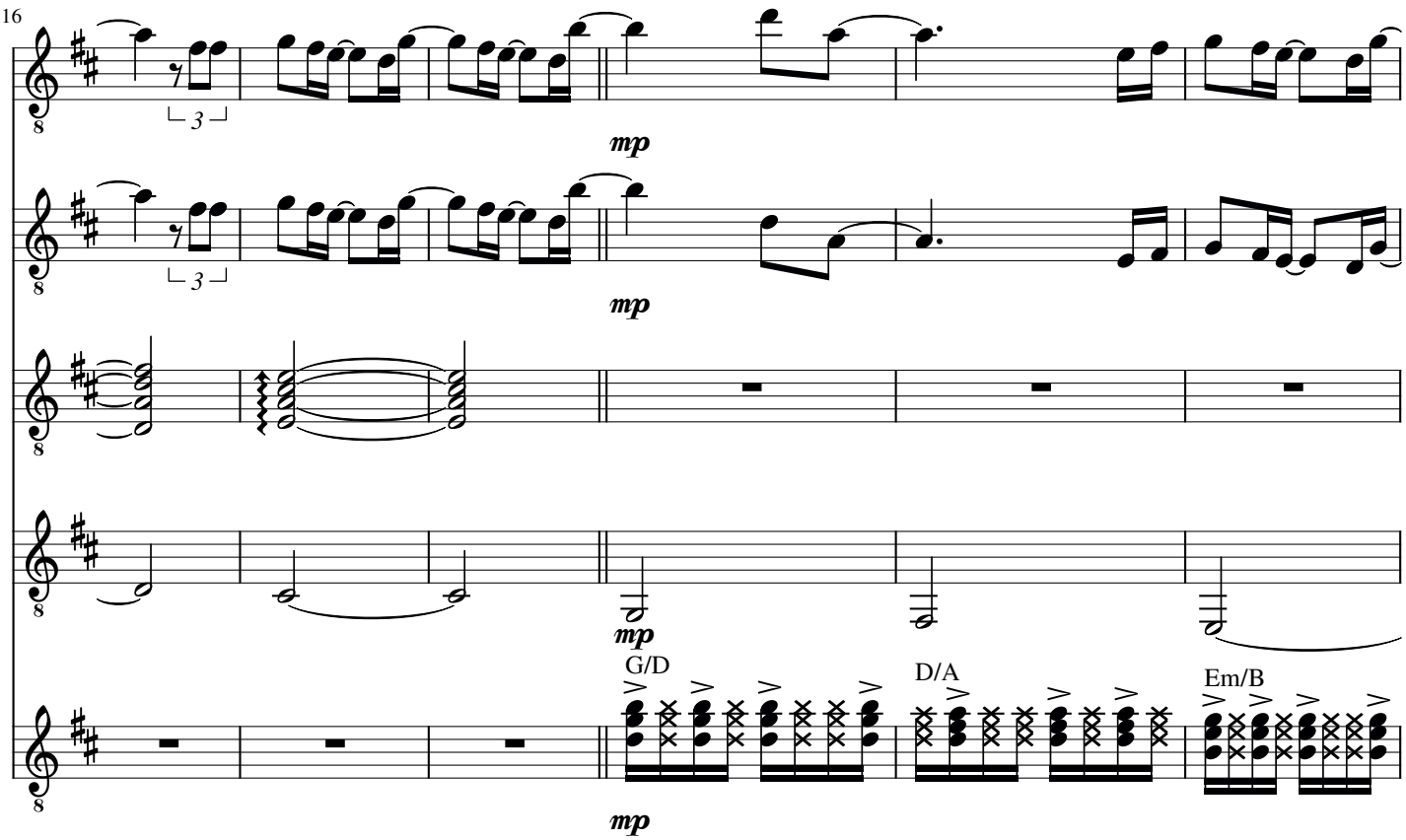
Integrantes:
Andrinho (vocal)
Marlon Stefanini (violão e cavaquinho)
Jhonathan Silva (bateria)

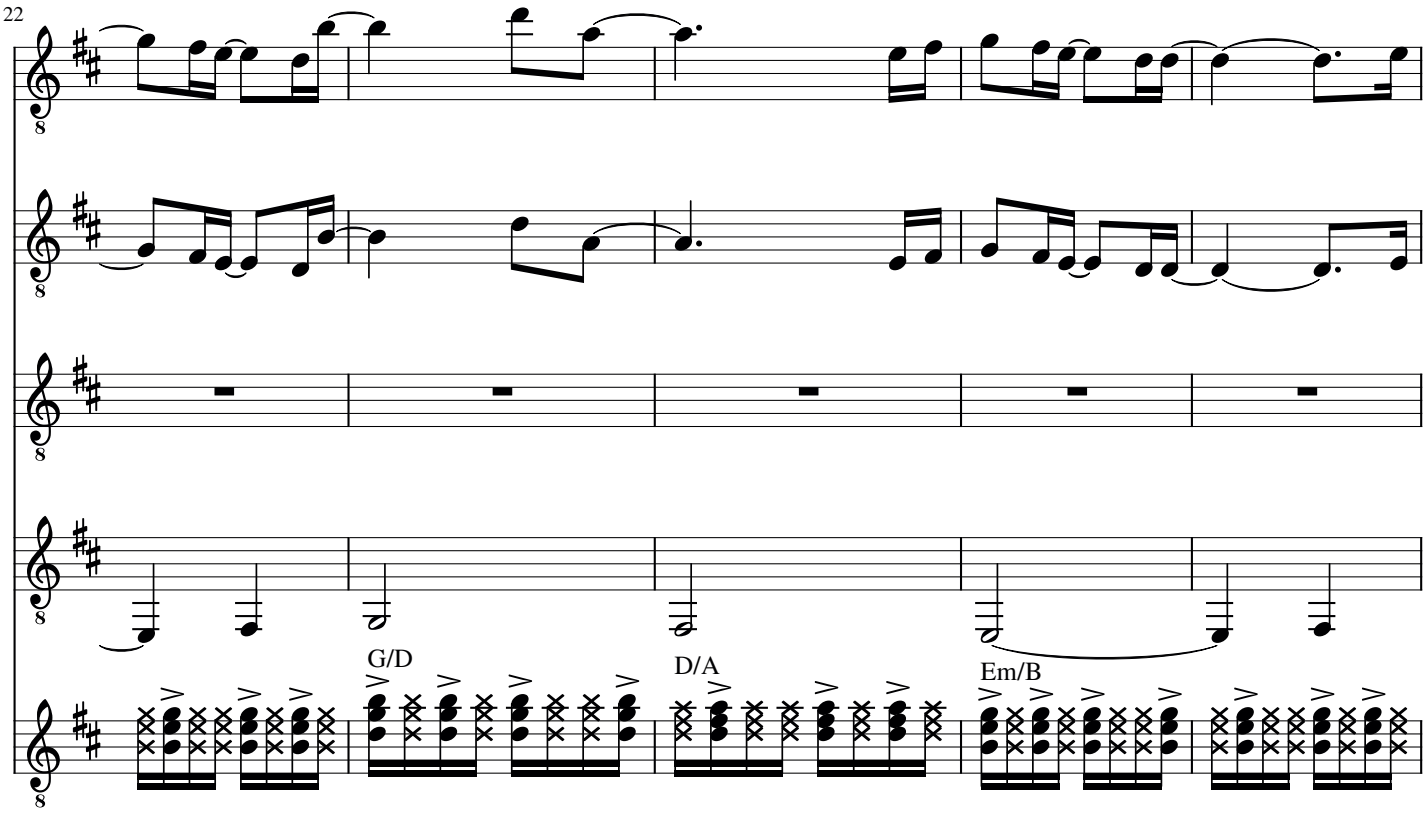
Liga o Rádio

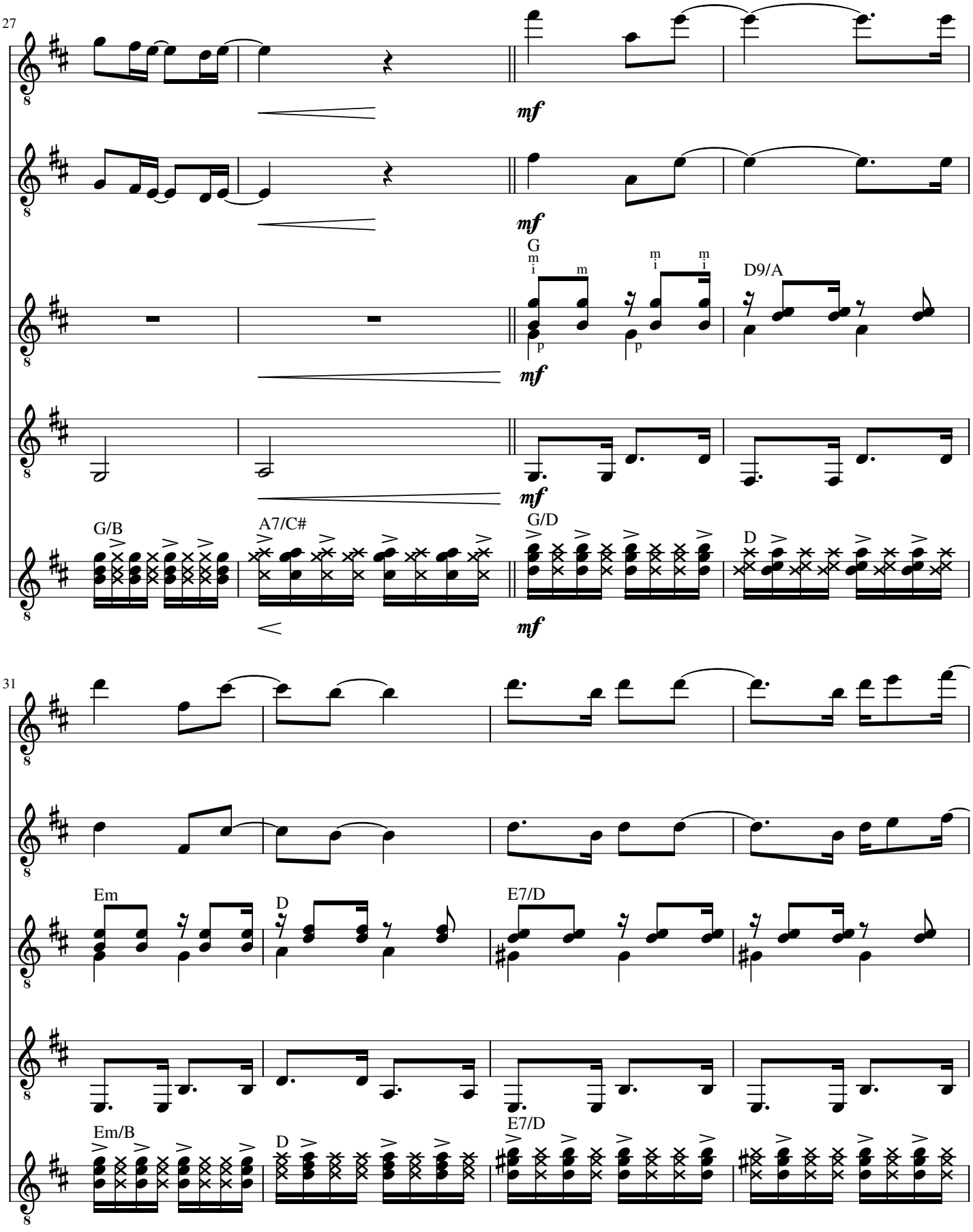
Arranjo Bruno Soares

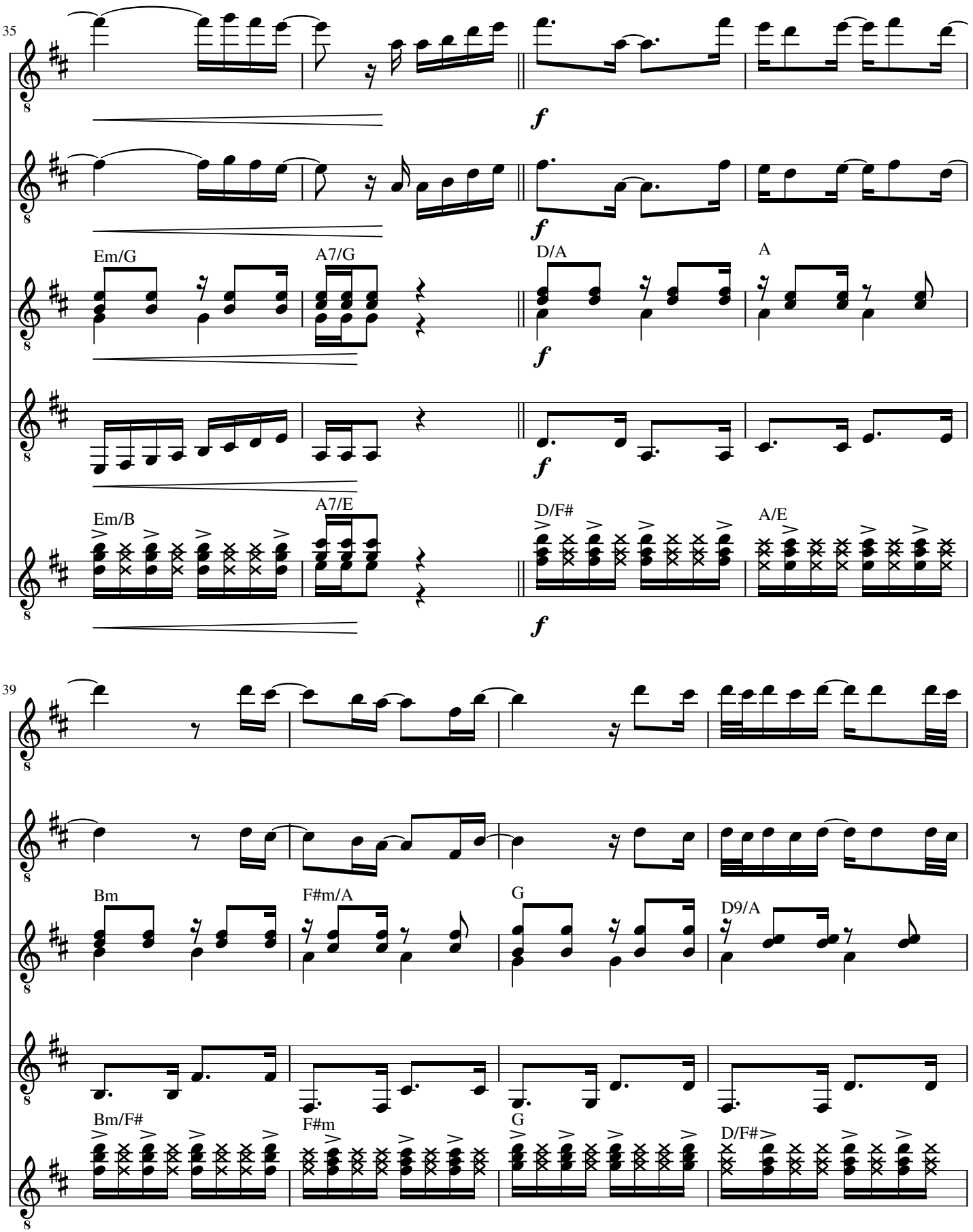
Pele Morena

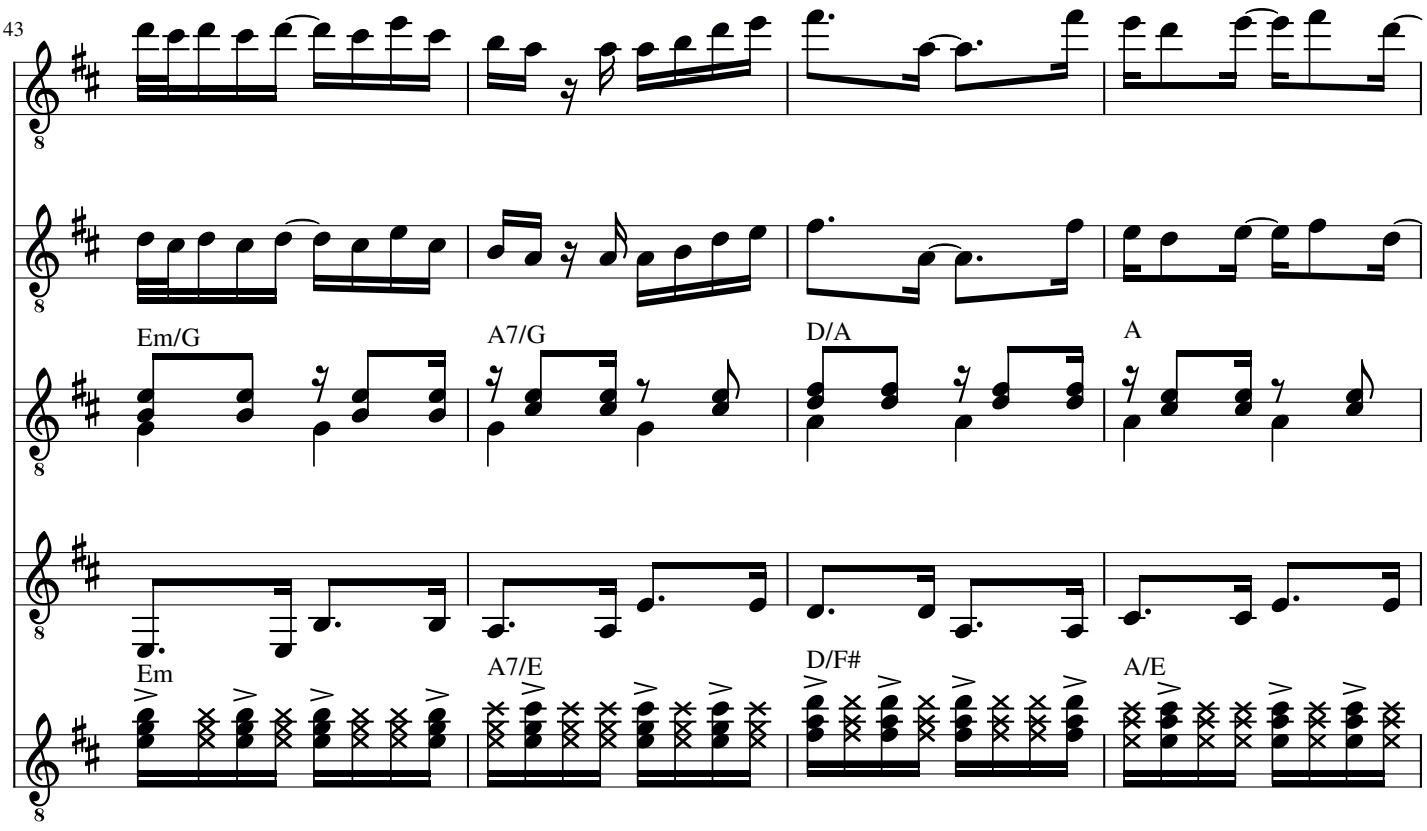


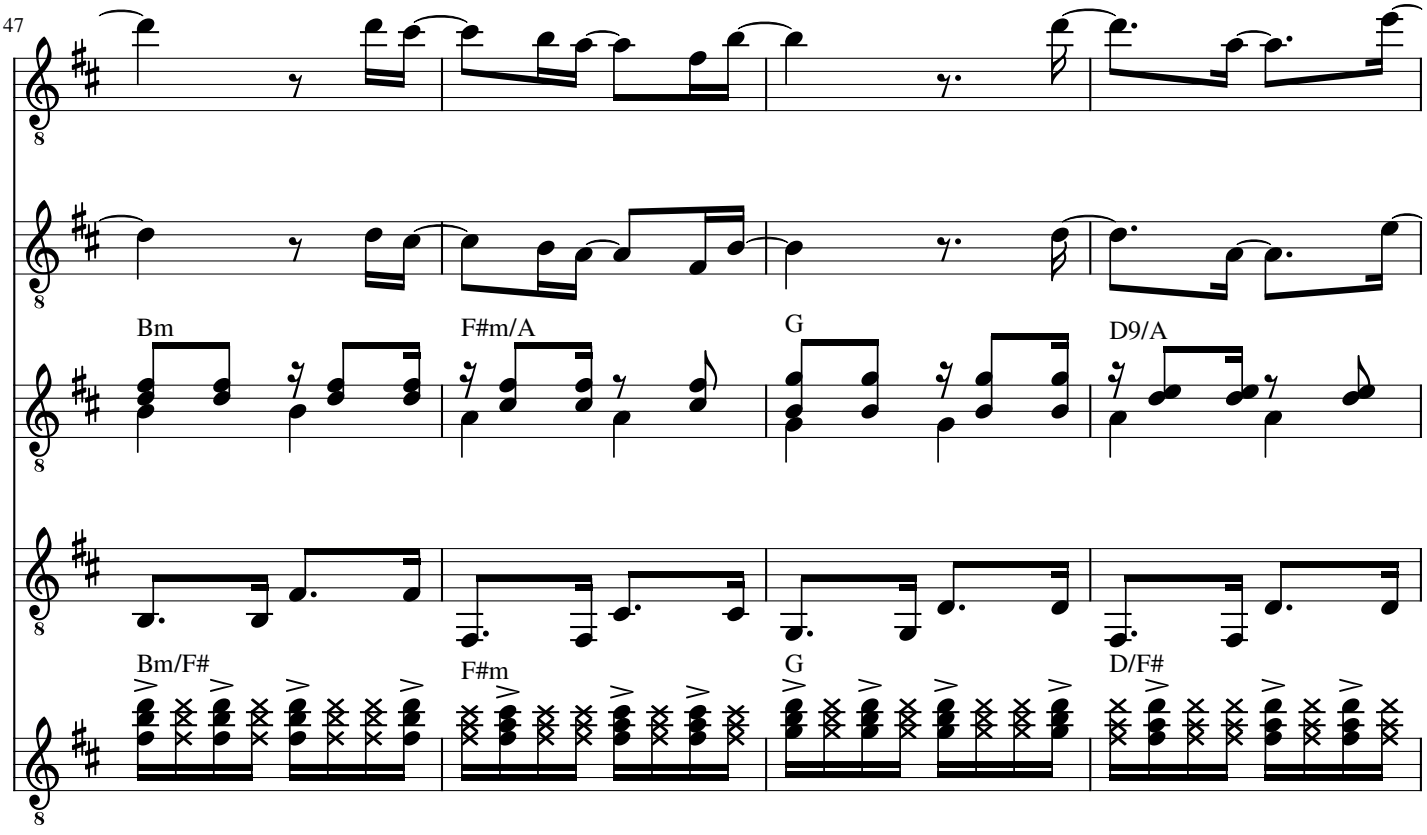

16
3
mp
mp
mp
G/D
D/A
Em/B
mp

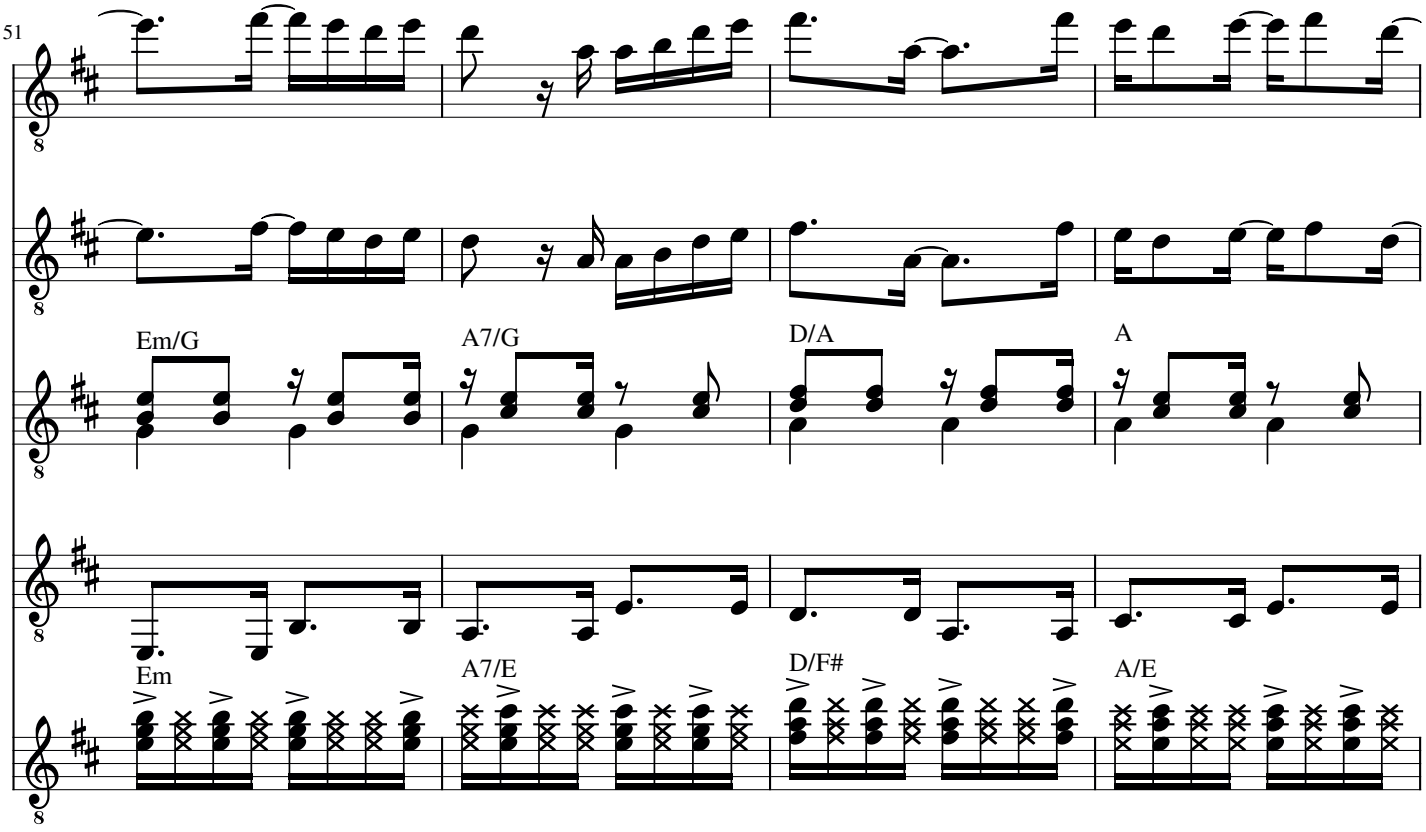

22
G/D
D/A
Em/B

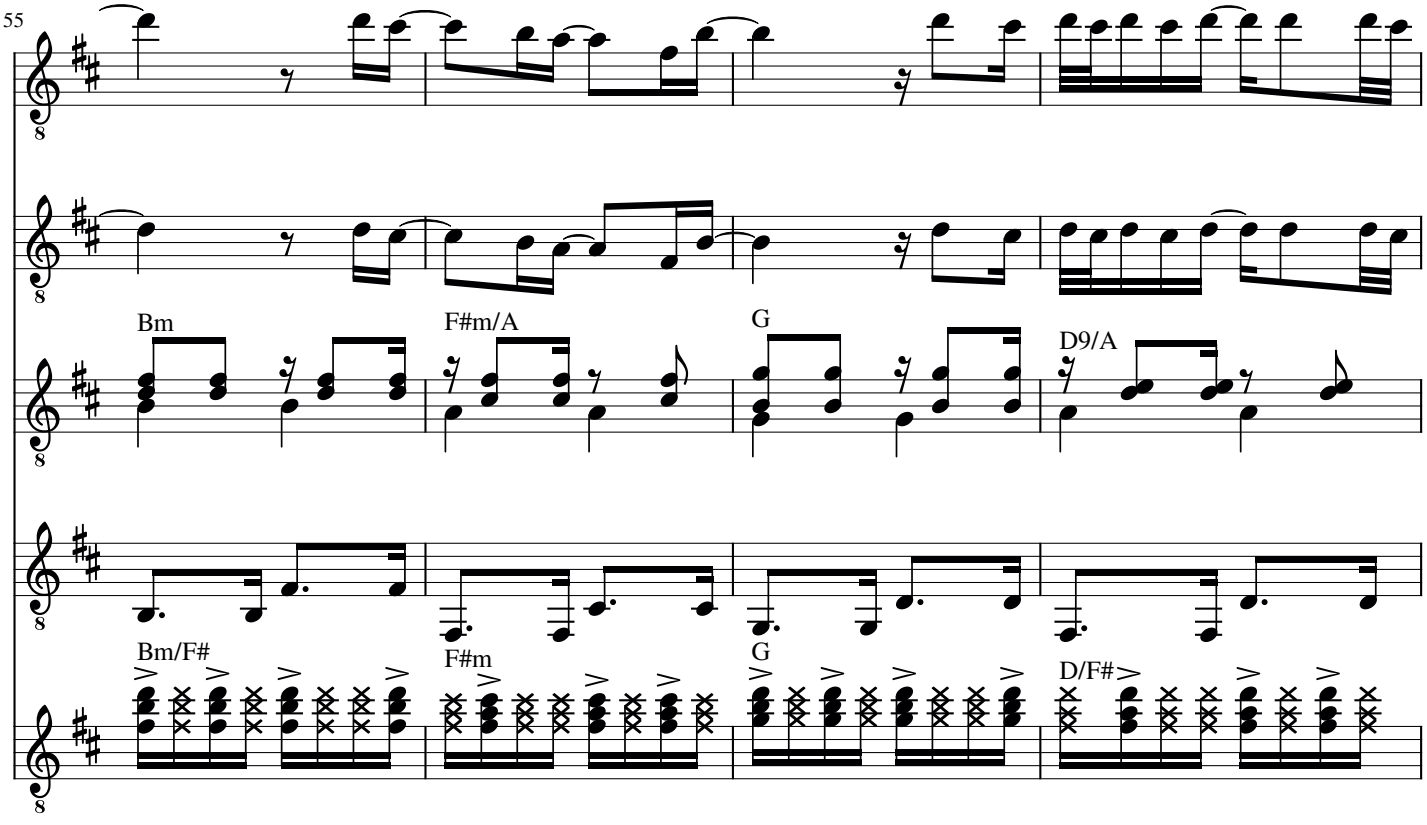

27
mf
G
D9/A
G/B
A7/C#
G/D
D
31
Em
D
E7/D
Em/B
D
E7/D

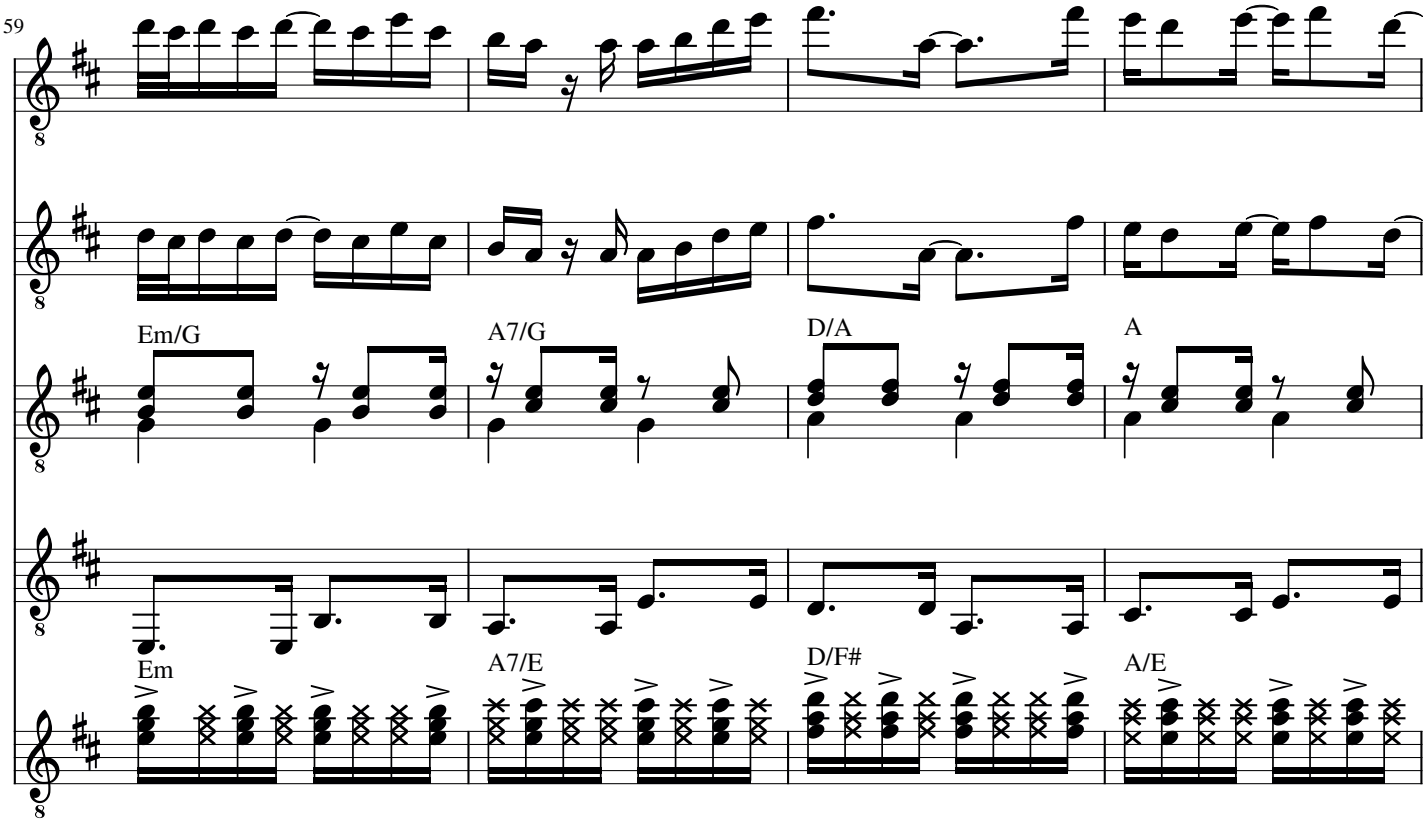

35
f
Em/G
A7/G
D/A
A
Em/B
A7/E
D/F#
A/E
39
Bm
F#m/A
G
D9/A
Bm/F#
F#m
G
D/F#

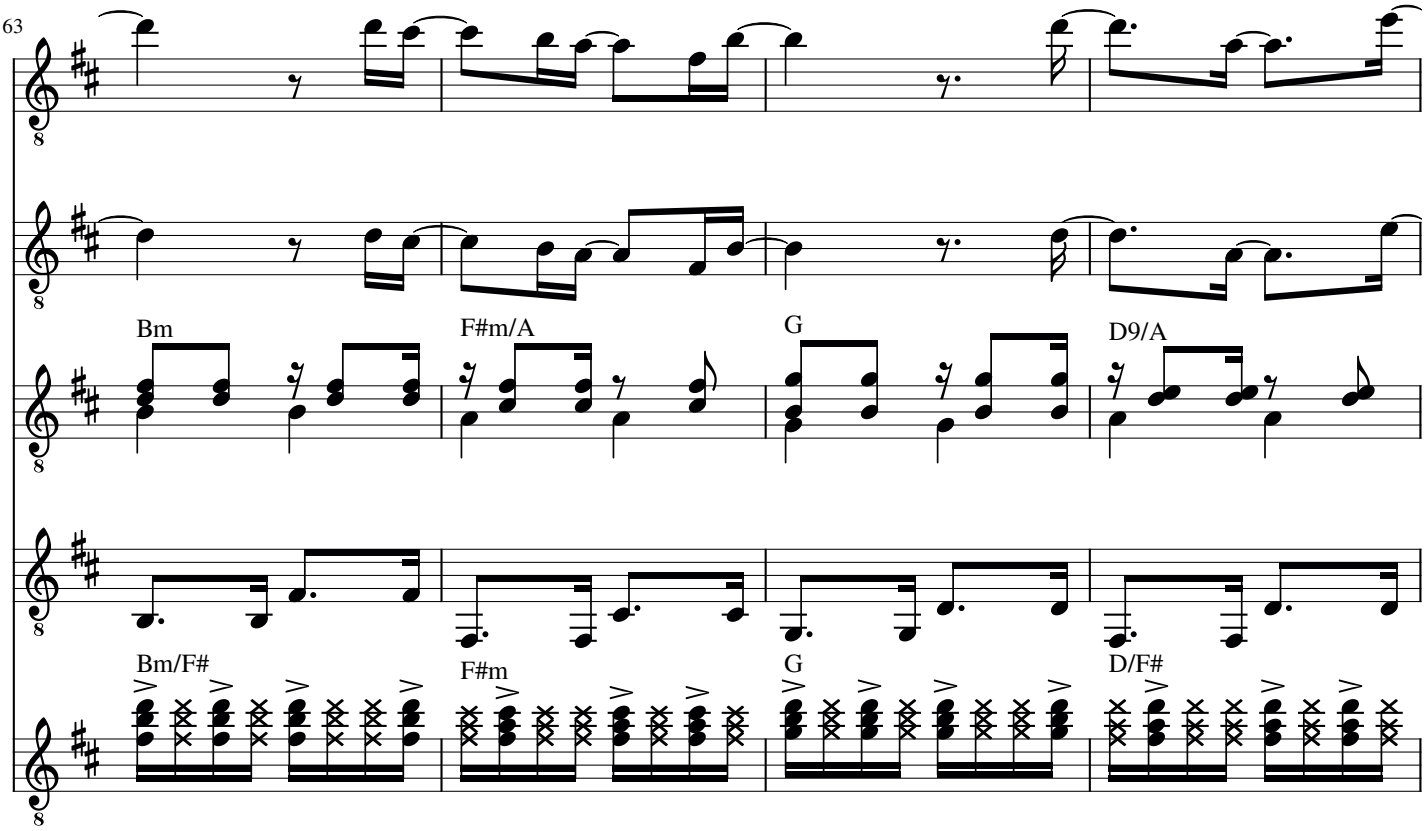

43
Em/G
A7/G
D/A
A
Em
A7/E
D/F#
A/E

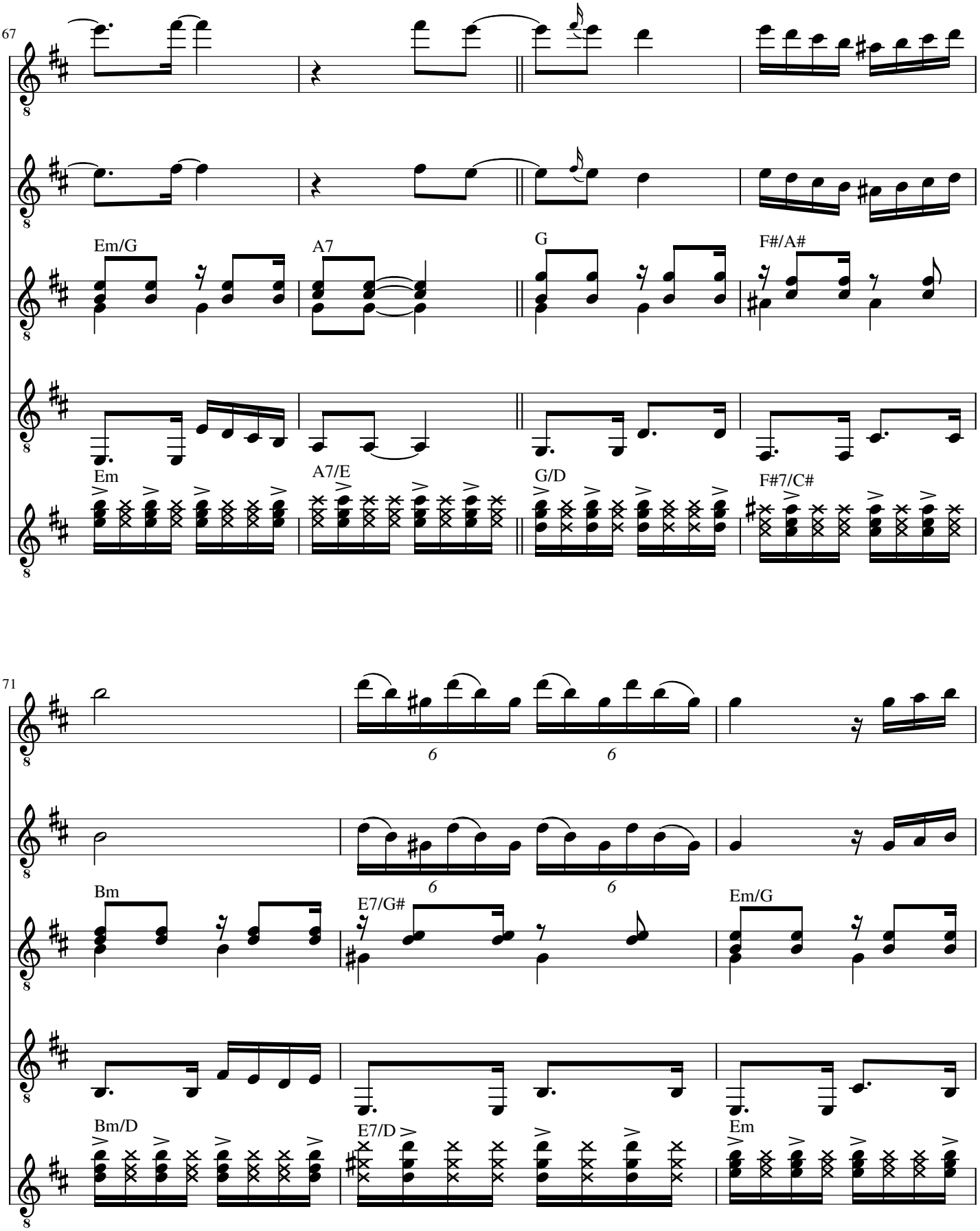

47
Bm
F#m/A
G
D9/A
Bm/F#
F#m
G
D/F#

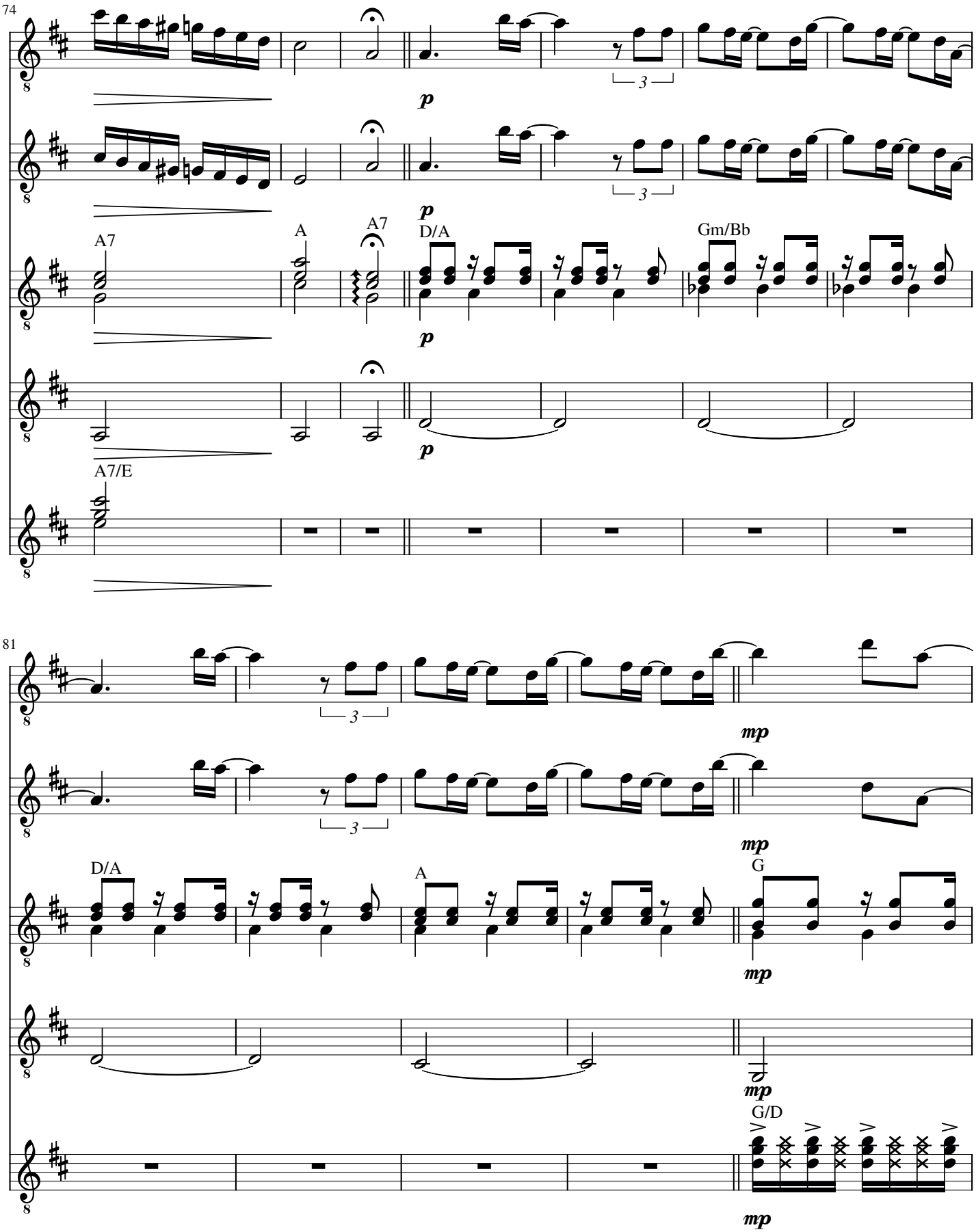

51
Em/G
A7/G
D/A
A
Em
A7/E
D/F#
A/E

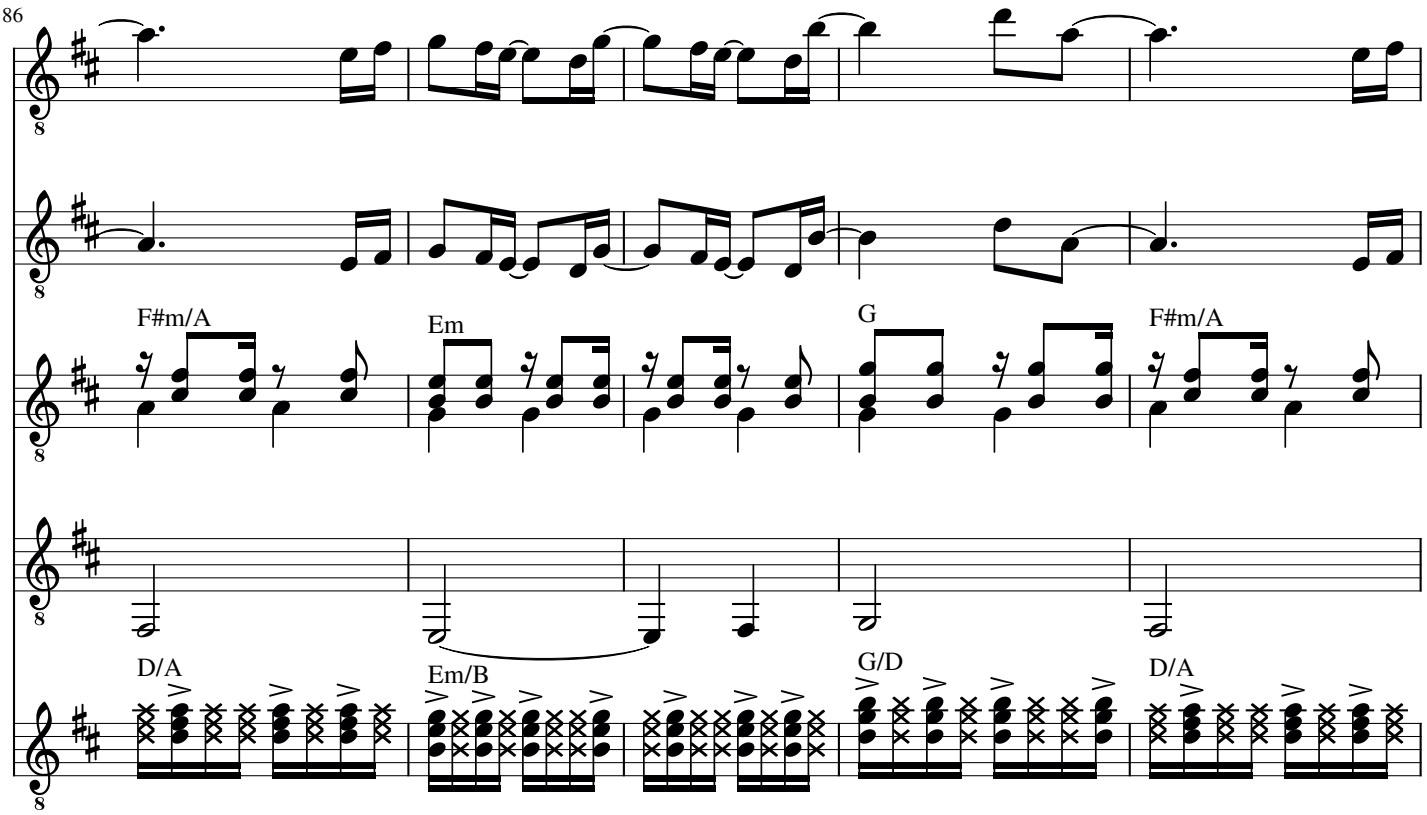

55
Bm
F#m/A
G
D9/A
Bm/F#
F#m
G
D/F#

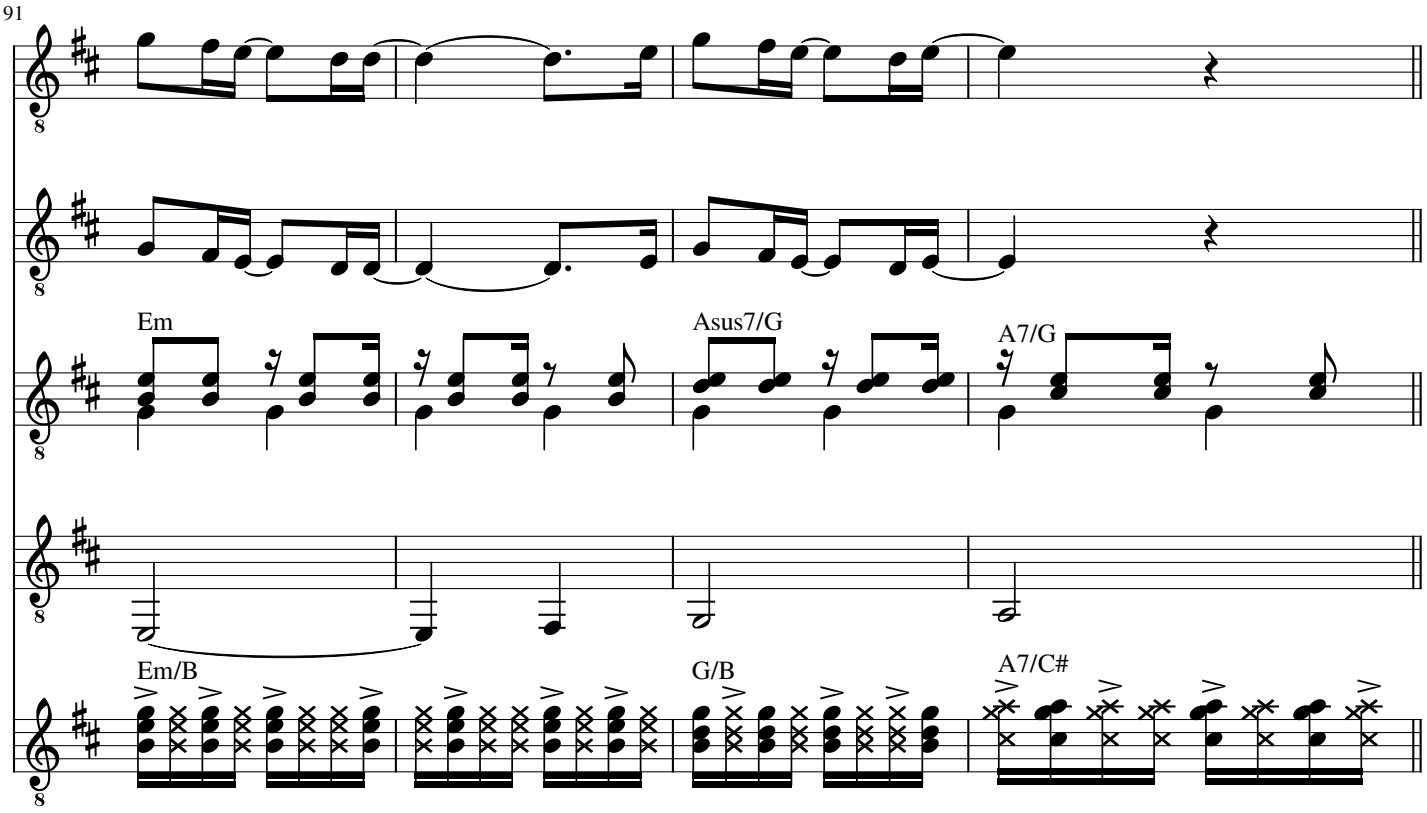

59
Em/G
A7/G
D/A
A
Em
A7/E
D/F#
A/E

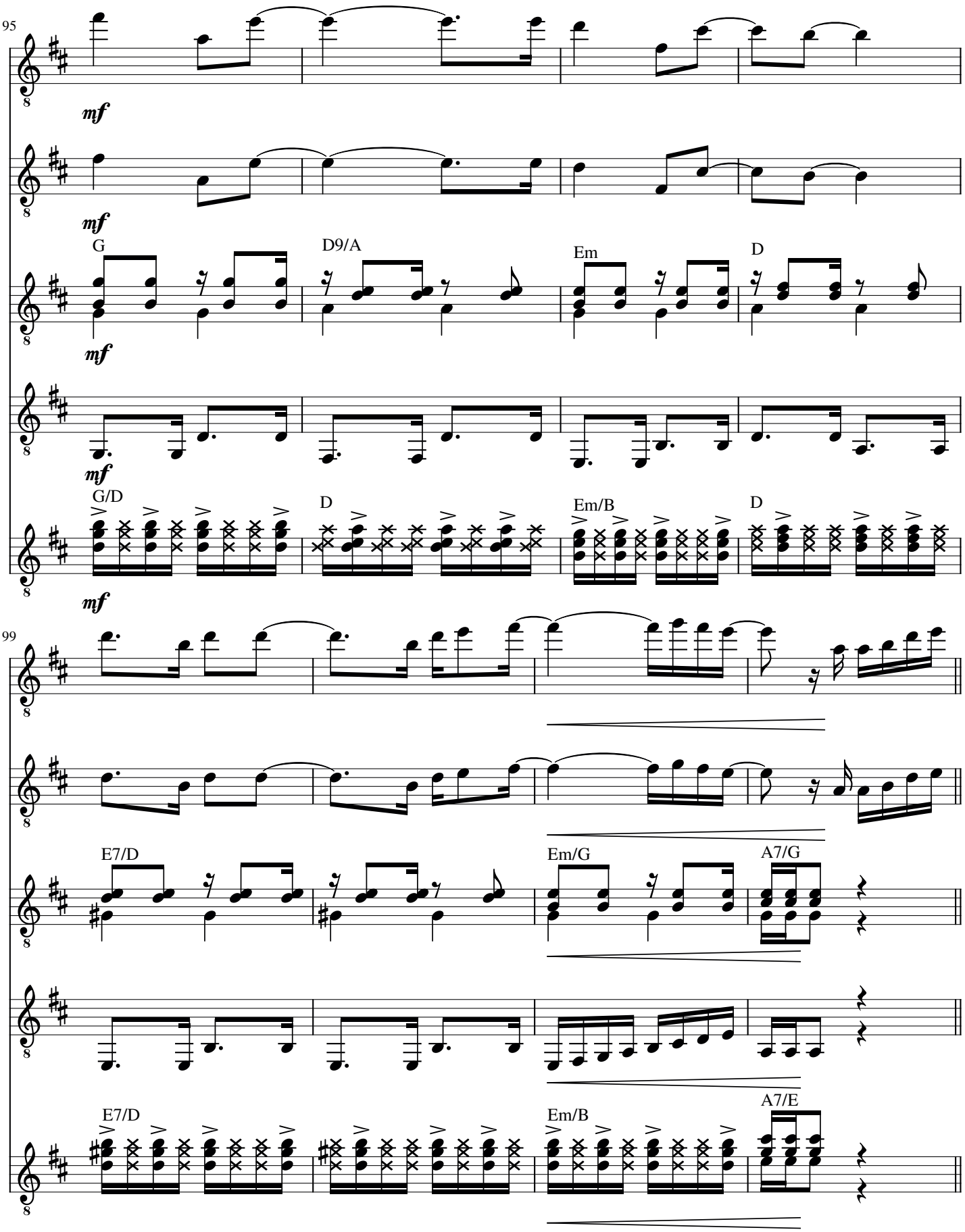

63
Bm
F#m/A
G
D9/A
Bm/F#
F#m
G
D/F#

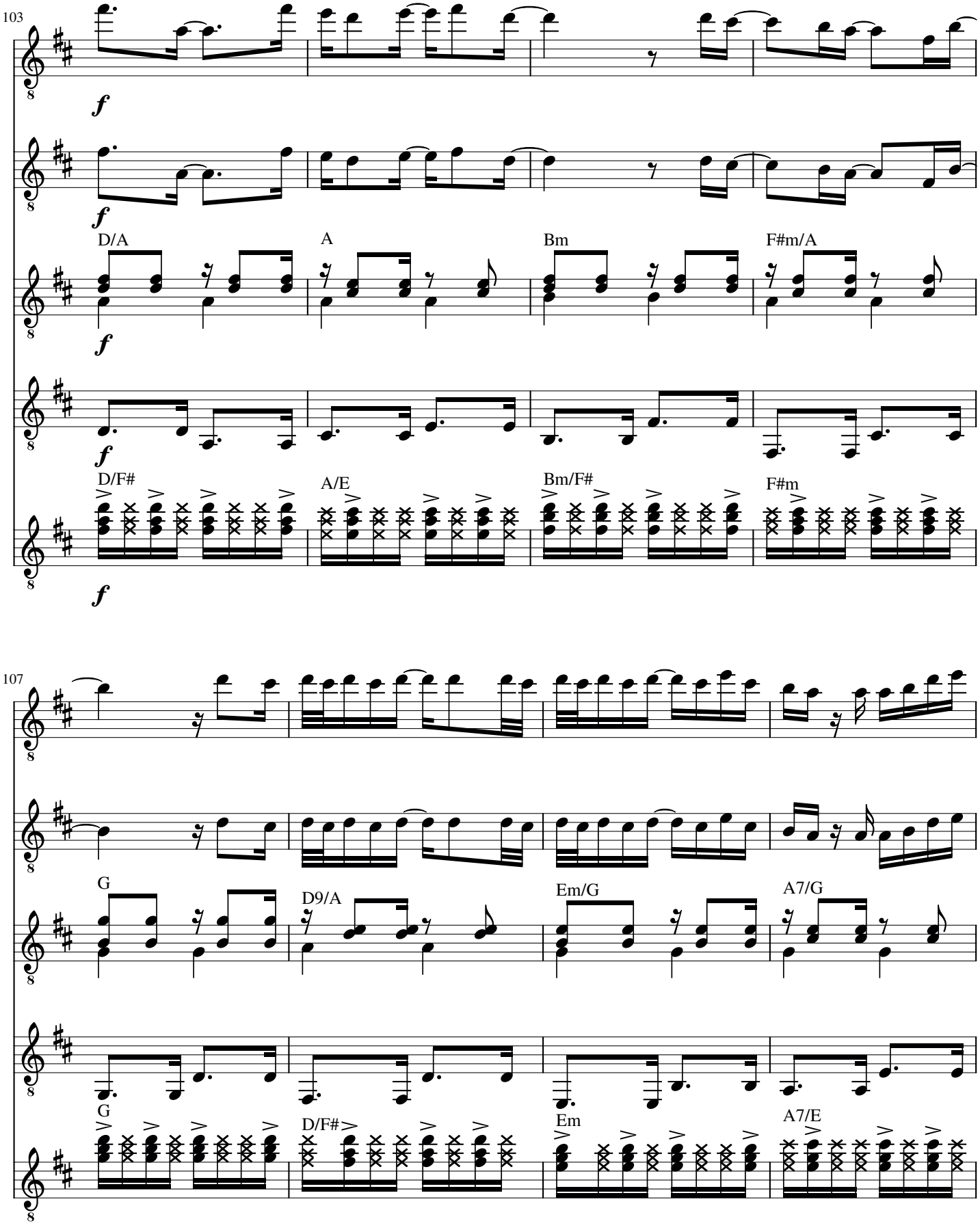

67
Em/G
A7
G
F#/A#
Em
A7/E
G/D
F#7/C#
71
Bm
E7/G#
Em/G
Bm/D
E7/D
Em

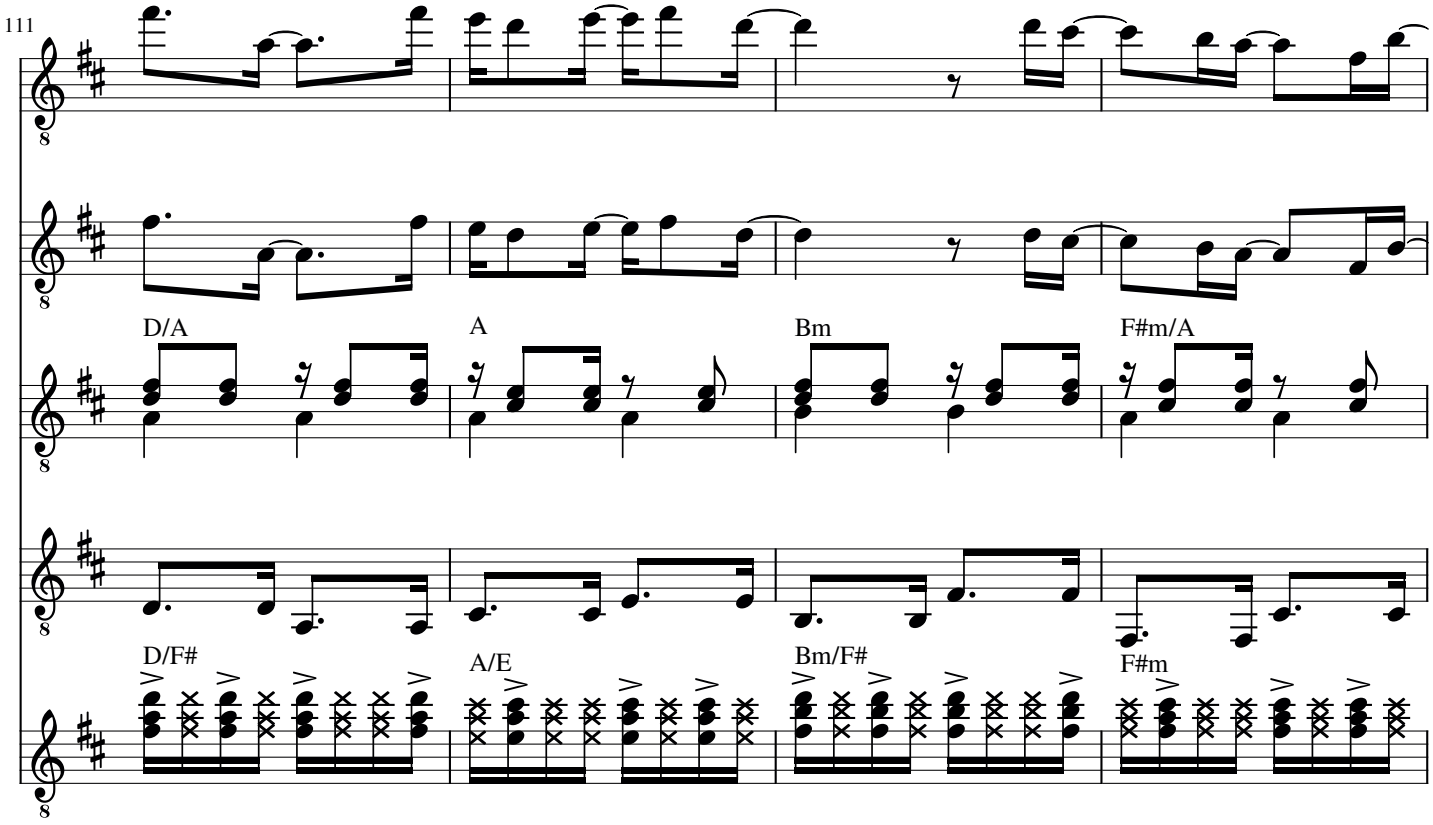

74
A7
A
A7
D/A
Gm/Bb
A7/E
81
D/A
A
G
G/D
p
mp

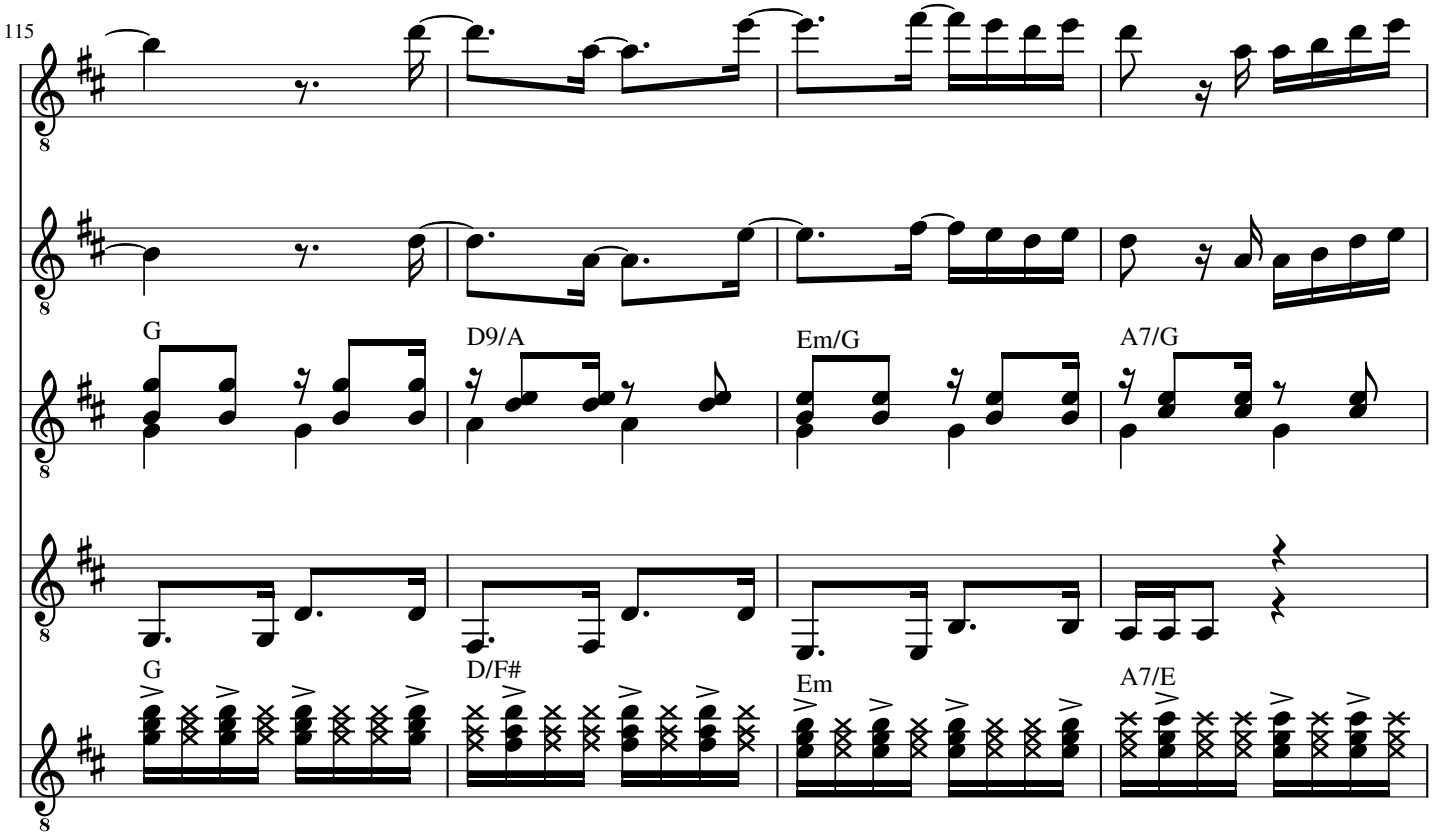

86
F#m/A
Em
G
F#m/A
D/A
Em/B
G/D
D/A

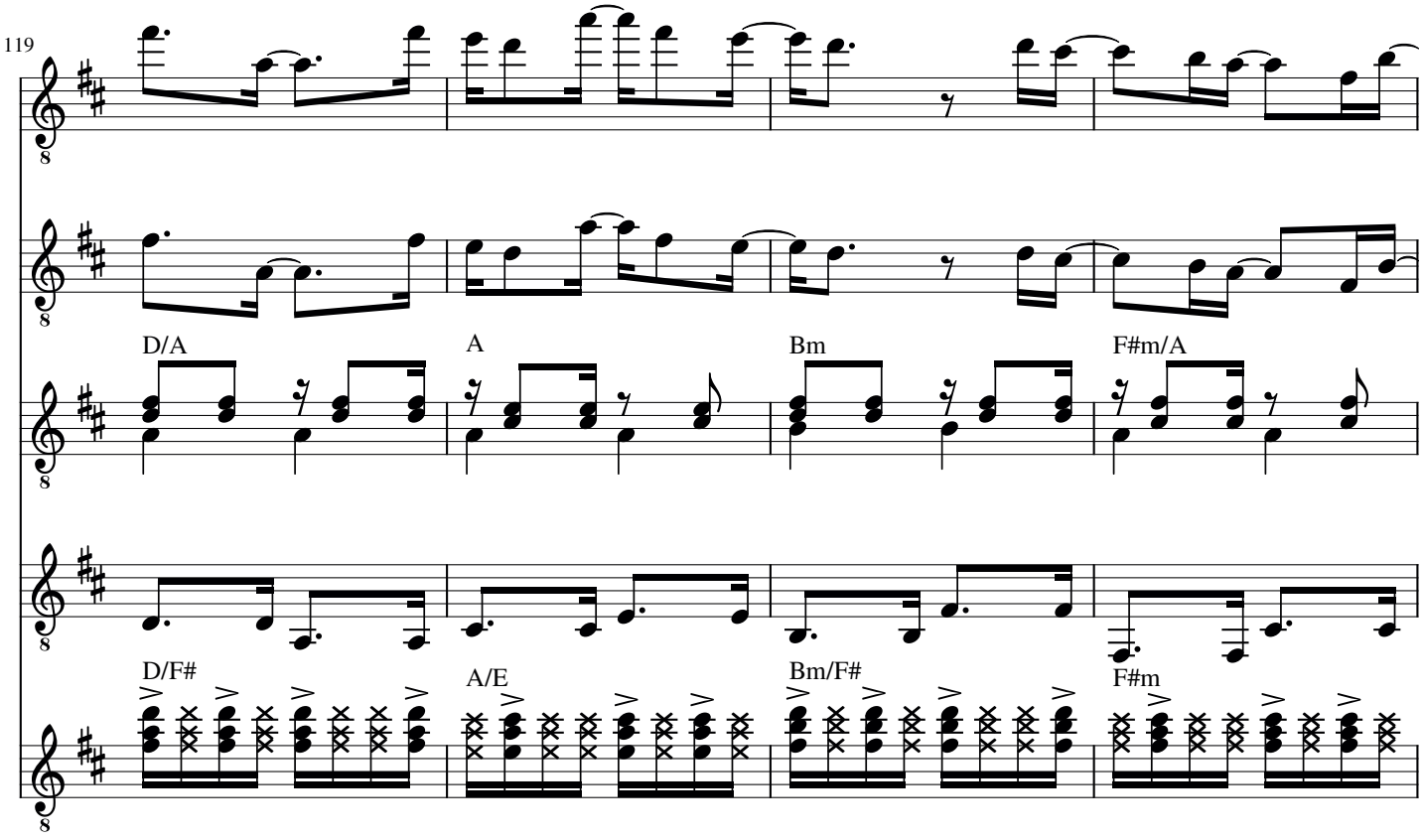

91
Em
Asus7/G
A7/G
Em/B
G/B
A7/C#

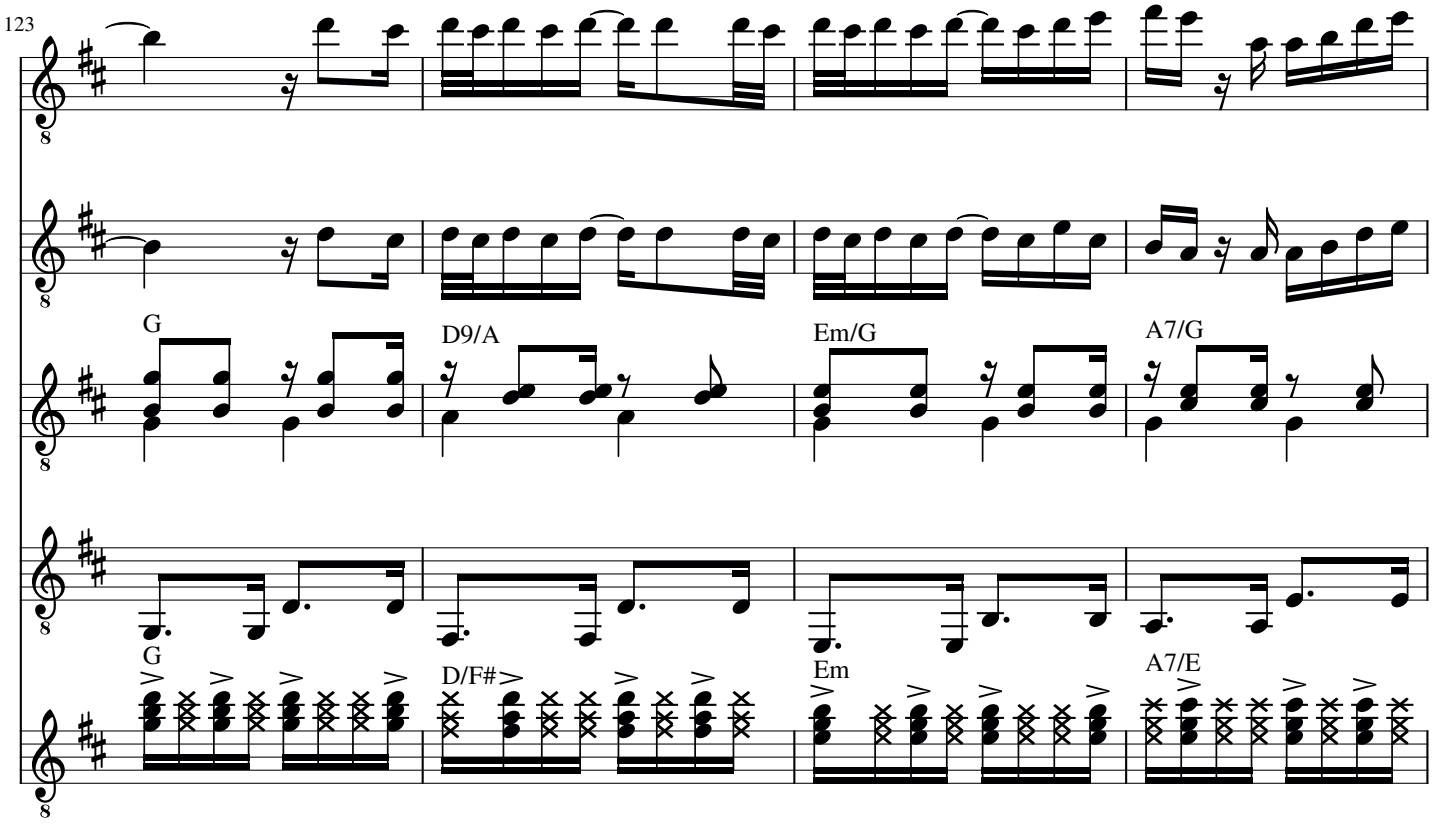

95
mf
mf
G
D9/A
Em
D
mf
mf
G/D
D
Em/B
D
mf
99
E7/D
Em/G
A7/G
E7/D
Em/B
A7/E

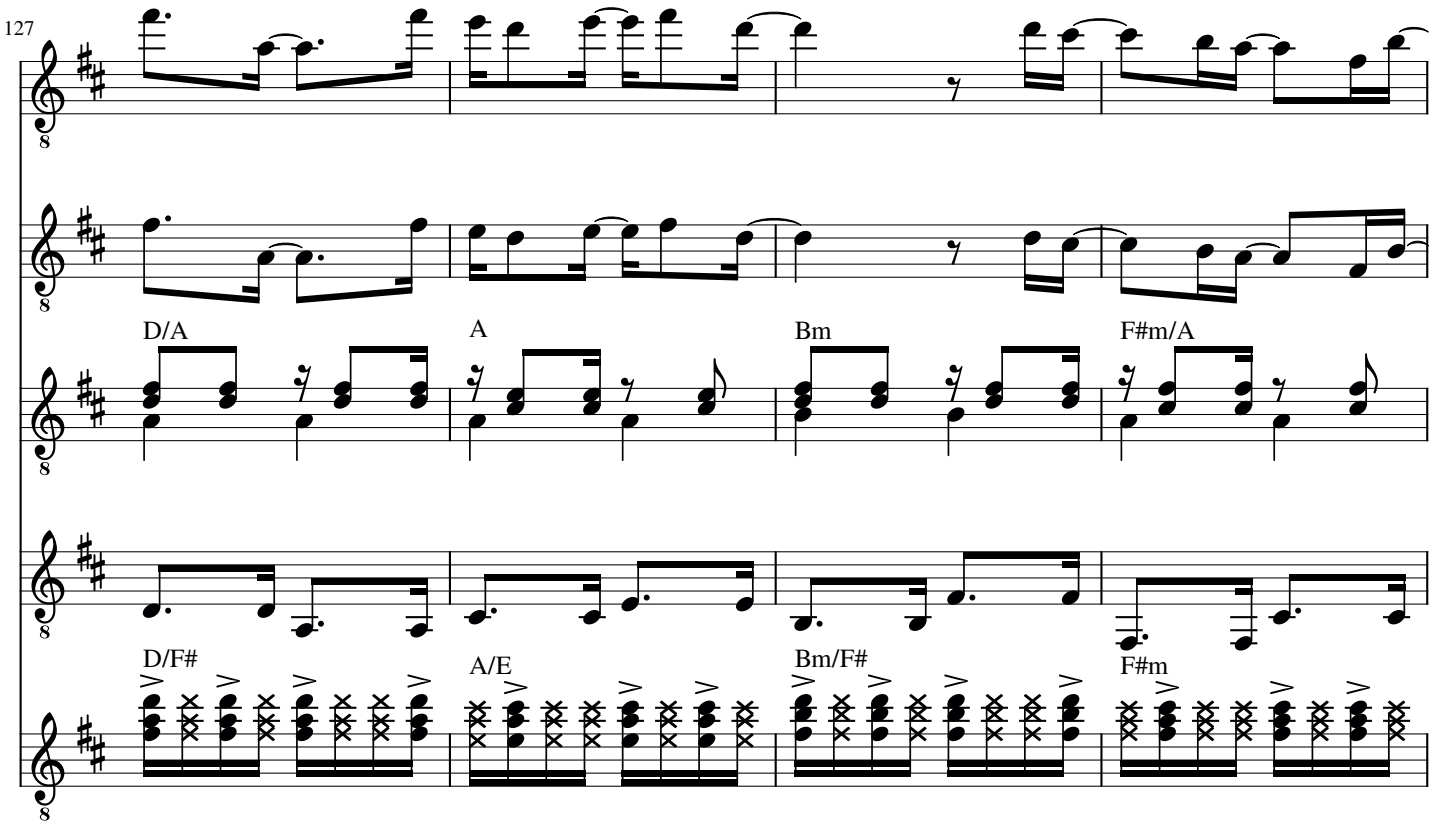

103
f
f
D/A
A
Bm
F#m/A
f
f
D/F#
A/E
Bm/F#
F#m
f
107
G
D9/A
Em/G
A7/G
G
D/F#
Em
A7/E

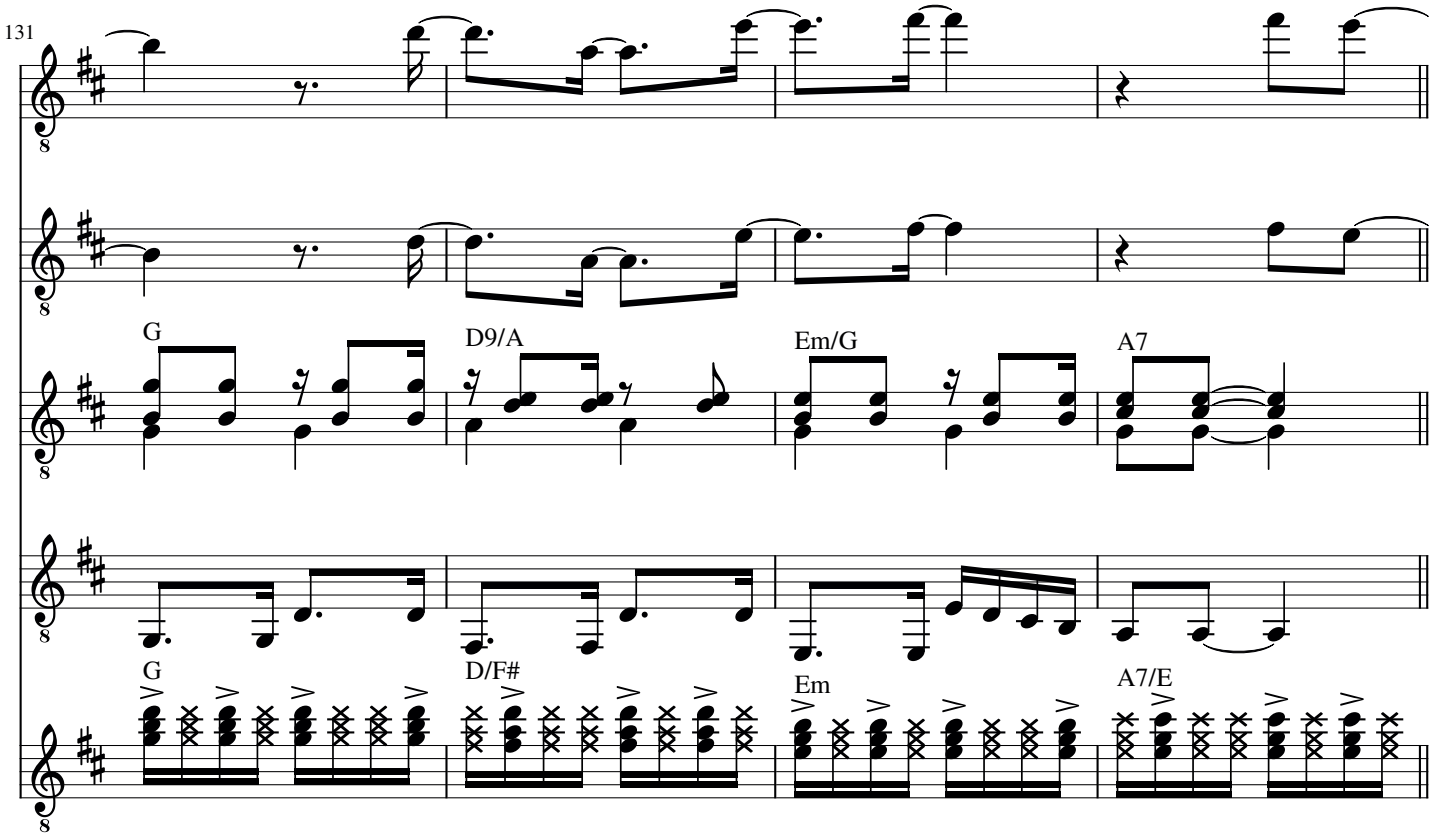

111
D/A
A
Bm
F#m/A
D/F#
A/E
Bm/F#
F#m

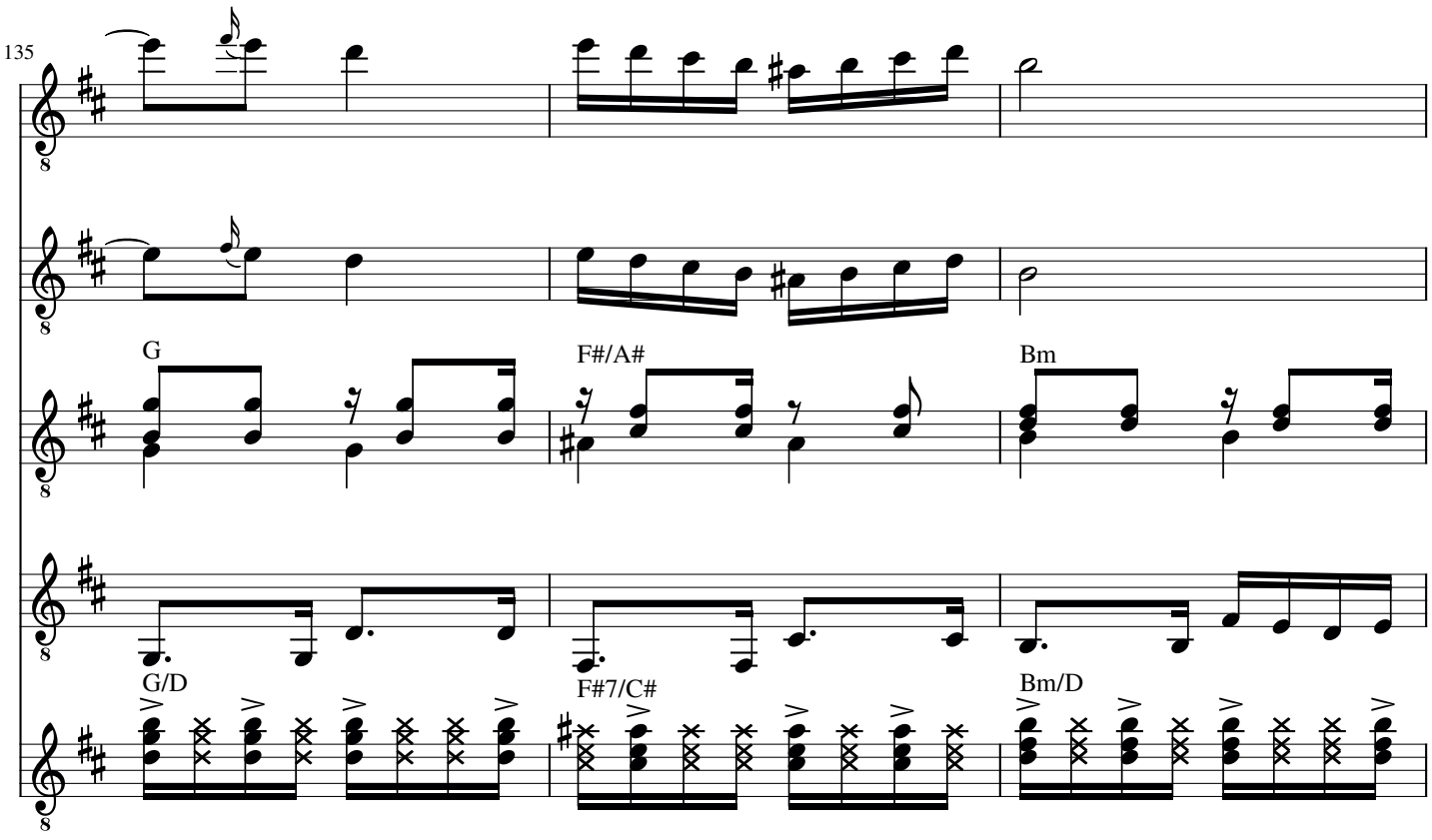

115
G
D9/A
Em/G
A7/G
G
D/F#
Em
A7/E

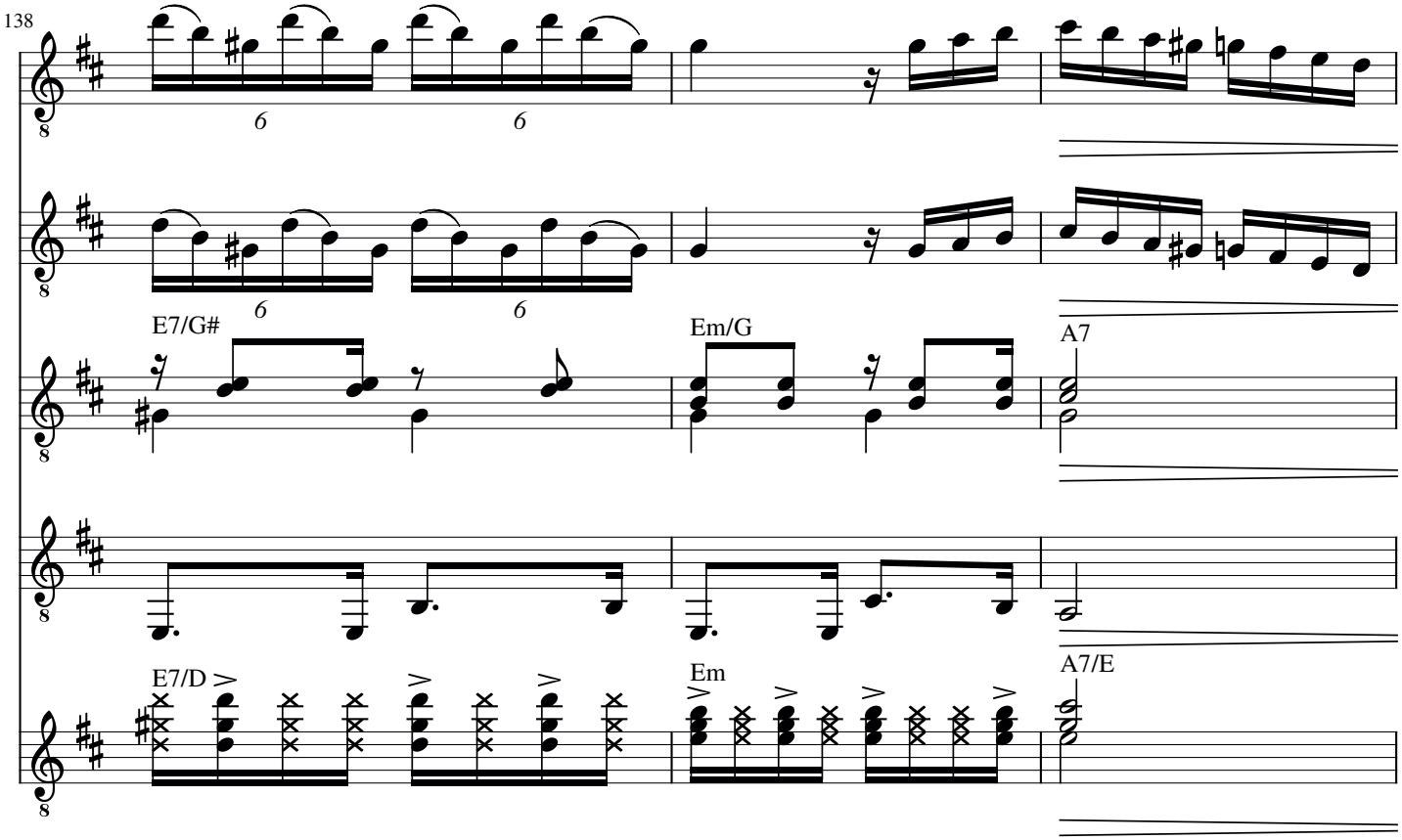

119
D/A
A
Bm
F#m/A
D/F#
A/E
Bm/F#
F#m

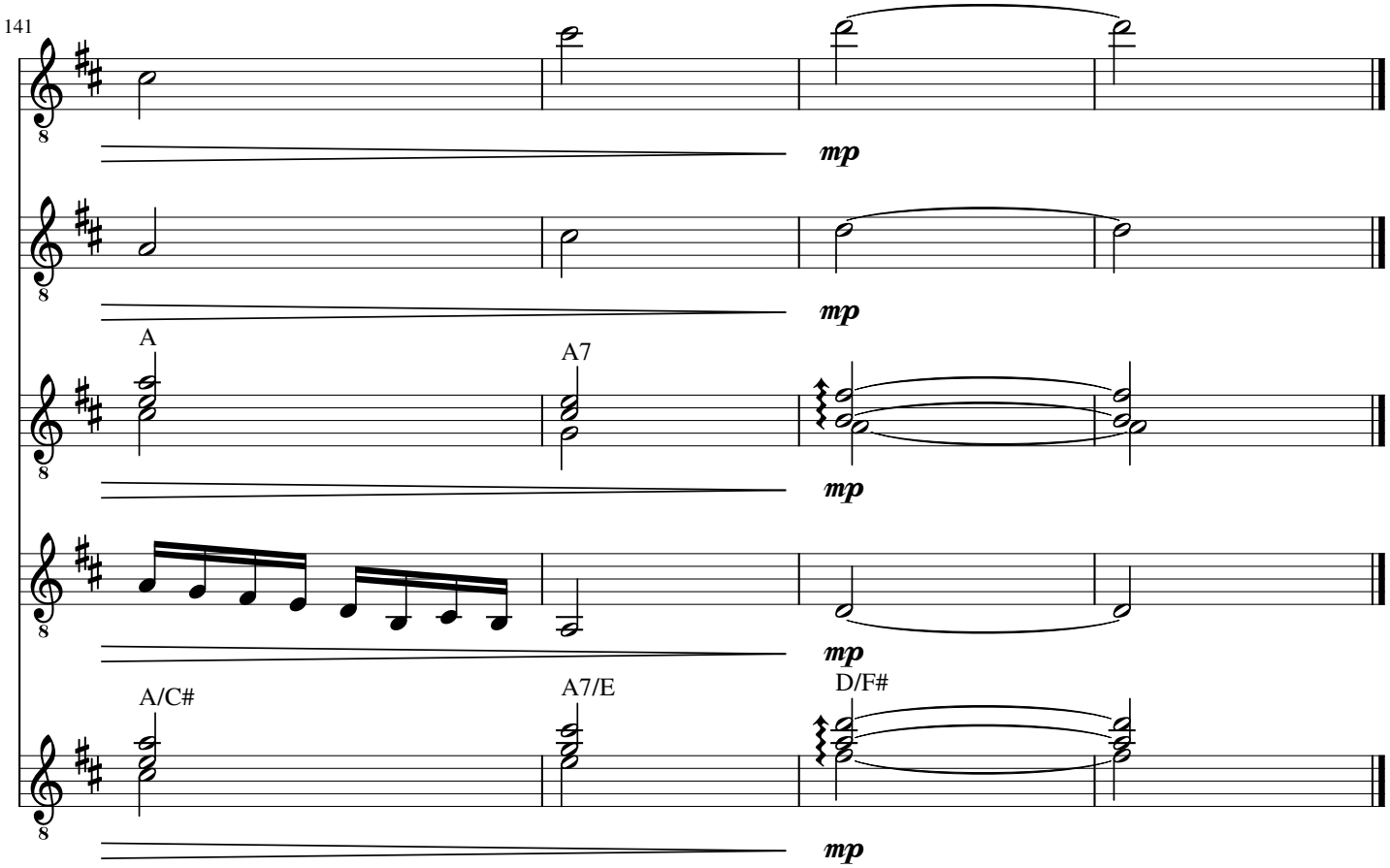

123
G
D9/A
Em/G
A7/G
G
D/F#
Em
A7/E


127
D/A
A
Bm
F#m/A
D/F#
A/E
Bm/F#
F#m


131
G
D9/A
Em/G
A7
G
D/F#
Em
A7/E


135
G
F#/A#
Bm
G/D
F#7/C#
Bm/D


138
6
6
E7/G#
Em/G
A7
E7/D
Em
A7/E


141
mp
mp
A
A7
mp
mp
A/C#
A7/E
D/F#
mp

Rastaclone

Rastaclone

José Roberto Santos Neves

"Fumaça, pintou fumaça na parada." Quando este refrão tocou pela primeira vez nas rádios capixabas, no segundo semestre de 1997, os ouvintes telefonaram para as emissoras e pediram bis. Resultado: a música "Fumaça" rapidamente entrou na lista das mais pedidas. O que pouca gente sabia, no entanto, é que os seus autores - os integrantes da banda de reggae Rastaclone - são capixabas da gema e tinham como base o bairro Araçás, em Vila Velha. A sonoridade agradou ao público jovem e, em janeiro de 1998, o Rastaclone lançava o primeiro CD, "Essiédubão", em um badalado show no Clube Arci, no Ibes.

Idealizado por por Bob Reggae (vocal), o Rastaclone surgiu a partir da dissolução da Kalifa's, banda que por cinco anos se apresentou como cover de axé, reggae e rock. Quando decidiram compor material próprio, os rapazes se depararam com a necessidade de bolar um novo nome. De uma lista de 30 sugestões, saiu Rastaclone, fusão pouco ortodoxa de Monalisa Rasta e Clone de Maluco, nomes pensados inicialmente. "O curioso é que 'Fumaça' já estava tocando nas rádios e a banda ainda não tinha nome", lembra Bob Reggae, descartando a associação com a ovelha Dolly, o primeiro mamífero a ser clonado com sucesso a partir de uma célula adulta.

Para se entender a urgência do Rastaclone e sua empatia com os fãs, é necessário revisitar o contexto musical da época. Em primeiro lugar, o Planet Hemp estava em alta com seu discurso em prol da descriminalização da maconha e a letra de "Fumaça" nada mais é do que a historinha de um jovem inocente que leva uma "dura" da Polícia após ficar com a filha do seu "Zé do Bar", que, para se vingar do rapaz, coloca erva no pacote de fumo sabiá que o moço comprara na venda. Além disso, o som do grupo estava em sintonia com a bem-azeitada mistura de rock e reggae de O Rappa, em evidência no final dos anos 90. Somando-se a esses fatores, havia o carisma de seus integrantes e a comunicação rápida e direta com o público jovem.

Com o vento soprando a favor e a formação estabilizada com Bob Reggae (vocal), Ratão (guitarra), Nareba (baixo) e Cigano (bateria), o Rastaclone vendeu mais de 50 mil cópias do álbum "Essiédubão" no mercado independente. A repercussão em solo capixaba chamou a atenção da gravadora Green Songs (RJ), que propôs ao grupo a assinatura de um contrato para os trabalhos seguintes.

Logo em seguida, foram gravados três videoclipes para as canções "Selvageria", "Perfume de Flor" e "Fumaça" (ao vivo), com exibição na MTV e no Multishow, onde o grupo chegou ao segundo lugar no Top TVZ. Como a agenda era intensa, e não havia tempo a perder, a banda realizou mais de 300 shows durante a turnê do primeiro disco, incluindo passagens por São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Bahia. Na estrada, o som do Rastaclone ganhou corpo, e aos poucos as guitarras foram ocupando espaço dentro do caldeirão sonoro da banda, rumo a uma pegada mais roqueira, o que naturalmente agradou a essa fatia do público. Foi com essa *vibe* que a banda entrou no estúdio Midas (SP), em 2006, para a gravação do segundo álbum,

"Rastaclone", com produção de Rodrigo Castanho e Rick Bonadio (descobridor dos Mamonas Assassinas e Charlie Brown Jr., entre outros). A química funcionou e a música "Sereia" foi executada nas principais rádios do país, atingindo o 42º lugar no Top Hits Brasil, e seu videoclipe teve exibição nas principais emissoras de TV. Entre outros destaques, neste álbum a banda faz uma referência a sua origem em "Os Moleques de Araçás" e flerta com a *disco music* no remix de "Sereia", produzido pelo DJ Deep Lick.

Para comemorar os 15 anos de estrada, em 2012 o Rastaclone lançou o DVD ao vivo "Curto Circuito", gravado durante a temporada de shows de verão no Espírito Santo. Das 12 faixas selecionadas, há sucessos como "Selvageria", "Fumaça", "Perfume de Flor" e "Sereia", além das inéditas "Crescer com Você" e "Horizonte Azul". Com a agenda sempre cheia, especialmente nos municípios do interior, o Rastaclone retornou ao estúdio em 2018 para a gravação do seu mais recente álbum, "Cada Vez Mais Forte", que simboliza os 20 anos de união da banda. Neste trabalho, nota-se que a energia e a adrenalina permanecem intactas, agora tendo a favor as plataformas digitais do YouTube, Spotify e Deezer, onde o single e o clipe de "Vício" estão disponíveis desde abril de 2019. E – importante lembrar -, além do repertório autoral, o Rastaclone também faz shows em tributo a suas influências musicais, entre as quais Charlie Brown Jr., O Rappa e Raimundos. Sempre mantendo a chama acesa, o viço jovem e o orgulho de ser canela-verde, como expressa a letra de "Os Moleques do Araçás": "Não vou grilar quando essa história acabar/eu vou embora ponha outro em meu lugar/fechou o tempo todo mundo vai pirar/segura a onda dos moleques do Araçás!."

Integrantes
Bob Reggae (Voz)
Bruno "Ratão" Guitarra Solo)
Roger "Cachorrão" (Bateria)
Kinho "Panda"(Teclados)
Ângelo Dbrito (Guitarra base)
Victor "Esquilo" (Baixo)

Ex-integrantes:
Cigano (bateria)
Nareba (baixo)
Osmar "Zangado" (vocais)
Juliano "Araponga" (baixo)
Ismar Baianinho (guitarra)
Jolinny (bateria)
Pinduh (teclados)
Vandeco (percussão)

Discografia:
"Essiédubão" (Independente, 1998 – reeditado em 2002 pela GreenSongs)
"Rastaclone" (Independente, 2006)
"Cada Vez Mais Forte" (Independente, 2018)

Dvd:
"Curto Circuito" (ao vivo, Independente, 2012)

Streaming
https://open.spotify.com/artist/20WaixEuBqmMVG7kR8UEqI?si=kTlZ6WOaQXGcqriPfzc3kw
https://www.deezer.com/br/artist/5129297
https://soundcloud.com/rastaclonetanaarea
https://www.youtube.com/channel/UCHzJ918na7I-Clq3zVgzSfg

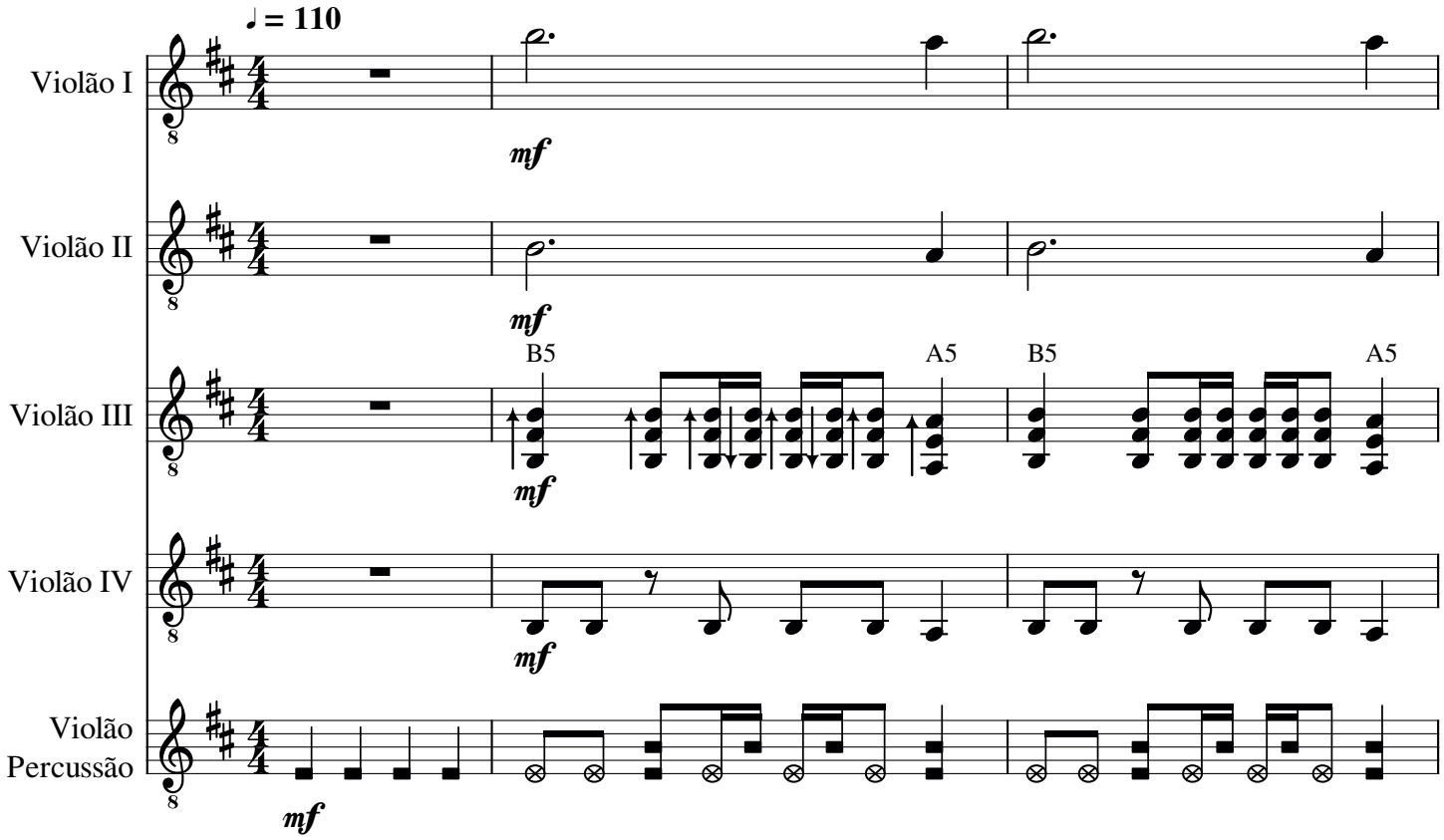
Vídeos
https://www.youtube.com/watch?v=OIrItBnBkCM – Vicio
https://www.youtube.com/watch?v=tXEGcvv-ioM – Forte
https://www.youtube.com/watch?v=qRtJ_vPG6Vk – N10
https://www.youtube.com/watch?v=-FqxKMtrOHY – Perfume de Flor

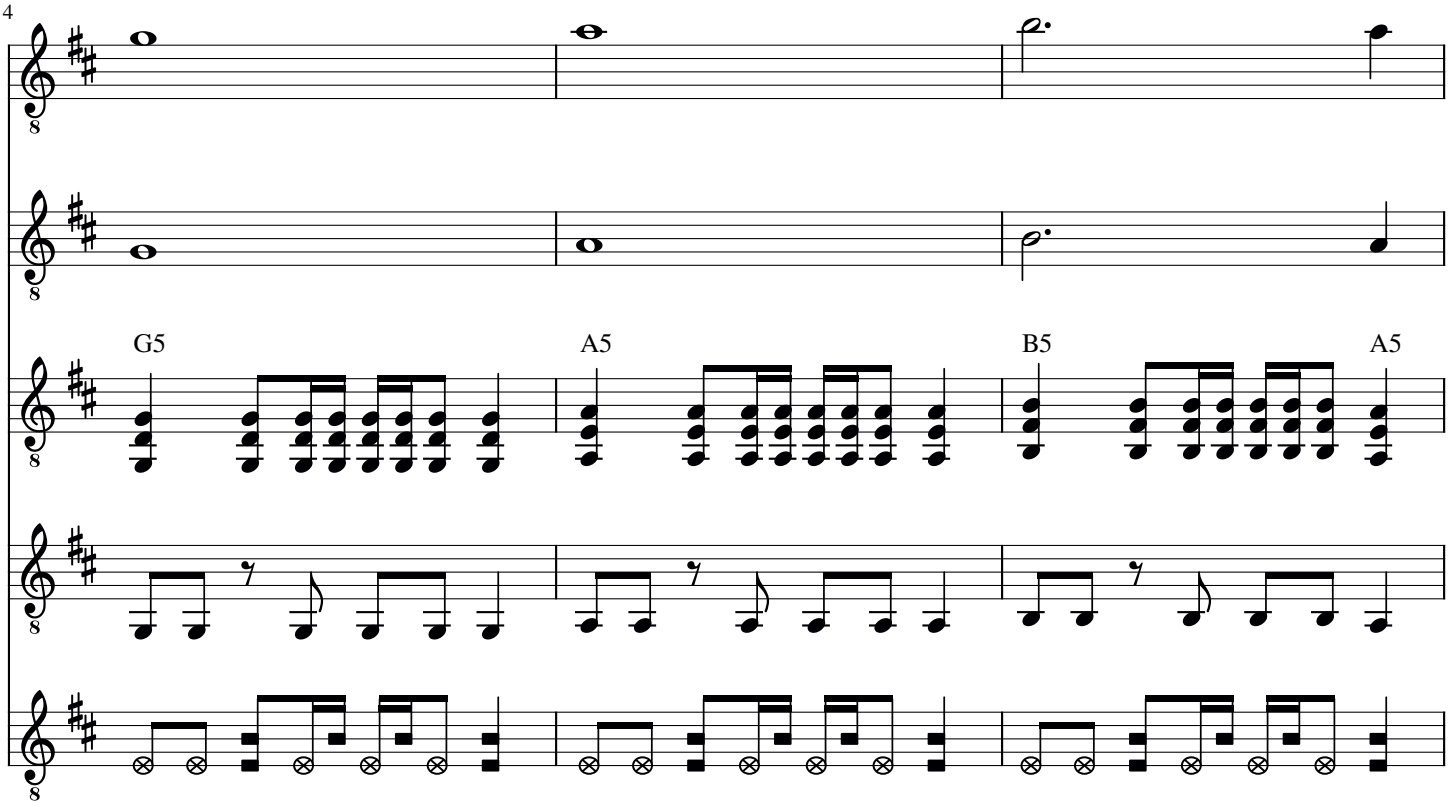
Redes sociais
https://www.facebook.com/bandarastaclone/
https://www.instagram.com/rastaclone/

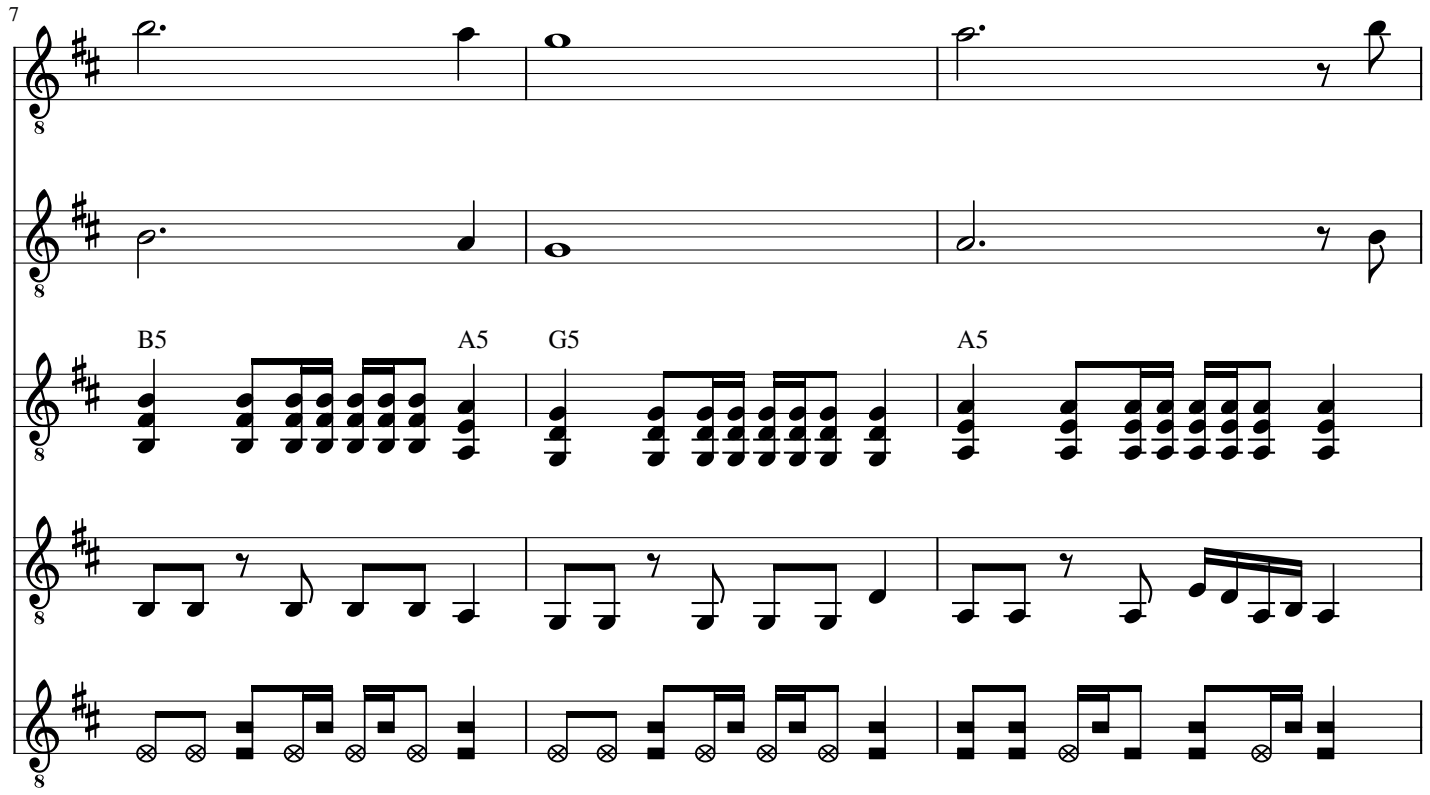
Selvageria

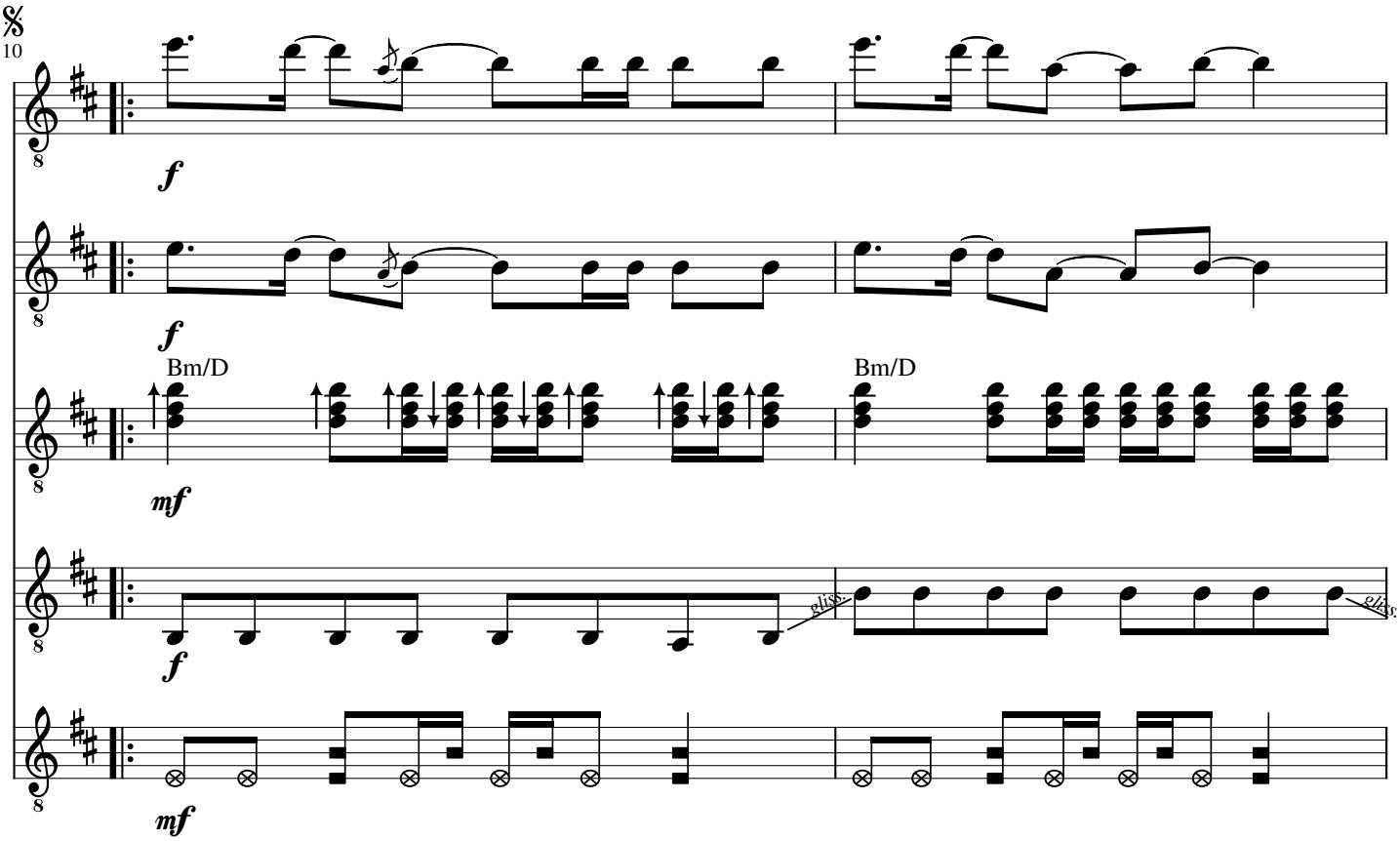
Arranjo Bruno Soares

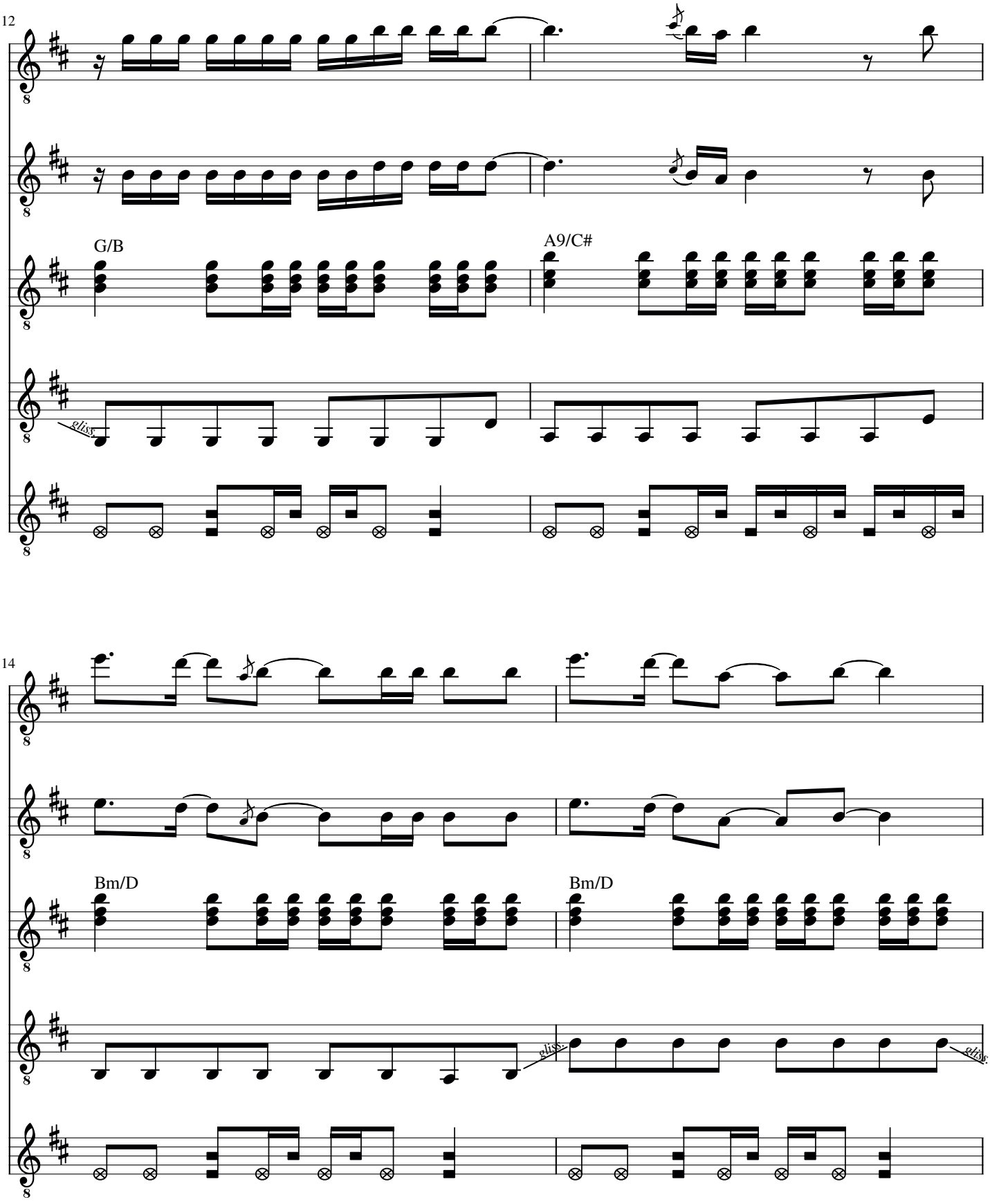
Rastaclone

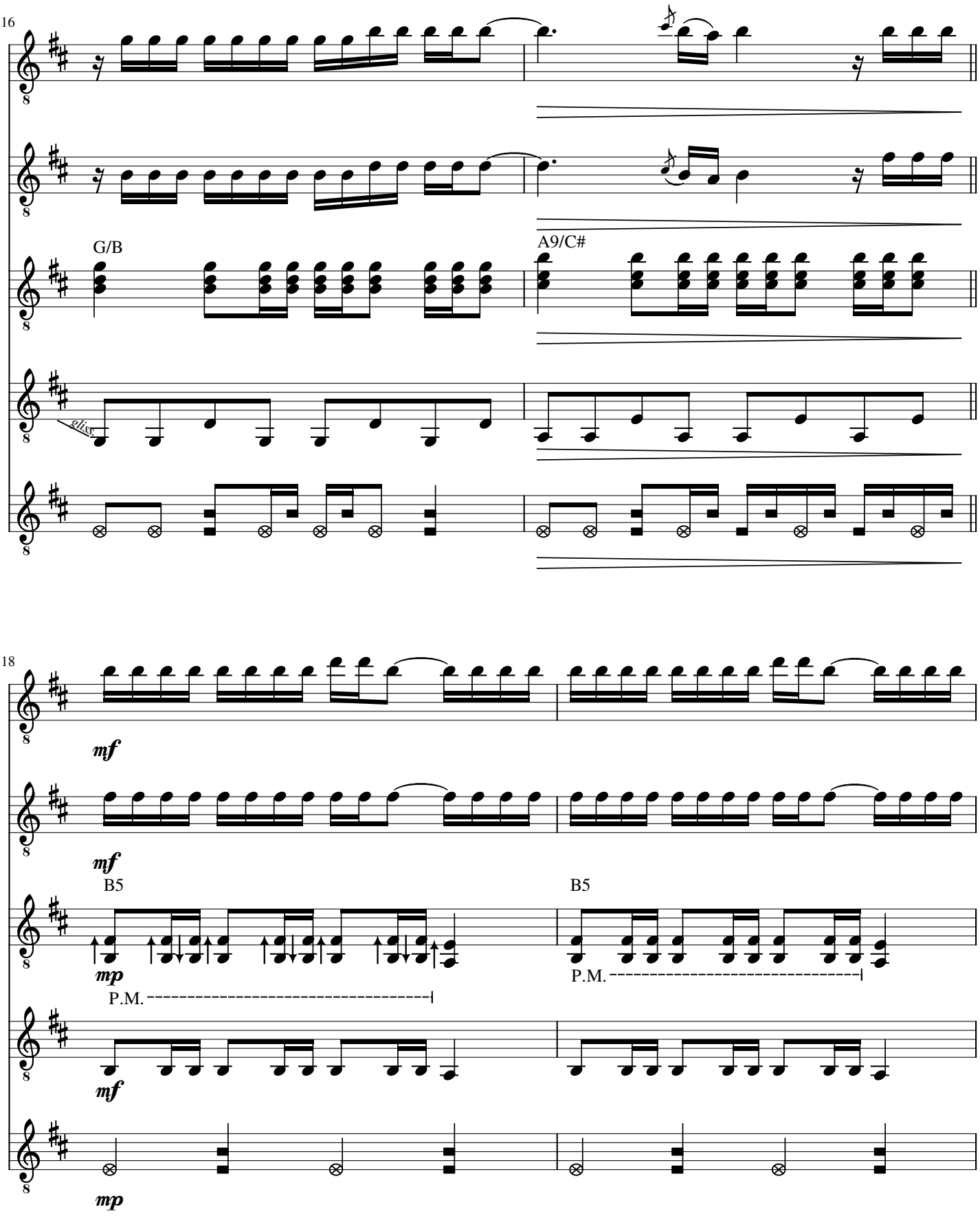


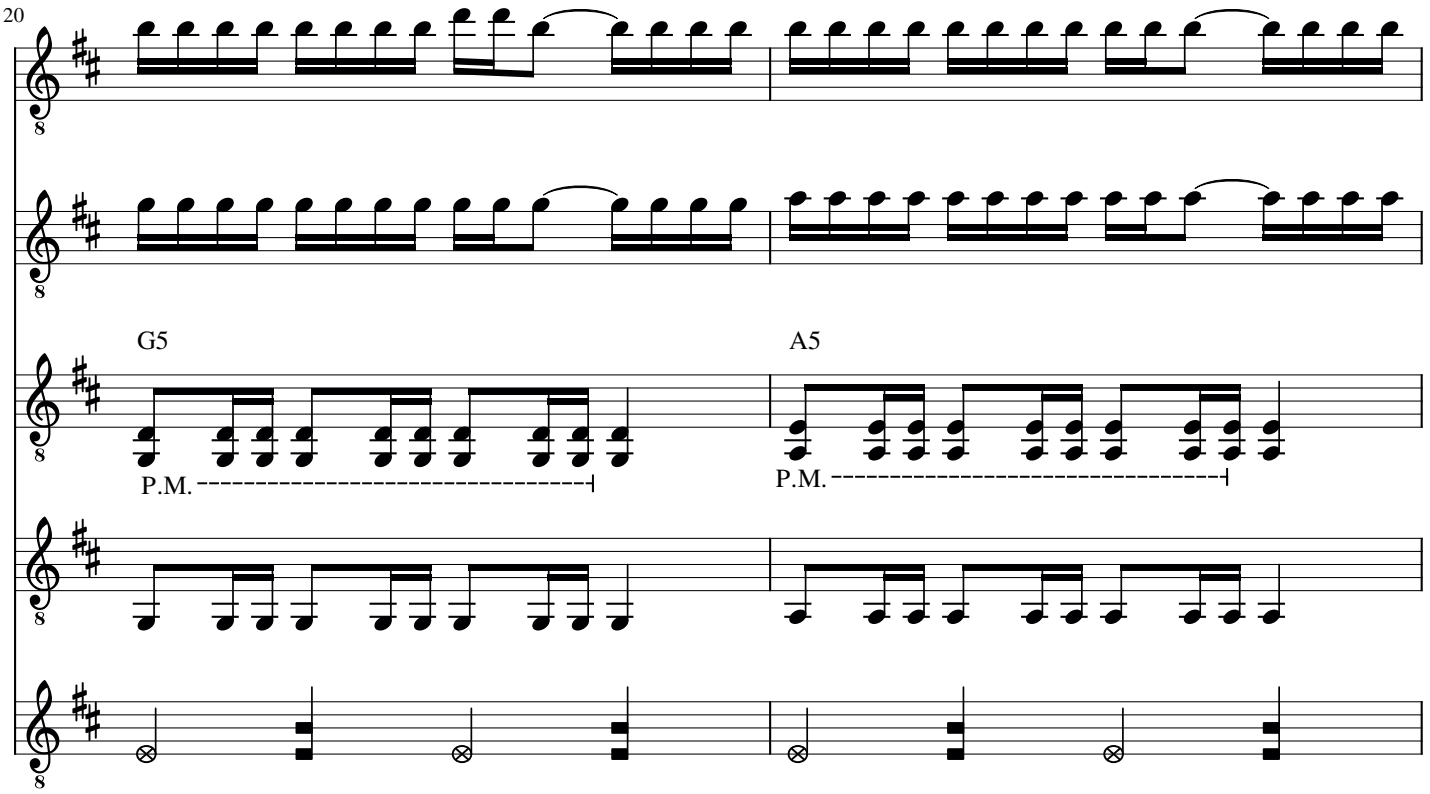


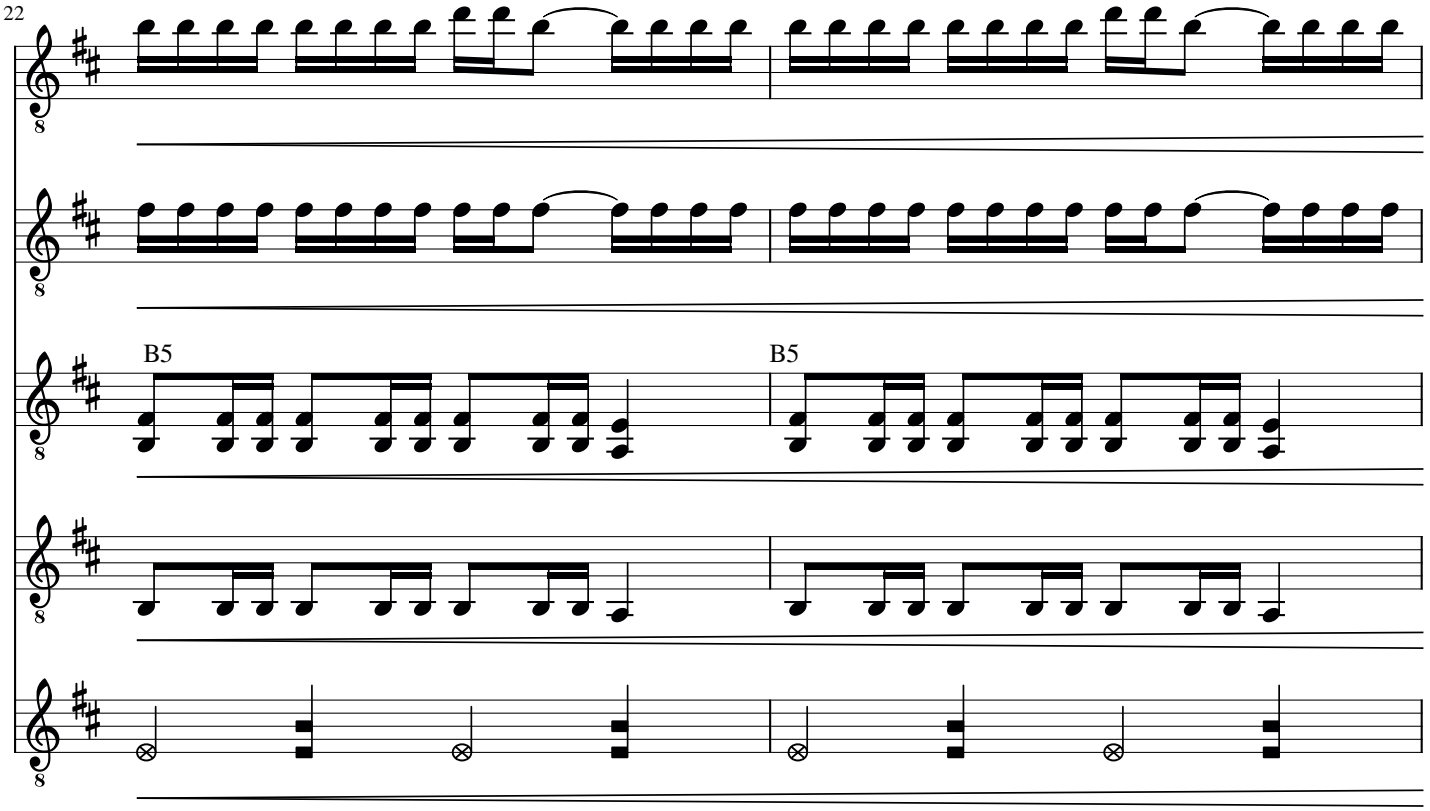

7
B5
A5
G5
A5

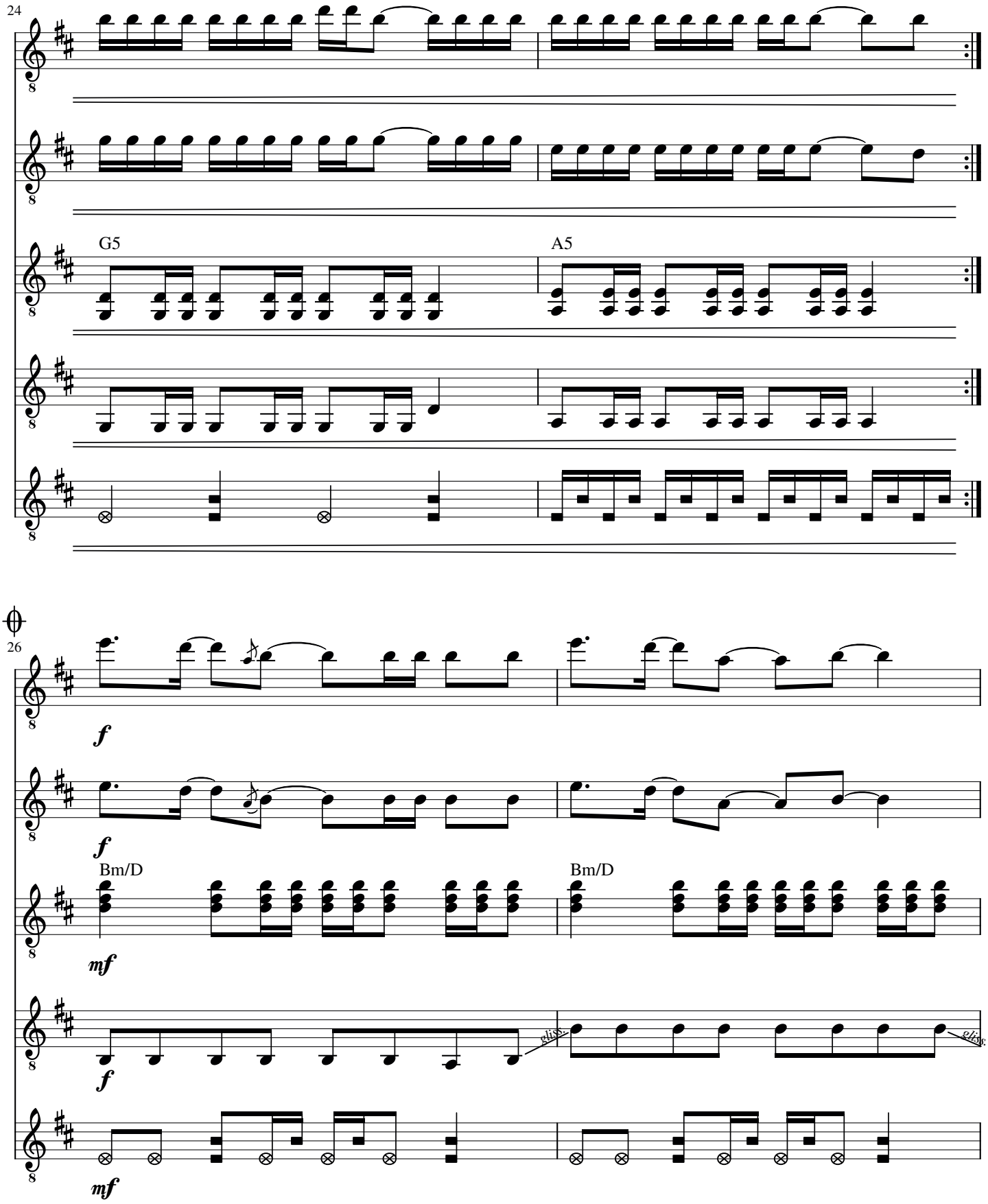

10
f
f
Bm/D
Bm/D
mf
f
mf

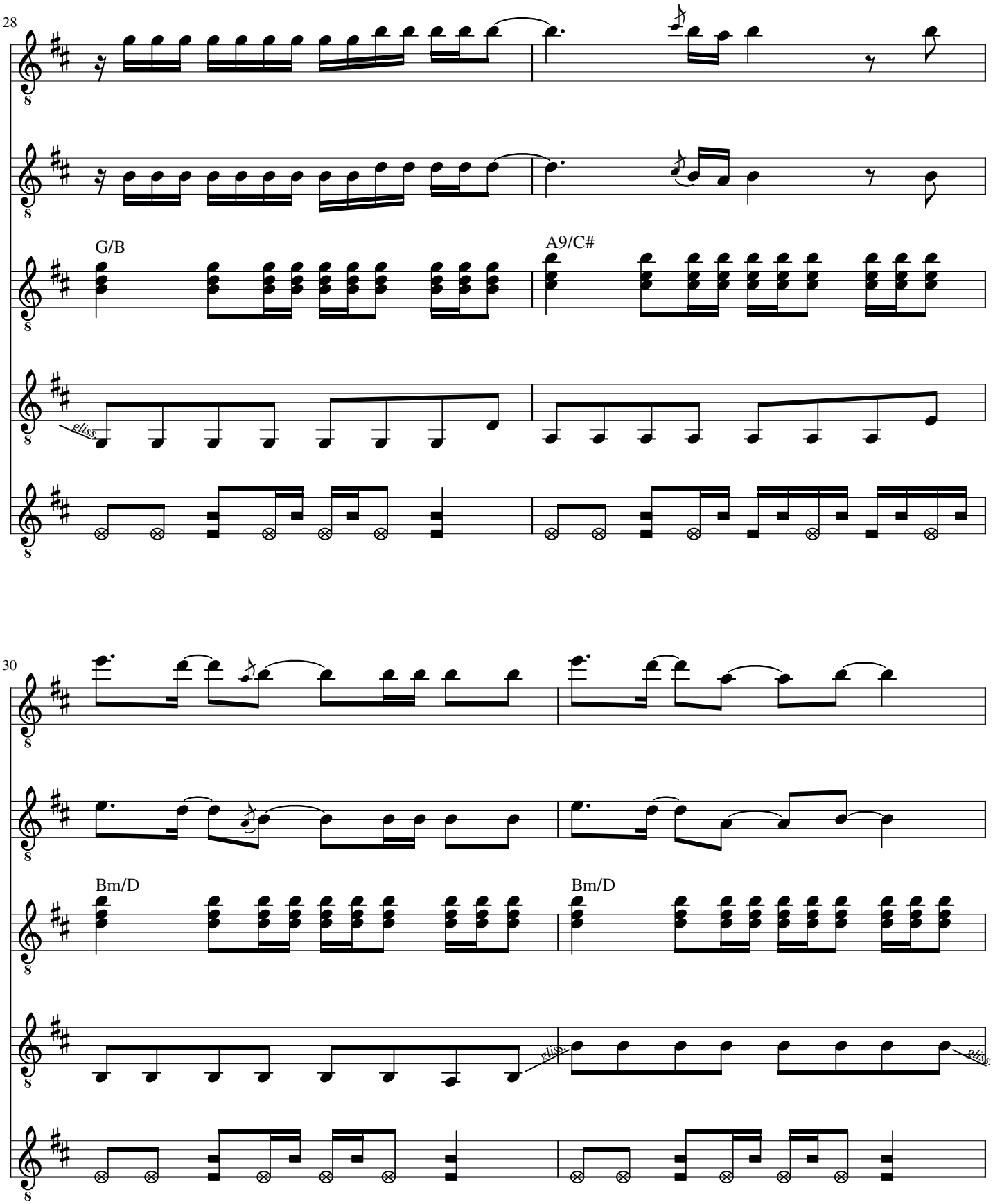

12
G/B
A9/C#
14
Bm/D
Bm/D

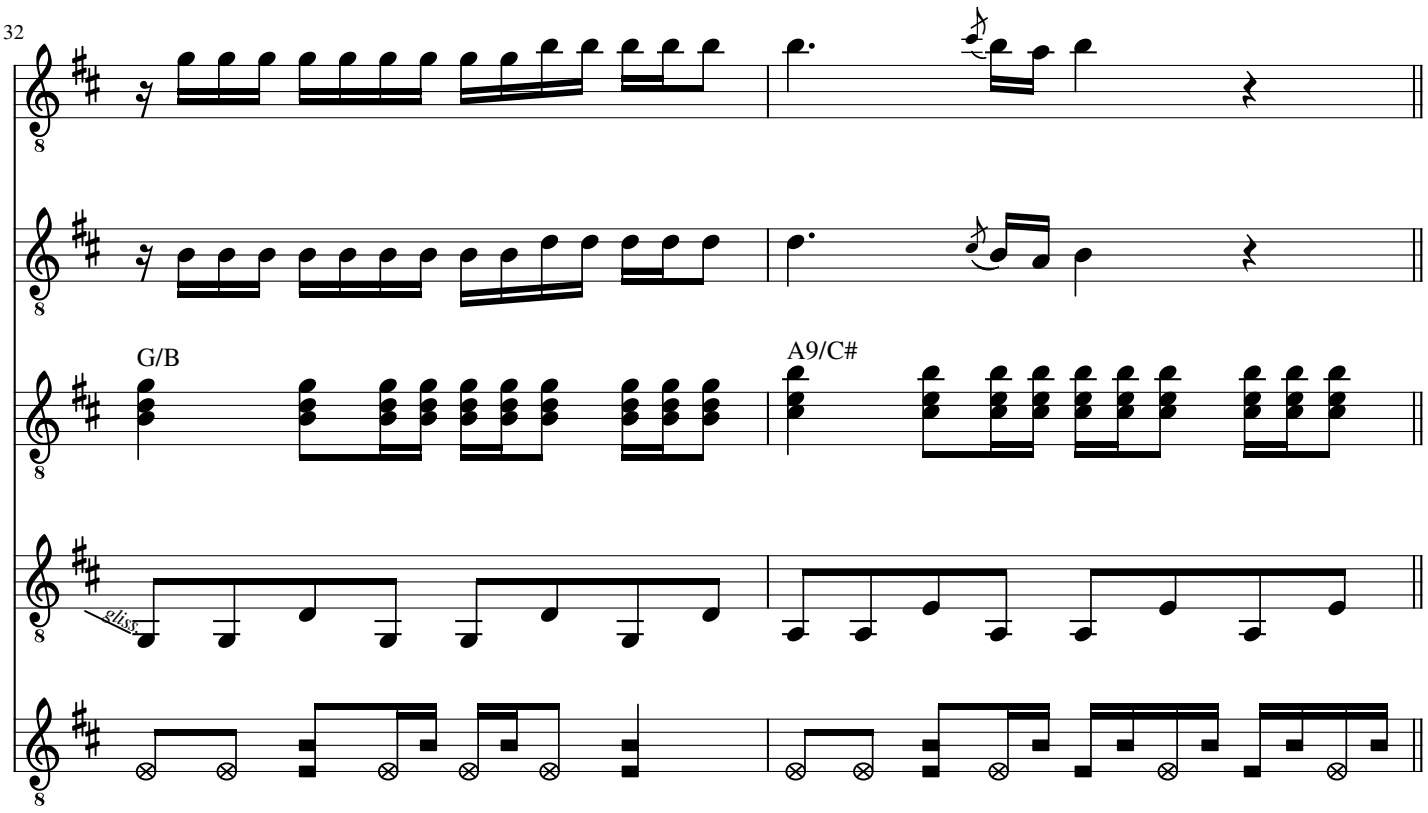

16
G/B
A9/C#
18
mf
mf
B5
B5
mp
P.M.
P.M.
mf
mp

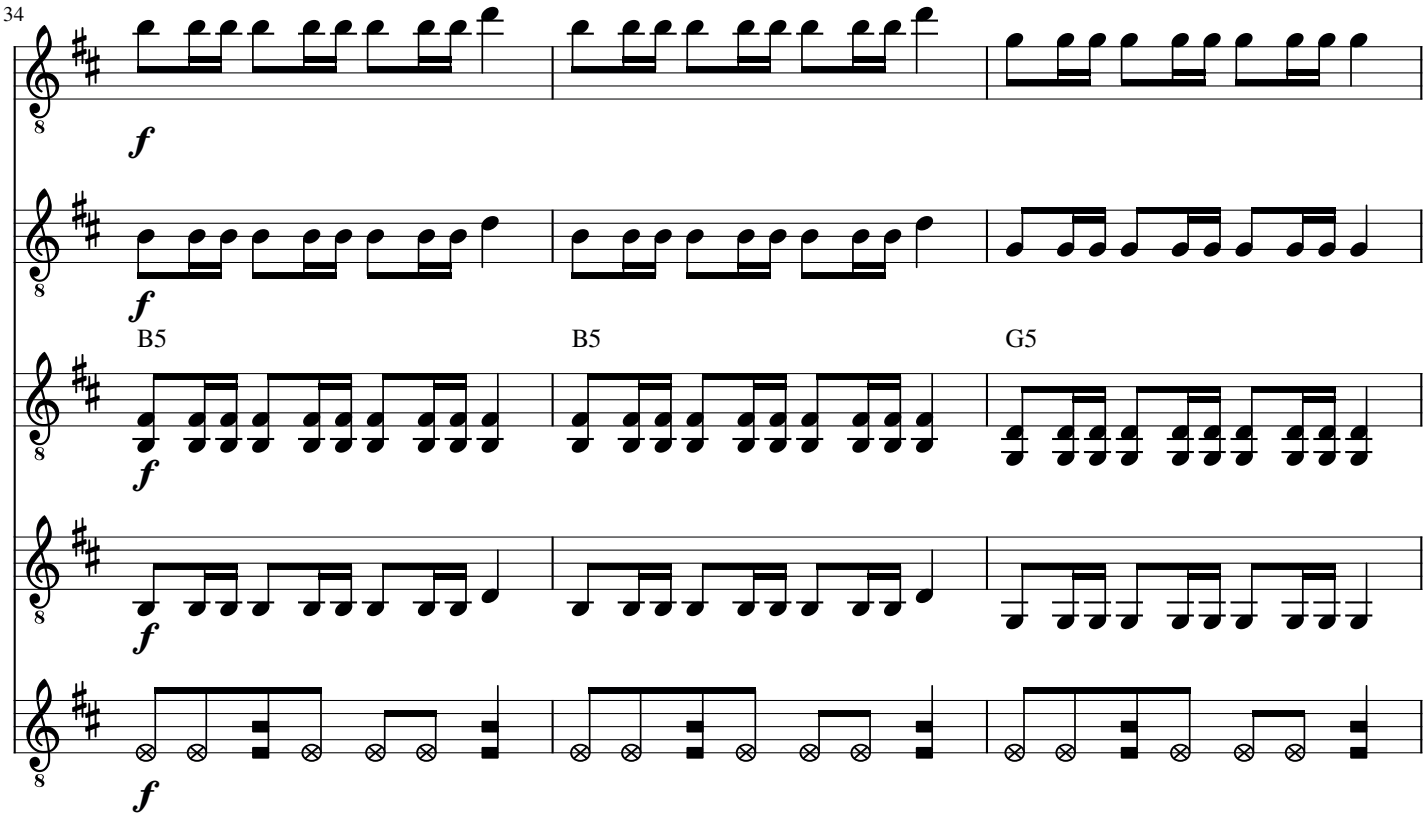

20
G5
A5
P.M.
P.M.

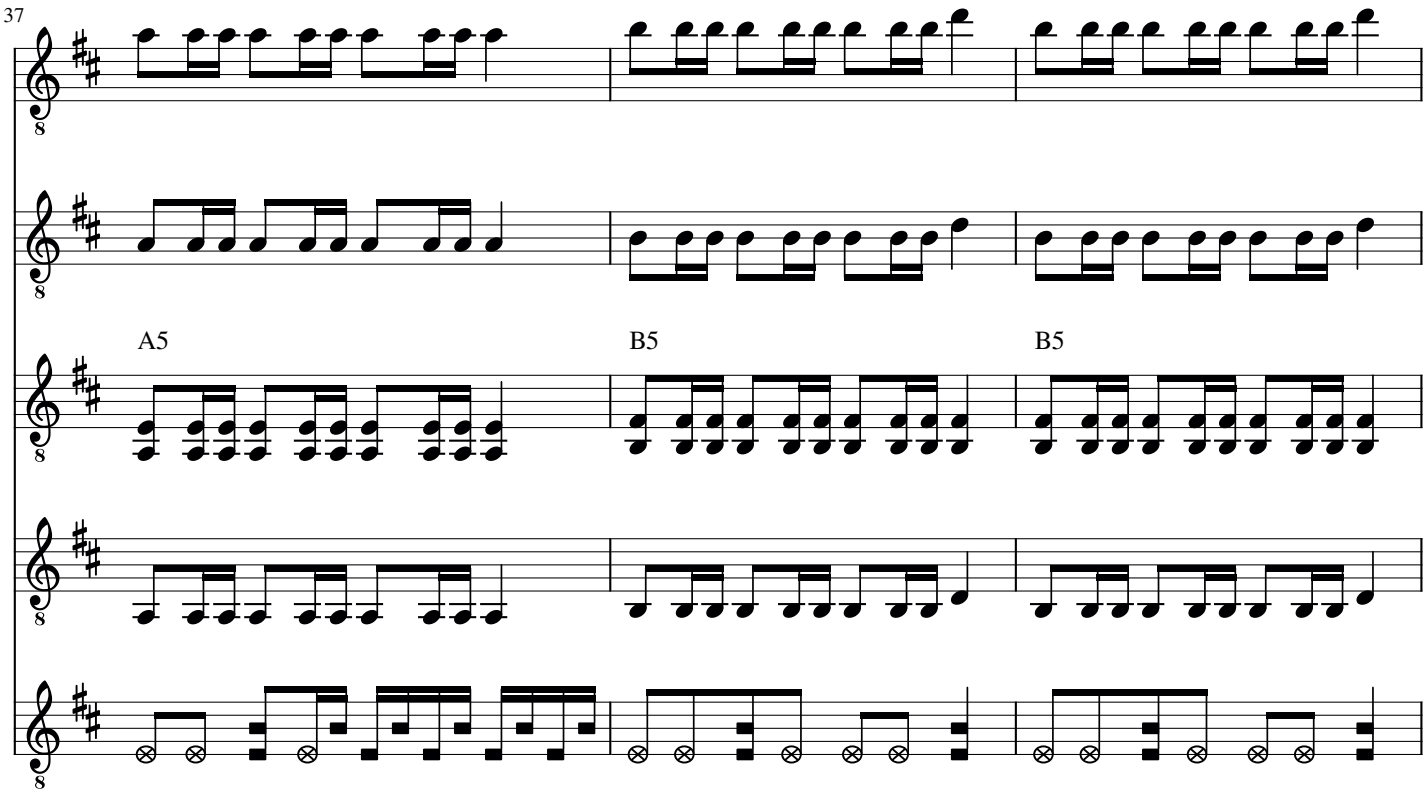

22
B5
B5

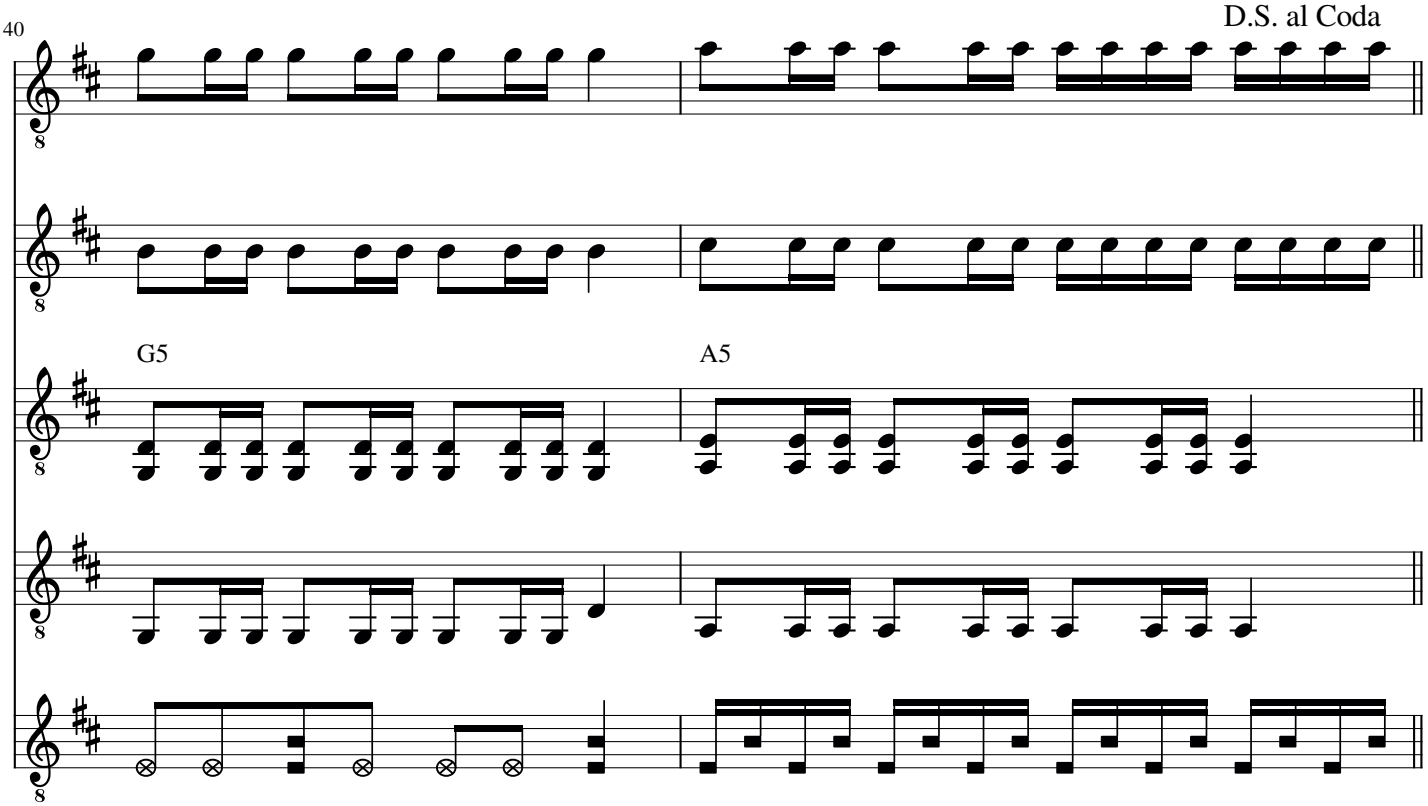

24
G5
A5
26
f
f
Bm/D
Bm/D
mf
f
mf

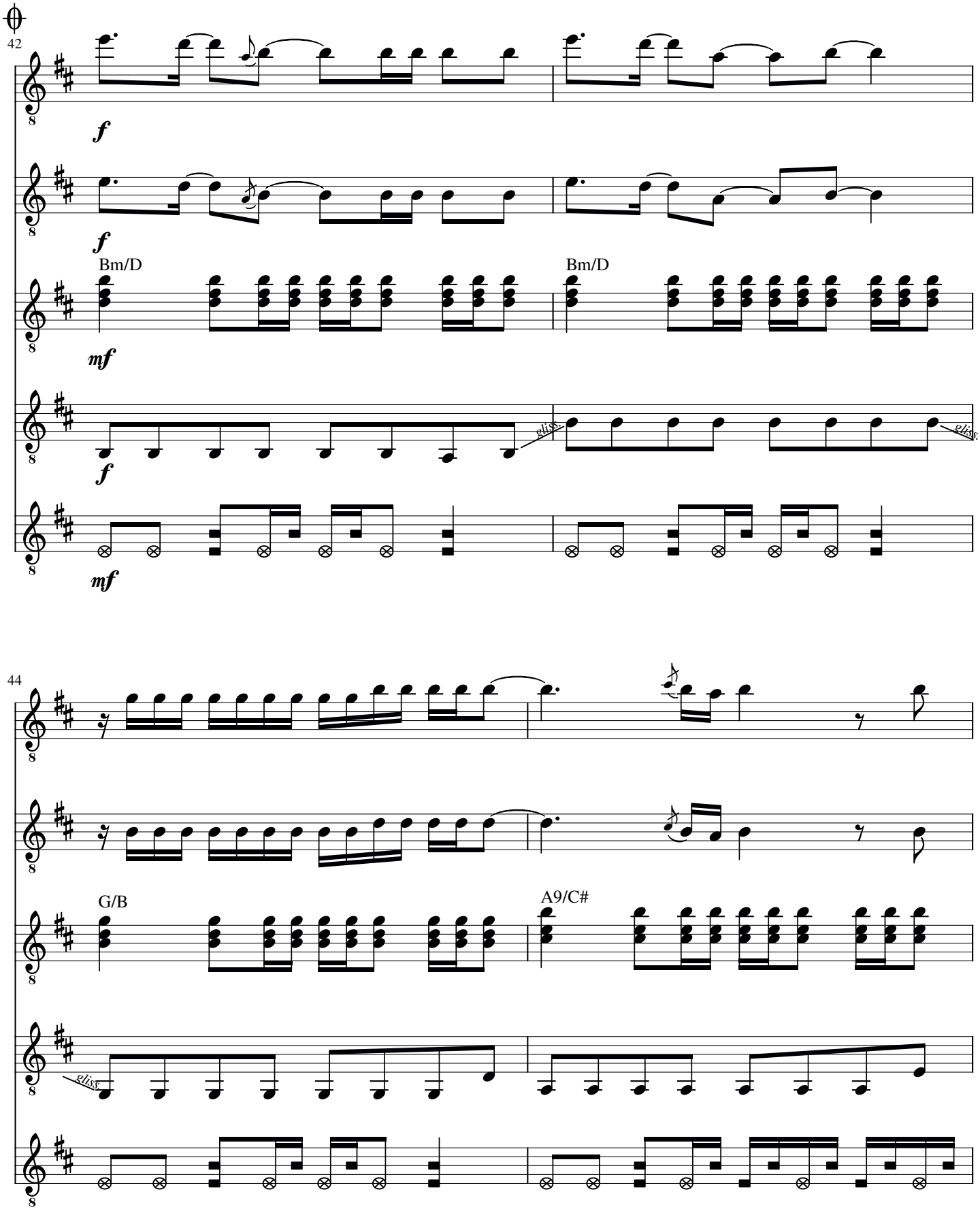

28
G/B
A9/C#
gliss.
30
Bm/D
Bm/D
gliss.
gliss.

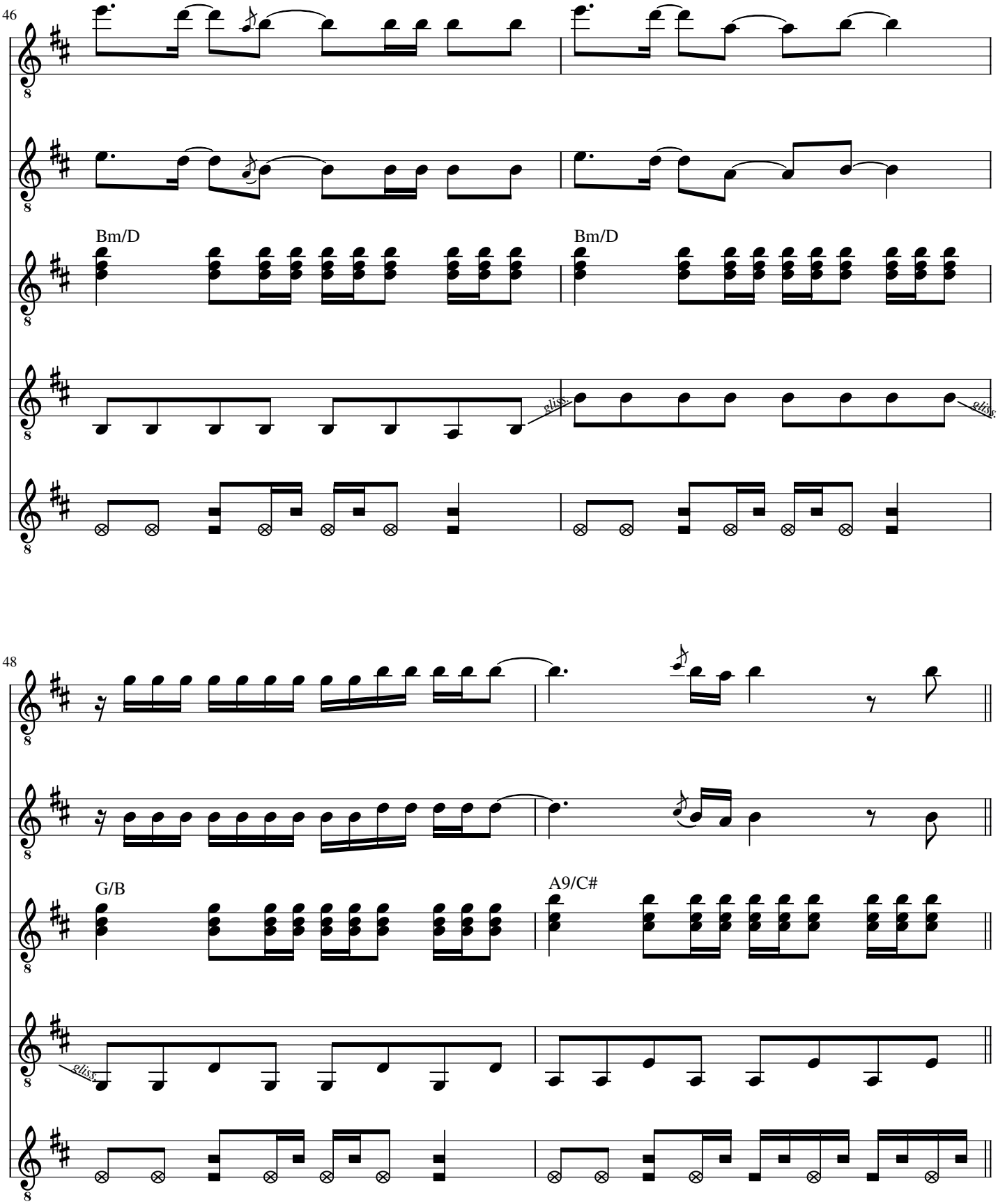

32
G/B
A9/C#
gliss.

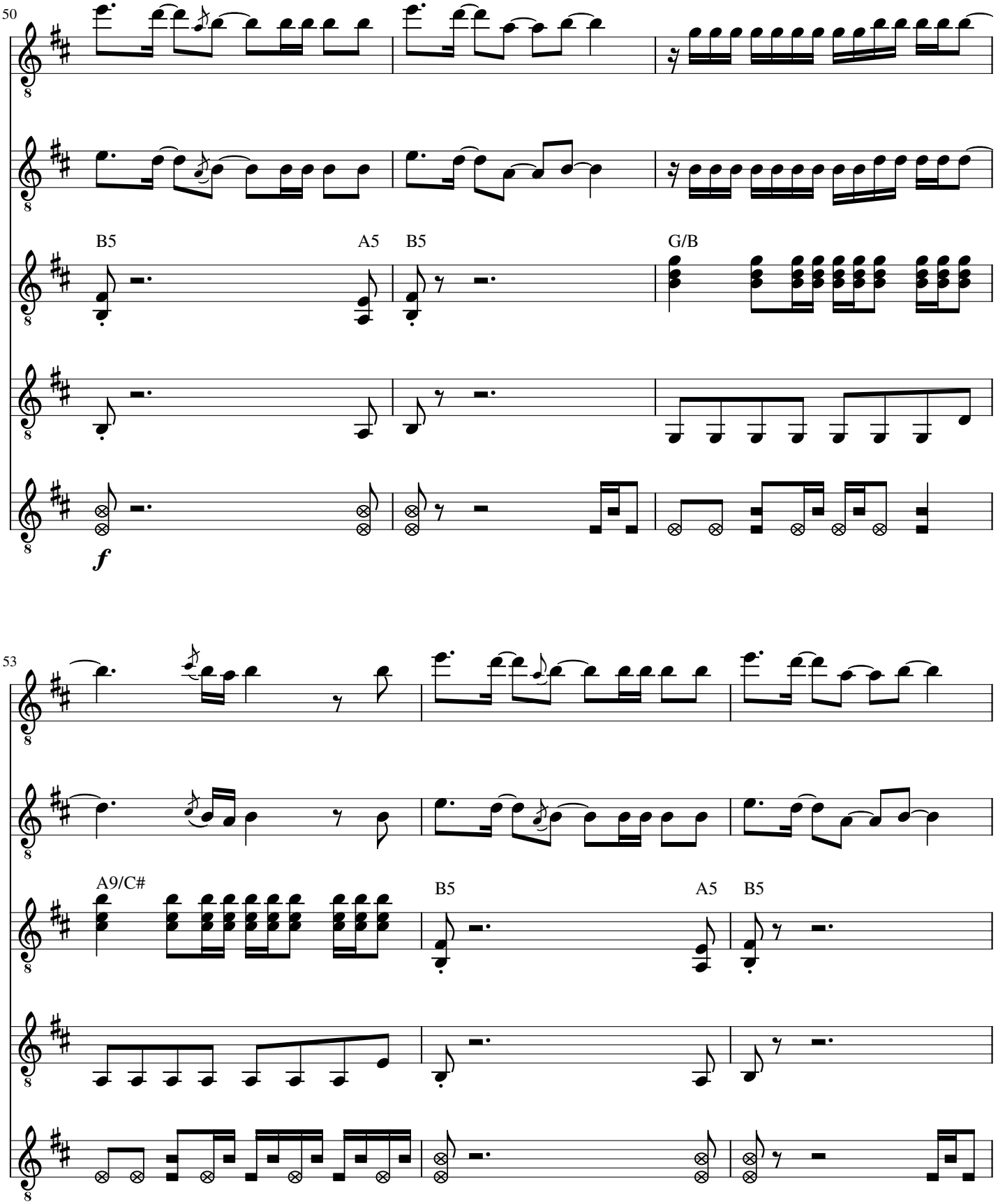

34
f
B5
B5
G5

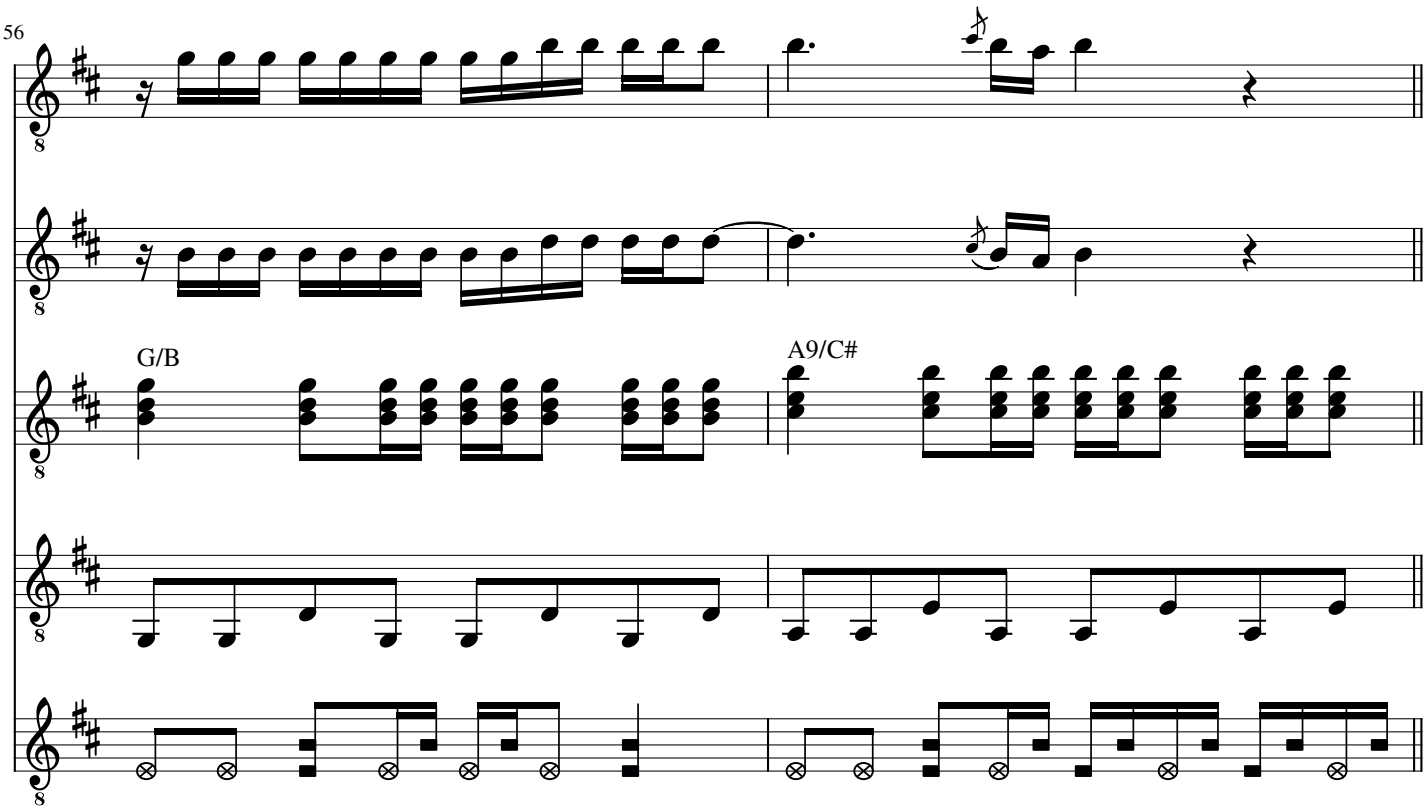

37
A5
B5
B5

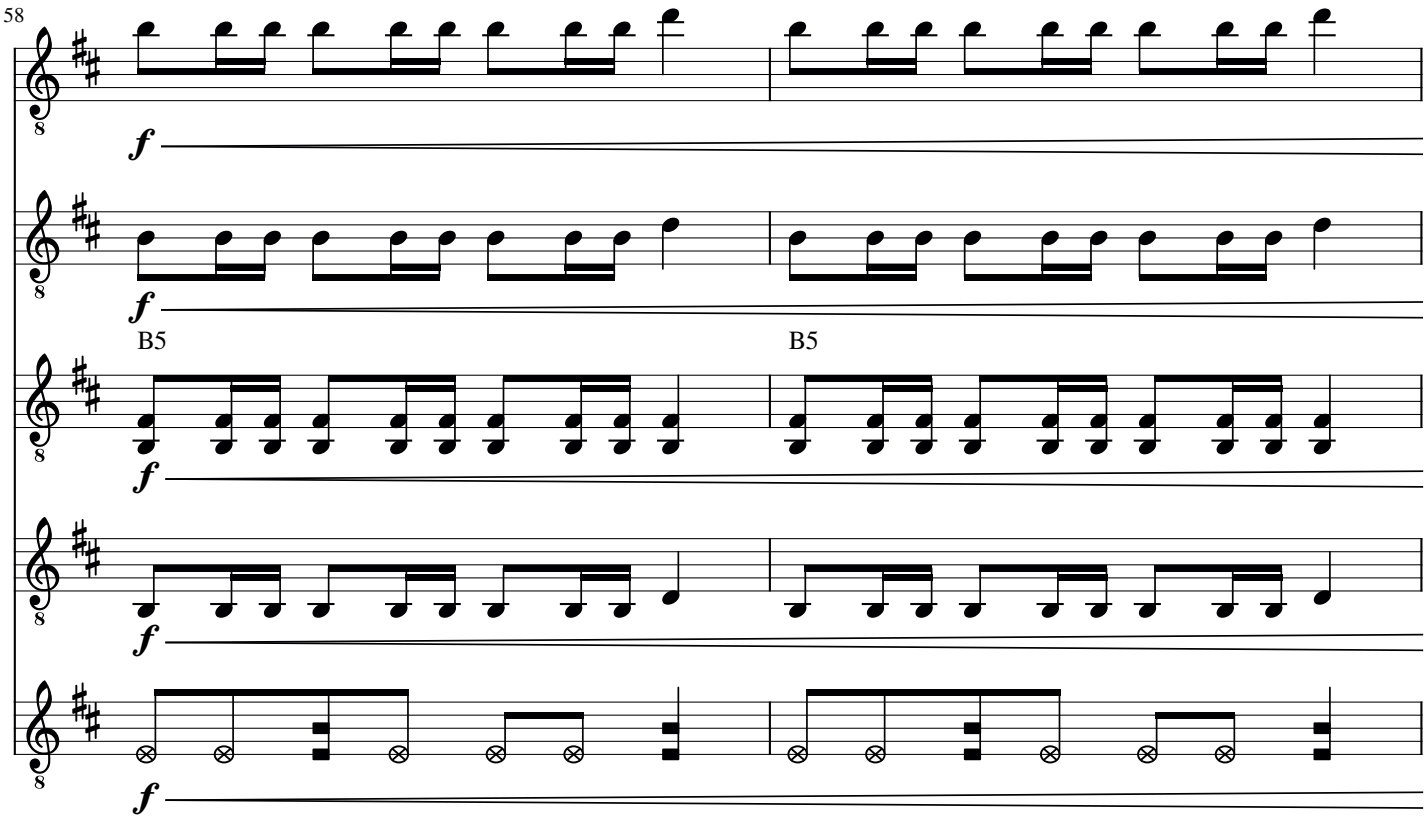

40
D.S. al Coda
G5
A5

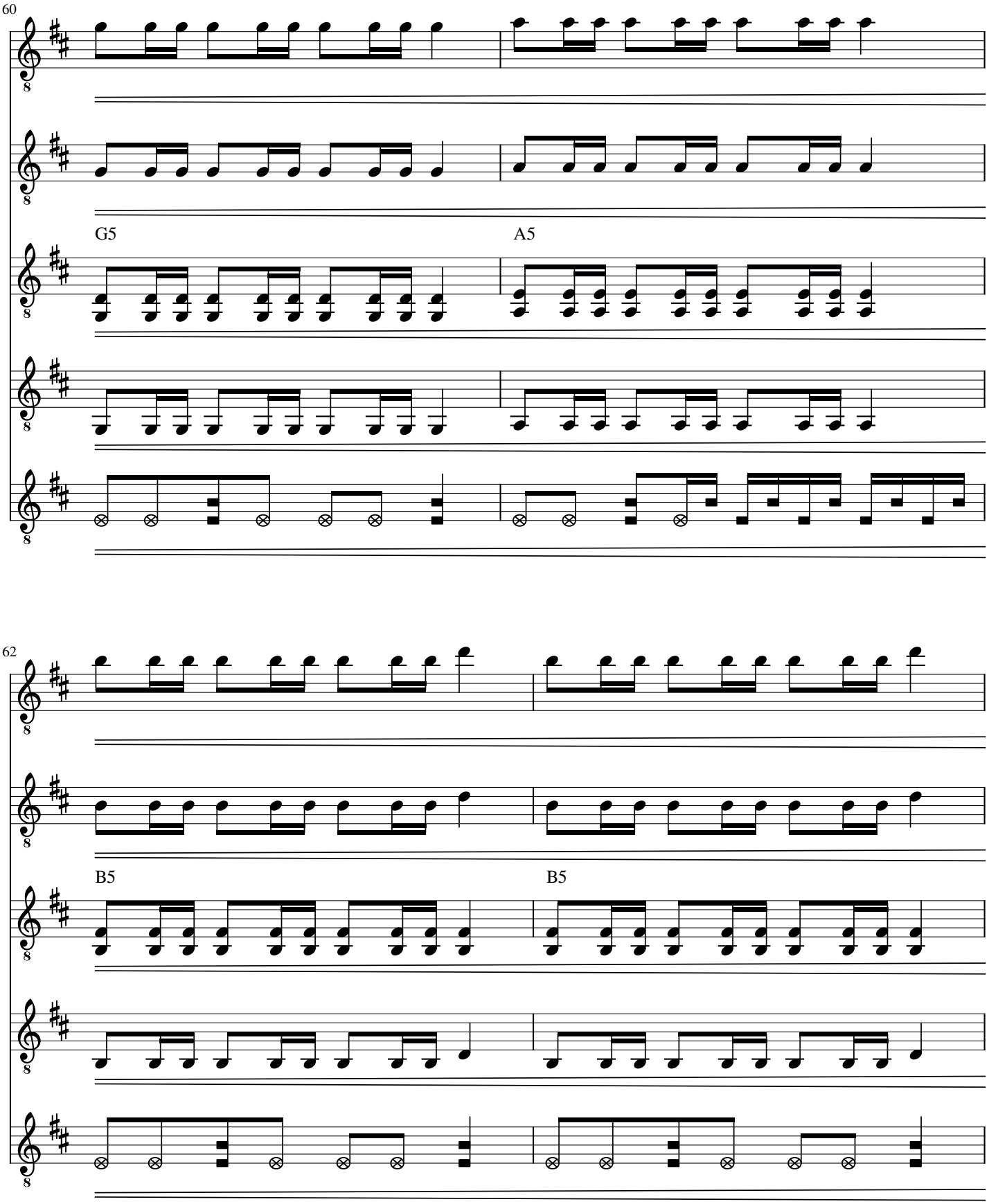

42
f
f
Bm/D
Bm/D
mf
f
gliss.
gliss.
mf
44
G/B
A9/C#
gliss.

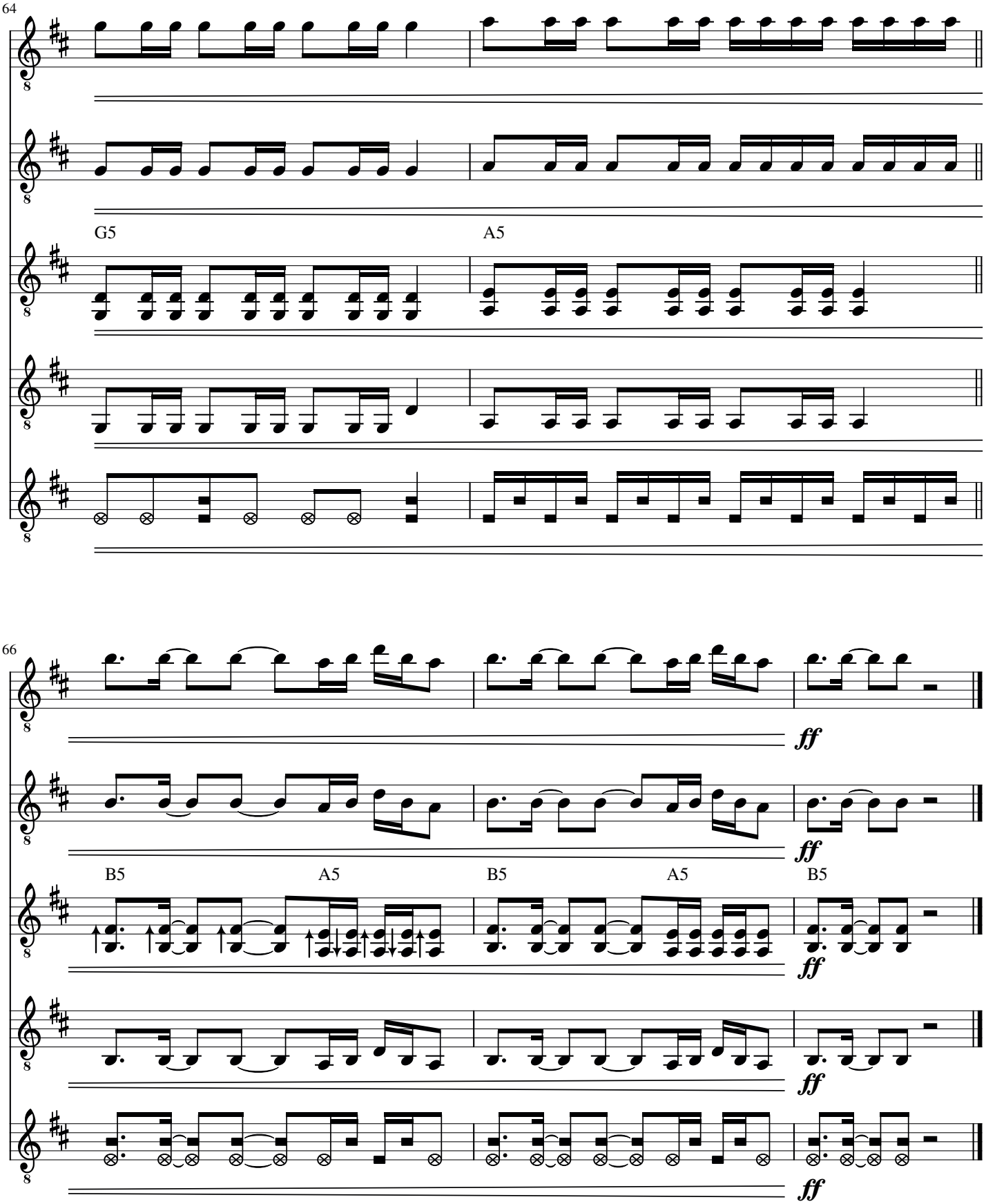

46
Bm/D
Bm/D
48
G/B
A9/C#


50
B5
A5
B5
G/B
f
53
A9/C#
B5
A5
B5

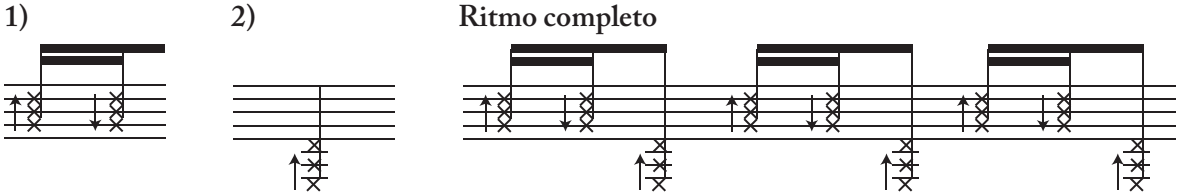

56
G/B
A9/C#


58
B5
B5


60
G5
A5
62
B5
B5


64
G5
A5
66
ff
ff
B5
A5
B5
A5
B5
ff
ff
ff

Glossário de notação

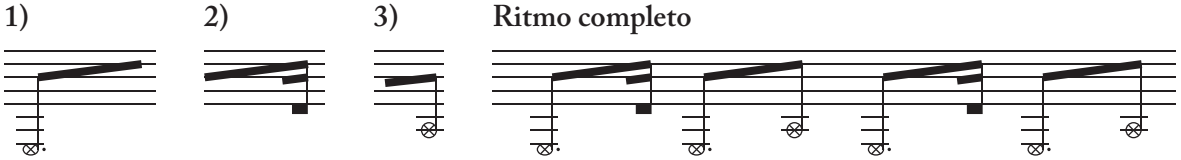


1) Abafar as cordas com o dedo 4 da mão esquerda no VII traste e tocar com a mão direita seguindo a direção das setas.

2) Abafar as cordas com o dedo 1 da mão esquerda no V traste e tocar com a mão direita seguindo a direção da seta.

Obs.: o som a ser produzido será similar ao harmônico, mas com efeito percussivo das batidas.

Acontece nas músicas: *Água de Benzer* e *Anjo Samile*

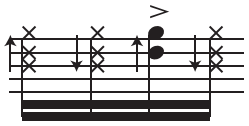


1) Polegar da mão direita percutindo sobre o cavalete do violão.

2) Percutir com os dedos da mão direita (indicador, médio, anelar e mínimo) sobre o tampo do violão.

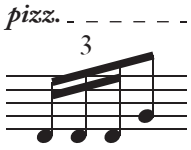
3) Percutir com a palma da mão direita (próximo ao punho) percutindo sobre o tampo buscando um som mais grave.

Acontece nas músicas: *Água de Benzer* e *Anjo Samile*.



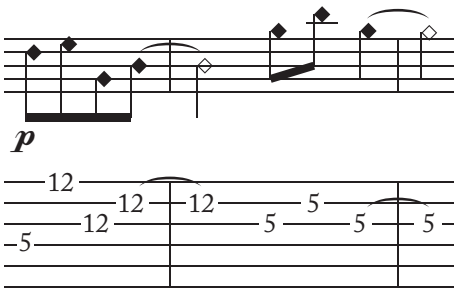
Abafar o som do acorde com a mão esquerda onde está com "x" e onde há notas o som dever ser emitido sem abafar.

Acontece nas músicas: *Água de Benzer*, *Anjo Samile*, *Cidade do Reggae*, *Liga o Rádio* e *Loirinha do pagode*.

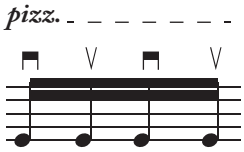


Pizzicato – Encostar parte da palma da mão em cima do rastilho e tocar as notas com indicador, médio e anelar ou palhetada.

Acontece na música: *Além do Mar.*

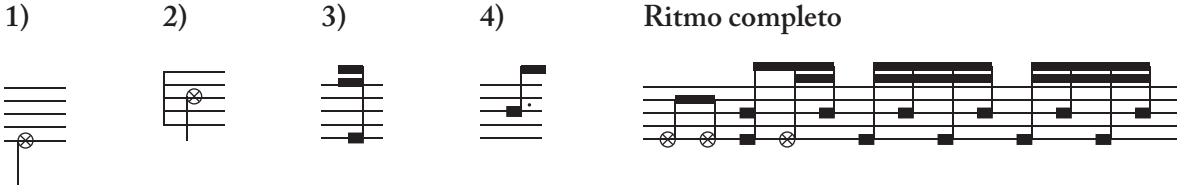


Harmônicos - Os trastes onde os harmônicos devem ser executados estão especificados na tablatura.



Acontece na música: *1000 m/s*.
Pizzicato com palhetada alternada. Será usado a unha para simular uma palheta.

Acontece na música: *1000 m/s*.



O violão será posicionado com as cordas viradas para baixo e será usado o fundo do violão para percutir.

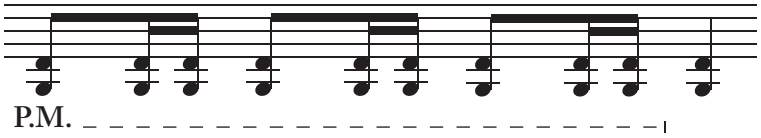
1) Percutir com a mão direita fechada sobre o fundo do violão.

2) Percutir com a mão esquerda fechada sobre o fundo do violão.

3) Percutir com a mão direita aberta sobre o fundo do violão.

4) Percutir com a mão esquerda aberta sobre o fundo do violão.

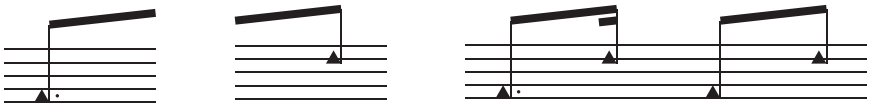
Acontece nas músicas: *Água de Benzer*, *Queda Livre*, *Selvageria*, *Um Indivíduo*, *1000 m/s*.



P.M. – Palm Mute é uma técnica similar ao Pizzicato, onde a mão direita abafa as cordas encostando levemente sobre o rastilho.

Acontece na música: *Selvageria*.

1) **2)** **Ritmo completo**



Percussão usando as laterais do violão alternando mão esquerda e direita.

1) Mão Direita

2) Mão Esquerda

Acontece na música: *Água de Benzer*.

Bruno Soares

Violonista/concertista, experiente e premiado, professor de música, arte e arranjador, Bruno Soares é Mestre em Música pelo programa PROEMUS (UNIRIO), Bacharel em Música - Violão (FAMES), licenciado em Artes (Serravix) e pós-graduado em Arte e Educação (CESAP).

Em sua formação musical, destacam-se inúmeras participações em Cursos, Master-classes e Workshops de importantes vultos como: Fabiano Mayer (ES), Henrique Pinto (SP), Fábio Zanon (SP), Michael Lich (EUA), Thomas Patterson (EUA), Pedro Rufino (PT), Carlos Barbosa Lima (BR), Mario Ulloa (Costa Rica), Manuel Espinas (Cuba), que contribuíram para seus expressivos êxitos nos diversos concursos que participou, sendo os mais eminentes o 1° Lugar no IV Concurso de Violão Eustáquio Grilo (DF), 2°lugar no I Concurso Latino Americano de Violão Maurício de Oliveira (ES), 2° Lugar no IV e V Concurso de Violão Erudito do Conservatório Musical Villa-Lobos (SP), 2º. Lugar no Concurso de Música Erudita Áurea Adnet (ES), 3°. Lugar no 8°. Concurso de Guitarra César Cortinas (Uruguai), 3º lugar no XXVII Concurso Latino Americano Rosa Mística (PR).

Tem um importante trabalho como concertista, difundindo o repertório de música de concerto de compositores capixabas em performances por todo o Sudeste e Distrito Federal. Acumula 17 anos de carreira musical e atualmente se dedica à docência Musical e de Arte, atuando no ensino superior (FAMES), como efetivo na rede municipal de Anchieta e Coordenando o Projeto da Orquestra de Violões nas Escolas Públicas do ES (FAMES/SEDU/FAPES).

ISBN: 978-65-00-12701-0